



Ana Paula Claudino Gonçalves

Entre o passado e o contemporâneo: o Mercedários UFPA e o fazer arqueológico e antropológico em uma capital amazônica

Tese de Doutorado

**Belém, Pará
2024**



Ana Paula Claudino Gonçalves

Entre o passado e o contemporâneo: o Mercedários UFPA e o fazer arqueológico e antropológico em uma capital amazônica

Tese de Doutorado

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, como requisito final para obtenção do título de Doutora em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia.

Orientador: Diogo Menezes Costa

**Belém, Pará
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C615e Claudino Gonçalves, Ana Paula.
Entre o passado e o contemporâneo: o Mercedários UFPA e o
fazer arqueológico e antropológico em uma capital amazônica /
Ana Paula Claudino Gonçalves. — 2024.
166 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Diogo Menezes Costa
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Antropologia, Belém, 2024.

1. Mercedários, Arqueologia Urbana, Belém, Amazônia .
I. Título.

CDD 930.1098115



Ana Paula Claudino Gonçalves

Entre o passado e o contemporâneo: o Mercedários UFPA e o fazer arqueológico e antropológico em uma capital amazônica

Tese de Doutorado

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^a Cibelly Rodrigues Figueiredo – ITEC/UFPA
Examinadora externa

Prof^ª Dr^a Roseane da Conceição Costa Norat – PPGPATRI/UFPA
Examinadora externa

Prof^ª Dr^a Márcia Bezerra de Almeida – PPGA/UFPA
Examinadora interna

Prof^ª Dr^a Renata de Godoy – PPGA/UFPA
Examinadora interna

Prof. Dr. Marcos Welby Correa Silva – IG/UFPA
Examinador externo suplente

Prof. Dr. Pedro José Tótora da Glória - PPGA/UFPA
Examinador interno suplente

Prof. Dr. Diogo Menezes Costa – PPGA/UFPA
Orientador

**Belém, 05 de julho
2024**

À minha mãe Iraneide que sempre me incentivou aos estudos

AGRADECIMENTOS

Embora o processo de escrita seja solitário, o decorrer da pesquisa não seria possível sem o apoio de várias pessoas para as quais eu gostaria de agradecer aqui.

Primeiramente agradeço imensamente aos meus pais, Iraneide Claudino e Paulo Gonçalves, e a minha avó Elza Gonçalves, pelo suporte fornecido durante toda a minha vida, para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Agradeço à minha terapeuta, Anna Carolina Fonseca, por ouvir todas as minhas angústias e medos, e por me motivar a me enxergar como capaz de concluir essa pesquisa e não me deixar desistir.

Às minhas amigas Luísa Dantas, Hiloua Soares e Anna Maria Linhares por me apoiarem e me fortalecerem em todo esse processo, e por dividirem comigo momentos de descontração e alegria.

Aos meus amigos Leandro Graziosi e Karliane Massari pela amizade, trocas de saberes e companheirismo no decorrer desse percurso.

Agradeço ao meu orientador, Diogo Menezes Costa, por estar presente em todas as fases da pesquisa, por todas as considerações apontadas para o desenvolvimento desse trabalho e por acreditar no meu potencial para executá-lo.

Às bolsistas e voluntárias do Laboratório de Arqueologia (LAARQ): Iana Briaca, Katharine Miná, Taís Viana e Juliana dos Santos por dividirem comigo o monitoramento arqueológico durante as obras e a curadoria do material coletado.

Ao Rogério Tancredo, que me acompanhou durante as entrevistas em campo com o público externo.

Ao professor Marcos Welby e ao aluno Ítalo Sampaio, da Faculdade de Geofísica/UFGA, pela contribuição no levantamento do potencial arqueológico com o georadar e análise e interpretação desses resultados.

Agradeço a todas as considerações e contribuições das professoras que participaram da minha banca de qualificação: Márcia Bezerra, Renata de Godoy e Roseane Norat no sentido de reorganização do trabalho, apontamentos e correções que precisavam ser feitas tanto em relação às entrevistas com as pessoas, quanto aos aspectos materiais construtivos e histórico urbano e também pelas bibliografias indicadas.

À todas as pessoas que aceitaram participar das entrevistas: Alexandre Loureiro, Aline Prestes, Amanda Pinto, André Sousa, Cássia de Souza, Charlly Silva, Claudio da Silva, Davi Oliveira, Defferson Pereira, Edmilson Miranda, Edivany da Costa, Iana Briaca, Ian Ferreira,

Jameson Silva, Juliana dos Santos, Katharine da Silva, Kathelle Santana, Kelvin Mendes, Kleyci Madeira, Luciana Ramoa, Manoel da Silva, Marcus Rocha, Mário Nunes, Max da Silva, Mayra Martins, Moisés dos Santos, Natássia Ferreira, Nelson Corrêa, Paulo de Tarso, Raimundo Silva, Sara Miranda e Taís Viana.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fornecimento da bolsa de estudos para que eu pudesse desenvolver essa pesquisa.

RESUMO

A pesquisa discorre sobre o Edifício dos Mercedários do ponto de vista da arqueologia e antropologia urbana nos centros históricos. Por meio de entrevistas com o público externo, dos arredores do prédio, e os frequentadores do Mercedários UFPA são abordados aspectos do cotidiano das pessoas com esse espaço na contemporaneidade, como seus elementos arquitetônicos e seus diferentes usos influenciam no modo como ele é lido e, embora tratar-se de um superartefato, e na maioria das vezes, não ser notado. Para a investigação arqueológica foi utilizada a metodologia geofísica, seguida pelo acompanhamento das obras que ocorriam no espaço e análise do material recolhido, evidenciando vestígios da cultura material escondida no subsolo do edifício, de modo a gerar novas possibilidades de estudo para a história da cidade e seus habitantes. Atualmente o prédio é um dos campus da UFPA, onde funcionam o Curso de Graduação em Conservação e Restauro e o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio. No século XVII foi fundado como um convento da Ordem dos Mercedários, a partir do final do século XVIII passou a funcionar como Alfândega de Belém, abrigando concomitantemente e posteriormente, entre outras instituições. Seus quase 400 anos nos contam sobre a biografia desse objeto e histórias da interação das pessoas hoje com o espaço, além do fazer arqueológico em uma capital da Amazônia.

Palavras-chave: Mercedários – Arqueologia Urbana – Belém - Amazônia

ABSTRACT

The research discusses the Mercedários building from the perspective of archaeology and urban anthropology in historic centers. Through interviews with the general public, residents near the building and visitors to the Mercedários UFPA, aspects of people's daily lives in this space in contemporary times are addressed, such as its interesting elements and its different uses, which influence the way it is read, and the fact that it is a super artifact, although it is often forgotten. Geophysical methodology was used for the archaeological investigation, followed by monitoring the works that took place in the space and analysis of the collected material, revealing traces of material culture hidden in the basement of the building, in order to generate new possibilities for studying the history of the city and its inhabitants. Currently, the building is one of the UFPA campuses, where the Undergraduate Course in Conservation and Restoration and the Postgraduate Program in Heritage Sciences operate. In the 17th century, it was founded as a convent of the Mercedarian Order, and from the end of the 18th century it began to function as the Belém Customs House, housing other institutions at the same time and later. Its almost 400 years tell us about the biography of this object and stories of people's interactions with the space today, in addition to the accident in a capital of the Amazon.

Keywords: Mercedarios – Urban Archeology – Belém - Amazon

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Mapa dos locais em que ocorreram acompanhamento arqueológico no Centro Histórico de Belém e entorno. Desenho: Gabriel Santos, 2024. 15
- Figura 2: Gradis e pátio interno. Foto: Ana Paula Claudino, 2024. 46
- Figura 3: Exposição “Olhares e Conexões: o acervo do LACORE”. Foto: Ana Paula Claudino, 2024. 51
- Figura 4: Vídeo mapping em alusão à memória da Cabanagem, projetado na fachada posterior da Igreja das Mercês. Foto: Ana Paula Claudino, 2022. 52
- Figura 5: Almoço de integração entre membros da Igreja das Mercês e do Mercedários UFPA. Fonte: Instagram @mercesbelem. 68
- Figura 6: Planta da cidade de Belém de 1640 mostrando à direita a parte mais antiga, a “Cidade” e, à esquerda, a “Campina”. Em ampliação a primeira construção dos Mercedários. Fonte: Reis Filho, 2000. Adaptada. 75
- Figura 7: Planta da Bateria denominado o Forte de São Pedro Nolasco (a). Pode ser observado no desenho, a ponte e a escada que produz acesso da entrada do forte ao templo mercedário. Essa foi uma exigência da Ordem ao permitir a construção em frente à Igreja e ao Convento. Em (b) Desenho do século XVIII em destaque o fortim de São Pedro Nolasco e o Convento das Mercês - trata-se de uma proposta de amuralhamento da cidade, não executada. Fonte: Meira Filho, 2015. 76
- Figura 8: Prospecto da nova Praça das Mercês, mandada fazer pelo governador e capitão general D. Francisco de Souza Coutinho. Nº1 Frontespício da Igreja dos Religiosos de Nossa Senhora das Mercês. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. Fonte: Biblioteca digital- Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/15442>> 77
- Figura 9: Planta Geométrica da Cidade de Belém do Grão-Pará, 1753. Autor: João André Schwebel. É a primeira planta em que a cidade aparece levantada geometricamente. Ela assinala os pontos principais de Belém na época do período Pombalino. Em ampliação o Convento dos Mercedários e o Forte das Mercês. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17244>> 79
- Figura 10: Plano Geral da Cidade do Pará em 1791. O melhor levantamento da cidade no século XVIII mostrando as quadras já consolidadas. Em verde aparecem os dois pátios internos do Convento dos Mercedários. Em rosa, a Igreja e o Fortim das Mercês. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19315>> 81
- Figura 11: Prospectiva da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará. Feito provavelmente na virada do século XVIII para o XIX. O desenho apresenta o trecho entre o Forte do Castelo e a Igreja das Mercês. Fonte: Serviço Cartográfico do Exército, Rio de Janeiro. In: Belém do Pará. Belém: Alunorte. p. 8. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/499829258613560798/>> 82

- Figura 12: Desenho da cidade de Belém tomado da baía do Guajará, entre 1817 e 1819. No centro, o convento dos Mercedários e, atrás deste, as torres da Igreja das Mercês. Fonte: Spix e Martius (1938)..... 83
- Figura 13: Prospecto do Norte da Cidade de Belém, no Grão Pará. Mostra uma visão de Belém observada do rio, em 1753, mesma época da planta de Schwebel. Tangenciando as águas correntes do rio, pode ser observado a presença de andaimes no Convento das Mercês, o que indica que o mesmo estava em obras nesse tempo. Fonte: D’Azevedo, 1901..... 86
- Figura 14: Prospecto da cidade de Belém do Estado do Grão-Pará, de André Schwebel, 1756. Em ampliação a cobertura da Igreja das Mercês em construção, atrás do Convento dos Mercedários. Disponível em:http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095066/mss1095066.htm..... 86
- Figura 15: Evolução construtiva do convento da primitiva construção do século XVII à sua configuração no século XVIII. Fonte: Adaptado de Ferraz, 2000. 88
- Figura 16: Trecho de jornal que anuncia a cargo de quem fica a Igreja das Mercês após a expulsão da ordem. Fonte: Jornal A Boa Nova, Ano 1878, edição 64, pág. 2 e 3..... 89
- Figura 17: Teatro Providência no Largo das Mercês embandeirado em um dia de festa. Litografia de Joseph Léon Righini, publicada em 1867. Disponível em:<<https://www.cma.ufpa.br/galeriarighini.html>> 91
- Figura 18: A Tomada do Trem de Guerra, de Alfredo Norfini, 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/imagens/exposicoes-historicas-e-artisticas-2015/norfini-alfredo-201ca-tomada-ao-trem-de-guerra201d-acervo-do-museu-de-arte-de-belem/view>..... 91
- Figura 19: Planta do pavimento térreo com a localização de alguns dos usos do prédio durante o século XIX. Adaptada de Ferraz (2000)..... 92
- Figura 20: Condições em que se encontrava o prédio pós incêndio, com a destruição total da cobertura. As edículas existentes no pátio são resultantes de sucessivas adaptações que agrediam a arquitetura do monumento. Fonte: Ferraz, 2000. 93
- Figura 21: Acesso à Alfândega pela Avenida Castilhos França em que aparecem os remanescentes de trilhos de vagonetes para transporte de cargas alfandegárias; Dois dos canhões até então soterrados, logo após sua descoberta; Vista do forno logo após sua descoberta escondido por parede falsa Fonte: Ferraz, 2000..... 94
- Figura 22: Planta do pavimento térreo indicando acréscimos no edifício Mercedários ao longo dos séculos. Fonte: Adaptada de Ferraz, 2000. 95
- Figura 23: Planta da Igreja e Convento Mercedários de 1793 desenhada pelo Tenente-Coronel Engenheiro Joaquim José Pereira. Fonte: Adaptado de Amorim, 2011..... 100
- Figura 24: Prospecto da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, de 20 de maio de 1784. Ao centro, as torres da Igreja das Mercês e o Convento dos Mercedários. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19323>. 102

Figura 25: Prospecções com GPR no edifício Mercedários: claustro (A); corredores (B); foyer (C); estacionamento (antigo pátio) (D); calçamento externo (E); e na nave da Igreja das Mercês (F). Fotos: Iana Briaca, Katharine da Silva e Ana Paula Gonçalves (2020).	104
Figura 26: Área coberta pela etapa geofísica no Conjunto Mercedários. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.	105
Figura 27: Aquisições de GPR. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.	105
Figura 28: Áreas investigadas pelo GPR no claustro. Fonte: Adaptado de Base Cadastral LACORE, Sampaio, 2022.	106
Figura 29: Aplicação do GPR no pátio. Desenhos: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.	107
Figura 30: Linhas O/L realizadas com aparelho GPR na área 1. Desenhos: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020, (B) Adaptado de Amorim, 2011... ..	108
Figura 31: Fotografia da área 1 do claustro. Fonte: Ana Paula Claudino, 2023	108
Figura 32: Linha 11,5 com anomalia em destaque, indicando um objeto pontual. Fonte: Sampaio, 2022.	109
Figura 33: Linha 12 com as duas anomalias destacadas e de menor intensidade que a vista anteriormente. Fonte: Sampaio, 2022.	110
Figura 34: Linha 12,5 com anomalias mais espaçadas. Fonte: Sampaio, 2022.	110
Figura 35: Linha 13 com anomalias em aproximação, com uma distância de aproximadamente 2,8 metros. Primeira a esquerda no metro 4,4 e a segunda a 7,2. Fonte: Sampaio, 2022.	111
Figura 36: Linha de 13,5 com anomalias mais aproximadas, agora com uma distância de 2,4 metros. A esquerda à 4,6 e a segunda à 7. Fonte: Sampaio, 2022.	111
Figura 37: Linhas L/O realizadas com aparelho GPR na área 2. Desenhos: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020; (B) Adaptado de Amorim, 2011... ..	112
Figura 38: Fotografia da área 2 do claustro. Fonte: Ana Paula Claudino, 2023.	112
Figura 39: Linha 1,5 com uma anomalia no fim do perfil, indicando a presença de algum objeto além de pequenas anomalias no decorrer do perfil. Fonte: Sampaio, 2022.	113
Figura 40: Linha 2 com uma região anômala bem expressiva no metro 4. Ainda é possível visualizar a anomalia da linha 1,5 neste perfil. Fonte: Sampaio, 2022.	113
Figura 41: Linha 2,5 ainda é presente a anomalia no fim do perfil. A zona anômala no metro 4 diminui de intensidade. Fonte: Sampaio, 2022.	114
Figura 42: Anomalias no foyer e sobreposição na planta de 1793. Desenho: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2023; (B) Foto de Amorim, 2011, modificado por Marco Tuma, 2023.	115

Figura 43: Linha O/L 13 do foyer. Fonte: Welby, 2021.	115
Figura 44: Percurso do GPR no estacionamento e nos corredores 5 e 6. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.	116
Figura 45: Radargrama corredor 6. Fonte: Welby, 2021.	116
Figura 46: Detecções de GPR próximo da antiga latrina. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020. Adaptado de Amorim, 2011.	117
Figura 47: Linha S/N 2 do final do corredor 5. Fonte: Welby, 2021.	117
Figura 48: Áreas propostas para intervenção arqueológica. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.	119
Figura 49: Primeiro dia das atividades de escavação. Foto: Katharine Miná, 2020.	121
Figura 50: Escavação das quadrículas com alunas voluntárias. Foto: Diogo Costa, 2020. ...	122
Figura 51: Quadrículas M13, N13 e O13, respectivamente. Foto: Ana Paula Claudino, 2020.	122
Figura 52: Amostras da estratigrafia do solo coletada durante o diagnóstico, correspondendo às áreas interna e externa ao poço, respectivamente. Foto: Ana Paula Claudino, 2020.	123
Figura 53: Fotos e planta de localização das áreas abertas no estacionamento (b, c, d, e, f, g) e área interna (a). Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.	124
Figura 54: Dimensões das canaletas abertas no estacionamento, em destaque vermelho na planta. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.	125
Figura 55: Escavação de uma trincheira para as obras de fiação elétrica	125
Figura 56: Localização em amarelo do piso de tijoleira encontrado abaixo da pedra de lioz. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.	126
Figura 57: Piso em tijoleira evidenciado durante a obra. Fotos: Juliana da Mata.	126
Figura 58: Tijoleiras acopladas na pedra de lioz e tijoleira inteira. Fotos: Juliana da Mata. .	126
Figura 59: Desenho do piso de tijoleira evidenciado em planta (a) com suas dimensões (b); Perspectiva esquemática de um bloco de tijoleira com as dimensões (c) e detalhe em corte da camada de pisos (d). Desenhos: Ana Paula Claudino, 2020.	127
Figura 60: Representação tridimensional da localização do piso de tijoleira. Desenhos: Ana Paula Claudino, 2020.	127
Figura 61: Canaletas abertas no estacionamento e na entrada do térreo nos meses de novembro e dezembro de 2020, destaque em vermelho na planta do estacionamento. Desenhos: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2021.	128

Figura 62: Garrafas de vidro encontradas na área A4 do estacionamento a profundidade de 47 cm. Foto: Diogo Costa, 2020.	129
Figura 63: Moeda e fragmentos de louça encontrados no estacionamento. Foto: Katharine Miná e Ana Paula Claudino, 2020.	129
Figura 64: Acondicionamento dos materiais. Foto: Digo Costa, 2020.	130
Figura 65: Alguns dos materiais encontrados	130
Figura 66: Etapa de numeração do material. Fotos: Jaiane Lima e Katharine Miná, 2021. ..	131
Figura 67: Etapa de análise da louça. Foto: Iana Briaca, 2021	133
Figura 68: Gráfico dos fragmentos das formas das peças da louça. Elaborado pela autora, 2024.	133
Figura 69: Gráfico dos fragmentos dos tipos de pasta da louça. Elaborado pela autora, 2024.	134
Figura 70: Gráfico da percentagem dos tipos de esmalte da louça. Elaborado pela autora, 2024.	134
Figura 71: Gráfico da percentagem dos tipos de técnicas de decoração da louça. Elaborado pela autora, 2024.	135
Figura 72: Gráfico da percentagem dos tipos de marcas de uso da louça. Elaborado pela autora, 2024.	135
Figura 73: Etapa de análise do vidro. Foto: Iana Briaca, 2021	136
Figura 74: Gráfico percentual das partes das peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024. ..	136
Figura 75: Gráfico percentual das cores identificadas nas peças de vidro. Elaborado pela autora, 2024.	137
Figura 76: Gráfico percentual da forma das peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024. ..	137
Figura 77: Gráfico percentual da função dos contenedores nas peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.	138
Figura 78: Gráfico percentual dos tipos de molde nas peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.	138
Figura 79: Exemplos de fechamento de garrafas. Fonte: https://sha.org/bottle/closures.htm	139
Figura 80: Alguns fragmentos de grés e louça coletados	142
Figura 81: Fragmentos de alguns materiais vítreos coletados	144
Figura 82: Anúncios voltados aos comércios de bebida e medicinal. Fonte: Almanak : Administrativo, Mercantil e Industrial (PA) - Ano: 1868. Edição: 01; págs. 258 e 263.	144

- Figura 83: Anúncios voltados aos comércios de louça, vidro, perfumarias e bebidas. Fonte: Almanak : Administrativo, Mercantil e Industrial (PA) - Ano: 1871. Edição: 01; págs. 111, 134, 116 e 132. 145
- Figura 84: Corte e Planta-baixa do atual foyer com proposta expositiva das estruturas remanescentes do Convento Velho. Fonte: Base Cadastral LACORE, adaptado por Ana Paula Claudino, 2024. 148
- Figura 85: Proposta de como ficariam evidenciadas as ruínas em planta e em perspectiva. Adaptado de Base Cadastral LACORE e Planta-baixa de 1793. 149

LISTA DE ABREVIACÕES

BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CHB	Centro Histórico de Belém
CNSA	Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
DPHAC	Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural
DEPH/FUMBEL de Belém	Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural do Município de Belém
FACORE	Faculdade de Conservação e Restauro
GPR	Ground Penetrating Radar
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico do Pará
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LACORE	Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação
MINC	Ministério da Cultura
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
PAC	Programa do Aceleração do Crescimento
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PPGATRI	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural
SECULT	Secretaria de Estado e Cultura
SEURB	Secretaria de Urbanismo
SPU	Superintendência do Patrimônio da União
SUDEPE	Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
UFPA	Universidade Federal do Pará
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. AS PESSOAS E SUAS RELAÇÕES COM OS PRÉDIOS HISTÓRICOS	5
1.1 - A CIDADE SOB A PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA	5
1.2 - A RELAÇÃO ENTRE PESSOAS E COISAS	15
1.3 - METODOLOGIA PARA PESQUISA QUALITATIVA: COLETA E ANÁLISE DE DADOS	19
1.4 - MERCEDÁRIOS UFPA: RELAÇÕES VIVENCIADAS NA CONTEMPORANEIDADE	22
2. OS MERCEDÁRIOS E O BAIRRO DA CAMPINA: UM PERCURSO HISTÓRICO	69
2.1 - A ORDEM DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E A EDUCAÇÃO EM BELÉM	69
2.2 - A EXPANSÃO URBANA DO BAIRRO DA CAMPINA DO SÉCULO XVII AO XIX: OS ARREDORES DO CONJUNTO MERCEDÁRIOS	73
2.3 - ASPECTOS HISTÓRICO CONSTRUTIVOS E USOS DO EDIFÍCIO MERCEDÁRIOS	84
3. PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO CONJUNTO DOS MERCEDÁRIOS	97
3.1 - LEVANTAMENTO DO POTENCIAL ARQUEOLÓGICO	99
3.2 - DIAGNÓSTICO DA ÁREA DO POÇO	120
3.3 - MONITORIA DAS OBRAS	123
3.4 - RESULTADOS DAS ANÁLISES DE MATERIAIS	132
3.5 - A ARQUEOLOGIA E AS PRÁTICAS DE CONSUMO NA BELÉM DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX	139
CONCLUSÕES	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

INTRODUÇÃO

A arqueologia tem papel fundamental no processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro, Railson da Silva (2014) assinala que a investigação arqueológica realizada nos centros históricos em caráter de salvamento ou resultante de projetos definidos no bojo da arqueologia urbana revelam vestígios de ocupações passadas, que possibilitam novos estudos para a história da cidade e de seus habitantes. Para além do conhecimento acumulado nas fontes escritas, a cultura material representada pela arquitetura urbana e pelos objetos, pode ser lida e interpretada como símbolos de mudanças entre os atores sociais e o meio.

Nesse sentido, a pesquisa aqui desenvolvida se propõe ao estudo arqueológico nessa perspectiva da arqueologia urbana nos centros históricos, associada à relação das pessoas com esse espaço na contemporaneidade, sendo o foco o edifício que abrigou originalmente o convento dos Mercedários em Belém. A proposta deste estudo tornou-se viável diante da oportunidade apresentada pelo Projeto de Levantamento e Prospecção Arqueológica no Conjunto dos Mercedários¹ no âmbito do Projeto Executivo de Restauração e Reabilitação da Igreja e Convento de Nossa Senhora das Mercês. As atividades de campo no local tiveram início a partir da autorização por meio de portaria² emitida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em outubro de 2020.

Desse modo, parte dos estudos realizados nessa tese constavam no projeto proposto, que se desdobraram em uma pesquisa mais ampla em que são abordados aspectos do histórico da edificação, como usos e transformações ocorridas ao longo dos anos, percorrendo, assim, a biografia do edifício que foi fundado como convento, depois passou a funcionar como a Alfândega de Belém, abrigando posteriormente outras instituições e atualmente um campus da Universidade Federal do Pará (UFPA).

As referências ao lugar estão presentes não apenas em escritos que retratam a historiografia e arquitetura de Belém, mas também na literatura de romance e poesia de autores locais. Tal qual, o personagem Virgílio Alcântara, em Belém do Grão-Pará, romance de

¹ O edifício dos Mercedários nasce como uma unidade, constituída de um convento e uma igreja, sendo separados com a expulsão da Ordem e a tomada pela União de toda a área do convento. Até pouco tempo a igreja queria reverter o convento para seu espaço, porque ela entende que esse espaço é sagrado e é dela, isso evidencia que esse rompimento é doloroso até hoje para a igreja, é uma ruptura que deixou marcas. Sendo assim, ao longo do trabalho será usado o termo “Conjunto Mercedários” quando fizer referência ao convento juntamente com a igreja, por se mostrar o mais apropriado. Para me referir apenas ao edifício do antigo convento, usarei o termo “edifício Mercedários” ou “Mercedários UFPA”.

² Portaria nº 64/2020, processo nº 01492.000 252/2020-69. Projeto Levantamento e Prospecção Arqueológica na Igreja e Convento dos Mercedários. Arqueologia Preventiva.

Dalcídio Jurandir, que trabalha na Alfândega e, em *Altar em Chamas*, do poeta João de Jesus Paes Loureiro, que traz o poema “O Convento dos Mercedários”, onde dialoga com artigo de Luiz Mott “Ventura e Desventuras de um Mercedário sodomita em Belém do Pará Pós-Filipino”.

Na obra de Edward Said (1990), texto fundador dos estudos pós-coloniais, o autor constrói a discussão do Oriente como invenção do Ocidente, mas não apenas uma cosmologia inventada, mas, sobretudo, uma construção colonial. Essa situação é semelhante ao que vivenciamos com a nossa colonização, a partir da ideia do que seria a América em tempos iniciais de colônia, e nos permitindo compreender o edifício Mercedários como parte de uma paisagem histórica e colonial, cuja monumentalidade está inserida na paisagem do Centro Histórico de Belém (CHB) como marco físico.

No primeiro capítulo consta um breve aporte teórico a respeito do fazer arqueológico e antropológico na cidade, tratando da contribuição das disciplinas de arqueologia, antropologia e arquitetura no âmbito da discussão sobre patrimônio cultural urbano, apresentando alguns estudos realizados no Brasil, mas, sobretudo, nas pesquisas arqueológicas históricas que foram e vem sendo desenvolvidas no CHB. É discutida a relação das pessoas com o Mercedários UFPA na contemporaneidade, para a compreensão das relações vivenciadas foram entrevistados usuários e não usuários do prédio, a fim de identificar as memórias e as experiências das pessoas com o lugar.

Com o objetivo de buscar compreender o motivo da invisibilidade ou não identificação do edifício perante o público externo, o porquê de ele não ser “enxergado”, algumas hipóteses foram levantadas: Isso ocorre pelo fato do conjunto ser fechado? Qual a visão que elas têm de fora do edifício? Como as pessoas entendem esse prédio? Qual o impacto que esse prédio tem no dia a dia delas? Também foi abordado o poder de agência que esse objeto material desencadeia na vida social do público, como as pessoas experienciam o espaço, as relações afetivas que a memória do lugar desperta entre os usuários e relatos fantásticos de assombrações.

Diogo Costa (2014) aponta que se constituem como princípios básicos a serem investigados arqueologicamente na formação dos espaços urbanos, o traçado e a forma da cidade, planejamento e execução urbana e dinâmicas sociais da vida cidadina. O estudo da morfologia urbana consiste na descrição dos espaços físicos, formais e funcionais do ambiente construído, tais como desenho da planta, materiais construtivos e estilos arquitetônicos, uso das edificações e espaços.

Nessa perspectiva, o segundo capítulo foi construído a partir da atuação da Ordem Mercedária na educação de Belém, a trajetória da formação inicial do núcleo urbano da Campina e sua ampliação ao redor das edificações religiosas entre os séculos XVII e XIX, incluindo o edifício dos Mercedários, sobre o qual são delineados seus aspectos históricos, vivências cotidianas e transformações arquitetônicas ao longo dos anos. Procurou-se nas fontes escritas e iconográficas, o fio condutor que constrói a relação da edificação com a cidade e com as pessoas no passado, sendo consultados relatos de viajantes e cronistas, mapas históricos, desenhos e pinturas, pois podemos extrair informações por meio desses documentos acerca de cada período da biografia do edifício e de como a cidade se modificou no decorrer dos séculos.

No terceiro capítulo é abordada a investigação arqueológica desenvolvida no edifício Mercedários. Após a coleta de informações nas fontes escritas e na observação de plantas e mapas, foi traçado o plano de investigação do potencial arqueológico do interior do prédio, sendo realizado o levantamento com o auxílio da metodologia geofísica por meio do georadar. Durante esse processo foi executado diagnóstico preliminar da estratigrafia do solo do sítio, na área do jardim, onde estaria um antigo poço do local.

Posteriormente ao diagnóstico ocorreu o acompanhamento arqueológico das obras de reforma das instalações elétricas e de refrigeração no pavimento térreo, uma escavação de canaletas subsuperficial, resultando no salvamento de artefatos arqueológicos encontrados no atual estacionamento do campus Mercedários UFPA. Por conta do revolvimento de terrenos que ocorreu na área do entorno e no próprio bairro da Campina em tempos pretéritos, observou-se que os materiais coletados são provenientes de aterros trazidos de outras partes da cidade, dentre o que foi resgatado, há fragmentos de louça, vidro, metal, cerâmica e ossos que passaram por limpeza, catalogação e análise.

A grande obra de restauro ocorrida entre 1985 a 1987, após o incêndio ocorrido no edifício, impactou a morfologia dos espaços da edificação. Essa obra retira uma série de estruturas que haviam sido construídas inadequadamente, principalmente nos átrios e outras aberturas e também há o resgate de canhões que se encontravam enterrados. Esse processo todo é muito impactante, sendo assim, essa pesquisa preliminar de arqueologia é muito restrita na perspectiva das grandes obras ocorridas nos Mercedários, das grandes transformações que esse sítio sofreu desde 1640, passando por sua reconstrução no século XVIII, até a grande obra pós incêndio. Outras expectativas e possíveis novas abordagens são esperadas, porque há uma conexão potencial entre o que foi verificado superficialmente.

Diante do exposto, os estudos aqui buscam se desenvolver no sentido de análise do material coletado, comparando-o com os materiais que foram identificados em outras pesquisas arqueológicas no bairro da Campina. Por meio de análise constatou-se, que os vestígios não pertencem ao contexto específico desse sítio, trata-se de uma pequena amostragem de aterro que, pela grande variedade e tamanhos reduzidos das peças encontradas, é possível inferir que são pertencentes ao contexto mais amplo da cidade, podendo pertencer até mesmo a outro bairro. Embora trate-se de uma pequena amostragem, as peças são semelhantes as que foram encontradas em investigações arqueológicas em outros sítios no bairro da Campina, o que ainda assim, não pode ser identificado como padrão de consumo de uma cidade inteira.

Considerando-se a vasta importância histórica, arqueológica, arquitetônica, cultural e social do edifício Mercedários como marco visual tangível, essa pesquisa contribui para a difusão da memória expressa nas relações vivenciadas das pessoas com prédio na contemporaneidade, corroborando com a ampla iconografia e documentação histórica sobre o ambiente urbano no qual está inserido. Além de apresentar um potencial significativo para futuras investigações arqueológicas no local, conferindo subsídios para a identificação de outras estruturas desaparecidas.

1. AS PESSOAS E SUAS RELAÇÕES COM OS PRÉDIOS HISTÓRICOS

1.1 - A cidade sob a perspectiva arqueológica e antropológica

A cidade configura-se como uma rede dinâmica e complexa onde se desenvolvem fenômenos sociais diversos assinalados por diferentes grupos que nela habitam e circulam. Esses grupos vivenciam o espaço citadino de formas distintas atribuindo significados a pluralidade de experiências que acumulam nesse ambiente. Dessa forma, a heterogeneidade abarcada pela urbe com a multiplicidade de costumes e tradições em termos étnicos, políticos e religiosos, dentre outros, a faz evocar memórias e sensações nos sujeitos que nela estão implicados.

Reconhecidas pela Carta de Paisagem das Américas, como paisagens urbanas, Raquel Peñalosa *et al.* (2018) destaca que as cidades exigem cuidados e ações especiais para que possam cumprir sua função social de acolher a população com dignidade, qualidade de vida e respeitando os limites impostos pela natureza. Também podemos observar a cidade como laboratório privilegiado de análise de mudança social, imbuído de dinâmicas variadas que exigem constantes esforços de adaptação. Para Rafael e Souza (2014) a cidade é o espaço no qual, a vida cotidiana, se desenrola e ganha sentido, e que seu uso, ao longo do tempo, o configura como acumulação de outros tempos e possibilidades renovadas de realização da vida.

Tanto a arqueologia quanto a antropologia estudam as cidades, construindo, inevitavelmente, um estudo multi e interdisciplinar. No campo antropológico, a cidade passou a ser estudada de modo sistemático com a chamada Escola de Chicago no período entre 1892 e 1929, buscando apreender as diferenças socioculturais no interior das grandes cidades (Costa 2014). Heitor Frugóli Jr. (2005) ressalta que foram gerados nessa escola, os enfoques iniciais sobre a cultura urbana e as práticas etnográficas em contextos urbanos, temas importantes para a antropologia.

Segundo Ulpiano Meneses (2006), a cidade pode ser vista como bem cultural. Isso ocorre quando ela apresenta três dimensões: artefato, campo de forças e representações sociais. A cidade como artefato, é tratada como coisa feita, fabricada. Esse artefato é produzido no interior das relações sociais que os indivíduos desenvolvem uns com os outros. Na dimensão do campo de forças, entende-se como espaço de tensões e conflitos de interesses, sendo o artefato produto desse campo de forças e ao mesmo tempo vetor que permite a reprodução do mesmo.

O espaço instituído como artefato adquire forma, função, sentido e inteligibilidade por meio das relações sociais. Desse modo, a cidade também é representação, imagem. A imagem que os habitantes fazem da cidade ou de fragmentos dela é essencial para a prática na cidade. Logo, para entendê-la como bem cultural, é preciso fazer uma análise levando em consideração, simultaneamente, as três dimensões, pois, o bem cultural tem matrizes no campo dos sentidos, da percepção, da cognição, dos valores, da memória, identidades, ideologias, expectativas, mentalidades, etc. Quando discutimos sobre patrimônio ambiental urbano, temos como base a dimensão física da cidade, sendo por meio dos elementos materiais que lhe são conferidos os significados, e estes são criados, circulam, produzem efeitos, reciclam-se e são descartados. Não há significados sociais sem as práticas sociais, e sem vetores materiais não há significados sociais (Meneses 2006).

José Gonçalves (2005) entende que a categoria patrimônio cultural pode assumir diversos significados, com usos sociais e simbólicos, com capacidade de transitar em diversos mundos sociais e culturais. Entendido como propriedade que é herdada, os bens materiais, não são objetos separados dos seus proprietários, pelo contrário, são extensões destes. Os modernos discursos de patrimônio cultural, têm dado ênfase ao caráter “construído” ou “inventado” do patrimônio. Este seria construído no presente por cada nação, grupo, família ou instituição, com a finalidade de articular e expressar sua identidade e sua memória.

Conforme José Magnani (2018), a antropologia traz uma contribuição específica no debate sobre patrimônio cultural urbano. Lévi-Strauss, em seu livro *Tristes Trópicos*, qualifica a cidade como “coisa humana por excelência”, ela provém simultaneamente da natureza e da criação estética, é sujeito de cultura, indivíduo e grupo. A cidade pode ser arquitetonicamente representada para os sentidos, cuja funções sociais da vida urbana, incluindo aspectos econômicos, políticos, culturais, religiosos, da vida cotidiana no morar, do lazer e da festa, podem ser vivenciadas e percebidas como marco temporal e espacial claramente configurado.

Ana de Souza (2005) relata que nas décadas de 1960 e 1970, a arqueologia passou a abordar as questões espaciais no âmbito da relação entre territorialidade, acessibilidade aos recursos, comportamento humano, interação social, troca de informação, variabilidade tipológica e estilo da cultura material. Nos anos subsequentes, familiarizou-se com a abordagem estrutural tratando da complexidade das cidades sob diversos primas de análise.

Fernanda Tocchetto (2004) mostra que o fazer arqueológico no meio urbano, a chamada Arqueologia Urbana, tem a cidade como campo empírico de investigação, assim como as expressões da cultura material que nela ocorrem. Assim, para vários autores, como Luciana

Azulai (2018) e Piero Tessaro (2014), pode ser realizada uma arqueologia “na” cidade ou arqueologia “da” cidade. A primeira tem uma abordagem particularista, em que se observa o sítio arqueológico desconsiderando sua inserção no contexto urbano. A segunda apresenta um enfoque sistêmico, em que o sítio é considerado um elemento de um sistema mais amplo, passível de fornecer informações sobre esse sistema. As duas concepções não são excludentes, podendo-se partir de ambas para reflexão.

Essas duas abordagens também são descritas por Tânia Lima (2002), que destaca o papel da arqueologia em conciliar o geral e o particular, a sociedade e o indivíduo, de modo a compreender as mudanças sociais a longo prazo. Tocchetto (2004), expõe que uma abordagem interpretativa sobre a cidade ou na cidade, deve partir do princípio de que, as diversas manifestações arqueológicas se inter-relacionam em meio à dinâmica da vida urbana, sendo componentes de um todo mais amplo e interconectado, em que as áreas periféricas devem ser incluídas ao centro urbano, pois há vínculos espaciais entre ambos no que diz respeito ao uso e ocupação do solo, transporte e comunicação.

No Brasil, a arqueologia começou a debater a questão urbana nos anos 1970 quando estavam em consolidação no país a Antropologia e a Sociologia Urbanas. Mas, ainda incipiente, seguiu visões preservacionistas e empiristas, posteriormente, seus estudos pautaram-se no reconhecimento da cidade como produto histórico-cultural humano, representando o trabalho materializado e acumulado ao longo de um processo histórico de sucessivas gerações que revelam ações passadas (Souza 2014).

Françoise Choay (2006) explana sobre o teórico italiano em restauro urbano na primeira metade do século XX, Gustavo Giovannoni. Ele trata da figura historial nas cidades antigas, apontando que há uma dualidade entre repouso e movimento. O primeiro, representado pelos espaços domésticos e o segundo pelo ritmo frenético e vertiginoso da área urbana. Os centros, os bairros e os conjuntos de quarteirões antigos, podem funcionar como unidades da vida cotidiana, da mesma forma que os monumentos, são portadores de valores artísticos, históricos, pedagógico e de estímulo.

Desta forma, a arquitetura também pode ser estudada como um campo potencial de informação para a antropologia, pois, de acordo com Andres Zarankin (1999) ela expressa funções utilitárias e simbólicas, dado que a construção e organização espacial das residências familiares fornecem informações relevantes da sociedade a qual pertencem, considerando que as pessoas constroem seu entorno físico, através das práticas cotidianas.

Quando se trata da arqueologia em contexto urbano, temos a predominância de sítios pós-coloniais, apresentando-se em menor quantidade a existência de sítios pré-coloniais. Os primeiros são estudados no âmbito da Arqueologia Histórica, a qual investiga hábitos, costumes e mentalidades que se estabeleceram no território brasileiro a partir da colonização portuguesa. Embora já fossem realizados trabalhos nesse campo desde o primeiro quartel do século XX, seu estabelecimento formal ocorre apenas no início dos anos 1960. As pesquisas desse momento, se dedicavam aos marcos da arquitetura colonial, principalmente igrejas, conventos e fortificações nordestinas e sulistas, com foco no restauro dessas edificações (Tessaro 2014).

A ampliação dos estudos para contextos particulares não monumentais, como residências partindo da análise de lixeiras domésticas pode ser encontrado em trabalhos acadêmicos, como por exemplo, Tocchetto (2004), que ao estudar residências oitocentistas porto-alegrenses, descobriu uma relação entre os materiais encontrados e os discursos e práticas marcados pelas influências europeizantes, apropriadas e adaptadas ou mesmo refutadas, às particularidades locais por determinados segmentos sociais. A partir das peças recuperadas das lixeiras domésticas, entre louças e vidros, foi possível interpretar as práticas cotidianas dos residentes das casas analisadas.

Outro exemplo é a pesquisa sobre os fundos do Solar Lopo Gonçalves, sede do Museu Joaquim José Felizardo de Porto Alegre, os pesquisadores Luís Simanski (1997) e Rodrigo Fraga (2017) indicam que o local era usado por seus moradores para descarte de lixo doméstico nos séculos XIX e XX. Louças cerâmicas, vidros, metais e ossos eram descartados e enterrados no quintal da habitação revelando uma rotina de uso contínuo na residência.

Na Amazônia, os estudos sobre Arqueologia Histórica fazem parte da terceira fase da Arqueologia na Amazônia, que ocorre a partir da década de 1980. Nesse período é ministrado um curso no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) pela professora Margarida Andreatta, da Universidade de São Paulo (USP). A partir de então, há uma diversidade marcante tanto teórica quanto metodológica, sendo conduzida nas pesquisas históricas na região (Costa 2017).

De modo geral, as pesquisas realizadas em sítios históricos na Amazônia, foram na sua maioria, frutos da Arqueologia Preventiva, superando as pesquisas acadêmicas nesse âmbito, sendo as temáticas concentradas em fortes militares, seguidos de missões religiosas, espaços urbanos e espaços rurais, ou seja, enorme preocupação com o edificado. Além disso, ocorreu um forte apelo à salvaguarda do patrimônio e orientação com tendência historicista, primeiro de cunho cronológico e depois tecnológico. “A ligação direta com um tipo de história construída e mantida pela oficialidade dos patrimônios de expressão governamental” (Costa 2017:167).

Especificamente em Belém, Amanda Seabra (2020a) salienta que há apenas dois sítios arqueológicos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/SGPA), o PA-BB-10 Val de Cães, que seria as ruínas do antigo engenho, que se encontra totalmente destruído; e o PA-BB-9 Bom Intento, ruínas de um antigo engenho movido a maré. Contudo, o Centro Histórico de Belém (CHB) apresenta potencial arqueológico significativo, conforme verificado nas pesquisas iniciadas desde o fim da década de 1980, quando em 1989 o arqueólogo Klaus Hilbert do MPEG, junto com o professor Euler Arruda (2003), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, constataram a existência das fundações da Fortaleza de São Pedro Nolasco (Costa 2017; Norat *et al.*, 2019; Motta, Norat e Costa 2020).

No bairro da Cidade Velha, o arqueólogo Arno Kern prestou consultoria para o projeto de Arqueologia Urbana ocorrido em 1994 na atual Praça do Carmo, que evidenciou esqueletos humanos e as estruturas remanescentes da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, construída no século XVII e demolida na década de 1930 (Angelo 2013; Fernandes 2014; Costa 2017). A pesquisa nesta igreja, foi feita de forma pioneira entre 1993-1996, pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural do Município de Belém (DEPH/FUMBEL) na época dirigido pela arquiteta e professora Jussara Derenji, Coordenadora Geral do Projeto de Revitalização da Praça do Carmo (Derenji e Derenji 2009; Fernandes 2014; Figueiredo 2022).

Nesse tempo, a estrutura da igreja, ficou exposta ao público por meio do projeto “Janelas Arqueológicas”, em que pirâmides de acrílico foram instaladas como ponto de observação dos alicerces da igreja. No entanto, o projeto não foi totalmente concluído, não sendo realizada a parte de gestão educativa, e a colocação de placa com informações sobre as escavações e os achados não foi concretizada. Posteriormente o abandono do poder público em relação a manutenção da praça ocasionou na destruição das pirâmides, e o sítio em questão passou a ser usado, na maioria das vezes, como depósito de lixo pela população (Fernandes 2014; Figueiredo 2022).

Incluída no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 2 Cidades Históricas, a Praça do Carmo, passou por obras de requalificação em 2020, no entanto, as intervenções foram conduzidas sem a presença de um profissional da arqueologia, o que provavelmente acarretou perda ou ocultamento de informações de evidências arqueológicas (Figueiredo 2022). Infelizmente, optou-se em tamponar o sítio que fora descoberto na década de 1990, demonstrando incapacidade da gestão em gerir o patrimônio arqueológico urbano.

Ainda na Cidade Velha, no âmbito do Projeto Feliz Lusitânia, o arqueólogo Fernando Marques (2006) realizou pesquisa de prospecção arqueológica no interior do Palácio Episcopal de Belém (antigo Colégio dos Jesuítas), entre 1997 e 1998 (Marques 2005), e no Forte do Presépio e na Casa das Onze Janelas, entre 2001 e 2002. Em ambas as investigações, foi possível evidenciar estruturas arquitetônicas dos edifícios, além de fragmentos de cerâmica indígena e materiais de origem europeia, em parte expostas no Museu do Encontro, localizado na área interna do forte.

O mesmo arqueólogo coordenou escavações no pátio interno da edificação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) (Gomes 2023a), e no interior do sobrado colonial conhecido como Casa Rosada, “em cujo andamento da obra de restauração entre os anos de 2007 e 2008, teve aberto o local para que visitantes acompanhassem a obra, inclusive até com montagem de uma pequena exposição com materiais culturais encontrados nas escavações”³.

Em 2018, uma das edificações situada na Ladeira do Castelo passou por acompanhamento arqueológico mitigatório, pelo Projeto de Arqueologia Histórica no Albergue da UFPA, coordenado pelo arqueólogo Diogo Costa. No aterro explorado pela obra, foram evidenciados diversos materiais de diferentes temporalidades. O espaço seria transformado em um albergue universitário e um memorial do livro, mas por falta de recursos o projeto não foi concretizado (Costa 2023).

No bairro da Campina, as obras do Cais do Porto – Projeto Estação das Docas (1998-1999) receberam acompanhamento arqueológico resgatando evidências significativas das ruínas do Forte de São Pedro Nolasco, já descoberta em 1989, e do antigo cais da cidade (Marques 1999). As prospecções arqueológicas realizadas nessa localidade, proporcionaram a visualização do que restou deste forte nas ruínas, na área do anfiteatro, localizado na parte externa da Estação das Docas (Meira Filho 2015; Norat *et al.*, 2019).

Na área interna desse polo turístico, há uma exposição permanente no Memorial do Porto de Belém, se constituindo de uma mostra da cultura material arqueológica proveniente das escavações feitas durante a restauração do complexo, que desvelaram as ruínas do forte. A mostra é composta de aproximadamente 150 peças arqueológicas, que incluem material bélico,

³ Entrevista concedida por Fernando Marques, arqueólogo responsável pela obra. In: *Arquitetos: memórias e vivências* / Organização: Giovanni Blanco Sarquis. Belém: Iphan, p.121, 2023.

fragmentos cerâmicos, louças e materiais construtivos da fortificação (Secult/Pa/museus e memórias).

O Centro Cultural Sesc Ver-o-Peso passou por obras em 2006, sendo evidenciado um acervo de cultura material histórica característico dos séculos XVIII e XIX (Fernandes 2014). Entre 2018 e 2019, no Anexo II desta edificação esteve em andamento um Projeto de Pesquisa Arqueológica e Educação Patrimonial, integrado por Dayseane Pinto e coordenado por Ney Gomes, que buscou a identificação, o registro e o inventário dos vestígios arqueológicos, encontrados nas áreas que correspondem aos espaços internos deste prédio situado na Avenida Boulevard Castilhos França, visando possibilitar o diálogo com as pessoas sobre patrimônio e preservação.

A partir desse acompanhamento arqueológico foi gerada a tese de Ney Gomes intitulada “O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na Campina, Centro Histórico de Belém – pessoas, paisagem e cultura material”, em que o autor trata do sítio Sesc Ver-o-Peso na perspectiva da arqueologia etnográfica, associada à análise da paisagem do CHB e dos materiais arqueológicos coletados nas escavações do imóvel (Gomes, 2023a).

Em 2020, o edifício histórico Solar da Beira, passou por obras com resgate arqueológico coordenado pela arqueóloga Amanda Seabra. Na ocasião foi realizado acompanhamento arqueológico no fosso do elevador, na cisterna e na estação de tratamento (fossa e filtro) do prédio, sendo traçado o estudo da ocupação da região, a partir das leituras das camadas estratigráficas. Além disso, foram realizadas atividades de arqueologia pública com funcionários da obra, feirantes do entorno, estudantes universitários e visitantes, e uma exposição sobre a história e arquitetura da edificação, os vestígios arqueológicos encontrados no local e as transformações sofridas pela paisagem da região ao longo do tempo (Seabra 2020a).

Também em 2020, a mesma arqueóloga conduziu o monitoramento arqueológico das obras de drenagem e revitalização da Rua Conselheiro João Alfredo e da Avenida Portugal identificando partes do trilho do bonde do século XIX, dentre outros vestígios arqueológicos (Seabra 2020b).

Em 2023, as obras do projeto realizado pela prefeitura de Belém chamado Boulevard da Gastronomia, localizado na Avenida Boulevard Castilhos França, foram iniciadas sem um acompanhamento arqueológico, o que levou o IPHAN a pedir o embargo das intervenções, até que fosse apresentado projeto de pesquisa arqueológica. Dada a necessidade da contratação de

profissionais da arqueologia, o acompanhamento das obras foi realizado pela empresa Amazônia Arqueologia, sob responsabilidade dos arqueólogos João Aires e Kelton Mendes até o final dos trabalhos. Na área foram encontrados vestígios do antigo cais de arrimo que existia na Rua da Praia, parte de um trilho utilizado em meios de transporte, estruturas da praça anterior que existia no local, além de materiais históricos datados da década de 1960⁴.

Em 2018, durante as obras do Projeto Parque Urbano Belém Porto Futuro, localizado no bairro do Reduto, no entorno do CHB, o acompanhamento arqueológico sob responsabilidade da arqueóloga Anna Bárbara Silva (2019) evidenciou materiais históricos em ocorrências isoladas, provavelmente provenientes de outras partes da cidade, que foram relocados para essa área, visto que o local antigamente era alagado e foi aterrado com resíduos advindos da Baía do Guajará.

No Cemitério da Soledade, localizado no bairro de Batista Campos, também no entorno do CHB, ocorreu em 2008 pesquisa no campo da arqueologia coordenada por Fernando Marques. Na época, foram realizadas prospecções arqueológicas como atividades integrantes da etapa de levantamento preliminar para o Projeto de Conservação, Consolidação, Restauro e Adaptação do Cemitério Nossa Senhora da Soledade em Cemitério Parque (Fernandes 2014).

Entre 2021 e 2022 aconteceram novamente pesquisas arqueológicas no referido cemitério, como forma de acompanhamento das obras de conservação e restauro que transformaram o local em parque. Essa obra também foi embargada em sua fase inicial, pela ausência de um arqueólogo que acompanhasse intervenções mais profundas no solo do cemitério. O trabalho envolvendo a Secretaria de Estado e Cultura (SECULT) em parceria com a Prefeitura de Belém, ocorreu no âmbito da “Pesquisa de Avaliação do Patrimônio Arqueológico no Cemitério da Soledade”, coordenado pelo arqueólogo Paulo do Canto Lopes. Nesta pesquisa, foram realizadas coleta de dados referentes à coloração, textura e compactação do solo e verificação de vestígios arqueológicos nos níveis analisados, além de ações de educação patrimonial (Lopes, Fonseca Júnior e Mendes 2022).

Pesquisas arqueológicas integradas e interdisciplinares envolvendo o Laboratório de Conservação e Restauração e Reabilitação (LACORE), a Faculdade de Conservação e Restauro (FACORE) e o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPATRI), todos da UFPA, contribuíram no sentido de mapear e descrever o interior dos jazigos para coleta

⁴ Obras do Boulevard da Gastronomia revelam antigo Cais de Arrimo de Belém (PA). In: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/obras-do-boulevard-da-gastronomia-revelam-antigo-cais-de-arrimo-de-belem-pa>. Publicado em 07/07/2023.

de ossos humanos e objetos rituais, visando a sua identificação, estudo e curadoria, sendo os restos mortais, posteriormente devolvidos aos túmulos. Na capela central do cemitério, há um memorial com registros dos aspectos históricos da construção, identificação dos elementos simbólicos dos túmulos e mausoléus e os resultados dos trabalhos de arqueologia e restauro (Costa 2023; Secult 2023).

Infelizmente, conforme noticiado na imprensa, grande parte dessas obras de requalificação ocorridas no CHB e entorno são embargadas pelo IPHAN, após denúncias da ausência de um arqueólogo para acompanhar a ação. Isso evidencia a negligência da forma como a arqueologia vem sendo conduzida, em que o acompanhamento arqueológico não é considerado na concepção dos projetos propostos, sendo incluído somente por meio de intervenções judiciais, acarretando uma perda irreparável do repertório material arqueológico que compõe o sítio histórico da cidade.

Também é importante ressaltar que falta pouco mais de um ano para a realização da 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30) que será realizada em Belém, e nesse decorrer de tempo muitos locais do CHB e entorno irão passar por obras de requalificação para receber o evento. Resta saber se a arqueologia será incluída e priorizada durante essas intervenções.

No campo das pesquisas acadêmicas, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPA teve vários trabalhos produzidos acerca da arqueologia histórica no CHB. Na dissertação de Rhuan Lopes (2013), intitulada “O melhor sítio da terra: Colégio e Igreja dos jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará – um estudo sobre a arqueologia da arquitetura”, o autor analisa a inserção deste prédio na paisagem colonial.

Glenda Fernandes em sua dissertação “Um buraco no meio da praça: múltiplas percepções sobre um sítio arqueológico em contexto urbano-amazônico - o caso de Belém-Pa”, estudou a relação do público com o sítio da igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Homens Brancos, fazendo uma etnografia junto às pessoas que vivenciavam cotidianamente a Praça do Carmo, seja por lazer ou trabalho (Fernandes 2014). A mesma autora, em sua tese “Arqueologia contemporânea e suas possibilidades: o caso da Capela Pombo em Belém-Pa”, analisou a biografia dessa ermida, como cultura material do ponto de vista arqueológico, refletindo sobre mudanças e esquecimentos, além de observação da dinâmica de trabalhadores e transeuntes da Travessa Campos Sales e suas relações com a edificação (Fernandes 2022).

Na dissertação “Porto, Água e Vida: Paisagem, Sensorialidades e Transformações de uma Zona Portuária Amazônica (Cidade Velha, Belém, Pará)”, Sabrina Costa (2019) realizou um estudo da paisagem de uma zona portuária da Cidade Velha situada no entorno do Mercado do Porto do Sal e da Igreja do Carmo. Por meio de memórias e vivências, a autora explana sobre as formas de organização, adaptação e sociabilidade das comunidades dessa área, com foco na produção material humana que cria camadas de registro arqueológico.

Cibelly Figueiredo, em sua tese: “A ação do PAC 2 Cidades Históricas e a governança municipal na Amazônia: o caso da Praça do Carmo em Belém, PA” investigou como os moradores e frequentadores deste sítio histórico, que constantemente sofre ações de controle das esferas governamentais, participavam das tomadas de decisões nas intervenções do espaço (Figueiredo 2022).

Como mencionado, temos um vasto campo de pesquisas desenvolvidas nos últimos anos na área da arqueologia histórica no CHB, muitas delas na Avenida Boulevard Castilhos França, onde se localiza meu objeto de estudo, o edifício dos Mercedários. Fruto do “Projeto de Levantamento e Prospecção Arqueológica na Igreja e Convento dos Mercedários, Belém/Pa”, coordenado pelo professor Diogo Costa, esta pesquisa integra uma das etapas do Projeto Executivo de Restauração e Reabilitação da Igreja e Convento de Nossa Senhora das Mercês executado pelo LACORE/UFPA. O estudo do patrimônio arqueológico nessa área se fez necessário, devido às obras de conservação e restauro que a igreja e convento dos Mercedários estão passando, servindo o projeto arqueológico “de suporte para a elaboração do Projeto de Restauro Arquitetônico e dos demais projetos complementares e para o planejamento das futuras intervenções restaurativas no conjunto” (Costa 2020:3).

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida nesse trabalho constituiu-se no sentido de abarcar parte do que foi proposto neste projeto e ampliando para um estudo focado em como o patrimônio cultural material Mercedários UFPA é apreendido de formas particulares pelas pessoas que usufruem dele ou estão próximas a ele em seu cotidiano, fazendo um percurso histórico sobre os grupos que ocuparam esse espaço, que atividades eram desenvolvidas no local e como se deu a expansão urbana no bairro da Campina. Sendo que, também foi efetuado o reconhecimento arqueológico da área por meio do levantamento com georadar, sondagem arqueológica, acompanhamento das obras e análise em laboratório dos materiais coletados.

Segue abaixo segue o mapa (Figura 1) com os locais do CHB e seu entorno que receberam acompanhamento arqueológico durante obras de requalificação desses espaços.

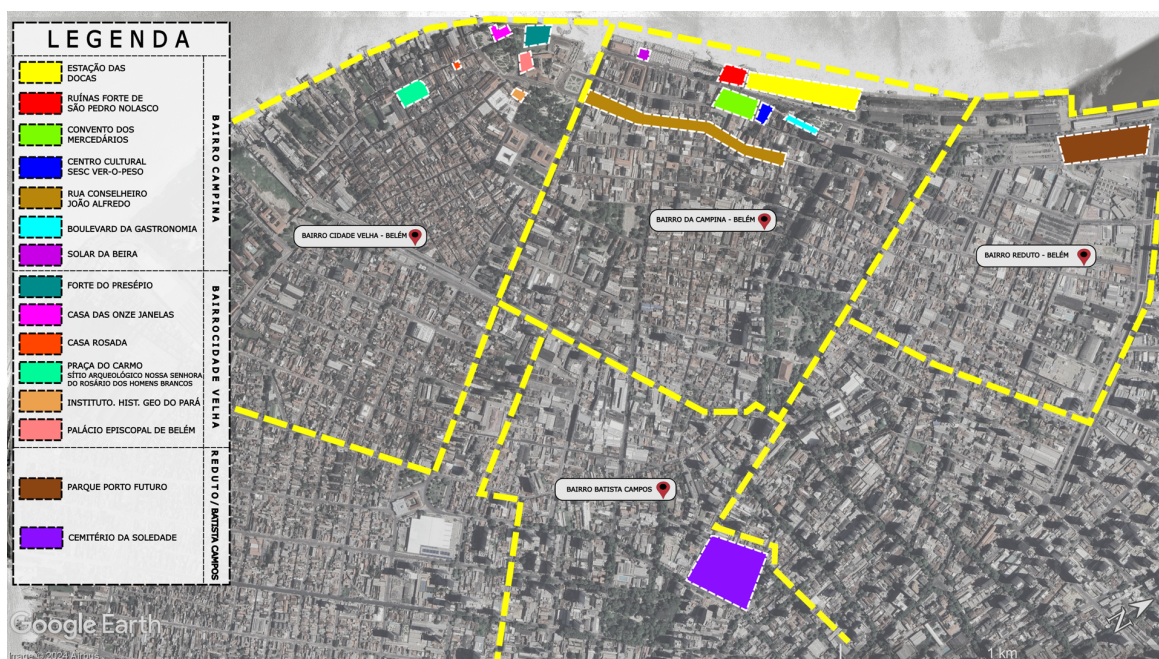


Figura 1: Mapa dos locais em que ocorreram acompanhamento arqueológico no Centro Histórico de Belém e entorno. Desenho: Gabriel Santos, 2024.

1.2 – A relação entre pessoas e coisas

O estudo da relação entre pessoas e coisas⁵ cada vez mais vem ganhando espaço na área das ciências sociais. A Antropologia, a História e a Sociologia passaram a perceber que os objetos não servem apenas como cenário para a ação humana, mas são essenciais para que essa ação ocorra. Em contraponto, Chris Gosden e Yvonne Marshall (1999) debatem que nas disciplinas de arqueologia e arquitetura, a cultura material sempre foi um foco central de interesse, porém, com abordagem mais concentrada nas características morfológicas e funcionais dos objetos. No campo arqueológico, buscou-se dar sentido ao mundo do objeto por meio da análise de atributos como função, datação e estilo.

Nesse arcabouço teórico, a partir da década de 1990, Camila Souza e Carolina Dias (2022) abordam a historiografia dos estudos sobre cultura material, também conhecida como antropologia dos objetos, que trouxe discussões de pensadores com novas roupagens para definição desse materialismo. O trabalho de Alfred Gell (1992, 1998) influenciou o debate sobre o papel de como a arte está ligada à tecnologia, apresentando no “encantamento da tecnologia”, o virtuosismo técnico pelo qual a coisa foi feita.

⁵ Embora os conceitos de “coisas”, “objetos” e “artefatos” sejam distintos e tratados de diferentes maneiras por diferentes autores, optou-se por utilizá-los como sinônimos nesse trabalho, pois não se trata do foco principal das discussões.

Gosden e Marshall (1999) propõem uma análise que aborde as interações entre pessoas e objetos, não tratando estes como passivos e inertes, mas dotados de agência, pois eles constroem e influenciam a ação social, na medida em que não ocorreriam caso não existissem. Assim, acredita-se que “os objetos não apenas mudam ao longo de sua existência, mas frequentemente têm a capacidade de acumular histórias, de modo que o significado presente de um objeto deriva das pessoas e eventos aos quais está conectado”⁶ (Gosden e Marshall 1999:170).

Tim Ingold (2007, 2012) faz uma crítica da agência material e do uso da palavra “objeto”. O autor propõe a retomada da noção de “coisa” para dominar o mundo material, pois esta é dotada de vida e, ao reduzir as coisas a objetos, é retirado desta a materialidade de seus processos vitais. No campo da arquitetura, um ambiente construído como uma casa, por exemplo, “é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião” (Ingold 2012: 30). Assim, nossas experiências arquitetônicas se dão no processo do habitar, nas relações humanas com as coisas.

Para alguns autores que adotam o conceito de agência material, como Magda Ribeiro (2013) e Anthony Harding (2016), conseguimos pensar os objetos a partir de uma história biográfica, quando os identificamos como possuidores de uma vida social. Eles são, simultaneamente, receptores e produtores de valores, ou seja, tem significância equivalente às das pessoas na interação com as mesmas. Desta maneira, na relação entre pessoas e coisas há uma biografia mútua. Significados e valores são acumulados e transformados, os objetos trazem em si fios de vidas antigas e pensar a respeito disso torna-se um exercício de compreensão da agência da materialidade sobre nós.

Nos debates da arqueologia contemporânea tem sido mostrada a influência da cultura material na sociedade, evidenciando a relação entre sujeito e objeto. Lidando com os aspectos tangíveis e concretos da produção humana, a cultura material desempenha papel ativo nos sistemas socioculturais, logo, os objetos não são meramente passivos. Deste modo, os estudos de cultura material, ultrapassam a arqueologia e compõe na atualidade um campo muito mais amplo e transdisciplinar, que pesquisa a produção material da humanidade do passado e do presente, voltada para todos os aspectos das relações entre o material e o social (Lima 2011).

⁶ A tradução é minha. Todos os demais trechos em língua inglesa foram, igualmente, traduzidos.

Logo, como define Daiane Pereira (2019), o patrimônio arqueológico é uma fonte de estudos das sociedades passadas, mas não somente isso, ele também é um aprofundamento da nossa compreensão da relação desse patrimônio na atualidade. Para Dan Hicks e Audrey Horning (2006), a estrutura construída representa uma parte muito significativa dos vestígios materiais, cujo estudo merece ser integrado com a análise de sítios, artefatos e paisagens com contribuições transdisciplinares aos estudos das relações dos humanos com esses edifícios.

Os significados dos objetos ou edifícios mudam de uma situação, período ou perspectiva para outra (Hicks e Horning 2006). Quando tratamos da materialidade de objetos e espaços, estes não funcionam apenas como suportes, mas também como meios de produção de formas de autoconsciência individual e coletiva. Ao pensar os objetos e artefatos dotados de poder de agência, conferimos-lhes capacidade de desencadear efeitos na vida social, desempenhar um papel em tudo o que fazemos, ou seja, as pessoas e objetos estão emaranhados (Gonçalves 2015; Harding 2016).

Os estudos mais recentes de arqueologia que se debruçam sobre os princípios da agência dos objetos, buscam compreender o modo como as pessoas reproduzem seu ser e suas relações sociais por meio das práticas cotidianas, que acontecem dentro de contextos históricos herdados do passado. Isso inclui memórias e hábitos, em que os agentes são dotados de valores que influenciam seu modo de agir e restringem suas ações. Na prática destas ações, eles reinterpretam e redefinem as condições materiais das estruturas herdadas de significado e consciência histórica (Souza e Dias 2022: 220).

Na arquitetura, quando se trata da área de conservação e restauro do patrimônio material, o foco recai sobre os materiais e a busca incessante por sua preservação. Eu enquanto arquiteta e tendo realizado minha pesquisa de mestrado nesta área, sempre estive com o olhar voltado para esses aspectos dos artefatos. Ainda no campo de estudo da cultura material, agora na área da arqueologia, tenho me direcionado para um enfoque na biografia do objeto relacionado com as histórias humanas. Pois se podemos contar a história de vida de um indivíduo, por que não fazer o mesmo com um edifício? Logo, podem ser abordados a duração do edifício ao longo do tempo, as mudanças de uso, continuidades, os sujeitos que ali estiveram no passado e os que estão no presente, as memórias e quem sabe algo oculto nas suas paredes e sob suas fundações.

Symanski (2007) aponta dois tipos de comunicações que a organização de um espaço interior de uma casa pode expressar: a comunicação canônica e a comunicação indicadora. A primeira está relacionada aos aspectos do interior da casa, a segunda foca principalmente sobre as áreas e elementos mais públicos, como a própria fachada. Tanto os elementos fixos (as

estruturas imóveis, como a casa), mas também os semifixos (os artefatos imóveis) podem expressar esses dois tipos de comunicações.

Para a comunicação canônica, as casas, assim como outros elementos da cultura material, são veículos por meio dos quais as estruturas sociais e categorias culturais alcançam existência sensorial. Ela fornece uma armação material, que estrutura além das interações do dia a dia, os menos frequentes rituais do grupo que residem ali. É uma comunicação simbólica que expressa conceitos comuns aos participantes de um dado sistema cultural. Na comunicação indicadora, a emissão de mensagens é direcionada a indivíduos externos ao domicílio, fornecendo informações sobre a identidade social do grupo doméstico, expressa em variáveis como a sua riqueza (Symanski 2007).

Partindo destes pressupostos, a pesquisa aqui se desenvolve com o estudo do edifício Mercedários como coisa material, portadora de agência e a relação das pessoas com este objeto. Podemos identificar esses dois tipos de comunicações no edifício dos Mercedários no exercício de compreender como esta materialidade transmite um significado para usuários e não usuários do prédio. Sendo assim, pode ser estabelecida uma comunicação canônica entre o Mercedários/UFPA e as pessoas que utilizam esse espaço, seja trabalhando ou estudando no local. Na mesma medida em que, a relação das pessoas que trabalham ou passam pelas proximidades, exerce uma comunicação indicadora.

Inúmeras pesquisas que tratam da relação do público com sítios históricos na Amazônia foram e vem sendo desenvolvidas por docentes e discentes do PPGA. A observação do cotidiano de moradores do sítio histórico de Joanes, na Ilha do Marajó, discutindo as relações entre memória social, patrimônio arqueológico e experiências fantásticas por Márcia Bezerra (2011; 2017), Flávio Silveira e Márcia Bezerra (2012) e Maíra Airoza (2016) são alguns exemplos. Em Belém, além dos trabalhos que abordam o CHB, já mencionados aqui, também destaco a dissertação de Sabrina Santos (2019) intitulada “Memórias e esquecimentos na “Fazenda Velha”: O sítio arqueológico-histórico Engenho do Murutucu”, em que a autora faz uma abordagem da arqueologia da memória com interlocutores que trabalham ou residem nas proximidades do sítio e a aparição de visagens nas mediações do engenho.

Nesse cenário, a investigação da relação das pessoas com o Mercedários UFPA teve como foco inicial identificar a invisibilidade ou não identificação do edifício perante o público que circula ou trabalha em suas proximidades. Isso estaria relacionado ao fato dele ter passado vários anos fechado? Qual a visão que elas têm de fora do edifício? Como as pessoas entendem esse prédio?

Também buscou-se compreender outros pontos relacionadas às pessoas que usufruem do espaço. As questões diziam respeito principalmente às experiências pessoais dos entrevistados com o edifício e opiniões sobre os seguintes temas: como a agência dos elementos arquitetônicos do edifício sobre as pessoas: quais seriam os elementos arquitetônicos que chamam a atenção delas no prédio? Qual o impacto que esse prédio tem no dia a dia delas? Outro tema abordado, bastante comum em se tratando de edifícios e sítios históricos, são os relatos acerca de visagens que assombram o local.

1.3 - Metodologia para pesquisa qualitativa: coleta e análise de dados

Optei por utilizar o método qualitativo de produção de dados com entrevistas semiestruturadas, transcrição e interpretação das informações contidas nos relatos orais. Essa abordagem metodológica proposta pretendia aprofundar o entendimento da relação do público com o edifício do Mercedários. Renata de Godoy (2012:53) indica que “Uma das estratégias utilizadas para a coleta de dados foi interagir diretamente com os indivíduos por meio de entrevistas semiestruturadas. Também conhecida como entrevista centrada na pessoa”.

Esse método é ideal para descobrir diferentes pontos de vista sobre determinado assunto (Godoy 2012). De acordo com H. Bernard (2006), a interação semiestruturada é aquela em que a entrevista se desenvolve a partir de perguntas e respostas, com a finalidade de controlar a entrada de informações que irão desencadear a resposta dos interlocutores, para que a saída (as respostas) possa ser comparada de forma confiável.

George Gaskel (2015) aponta que nas pesquisas que envolvem entrevistas, a interação entre interlocutores, pesquisadores e o contexto em que elas ocorrem irá influenciar nas falas dos entrevistados. Assim, deve-se levar em consideração a influência do pesquisador tanto no trabalho de campo quanto nas análises das entrevistas. Em vista dessa compreensão as conversas foram conduzidas de maneira não opressora e impositiva, para que o interlocutor não sentisse desconforto perante o conteúdo mediado.

Levando-se em consideração que haveria uma interação com diferentes grupos, o método semiestruturado contribuiu para a opção de temas que seriam incluídos, variando de acordo com cada grupo entrevistado (Godoy 2012). Desta maneira, as entrevistas seguiram uma estrutura básica com roteiro previamente elaborado, mas para cada grupo abordado a quantidade de perguntas variava. Todas as entrevistas foram registradas por meio de aplicativo de gravador de áudio em celular e os entrevistados assinaram um termo de autorização do

depoimento para estudo e divulgação das falas. O documento redigido segue o modelo usado por Santos (2019) em que constam nome, assinatura, data e a identificação do áudio⁷.

Em um primeiro momento foram realizadas entrevistas no mês de dezembro de 2020, com seis interlocutores, sendo dois operários das obras que aconteciam no espaço e quatro alunos. As indagações buscaram identificar como eles experienciavam esse local, que sensações e sentimentos o espaço lhes evocava, se conheciam o edifício antes de estudarem ou trabalharem nele.⁸ Posteriormente, com o objetivo de abranger perspectivas variadas, em novembro e dezembro de 2023, expandiu-se o público de entrevistados, divididos estes em duas categorias: usuários e não usuários do edifício. Nesta ocasião, foram entrevistados trinta indivíduos, sendo que dez trabalhavam no edifício, oito eram alunos que estudavam no local, oito pessoas que trabalhavam no entorno e quatro transeuntes que passavam pela Avenida Boulevard Castilhos França, na calçada defronte ao edifício Mercedários e na frente do Sesc Ver-o-Peso.

De acordo com Godoy (2012: 54) “seis é o número real de entrevistas que geralmente atingem a saturação de dados para tamanhos de amostras não probabilísticos”. Pensando nisso, procurei em cada grupo de respondentes, alcançar pelo menos seis pessoas, sem extrapolar em demasia essa quantidade. O número de transeuntes foi reduzido porque percebi que passavam com pressa para algum compromisso, sem disponibilidade de tempo para interação, e os que aceitaram participar forneciam respostas bastante curtas.

Entre os alunos entrevistados, optei por escolher quatro alunos que estavam no primeiro ano da graduação e quatro alunos que estavam no último ano, para verificar se há uma mudança de visão entre aqueles que estão tendo um primeiro contato com o edifício, em relação aos que já frequentam há mais tempo o local. Três das alunas entrevistadas que estavam no último ano, também participaram das entrevistas em 2020, com intuito de observar se houve diferença em suas percepções.

Entre as trinta pessoas entrevistadas, todos são maiores de idade e nasceram no Estado do Pará. A maioria é natural do município de Belém (70%) e tem entre 30 e 40 anos (33, 33%). O grupo de profissionais respondentes que trabalham no edifício é formado por: um Agente de Portaria, um Carpinteiro, dois Professores, uma Tecnóloga em Conservação e Restauro, uma

⁷ Nos anexos deste trabalho encontram-se o quadro com as perguntas e a ordem em que foram realizadas, assim como o modelo do termo de autorização.

⁸ Consta em anexo o roteiro utilizado.

Assistente Administrativa, uma Secretária, uma Técnica Administrativa, um Administrador e um Técnico em Tecnologia da Informação.

Na categoria de não usuários do prédio foram entrevistadas oito pessoas que trabalhavam no entorno: na esquina da Tv. Frutuoso Guimarães com a Rua 15 de Novembro, na Praça Visconde do Rio Branco (na esquina da Tv. Frutuoso Guimarães com a Rua Gaspar Viana) e na Avenida Boulevard Castilhos França, na calçada da Estação das Docas. Esses indivíduos são compostos por: dois Vendedores de Coco, um Camelô, um Taxista, uma Designer de Sobrancelhas, um Artesão de Rua, um Guardador de Carros e um Vendedor Ambulante de café. Entre os quatro transeuntes não foi perguntado a profissão, mas dois deles trabalhavam em um café situado na Avenida Boulevard Castilhos França, ao lado do Sesc Ver-o-Peso, e os outros dois não costumam passar com muita frequência pela área.

As entrevistas com os indivíduos que trabalham e estudam no Mercedários ocorreram no próprio prédio, em ambiente calmo, com planejamento prévio e horário agendado. Com o público externo, as entrevistas aconteceram nas proximidades do edifício, em um ambiente ruidoso e movimentado. As pessoas foram abordadas casualmente, e a entrevista ocorreu e imediatamente após a abordagem.

Em todos os grupos a entrevista começou com perguntas pessoais sobre o entrevistado: nome, idade, local de nascimento e bairro onde reside. Foram feitos questionamentos como: Onde você mora? Por quanto tempo viveu lá? Há quanto tempo trabalha aqui? Essas perguntas pretendiam explorar o grau de vínculo com a cidade e com a localidade onde trabalham ou estudam. Segundo Godoy (2012) a razão para não estimular desde o início perguntas sobre o patrimônio é uma estratégia importante que pretende experimentar até que ponto os entrevistados realmente valorizam ou reconhecem a área estudada. Não estimular desde o início os pensamentos dos entrevistados sobre o patrimônio cultural aumenta o potencial para receber uma opinião menos tendenciosa, apoiada pela sua experiência individual genuína.

Em geral, os questionamentos variaram, e dependendo da adesão do entrevistado, outras perguntas e comentários foram feitos para incentivar a conversa ampliando a oportunidade de encorajar o indivíduo a falar além de apenas responder a uma pergunta, o que fornece dados adicionais, uma vez que escolhas específicas de assunto ou mesmo falta de reação acrescentam informações. Durante a análise das entrevistas, o objetivo foi compreender as percepções do público sobre cada assunto selecionado, procurando assuntos recorrentes nas falas dos respondentes. Optei por usar citações diretas para que o processo analítico fosse mais direto e compreensível (Godoy 2012).

1.4 – Mercedários UFPA: relações vivenciadas na contemporaneidade

1.4.1– O público das proximidades

A pesquisa realizada com o público externo permitiu perceber os usos diários do espaço público circundante, reconhecendo as atividades humanas que ocorrem na área estudada, como um todo (Godoy 2012). Quando conversei com os não usuários do edifício, optei por realizar as entrevistas pela manhã, devido ao maior movimento na área ser neste período e também para fugir da chuva da tarde. Observei que neste horário, há ao redor da praça Visconde do Rio Branco, popularmente conhecida como Praça das Mercês, um intenso trânsito de pessoas e veículos, muitos destes ficam estacionados ao redor do Conjunto Mercedários.

Entre os que trabalham nas proximidades do local, têm-se: guardadores de carro, ambulantes, vendedores de água de coco e de lanches, prestadores de serviços e taxistas. A Praça da Mercês é um local de espera e trânsito de pessoas, algumas passam por ali e seguem seu caminho, outras se sentam nos bancos da praça para falarem ao celular, e muitos camelôs trabalham ao redor da mesma.

O constante fluxo de pessoas no centro comercial de Belém perpassa pela Rua Gaspar Viana, no perímetro em que está situada a fachada da Igreja das Mercês e os fundos do Mercedários UFPA; e pela Tv. Frutuoso Guimarães, no perímetro da lateral da Igreja das Mercês. Ao longo da Avenida Boulevard Castilhos França, onde está situada a fachada do prédio e o portão principal de acesso, há um intenso fluxo de veículos, no entanto um menor fluxo de pedestres transitando pela calçada defronte ao edifício. Assim, como há um reduzido fluxo de pessoas circulando pela Tv. Padre Prudêncio, no perímetro que abrange a lateral da antiga alfândega.

Nestas áreas menos movimentadas pelos transeuntes, observei que existem alguns usuários de drogas e alguns moradores de rua. Isso pode explicar por que a maioria das pessoas que caminham a pé pela Avenida Boulevard Castilhos França, optam por andar pela calçada da Estação das Docas. Além disso, deste mesmo lado tem uma parada de ônibus próxima e o próprio Mercado do Ver-o-Peso.

Entre os interlocutores que trabalham pelas redondezas do edifício Mercedários, cinco são naturais de Belém e dois deles nasceram no interior do estado, nos municípios de São Miguel do Guamá, Chaves e um deles na vila de Jarilândia distrito do município de Vitória do Jari no Estado do Amapá, mas residem na capital há mais de quarenta anos. Metade dos indivíduos já trabalham no local há mais de vinte anos e a outra metade há pouco tempo, entre

um mês a quatro anos. Entre os transeuntes abordados, dois são naturais de Belém e dois do município de Cametá, morando na capital entre cinco e sete anos.

A maioria dos entrevistados se limitou a respostas curtas, restringindo-se a falarem aquilo que presumiam ser relevante e informativo. Apesar de eu ter os estimulado a falarem mais a respeito do assunto, acredita-se que o fato do momento das entrevistas os mesmos estarem ocupados, em horários de expediente de trabalho, ou transitando com pouca disponibilidade de tempo, influenciou na falta de aprofundamento das respostas. Diferentemente do que ocorreu nos encontros com os interlocutores que trabalhavam ou estudavam no Mercedários, pois como estes dispunham de tempo e lugar conveniente para as entrevistas, foi possível conseguir detalhes muito mais ricos a respeito de suas experiências pessoais.

“Os monumentos são marcadores territoriais dotados de sentidos, sagrados ou profanos e representam simbolicamente traços culturais de uma época, de um povo, expressando visão de mundo, estilos e arquitetura próprios” (Castro e Magalhães 2020:124). Segundo Barreto (2010), as edificações coloniais, como as igrejas e fortes são bens patrimoniais de grande apelo visual. Entre os prédios que mais chamam a atenção das pessoas nessa área, a maioria citou a Igreja das Mercês, seguido da Alfândega, casarões históricos em geral, Estação das Docas, Solar da Beira e Sesc Ver-o-Peso. A igreja foi citada por todos os entrevistados que trabalham na esquina da Praça das Mercês.

Nós vê um prédio bonito mesmo assim antigo é a igreja né, que chama mais atenção das pessoas aqui. Pelo patrimônio histórico que é muito antigo aqui de Belém (Edmilson Miranda, vendedor de coco. Esquina da Rua 15 de Novembro com Travessa Frutuoso Guimarães, 21/11/2023).

Olha, o que chama mais atenção é a igreja, que dá muito turista aqui, que vem olhar (...) Principalmente aqui pelo círio que deu tanta gente aqui pra visitar essa igreja. Quase todo dia chega gente aí pra visitar a igreja (Davi Oliveira, taxista. Esquina da Rua 15 de Novembro com Travessa Frutuoso Guimarães, 21/11/2023).

A Igreja das Mercês. Porque é um lugar que eu me sinto bem, a arquitetura dela é muito bonita, eu gosto muito (Aline Prestes, designer de sobancelhas, Esquina da Rua 15 de Novembro com Travessa Frutuoso Guimarães, 21/11/2023).

A igreja aqui né, mas ela tá assim ó. Essa situação, abandonada. Delegacia também. Porque eu acho assim, que a igreja devia ser mais né, melhoria nela que não tem. E ela tá caindo já, ó. E ninguém faz nada (Raimundo Silva, camelô. Esquina da Rua Gaspar Viana com Travessa Frutuoso Guimarães, 21/11/2023).

Foi possível perceber que o reconhecimento da igreja ocorreu pela sua representatividade histórica, arquitetônica e pelo contato com o espaço, visto que a maioria também me relatou já ter adentrado ou costuma frequentar o templo. Apesar de nenhum desses trabalhadores da esquina da praça citar o edifício Mercedários, quando apontei para o prédio e perguntei se sabiam algo a respeito dele, uma pessoa desconhecia; outro tinha conhecimento que havia sido um convento, depois alfândega e agora universidade; e os demais o identificavam apenas pelo uso enquanto alfândega.

Aí do lado era um convento há alguns anos atrás né, que faz parte da igreja também. Era um convento. (...) Olha eu não posso lhe informar em detalhe, porque aí funcionou também mais lá na frente a alfândega né. Passou muitos anos alfândega, aí saiu daí e foi lá pra São Brás. Ali onde era a alfândega, tem uma parte ali da universidade. Mas eu não sei o que é que funciona lá (Davi Oliveira, 21/11/2023).

A alfândega né (Edmilson Miranda, 21/11/2023).

Só sei que é a alfândega. De vez em quando o pessoal tão guardando mercadoria aí. Aí fecham de novo. (...) aí eu acho que é um depósito de mercadoria que a polícia dá batida, aí pega e guarda aí, aí depois não sei o que fazem (Raimundo Silva, 21/11/2023).

Entre os trabalhadores da Avenida Boulevard Castilhos França, todos tinham conhecimento do uso do prédio como alfândega. Dois deles o citaram como local que chama atenção, esse motivo pode estar relacionado ao fato de serem os únicos que tiveram a oportunidade de adentrar no prédio. Um deles, Defferson Pereira, 45 anos, mora há dois meses na Rua Riachuelo, no bairro da Campina. Mas contou que costumava frequentar a área desde os quinze anos de idade.

O que chama atenção são os casarões da parte de dentro do comércio e da Cidade Velha. São as casas pequenas, não são nem os casarões são as casas pequenas. E um dos casarões que me chamou bem a atenção é o que eu tô morando ultimamente agora. **E dessa rua especificamente, dessa rua que você trabalha?** Dessa aqui é a Alfândega. **E por que? Por qual motivo ele chama sua atenção?** É, pela fachada né, a estrutura histórica dela, assim, ela chama bastante atenção. A fachada ela tá meio deteriorada agora, mas mesmo assim ela tem uma história né, ela chama bastante atenção pela história dela. **O que que você sabe sobre a história do local?** Da história dela eu ainda não sei, ainda não pesquisei ainda. **Você já entrou aí?** Já, já entrei. **Quando foi que você entrou aí?** Tem uns dois meses atrás. **E por qual motivo você entrou aí?** Eu fui junto com um amigo meu, que faz... ele tá estudando restauração aí, pela faculdade. **Quando você entrou o que que você achou lá dentro, era alguma coisa que você já imaginava que fosse assim? você surpreendeu?** Não, eu já imaginava o que fosse sempre, pela casa que eu estou morando agora né, que é um casarão histórico, aí o piso de madeira antigo né também, aí não me surpreendi muito porque é bem parecido aqui

com a casa que estou morando agora. **E o que que você achou de lá, do espaço em si quando você entrou?** Não, eu não me surpreendi muito, porque eu já entrei em outros aqui assim né, então eu não me surpreendi muito. Mas é bem bonito também, é bem bonito. **Então você sabe o que funciona aí hoje né?** Hoje é um polo da universidade, é... federal do Pará. **Você ficou sabendo através do seu amigo?** Não, não. Eu já sabia antes. **Tem algo mais que você gostaria de me dizer sobre esse espaço aqui em si? Sobre essa área, sobre a Alfândega...** É ... o mais que eu tenha dizer é que eles tão... é vão fazer uma restauração recentemente agora né, até porque essa questão da COP⁹ que vai acontecer aqui né... aí vão fazer uma restauração bem bonita, é o que eu soube né, do que um amigo meu falou. Chegou bastante material e bastante recurso praí, pra deixar a fachada bem mais bonita, por dentro também (Defferson Pereira, Artesão de rua. Boulevard Castilhos França, na calçada da Estação das Docas, em frente ao Mercedários UFPA, 17/11/2023).

De imediato, Defferson cita as residências históricas como locais marcantes, provavelmente pela sua experiência de atualmente residir em uma casa desta tipologia. Mas quando me refiro especificamente a rua em que estamos, ele menciona o edifício Mercedários como relevante pelas características de sua fachada, atribuindo-lhe um valor histórico. Com essa informação podemos retomar o conceito de comunicação indicadora proposto por Symanski (2007), em que os elementos mais públicos, como a própria fachada, emitem uma mensagem aos indivíduos externos.

O outro trabalhador que conhecia o espaço chama-se Max da Silva, 38 anos, ele trabalha como guardador de carros na Avenida Boulevard Castilhos França, há 23 anos. Max aciona as categorias “coisas antigas”, “coisas do tempo de escravos” para se referir ao que viu dentro do prédio, associando a imagens assistidas em filmes. As “ruelas” citadas, provavelmente correspondem aos corredores internos da edificação.

Há quanto tempo você trabalha aqui nessa área? Olha, aqui eu trabalho desde os meus 15 anos. Mas só que eu não trabalho assim direto, sempre, eu ... às vezes eu me empregava, só que agora meu pai vai parar agora, aí vai passar pra mim, aí vou ficar direto já, por tempo indeterminado. **Aqui dessa área, dessa rua onde a gente tá, quais são dos pontos turísticos, edificação histórica, que mais chama sua atenção?** Olha, aqui o que eu sempre trabalhei foi da alfândega, aqui o terminal antigo que agora é a Estação das Docas né. Acho que é mais... coisas que tem aqui. Agora aqui não é mais, a antiga alfândega foi vendida né, agora tá sendo a universidade UFPA. Essa área aqui é bem antiga, agradável pra gente aqui. **Sobre aqui a alfândega, o senhor já entrou aqui?** Já, já. Umas duas vezes já entrei aí. Mas não conheço todas as partes, algumas partes só que eu trabalhei, fui descarregar umas coisas aí. **E você conhece o que que ele foi aí sem ser alfândega e sem ser agora universidade, alguma coisa que ele foi antigamente?** Não, só quando foi antiga alfândega, outros mais antigos eu não entrei não. **Das vezes que o senhor entrou aí qual foi o motivo?** Pra trabalhar, fazer uma diária. Que um

⁹ 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-30), será sediada em Belém em 2025.

homem me contratou pra fazer uma diária. Negócio de obras no tempo que tava renovando aí. Trabalhando pra restauração aí de dentro. Foi uns anos atrás, tá fazendo uns 9 anos atrás, faz um tempo, um bom tempo. **E quando o senhor entrou aí o que chamou mais sua atenção, o que o senhor gostou?** Ah tem umas coisas antigas aí. Tem um lugar aí que é tipo assim tem coisas antigas, tipo ruelas assim de... tipo assim de coisas do tempo de escravos. Tipo assim essas coisas antigas, que eu percebi que tinha né. Que tem aí. Eu reparei que era, é coisa muito antiga aí, como a gente vê em filme as vezes né, coisa antiga, por aí (Max da Silva, 21/11/2023).

Moisés dos Santos, Davi Oliveira e Raimundo Silva nunca entraram no local, mas tem curiosidade em conhecer. Moisés tem um conhecimento vago do que foi no passado e o que funciona hoje no local:

Eu já ouvi histórias que aí era uma cadeia, de pessoas que tentavam trazer mercadorias clandestinas e prendiam aí. Mas parece que com o tempo mudaram o nome e o prédio virou uma escola né. **Você sabe o que funciona aí hoje?** Aí é uma escola, que eu vejo é uma escola. **E você teria vontade de entrar aí, tem curiosidade de saber o que funciona aí hoje?** Tenho, tenho muita curiosidade. Até apesar que tipo é como eu lhe disse entende, as histórias que eu ouvi é que isso aí era uma cadeia, entende. Aí que as pessoas ficavam presas, pessoas que tentavam vim com mercadorias aí de fora, de outros bairros ou daí desses interiores, e eles eram presos aí, essa é a história que eu sei daí. Aí parece que mudaram o nome, que não era esse nome (Moisés dos Santos, vendedor de coco da Avenida Boulevard Castilhos França 21/11/2023).

Os outros não demonstraram curiosidade em conhecer, um deles justificou como motivo por que o local se encontra em fechado.

Não, nunca me deu essa curiosidade não (Aline Prestes, 21/11/2023).

Aqui da Boulevard Castilhos França, desses prédios históricos qual chama mais sua atenção? Daqui mesmo? **Sim** O Solar, o Solar da Beira ali. **E o senhor sabe o que é esse aqui, que a gente tá aqui na frente?** Esse é a alfândega. **E o senhor sabe outras coisas que ele foi no passado ou atualmente o que que funciona aqui?** Não. **E o senhor já entrou aí alguma vez?** Não, nunca. **E o senhor tem curiosidade de saber como é?** Pior que não (Claudio da Silva, vendedor ambulante de café da Avenida Boulevard Castilhos França, 21/11/2023).

O senhor tem conhecimento acerca desse prédio? Não, só conhecia porque trabalhava aqui e ouvia que era alfândega, que o negócio tava lá. **Mas você nunca entrou nessa parte que é alfândega né?** Não, não. **E você teria vontade de entrar na alfândega?** Agora não que tá fechado né, não é mais aberto. **Hoje ele não funciona mais como alfândega, agora ele é um polo da UFPA. Agora funciona um curso de conservação e restauro. O senhor tem conhecimento disso?** Não, só ouvi falar, porque o pessoal passava por aqui e queria entrar lá. Que não sabia onde era (Edmilson Miranda, 21/11/2023).

Em relação aos transeuntes entrevistados, uma das respondentes desconhece o que seja o prédio, mas imagina que seja uma igreja. Outro identifica a edificação como fazendo parte da igreja, ambos têm a ideia da construção como parte da igreja, sem dissociação.

Você costuma passar por essa rua no seu dia-a-dia? Agora porque eu tô trabalhando aqui. **Sobre esse prédio aqui, você sabe alguma coisa sobre ele?** Não, não sei. Desconheço (...) **Você sabe o que funciona hoje em dia nele?** Não, eu imaginei que fosse uma igreja, a extensão de uma igreja, algo assim, mas não tenho certeza (Cássia de Souza, 05/12/2023).

Você costuma passar por essa rua no seu dia-a-dia? No dia-a-dia não, mas quando eu saio, final de semana sempre tô na Estação, por aqui, porque eu morava antes na Cidade Velha, morei aqui um tempo, então de vez em quando eu tava por aqui. **Sobre esse prédio aqui, você sabe alguma coisa sobre ele?** Se eu não me engano tem uma igreja, não é? Eu só sei da igreja, outra coisa eu não sei se era. **Sabe alguma coisa sobre a história dele, o que foi no passado?** Não, só a igreja mesmo. Mas historicamente não sei não **E ele é um local que você notava quando passava por aqui ou nunca reparou?** Notava, notava, tanto que uma vez eu entrei na missa, que antes eu participava de uma festa¹⁰ que tinha aqui. Há uns quatro anos atrás, aí quando era de manhã eu ia pra missa (Paulo de Tarso, 05/12/2023).

Os demais têm conhecimento do local enquanto Superintendência do Patrimônio da União (SPU) e agora UFPA, e como Receita Federal e Ministério da Fazenda. Os dois respondentes que identificaram esses usos, já tiveram a oportunidade de entrar na edificação. Nelson Corrêa, 60 anos, disse que não costuma passar com frequência pela Avenida Boulevard Castilhos França, ele relatou que já havia estado no prédio há quinze anos atrás:

Ele era... ele foi do SPU que eu sabia, patrimônio da União, terrenos de marinha. Agora, se eu não me engano aqui é Universidade Federal do Pará. Eu sabia que era um órgão que tratava de... dos imóveis da União, de área de marinha. **O senhor sabe alguma história a mais sobre esse edifício aqui?** Não, isso eu não sei, que eu me lembre só isso, que eu saiba né (...) Eu visitei quando era SPU (...) Vim falar com um colega meu que trabalhava aqui, no órgão aí, SPU. **Tem alguma coisa que chamou sua atenção?** Não, que ele é aqueles prédios antigos, de madeira, tábua... mas tava conservado, arrumadinho, tudo organizado (Nelson Corrêa, 21/11/2023).

Charlly Silva, 39 anos, contou que frequentou o local em sua infância quando tinha em torno de 10 anos de idade, pois seu pai trabalhou lá. A memória que ele guarda do interior do local é a respeito do piso: “não sei se é o mármore o piso, mas era bem bonitinho. Algumas partes do piso não sei se o nome certo é lajota ou se é pedra, mas eram grandes”. Essa referência

¹⁰ A festa que o interlocutor se refere, acontecia em um bar situado na Praça das Mercês, esquina com a Rua Gaspar Viana, o local atualmente não funciona mais.

está associada ao piso do pavimento térreo da edificação, em pedra de lioz. Ele disse que costuma passar pela área, pois trabalha em um café ao lado do Sesc Ver-o-Peso, mas desconhece o que funciona atualmente no Mercedários.

Você costuma passar por essa rua no seu dia-a-dia? Aqui sim **Aquele prédio ali, você conhece ele?** Mercedários, conheço **O que você sabe sobre ele?** Só isso, que o nome é Mercedários. Mas uma parte da minha infância eu frequentei aí, que a minha mãe trabalhou um tempo aí, meu pai na verdade. Ele era segurança, porteiro. **E você sabe o que já funcionou aí dentro ao longo da história?** Olha, era alguma coisa relacionada a Receita Federal, Ministério da Fazenda esse prédio que pegou fogo, tinha uma ligação com ele também. Então meus pais eram funcionários da Receita Federal. E aí eu lembro que minha mãe trabalhava ali¹¹ e meu pai também. Só que às vezes ele vinha pra cá, serviço aqui de segurança. **E você lembra como era lá dentro?** Lembro, era bem organizado. Agora não sei. **Algum detalhe que você lembra, que chamou sua atenção?** É rústico lá dentro, todo organizado, mas assim peças antigas... não sei se é o mármore o piso, mas era bem bonitinho. Algumas partes do piso não sei se o nome certo é lajota ou se é pedra, mas eram grandes. É bem rústico lá dentro, estilo rústico. **E você sabe o que funciona aí atualmente?** Também não, não sei. Não sei se ainda é Mercedários ou se é alguma outra coisa. Sei que ainda funciona algo, que eu vejo gente entrando pra trabalhar. Mas não sei do que se trata. Na época, tinha até agência do banco pra pagamento dos funcionários, lá dentro. Não sei se ainda existe. **E quando você passa e passou por essa rua ao longo da sua vida, ele era um local que lhe chamava atenção ou passava despercebido?** É, sempre chamou atenção, só que antes chamava atenção de forma positiva. Hoje, como a maioria dos prédios daqui dessa parte estão ficando abandonados, né (Charlly Silva, 05/12/2023).

A entrevista com os transeuntes ocorreu em frente ao Sesc Ver-o-Peso, onde recentemente foi inaugurado o projeto Boulevard da Gastronomia. Dois dos entrevistados citaram o prédio e o novo espaço como locais que gostam na área. Dentre todos os entrevistados apenas uma pessoa citou as manifestações culturais como algo marcante.

Tem mais alguma coisa que você queira falar sobre essa rua? Algo que lhe chama atenção que você nota. Eu gostei agora desse espaço novo que abriu, que foi semana passada né. Aí eu vim aqui na abertura que foi sábado, que eu gostei. Até fiquei nessa área aqui onde a gente tá né. E eu gosto aqui da Estação e dá uma volta, no final de semana sempre tô aqui. É o meu point aqui (Paulo de Tarso, 05/12/2023).

Tem algo mais que você gostaria de falar dessa rua, sobre a questão histórica dela, o que chama atenção? Eu acho que a questão cultural, entendeu? Tem muitas relações indígenas, afros também presente. É... ontem, por exemplo, quando eu saí do trabalho tava tendo uma manifestação religiosa ali na escadinha do Ver-o-Peso. Então é bem interessante essas relações históricas aqui. **Quando você passa por essa rua no seu dia-a-dia, o que lhe chama atenção dos prédios?** A arquitetura, né. Acho que estão preservadas,

¹¹ O respondente apontou para a Estação das Docas.

especialmente. E, claro, a preocupação pelos que estão abandonados. Que é um espaço muito bonito e é o cartão postal também de Belém. **Qual o que mais te marca?** As cores, por exemplo, o Sesc. A cor amarela, azul chama bem atenção de longe, bem interessante (Cássia de Souza, 05/12/2023).

A grande maioria dos respondentes reclamaram do abandono do poder público, em relação a falta de conservação das edificações históricas, carência de limpeza das ruas, a inadequação na pavimentação das vias, a desorganização no trânsito e a presença de moradores de rua e usuários de drogas. Outra queixa recorrente, é sobre como esses problemas podem afetar negativamente o potencial turístico da região. Percebe-se nos relatos um discurso nostálgico sobre o lugar como espaço de comercialização e lazer, mas que houve uma queda nessas atividades ao longo dos anos devido a deterioração das estruturas materiais da área.

Os prédios são bonitos, o que falta é uma melhoria né, nós vemos que os prédios estão todos com falta de estrutura, falta de limpeza, falta de reforma né. Tudo isso tá faltando aqui. Se fossem prédios melhores eu acredito que mais turistas vinham pra cidade. Que por falta de não ter melhoria, os turistas já não vêm quase muito aqui. Tivemos muito poucos turistas que vem andar em Belém aqui agora, por causa dessa situação que se encontra Belém. (...) Olha, como eu vou te dizer, aqui já foi um espaço muito bom. A pessoa aqui, vinha o turista comprar as coisas aqui, passear por aqui. Hoje a gente já não vê muito isso por aqui mais. São as lembranças que nós temos daqui que já foi um lugar muito bom. E hoje em dia gente vê que tá tudo abandonado aqui. E a falta de estrutura, tá faltando muita estrutura aqui. E isso que faz falta aqui em Belém né, aqui nesses prédios tudinho aqui. Pessoal só vem aqui, bate foto e vai embora, já não querem mais entrar aí dentro. É isso que nós vemos aqui em Belém. É um espaço que eu trabalho aqui há muitos anos, já foi muito bom aqui, esse prédio aqui era SEFIN¹², aqui já foi um bocado de órgão aí dentro aí. Também tá tudo abandonado esses prédios. A SEFIN abandonou aqui, foi pro lado de lá. Esses prédios tão tudo assim, como as pessoas vão andar em Belém aqui agora? Que a pessoa só tá falando é mal daqui da cidade agora. Que fala, diz, égua, um prédio tão bonito aqui tão tudo abandonado, largado. Pessoal só vem falar mal, não bem da cidade. Que nós podemos falar da cidade? Nada de bom. Tamo numa cidade abandonada. Então é isso que eu tenho a falar mesmo, tá entendendo? Desde criança, desde menino, que eu vim pra cá, 13 anos. Esse lugar já foi muito de turista andar por aqui, mas hoje a gente já não vê muito mais. Vem poucos turistas andar por aqui já, porque vê tudo fechado, tudo abandonado aí, pichado as paredes tudinho. Então eu sinto a cidade, tá. Então é isso que eu tenho a dizer (Edmilson Miranda, 21/11/2023).

(...)porque a buraqueira que tá aí defronte a igreja né. É uma vergonha o turista que chega aqui em Belém e vem aqui fazer uma visita a igreja e vê uma decepção dessa aqui né (...). Aqui, o que tá faltando aqui é uma organização no trânsito pela prefeitura, SEMOB¹³, que tá uma avacalhada total né. Questão da igreja aí monte de moto parada aí, que quando chega gente pra

¹² Secretaria de Finanças do Município (SEFIN), o órgão funcionava em um histórico situado na esquina da Rua Quinze de Novembro com Travessa Frutuoso Guimarães.

¹³ Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (SEMOB).

visitar não pode nem entrar. O carro que tá aqui contramão... Não tem trânsito aqui em Belém né, tá avacalhado. O trânsito aqui em Belém tá como diz o ditado: entregue às baratas. Não tem fiscalização, não tem nada. Camarada para o carro como bem entende aqui. A gente que trabalha com táxi, às vezes, quer dobrar aqui e não consegue (Davi Oliveira, 21/11/2023).

Todo esse entorno aqui há muito que eu venho questionando isso, que a limpeza... Porque o mercado do Ver-o-peso é um ponto turístico internacional. Então vem pessoas de tudo quanto é lugar, e essa sujeira, essa imundície, essa fedentina, os vendedores mal trajados. Então isso leva um aspecto ruim, negativo para a cidade. Quando ver no turismo, o Ver-o-peso é o ponto turístico de Belém. É o ponto principal, e quando vem aqui é essa imundície, essa fedentina. Até aqui onde nós estamos, ali é só mijó. Que isso é um aspecto social que tem as pessoas que moram em rua. Mas os órgãos competentes poderiam tentar zelar por isso, amenizar, lavar ou arranjar outros lugares pra eles se acomodarem ou fazerem banheiro químico. Eu vim agora há pouco dali da Praça das Mercês onde funciona a SEFIM, eu fui sentar num banco lá da pracinha, mas não sentei. Muito fedor, cocô, cocô de ser humano, cocô de cachorro, mijó, uma fedentina geral. É uma parte central, onde passam muito turista, e eu não admito. Qualquer que seja o prefeito, e ele geralmente tem nível superior, e não olhar com carinho essa área aqui, que é o nosso ponto turístico. Praça do Relógio... todo esse entorno aqui. Se for ali naquele beco, Feira do Açaí, um dia desse que eu passei, nunca passei por aquela rua, ali era fedentina, era cocô, bosta... então faltava um olhar carinhoso pra nossa cidade. E porque o aspecto dela vai repercutir o que o povo é. Vão dizer o que? Que o povo é mal educado, é imundo, vive na lixeira, na imundície. Eu tenho sempre... era um apelo que eu faria pras autoridades né, municipais principalmente. De tratar isso aqui como se fosse a casa deles, porque é o nosso cartão postal, cartão de visita, onde já vieram artistas de fora e saíram falando mal. Que que nós podemos fazer? Nada, porque é uma pura realidade e é verdade, a gente vai querer esconder o sol com a peneira? Infelizmente não é a cidade tratada como deveria ser, pra quem ama a cidade, uma cidade tão bonita (Nelson Corrêa, 21/11/2023).

O abandono. Se você for aqui pra essa próxima rua¹⁴, você vai perceber o abandono de algumas edificações aí, que é patrimônio tombado, não pode ser mexido, aí fica abandonado, aí o que rola, mais a gente vê é morador de rua se drogando na rua. É... usando esses edifícios abandonados pra morarem, alguns pra consumirem drogas. Não é como era antes. Agora é perigoso andar por aí, e feio também. A gente passa ... até porque essa parte aqui é, digamos que é uma parte turística né. E já pensou os turistas andar aí pelo meio? corre o risco de serem assaltados ou mesmo que não sejam assaltados vão ver cenas assim que dá ... é triste de ver. Pessoas jogadas na sarjeta usando drogas ou bebendo ou simplesmente todas em situação de rua mesmo. Só isso (Charlly Silva, 05/12/2023).

Tem algo mais que você gostaria de dizer sobre esse local aqui onde você trabalha, o que você acha interessante? Só mesmo em relação a restauração da igreja né, que tá precisando. Que pra mim é uma lástima tá desse jeito né, bem deteriorada por fora. Por dentro tá bem né, mas por fora tá mais complicado. Somente isso mesmo (Aline Prestes, 21/11/2023).

¹⁴ O respondente apontou para a Rua da Indústria.

E o senhor tem mais alguma coisa que queira falar? É chato pelo que os nossos governantes deixam, como eles ficam né, em ruínas, tudo sujo, tudo abandonado. A única coisa chata é essa (Claudio da Silva, 21/11/2023).

E tem algo mais que o senhor gostaria de falar sobre aqui o centro histórico em si, sobre o local aqui que o senhor trabalha... O espaço aqui é esse no dia a dia. Tem mendigo dormindo aí o dia todinho. A praça também tá numa situação difícil. É isso aí só (Raimundo Silva, 21/11/2023).

Conforme o exposto, para os indivíduos do grupo de não usuários do edifício Mercedários, uma vez que todos carecem da relação de usufruir do espaço cotidianamente, a maioria não citou o prédio de imediato como local marcante. Contudo, grande parte sabe identificá-lo, principalmente pelo uso do mesmo enquanto alfândega. A inscrição na fachada do mesmo com a palavra “Alfândega” pode ser um fator contribuinte para essa identificação.

Podemos considerar, diante dos depoimentos que o edifício não pode ser considerado invisível, nem tampouco não identificável. As pessoas têm uma visibilidade construída a partir de suas experiências pessoais com essa paisagem, elas veem o prédio a partir de seu próprio referencial. O respondente que o identificou como Ministério da Fazenda e Receita Federal, traz essa referência de sua infância pelo fato do seu pai ter sido funcionário desses órgãos. Assim como o interlocutor que o identificou como parte da igreja, devido seu costume de frequentar as missas, sabia que havia um templo no local.

Essa associação do lugar como um conjunto que pertence à igreja pode também estar relacionada a cor da fachada, que é a mesma em ambas as edificações, quando outra interlocutora diz que “eu imaginei que fosse uma igreja, a extensão de uma igreja”. Até porque em outro momento ela cita o fator cromático como algo que lhe chama atenção nos edifícios históricos. Também pode ser inferido que a palavra “imaginar” significa produzir uma imagem a partir de uma referência, então ela tem uma imagem desse lugar, assim como na fala de outro interlocutor: “eu já imaginava o que fosse sempre, pela casa que eu estou morando agora né”.

Os entrevistados usaram as expressões “coisas antigas”, “peças antigas” e “estilo rústico” para se referirem ao que viram no interior do prédio. Entre os elementos arquitetônicos, o piso foi o mais citado entre os indivíduos que adentraram o espaço, assim como o material madeira: “o piso de madeira”, “ele é aqueles prédios antigos, de madeira, tábuas...”, “não sei se é o mármore o piso, mas era bem bonitinho”.

O fato do prédio não está em pleno funcionamento e aberto ao público, ocasiona que ele não seja lembrado pelas pessoas que nunca o visitaram. O estado de deterioração da fachada, com bastante pichações também é um fator que pode contribuir para que o público pense que o

local se encontra abandonado e em desuso. Um referencial mais amplo que vai além do detalhe particular foi a preocupação com a conservação do espaço como atrativo turístico, pois isso tem impacto no potencial de vendas desses interlocutores que trabalham na área.

1.4.2 – Os usuários do Mercedários UFPA

As primeiras entrevistas com os usuários do edifício Mercedários/UFPA foram efetuadas em 2020, com a participação de quatro bolsistas de Iniciação Científica da área de arqueologia, que estavam no segundo semestre do curso de graduação em Conservação e Restauro da UFPA, que funciona no local: Taís Viana, Juliana dos Santos, Iana Briaca e Katharine da Silva; um operário das obras que aconteciam no prédio, envolvido diretamente com a equipe de acompanhamento arqueológico: Jameson Silva; e um carpinteiro, que atuava em outras frentes da obra, sem envolvimento com a parte arqueológica: Mário Nunes.

Nesse período, as aulas estavam suspensas e os funcionários estavam trabalhando em quadro reduzido por conta da Pandemia da Covid-19. Minha interação diária era praticamente apenas com essas pessoas. Observei como os operários da obra se relacionavam com as coisas do passado, e o que eles pensavam sobre os fragmentos que apareciam durante o trabalho que realizavam. É importante frisar que alguns funcionários foram sensibilizados antes do início das atividades de acompanhamento arqueológico, o que fez com que tivessem um outro olhar em relação ao patrimônio, logo, eles quando falam, falam pós sensibilização. Desta maneira, durante uma conversa, dois operários relataram considerar que alguns fragmentos, tinham maior valor financeiro que outros, e essa diferença de valor, para eles, estava relacionado a atributos estéticos das peças. Consideravam que as louças que apresentavam desenhos e pinturas em sua superfície tinham mais valor que as desprovidas deles.

Aproveitando a oportunidade de convivência, resolvi falar com as bolsistas e com dois operários que auxiliavam a nossa equipe de arqueologia, para saber como é a experiência de estudar e trabalhar em um edifício histórico. Todos aceitaram responder algumas perguntas, exceto um dos operários. Então resolvi conversar com um senhor que estava trabalhando no pavimento superior do edifício em serviços de carpintaria, o seu Mário Nunes. Bastante simpático, ele sempre perguntava algo sobre o trabalho de arqueologia quando eu estava recolhendo os fragmentos, e ficou disposto a falar sobre sua experiência no local.

No segundo momento das entrevistas, em 2023, o prédio estava em pleno funcionamento, com as obras de restauro bastante avançadas. Os alunos e os funcionários estavam em um dia comum de aula e trabalho. Algumas perguntas feitas anteriormente, foram

repetidas com os novos respondentes, então optei por agrupar em um bloco único para análise. A ligação de cada respondente à área de estudo foi considerada como uma característica importante levada em consideração durante a análise das respostas, assim como a ligação do entrevistado com a arqueologia. Neste caso, há indivíduos classificados como sem relacionamento ou pessoas que tenham trabalhado com arqueologia (Godoy 2012).

Sobre como era estudar/trabalhar em um edifício histórico, todos os entrevistados responderam que é algo satisfatório. Entre os alunos e um dos funcionários, o motivo mais citado foi o fato do caráter histórico do edifício e sua localização no Centro Histórico de Belém proporcionar um lugar privilegiado de aplicação prática das disciplinas abordadas no curso. “O edifício é nossa sala de aula” ou “o centro histórico é nossa sala de aula” foi trazido constantemente, inferindo-se que o edifício como um todo e sua área de entorno lhes permite uma visão mais ampla do conteúdo ministrado.

É diferente e eu acho que é bem imersivo, por conta do... da questão do curso né. Então a gente tem exemplos que a gente não precisa sair. Por exemplo, pra uma matéria, a gente não precisa ir lá fora, a gente tem alguns exemplos aqui mesmo, onde estuda (Taís Viana, aluna, 01/12/2023).

Bom, eu acho incrível a experiência, porque o edifício passa a ser a nossa sala de aula né, então não só o edifício como o entorno do edifício. A gente poder tá em um ambiente no qual a gente consegue visualizar na prática aquilo que a gente estuda em teoria, pra mim é muito bom (Katharine da Silva, aluna, 01/12/2023).

Não, é a primeira vez, e foi estratégico a escolha da universidade federal por esse prédio. Foi porque justamente ele é um prédio histórico e nós estamos também no Centro Histórico de Belém, que foi estratégico por isso porque os outros edifícios históricos que existem são salas de aula pra gente, a gente visita... então acaba fazendo a visita técnica pra aprender sobre os diferentes tipos de materiais que existem nesses prédios (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Nossa, eu acho impressionante, impressionante. Ah... tipo eu entendo, entendo que é importante pra gente tá estudando em um prédio histórico, principalmente pro nosso curso, é... e é eu acho muito lindo tá dentro do complexo histórico de Belém. Até porque as nossas aulas, não são só aqui dentro, muitas das vezes algumas turmas, eu, inclusive, a minha turma já fez mapeamento pela fachada da Igreja das Mercês e algumas saem pra fazer as visitas. Então meio que é ... o Centro Histórico é nossa sala de aula, e estudar aqui dentro pra mim é uma oportunidade muito única, porque é não só estudar o patrimônio, como é viver o nosso patrimônio constantemente, dia a dia, desde o período que eu entrei (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Eu acho que é muito interessante, porque a gente consegue vivenciar as coisas que a gente estuda na teoria né, a gente fazer práticas e observar. Como é na

vida real né, não ficar só através de textos e vídeos. Vê na prática mesmo (Kathelle Santana, aluno, 01/12/2023).

(...)Estive como professora durante um breve período, quando eu tava como substituta, que pra mim também já era incrível, porque eu dava aula, falava de patrimônio e estava dentro de um, né. Então falava de tecnologia dos materiais antigos, né, técnicas de restauro, conservação, e eu tava dentro de um prédio histórico com esses materiais. A gente podia aplicar, né, essas coisas no próprio prédio. É... fazer as prospecções aqui dentro, né. Então isso é incrível, né, é uma experiência única(...) (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Entre os funcionários e alguns alunos, os principais¹⁵ pontos levantados em relação a experiência de trabalhar/estudar em um edifício histórico estão relativos: à importância histórica do edifício, à curiosidade em relação ao passado e à arquitetura do prédio e o sentimento de novidade que experienciam no local.

Pra mim foi uma experiência singular né, que... morei tanto tempo aqui em Belém, 24 anos antes de me casar, né. Eu me casei e fui embora pro Tauá e... praticamente vivia aqui no Ver-o-Peso, quando na minha infância, mas nunca tinha entrado num prédio desse. Quando eu me surpreendi com 54 anos que eu vim pra cá, é a maravilha que é aqui dentro. Foi uma experiência, pra mim foi maravilhosa. Eu não conhecia, pensava que conhecia meu estado, a minha cidade, mas não conhecia na verdade. Agora é que eu tô conhecendo. Pra mim é... tem sido uma experiência muito, muito forte mesmo. Que a cada dia que passa é como se... esse trabalho aqui, de restauração, ele fosse o sangue da minha veia. Ele me alimenta, me alimenta, literalmente. A cada dia que passa a gente vai adquirindo mais conhecimento, e vê o quanto é importante, que a gente não valoriza muitas vezes (Mário Nunes, carpinteiro, 30/11/2023).

Até agora tá sendo uma experiência totalmente **nova** pra mim e é bom trabalhar assim porque a gente conhece um pouco mais do nosso passado e procurar entender e tentar descobrir as coisas que aconteceram no passado pra que a gente fique mais por dentro da nossa história (Jameson Silva, operário da obra, 17/12/2020).

É muito interessante né, porque quando eu cheguei aqui eu não sabia que era... que antigamente era um convento e depois veio pra UFPA. E agora funciona a faculdade, é muito interessante ver o funcionamento das coisas aqui dentro. Porque tu olha lá de fora tu não imagina a extensão dos programas que funcionam aqui dentro (...)Acho que...inicialmente é... foi de **curiosidade**, quando eu cheguei aqui. Porque eu não sabia o que era né, foi apresentado pra gente. Como sempre morei em Ananindeua, pouquíssimas vezes eu vinha visitar Belém com esse olhar de... é... quero descobrir o que, o que perpetua aqui. Mas, atualmente, depois que a gente passa a estudar, a gente olha com um âmbito mais, mais universitário, já é mais pesquisa, já é um interesse mais profundo, principalmente em relação à história né, que é o que a gente aprende logo quando entra aqui (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Olha, é uma... uma experiência única. Uma **novidade** pra mim, na verdade, né. Primeira vez que tô trabalhando assim, num órgão desse. E... é a

¹⁵ Algumas pessoas citaram mais de um ponto, dentre os principais citados.

experiência muito boa. A gente aprende muitas coisas, com vocês que são alunos, professores... De modo geral, todo mundo. É uma experiência assim única pra mim. E eu gosto muito de trabalhar aqui (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023).

A primeira sensação quando eu tive aqui foi de **novidade**. Porque apesar de ser antigo, pra mim era uma baita novidade entrar nele, era uma **sensação de curiosidade**, de se querer saber todos os detalhes, é... e poder circular em todos os ambientes que a gente não pode. Mas fiz questão de fazer parte da semana do calouro, que a gente teve acesso a alguns lugares que a gente não tem por tá em reforma, né. Como o auditório né, que é lindíssimo, então pra mim foi uma sensação muito assim de novidade (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

Olha, eu achei uma experiência muito boa. É... eu trabalhei já aqui no comércio né, no Centro Histórico. Eu trabalhava numa loja, então eu comecei a ter contato a mais ao redor, né. Só que a minha visão mudou quando eu entrei aqui, entendeu. Foi uma outra experiência, uma **experiência nova**, claro, e eu fui adquirindo novas visões sobre o patrimônio, né, da nossa cidade. É uma visão que eu não tinha. Aqui no prédio do Mercedários é... eu sempre falo isso que... é, foi uma coisa impactante quando eu descobri que era aqui que eu vinha trabalhar, quando eu fui nomeada. Porque eu passava aqui na frente, eu trabalhava aqui na Riachuelo anteriormente, né. Aí passei no concurso e vim trabalhar aqui. E no meu trajeto, quando eu trabalhava na Riachuelo, eu passava aqui na frente desse prédio, e falava assim... e nem sabia que até então já tinha é... sido cedido para a UFPA. Nem imaginava, né. É... e eu ficava olhando pra esse prédio e disse: nossa! um prédio enorme desse, bonito, porque que tá abandonado. Porque a nossa visão quando a gente passa aí na frente, é que tá abandonado, né. Hoje a circulação e entrada e saída daqui aumentou. Mas em 2018 não tinha nada, né, quando eu passava. Então, quando foi em 2019, que eu entrei na UFPA, eu cheguei aqui e disse; nossa! eu vou trabalhar nesse prédio! Eu nem sabia que era da UFPA, eu nem sabia, na verdade, o nome do prédio. Então eu aprendi um pouco mais, né, eu tô quatro anos aqui, é... quatro anos e meio. E...foi uma experiência muito boa, porque eu já vim descobrir, na verdade, o valor que tem um prédio histórico pra nossa cidade, né. Com a história de que, algum candidato político, no caso, começou a falar sobre queria transformar isso aqui num hotel, essas coisas, né. E a gente descobriu, eu, no meu ponto de vista, a importância. Nossa! vai mudar totalmente, né. E uma universidade ter sido é... contemplada com essa cessão né, de colocar uma faculdade de conservação e restauro, é... uma pós-graduação em patrimônio cultural, fazia muito mais sentido do que um hotel, entendeu, aqui. E aí sim, eu botei na balança, porque a minha visão antes de entrar, é... começar a trabalhar aqui, era essa. Poderia se aproveitar mais nesse sentido de turismo né. E quando eu comecei a trabalhar aqui, eu via a importância. Eu mudei né, a minha visão. E também assim em relação a todo o Centro Histórico, sabe. Que eu disse: Nossa! poderia restaurar, poderia mudar isso aqui né, e hoje não, eu já vejo com outros olhos. Então eu gosto muito. Esse é um ponto que eu gosto de falar, porque foi exatamente a minha experiência de fora e a de dentro, entendeu? Eu falo pra todo mundo isso, que realmente a minha visão mudou (Kleyci Madeira, 30/11/2023).

Diante desses depoimentos, podemos perceber que a experiência de trabalho no prédio é algo novo para esses funcionários, pois nunca tinham entrado no local. E com o conhecimento

adquirido acerca desse bem, passam a valorizá-lo como uma materialidade capaz de contar a sobre o passado e a história. Também foram ampliadas as visões sobre o patrimônio da cidade, ocorrendo até mesmo uma mudança de percepção em relação ao uso do prédio e ao próprio centro histórico. Como na fala de Kleyci, em que ela diz que estava convencida de um posicionamento que ouviu de um candidato à prefeitura em transformar o espaço em hotel. Contudo, quando passou a trabalhar no local, entendeu que o destino como universidade se mostrava mais adequado.

A visão do local como um prédio abandonado, antes de conhecer o espaço também aparece na fala de outros funcionários e alunos, coadunando com alguns depoimentos dos trabalhadores e transeuntes do entorno.

E... aqui, o Mercedários, quando tu olha por fora, e a maioria das pessoas pensam isso, que é um prédio que tá... acabado por dentro, por tá um pouco **abandonado** né, por fora. Mas quando entra aqui: nossa! não sabia que esse prédio era assim. Nossa! não imaginava que ele fosse tão grande! (...) Mas eu ficava... eu via uma pessoa no portão, só que eu não sabia que funcionava aqui alguma coisa. Pra mim ele tava desativado e só tinha uma pessoa reparando. Porque é como a gente pensa, quem não conhece né, que não funciona nada por tá por fora como tá, entendeu? E... eu não sabia que funcionava, que era a UFPA aqui. Quando é... surgiu a oportunidade de trabalhar aqui, é que eu fui pesquisar mais sobre o prédio, antes de vir né. E aí que eu descobri que era da UFPA, enfim, toda a história (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023).

Não sabia nada e não conhecia nada não. Já vim conhecer depois que eu vim trabalhar aqui. Pra mim era um prédio **abandonado**, sabe, não funcionava nada. Aí depois que eu vim conhecer o que realmente tinha aqui dentro (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023).

Sim, sim. Eu sempre circulo muito na Cidade Velha, mas eu sempre achei que era **abandonado**. Achei que não tinha função né. Apesar de ver o portão aberto, eu achava que não tinha função, que ele era um prédio que não tinha função (Luaciana Ramoa, aluna, 30/11/2023).

Só tive contato com o prédio, o ambiente interno e o contexto histórico dele quando comecei a cursar restauro. Antes disso eu imaginava que o local era **abandonado**, que havia muito entulho e que fosse todo fechado. Eu não tinha um entendimento formado sobre o que era uma alfândega, então imaginava tudo de ruim (Taís Viana, aluna, 17/12/2020).

O primeiro contato da maioria dos entrevistados com o imóvel foi recente, a maior parte desconhecia a história da edificação, ou não sabia do que se tratava, ou não a notava. Sobre a identificação do prédio e seu uso, os que sabiam reconhecer seu uso ou tinham uma vaga ideia do que seria, o identificaram como alfândega. Uma pessoa o identificou pelo uso enquanto Receita Federal.

(...) eu já conhecia o prédio é... de nome. Eu nunca tinha entrado, mas desde criança é... me foi apresentado, né, como o prédio da **Alfândega**. E eu sempre tive muito a curiosidade de entrar. Então... quando eu fui destinada pra vir trabalhar aqui, eu lembro que a primeira coisa que eu cheguei comentando com os meus pais, foi: vocês nem sabem onde eu vou trabalhar, naquele prédio da Alfândega. Então eu cheguei toda feliz e tal (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023)

Não, eu só passava e via: **Alfândega**. Aí imaginava, né. Mas não sabia que bem antes de tudo né, o que era. Aí quando eu entrei aqui, que... com a apresentação das professoras e tudo mais que a gente vai aprendendo, no decorrer do tempo (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

Não, eu conhecia apenas como **Alfândega**. Mas não sabia qual era a importância histórica e muitos menos que era um convento a priori (Katharine da Silva, aluna, 17/12/2020).

Também não conhecia é... o que tinha dentro. Mas eu lia que era uma **alfândega**, por causa da placa que tem lá na frente (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

Sendo muito sincero, é... o prédio sempre me chamou atenção. Eu frequento constantemente aqui o Centro Histórico por toda a minha vida. Tipo o prédio sempre me chamou atenção. Só que pra mim só tava escrito **Alfândega** e eu não achei que fosse um prédio ainda utilizável pela frente e tudo mais (...) (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023)

Não, sabia que havia a **alfândega** aqui, mas eu nunca cheguei a pesquisar a história do local tudinho. Só vim saber mesmo quando eu entrei dentro da faculdade. Talvez eu reconhecesse mais pela cor, pela extensão do prédio, mas pela história não (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Não, assim, eu já vim aqui outras vezes. Até porque era a Escola da **Receita Federal**, e eu cheguei a vir aqui, fazer provas, fazer cursos e tal. Entrava ali pela Gaspar Viana, então já fazia um tempo que eu tinha contato com o prédio aqui. Mas eu não sabia dessa questão histórica dele, né. Que ele era tão antigo... não sabia, não conhecia (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023).

Sim, inclusive eu fiz um curso de canto, antes de se transformar na universidade aconteceu um curso de canto um ano antes. Então eu já tinha conhecido o prédio (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023)

Já tinha passado na frente, mas não sabia o que acontecia aqui dentro. Não tinha ideia mesmo. Só descobri mesmo quando eu vim trabalhar aqui (Ian Ferreira, técnico em tecnologia da informação, 30/11/2023)

Não. Eu comecei a pesquisar sobre ele quando descobri o curso de conservação, e aí eu pesquisei sobre ele e... e aí eu acabei passando e tô estudando aqui (Kathelle Santana, aluna, 01/12/2023).

Não, não. Não sabia nada e não conhecia nada não. Já vim conhecer depois que eu vim trabalhar aqui (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Não, nunca tinha nem notado. Pensei que fosse só a costa da igreja (Juliana dos Santos, aluna, 17/12/2020).

Eu notava muito mais a igreja, eu tinha uma relação maior com a igreja, né (...)(Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Não, nunca tinha ouvido falar. Eu nem sabia que isso aqui existia na verdade. Aliás, eu passava aqui na frente, mas eu não sabia pra que era que servia isso aqui, não sabia o que era, só sabia que isso aqui era um casarão histórico, mas não sabia que tinha tanta história aqui dentro (Jameson Silva, operário da obra, 17/12/2020).

Não, não fazia mínima ideia do que acontecia aqui (Mário Nunes, carpinteiro, 17/12/2020).

(...) por outro lado, antes de trabalhar aqui e antes de vir aqui, realmente parecia que era um vazio na minha mente, parecia que eu não enxergava um negócio desse tamanho. Assim como o Soledade, o Soledade parecia que era um buraco, e depois que eu comecei a trabalhar ali, parece que eu comecei a perceber aquilo. Isso é bem esquisito, pra ser sincero (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

É... em 2017 eu participei, eu comecei a conhecer o projeto Circular, que incentivava a gente a andar aqui pela redondeza da Campina, então eu cheguei a frequentar algumas vezes o Fotoativa e eu via o prédio das Mercês e aqui os Mercedários né. Mas eu não sabia o que que era, o que que funcionava aqui dentro. Não conhecia a história não. Apesar dele ser grande, ainda assim ele é um... não sei também, de alguma forma ele é um pouco apagado. Até, por exemplo, quando a gente pega o uber e a gente fala “ah, ali no prédio da alfândega”, aí a pessoa: “ah, tem um prédio ali antigo?” Apesar do tamanho dele não sei porque as pessoas, às vezes não conseguem notar né. E isso acontecia, assim, comigo também (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Quando a gente vê por fora, né, a maior parte das pessoas, quando a gente vai... um exemplo básico: quando a gente pede, às vezes, ifood, as pessoas não sabem o que acontece aqui dentro. Então muitas vezes elas vão pro lugar errado, né. Quando a gente fala, não, ah, mas o que que é aqui? Aqui é um pólo da UFPA. Ah, é? Mas não tem nada escrito. Por quê? Porque por fora né, a gente ainda não conseguiu fazer esse trabalho, né, de... de recuperação (...) (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

A partir do conhecimento a respeito do bem é que surgiu o sentimento de pertencimento e cuidado com o patrimônio, como mencionado na maioria das respostas sobre a diferença entre estudar/trabalhar em um edifício histórico de outro prédio. O principal termo que apareceu nos depoimentos foi o “cuidado” que um prédio histórico requer, o segundo ponto levantado foi a questão da limitação/ restrição que o espaço impõe por se tratar de um bem protegido.

Olha, assim, a diferença que eu vejo, é que, por exemplo, tem certos **cuidados** que tem que ter, pra manter o prédio histórico. Algumas coisas que não podem ser feito, entendeu? Pra manter o patrimônio...do que trabalhar num prédio que não seja histórico, entendeu? Acho que tem mais cuidado, por ser um patrimônio histórico (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023).

É, assim, quando a gente leva essa experiência, por exemplo, em relação a algumas limitações que a gente tem, principalmente no âmbito de projeto, né, arquitetônico que a gente tá fazendo, o projeto daqui, adaptação dos espaços. Então a gente sente bastante isso, que tem algumas coisas que a gente precisa fazer, mas que tem que ter certo **cuidado**, né. É... você tem que ter certo critério na hora que você vai propor algumas soluções de projeto. A gente se preocupa, principalmente, com a questão é... da fiação elétrica, né, a instalação elétrica aqui é antiga. E... e isso às vezes é um problema de... de preocupação muito grande, porque aqui no nosso entorno, desde que a gente começou a trabalhar, já tiveram diversos casos né, de... fogo, por é... causas diversas, em casas próximas daqui dos Mercedários. Então a gente sempre fica, Meu Deus será que vai consumir o prédio né, a estrutura do prédio, isso é um problema de preocupação assim, que eu acho que é geral, né. Enfim, é mais nesse... nesse sentido (...) (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

Sim, principalmente pela lida com o espaço. É... os **cuidados** que a gente precisa ter pra estar aqui dentro é diferente do que um polo mais recente como acontece no Guamá. É... é isso (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Sim. Mas eu acho que... faço mais comparação, por exemplo, aqui no Mercedários e quando eu tô lá na UFPA. Mas eu acho que é mais uma questão do, do **cuidado** que a gente tem que ter, quando a gente tá num ambiente...é... histórico. E... acho também questão de conforto. Que eu acho que aqui a gente já tem mais apego, do que lá (Taís Viana, aluna, 30/11/2023)

Sim, com certeza. Eu acho que... pensando aqui agora rápido, o que me vem na cabeça é principalmente o **cuidado** que a gente tem por esse espaço, né. Então por exemplo quando a gente estuda em um prédio histórico, a gente não faz as mesmas coisas que a gente faria em um prédio comum. Por exemplo, aqui no Mercedários a gente tem um cuidado é... de pregar as coisas na parede, né, de riscar a parede, ou a parede do banheiro, enfim, apesar de, por exemplo, ser revestimentos mais atuais, né. Não é todo prédio que tem, enfim, todos os compartimentos históricos e tal. Por exemplo aqui foi modificado né, mas, por exemplo, o piso ele é histórico. Então eu acho que a principal diferença que me vem agora na cabeça é esse cuidado. Não que a gente não tenha com o outro né, mas eu acredito que é um cuidado redobrado, por ser histórico, por ter que preservar pra... enfim, pras futuras gerações que a gente gostaria que estudasse aqui, que tivesse as mesmas experiências que a gente tem, que partilhasse do prédio, enfim, eu acho que é mais nesse sentido (Katharine da Silva, aluna, 30/11/2023)

Sim, eu sinto muita diferença. Porque um prédio comum, não é que tu não consigas criar laços naquele prédio, porque todo canto a gente consegue. Mas num histórico, eu não sei explicar, é algo que tu tem mais **cuidado**, carinho eu acho. Eu, por exemplo, fico agoniada quando vejo os pedreiros quebrando parede lá do Mercedários (...) (Juliana dos Santos, aluna, 17/12/ 2020).

Sim, estudar em um prédio histórico me proporciona ficar bem mais próxima de um universo histórico, patrimonial, por conta da relação com o prédio

mesmo, por exemplo, diferente de uma edificação comum, o prédio histórico pede que a gente se relacione com ele de uma maneira bem mais **cuidadosa**, preservacionista etc. Não que não devemos cuidar dos edifícios comuns em que estudamos/trabalhamos, mas um edifício histórico demanda bem mais isso. (Iana Briaca, aluna, 17/12/ 2020).

A gente tem um **cuidado** excessivo, tanto em relação a convivência dos alunos aqui dentro, quanto a relação da diretoria com o prédio. Acho que todo mundo aqui toma muito cuidado, porque já conhece, né. Tem um conhecimento da importância que é, o monumento que a gente vive (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

(...) Mas a partir do momento que eu vim estudar aqui, eu percebi que a gente tem muito um **zelo** pelo espaço. De manter ele conservado e não danificar as coisas que já estavam presentes aqui (Kathelle Santana, 01/12/2023)

E também tem a preservação por parte dos alunos. Volto a bater na tecla, nós temos **regras**, nós não sentamos nas janelas pra não sujar a parede, nós não grudamos papel. Então tipo a gente aprende desde o primeiro semestre que a gente tem que manter essa preservação, a gente tem que manter esse estado dele. Preservar ao máximo. E... tipo, é... constantemente a gente tem que fazer essa manutenção, tipo sabe, se quebrar algo a gente tem que avisar pra coordenação, pra coordenação ir lá fazer a devida manutenção (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Sinto, é... assim, como eu estudei, por exemplo, no Paes de Carvalho, apesar de ser um prédio histórico, ele não é tratado como prédio histórico, ele não tem as mesmas **restrições** que tem aqui, né. Aqui é um prédio histórico com algumas restrições. Muito bem mais conservado, com alguns **cuidados** que necessitam ter né, que eu não conheço em outros prédios. A não ser nos museus daqui da Cidade Velha (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

Diferenças muitas, porque aqui é cheio de **restrição**, primeiramente e... é outro clima, é totalmente diferente de trabalhar em outra obra. Eu nunca tinha trabalhado assim e até agora tô me surpreendendo bastante. (Jameson Silva, operário da obra, 17/12/ 2020).

Olha, tem aquelas questões das **limitações** né, a gente tem que, não pode fazer qualquer tipo de intervenção, tudo tem que ser através do IPHAN, de autorização né. Tem todas essas questões aí que a gente tem que tá atento, entendeu? Mas fora isso, tranquilo (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023).

Rosana Najjar (2011) destaca que as edificações, assim como a cultura material móvel, são construídas pelo homem e devem ser entendidas como artefatos, no caso do patrimônio construído, superartefatos. Inseridos num dado tempo e espaço, esses superartefatos são carregados de valores e simbolismos e, nesse sentido, produtos e produtores de relações sociais. Segundo Daniel Miller (2013), na teoria da cultura material não há separação entre sujeitos e objetos, quando o autor trata sobre a “humildade das coisas” nos fornece o entendimento de como os objetos nos fazem agir de forma apropriada, logo, os objetos nos fazem. “Eles dirigem

inconscientemente nossos passos, assim como o ambiente cultural ao qual nos adaptamos” (Miller 2013:83). As coisas fazem de nós o que somos, mas com humildade, sem chamar a atenção. Elas nos constroem, são dotadas de protagonismo e tem ação nas relações.

A palavra “cuidado” demonstra cautela, prudência, atenção. Cornelius Holtorf (2017:196) expõe que “O desejo generalizado de proteger e preservar o patrimônio de acordo com um *ethos* de conservação prevalecente é possivelmente outro desdobramento desse anseio por cuidar”. Desse modo, inferimos que os respondentes agem no espaço conforme o que lhes impõe a edificação. Conforme (Najjar 2011) o espaço nunca é neutro, sua configuração é portadora de signo, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre as pessoas que o habitam.

O espaço é construído por relações sociais e, ao mesmo tempo, construtor de relações sociais, sendo nele que se travam essas relações. O espaço, nesta medida, não é um dado externo às ações humanas. Ele é, em grande parte, resultado da ação dos homens, tanto quanto é condição para essas ações (Najjar 2011:81).

No sentido de restrição imposta, entendemos como a forma que um objeto estabelece certas regras de uso que influenciam os impactos sensoriais e emocionais dele, o tornando socialmente poderoso de uma maneira reconhecida. Esses conjuntos de regras que as coisas impõem às pessoas é o que confere poder e eficácias sociais aos artefatos (Gosden 2005).

A respeito das sensações que o Mercedários UFPA transmite às pessoas quando elas estão no lugar, a resposta recorrente da maioria dos entrevistados foi a sensação de calma, conforto e paz, demonstrando que o espaço se caracteriza como um ambiente de acolhimento, indutor de bem-estar e tranquilidade, características inerentes ao seu caráter enquanto lugar historicamente sagrado.

Olha, aqui eu acho um ambiente bem **tranquilo**. Eu acho que tem uma harmonia no prédio, eu não sei te dizer exatamente o que é que tem aqui no prédio. Mas eu acho que todo... a parte de... dessa parte de estrutura mesmo é bem... bem legal, bem harmônica, eu diria. Então eu gosto bastante daqui. Sei que aconteceram várias coisas aqui né, o prédio tem uma história bem ampla e tal. Mas eu acredito que tenha uma coisa muito boa assim harmônica aqui do prédio, é isso (Ian Ferreira, técnico em tecnologia da informação, 30/11/2023)

Não sei, **tranquilo**. Pra mim é um local de trabalho normal, né. Tem esse diferencial e tudo mais, de ser histórico, mas a gente é focado no trabalho então... (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023).

É, é uma sensação boa né. É uma sensação **tranquila**. As pessoas aqui também são bem legais. É isso (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Olha, eu me sinto assim bem, bem **tranquila**. É uma das coisas que eu gosto, principalmente dessa sala aqui é... de tarde, a luz ela bate bem encima aqui, da mesa, então eu acho que fica uma luz muito, muito bonita. É... claro que de vez em quando surge uns rumores assim de presenças etéreas, né, mas eu felizmente nunca, nunca vi nada, não fico com medo, como alguns alunos relatam ter se sentido mal e ter sentido a presença de alguém... Eu me sinto bem tranquila aqui, eu gosto, eu gosto bastante (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

Olha, o Mercedários, ele me traz uma sensação de **conforto e paz**, principalmente por ter... conseguir enxergar essa passagem do tempo, que muitos ambientes que eu trabalhei, essa passagem do tempo me incomodava. Porque parecia que tu não conseguias ter uma noção de tempo. Então alguns dias parecia que o dia não corria, quando eu pensava que já tinha passado muito tempo, e eu olhava, ainda tava claro. E outros dias parecia que, é... já tinha... não tinha passado tanto tempo e já era de noite. Então essa percepção da passagem, da iluminação, que a gente normalmente tem nos edifícios históricos, isso faz uma diferença muito grande pra mim. Mas é uma percepção bem minha mesmo (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Traz uma sensação de **tranquilidade, de paz**, porque o prédio ele é um prédio amplo e também arborizado lá dentro, nós temos um parquezinho lá dentro arborizado. E tem também a... assim bastante espaço pra gente socializar com as pessoas. Então passa essa coisa de tranquilidade, paz. E também aqui estamos localizados nas margens do nosso rio né (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Eu me sinto muito orgulhosa em poder estudar em um espaço que tem uma importância histórica, arquitetônica pra cidade. E... sobre o estar aqui eu gosto muito de estar na reserva pela **calmaria** que eu tenho quando tô lá dentro. Então... desde 2020 mais ou menos, que eu gosto de estudar na reserva pela calmaria que o espaço tem, até pela sonoridade assim que tem ali a Castilhos França, tipo deu tá sentada na reserva e os carros passando com aquele som também o vento (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Conforto... é... bora ver o que mais... ah, às vezes também eu, quando eu chego em casa eu falo que o Mercedários tem um cheiro específico, mas eu não sei dizer qual é. Mas eu sei que fica na minha roupa, e tem esse cheiro. E... não sei, eu acho que... ao mesmo tempo a carga histórica, sabe. Assim, saber mesmo que aconteceu várias coisas aqui. E a gente meio que conviver, ah tá tudo bem, tempo atual, tempo antigo. E parece que não influencia muita coisa. Não sei, acho que é por conta do dia a dia. Ah, não sei explicar direito (Taís Viana, aluna, 01/12/2023).

(...)É, como falei, somos uma turma pequena, com uma dinâmica, então é como meio que um ambiente familiar, esse tipo de sensação que me traz. Também me traz calma, que é um lugar bem **silencioso**, querendo ou não. Então dá essa sensação de **calma**, dá essa sensação de... que tu pode parar em qualquer ambiente e estudar. A gente vive em uma grande biblioteca (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023)

Eu acho que é um espaço muito **calmo**, que... tipo realmente, tirando a parte da sala de aula, ele é muito **tranquilo** e... bom sabe, tipo, não é bem uma **paz**, mas me transmite assim uma paz, sabe, de ele é calmo e ... não tem tantas pessoas. E... geralmente escolas e universidades são sempre barulhentas e muitas pessoas o tempo inteiro, e aqui tu consegue ter uma tranquilidade pra estudar. Eu acho que isso influencia muito no teu desempenho acadêmico (...) Eu acho que é justamente o que eu falei, sobre ele ser muito tranquilo. Isso motiva, sabe. E contribui no desempenho, porque tu consegue estudar melhor, se concentrar melhor. Ele tem... um **silêncio**, que eu acho que é bom pra mim, entendeu? Que me ajuda a estudar melhor (Kathelle Santana, aluna, 01/12/2023)

Foi possível observar que as particularidades físicas do espaço, como a harmonia arquitetônica, a iluminação proporcionada pelas aberturas, o ambiente aberto do claustro coberto por vegetação natural e arborização, além da paisagem externa do prédio, às margens da baía, conferem aos usuários essa percepção. Além disso, pode ser destacado, conforme John Eberhard (2009), as experiências sensoriais ligadas ao acionamento de registros olfativos, sonoros, táteis, visuais e gustativos, como na fala da Iana e da Taís, demonstrando que o espaço lhes desperta sensações singulares por meio da sonoridade e do cheiro.

As relações próximas, muitas vezes íntimas, entre pessoas e edifícios são um aspecto central dos estudos interpretativos de edifícios (Hicks e Horning 2006). O impacto desse prédio, sobretudo no dia a dia dos alunos, é lembrado pelo longo tempo que permanecem no local. Muitos respondentes alegaram considerar o espaço como suas segundas casas. Segundo Juhani Pallasmaa (2017: 7) “o ato de habitar lida com as dimensões de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa”.

Pra mim o Mercedários é como se eu tivesse em **casa**, é um lugar assim que eu me sinto muito à vontade, que eu gosto de estar, é... não sei... é uma coisa boa, eu gosto, apesar das visagens (Juliana dos Santos, 17/12/ 2020).

Ah, tem um impacto enorme, é a minha segunda **casa**, por conta que eu passo a metade do meu dia dentro desse prédio, então assim, eu vejo, eu sinto ele como se fosse minha casa, uma extensão da minha casa né. Eu moro aqui nesse bairro e também estudo nesse bairro, então pra mim é de grande importância por conta disso, que como eu passo metade do meu tempo, até mais dentro desse prédio e, pra mim é de grande importância por conta disso (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Assim, se não fosse pelo fato de saber que é a minha universidade, eu acho que não teria nenhum impacto. Mas como eu estudo aqui, é mais uma questão de **casa** mesmo, sabe? (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

Olha, eu vou te dizer que... hoje em dia ele é uma segunda **casa** pra mim, porque eu passo mais tempo aqui, do que na minha casa. A minha aula, ela acaba uma da tarde, mas geralmente eu só vou embora daqui quando o Ian diz

assim: Bora, bora, vou fechar. Entendeu, eu almoço aqui pelo comércio, volto pra ficar estudando na biblioteca, na área de computador né, então, pra mim hoje em dia é uma extensão da minha casa, literalmente (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

É... o maior impacto que ele tem na minha vida é justamente o **tempo que ele ocupa dentro da minha vida**. Porque eu passo a maior parte do tempo aqui dentro estudando e... fazendo parte de projeto de pesquisa. E... é isso (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Todo né, porque é... como eu estudo aqui, **então a maior parte do tempo eu tô aqui dentro**, então o impacto é todo. Chegar aqui é... ter as aulas né. A convivência com os outros alunos, as outras turmas, a relação entre aluno e professor. Hã...quando tem palestras aqui dentro, ou então visitas. Tudo isso. Acho que o impacto dele é... é muito significativo (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Pra mim esse espaço aqui, volto a repetir, é como se fosse o sangue da minha veia. Eu me sinto... é... é a minha segunda **casa** aqui. Segunda casa, é como se eu tivesse no meio da minha família. Dos parceiros de trabalho, a direção... sabe pra mim é maravilhoso. E... uma das coisas mais interessantes da minha vida, durante esses 35 anos que eu tenho de construção civil, 35 não, já é perto de 40 já, né. Eu andei muitos estados aqui do Brasil trabalhando na construção, mas onde eu vim ser valorizado, a minha mão-de-obra, foi aqui, na minha terra. Andei, corri vários estados. E a aqui que a gente foi... eu fui me encontrar realmente naquilo que eu gosto de fazer, né. E me sentei no meio dos príncipes, entre as quais você é uma (Mário Nunes, carpinteiro, 30/11/2023)

No meu dia a dia, é... é porque assim, eu trabalho aqui dentro, então ele acaba sendo a minha segunda **casa**, mas se a gente for ver, eu passo mais tempo aqui do que na minha própria casa, então... ele tem um impacto positivo, porque é um ambiente que eu me sinto bem, por essas questões arquitetônicas, espaciais, e principalmente da iluminação, que isso faz uma diferença muito grande pra mim (...) (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Nossos sentidos e emoções são educados pelo mundo objetual, as próprias coisas criam a base para nossa compreensão delas. A forma de um objeto se combina com sua trajetória histórica para ter efeitos sociais nas pessoas (Gosden 2005). Entre os elementos arquitetônicos que se destacam perante o olhar dos usuários do prédio, foram vários os citados, teto, escada, piso, janelas, paredes..., no entanto, os mais apontados foram os gradis e o pátio interno (claustro).

As janelas, é uma coisa que é logo de fora. Os balcões né, hã... as próprias **grades**, eu acho. Hum... isso de fora, né. E aí quando a gente entra tem a escadaria, pelo lado da Gaspar Viana (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023)

Aqui são essas **grades** e a estrutura, tipo assim, da igreja. Eu não sei muito bem o nome que a gente dá, essas partes assim da estrutura, sabe, não sei o nome que dá (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

A estrutura do prédio, os desenhos né, que tem, que são... hoje em dia a gente já não vê né, nas obras que são agora atuais. A gente vê só nesses espaços assim que são... esses prédios bem antigos mesmo. É isso que chama mais a minha atenção. O modelo das **grades** também, como eram feitas né, me chama muita atenção. É isso (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Eu gosto muito dos **gradis**, né, é... apesar de o meu objeto de estudo, de toda minha vida, ter sido o vidro e o vitral, mas aqui a gente tem é... a presença muito forte né, dos gradis e de diferentes períodos e de diferentes estilos né. Então desse lado aqui, que dá pra Castilhos França, a gente tem é... esses gradis com essas volutas. Do outro lado, que já é uma coisa mais simples, né, aqui pra dentro do convento mesmo. É... já são grades mais simples né, mais rudimentares digamos assim. Não tem tantos... tantos ornamentos, tantos detalhes assim. Eu gosto bastante. O próprio é.. piso, em lioz, também gosto. E... desse tabuado de madeira, é sensacional o tabuado de madeira. Eu adoro, porque lembra a casa dos meus pais, a casa da minha avó também, que tem tabuado de madeira. Então, gosto, gosto disso (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

No prédio? É... eu gosto muito do fato de ser um edifício com essa tipologia átrio, né, com esse pátio interno, né, e que tem alguns elementos também é... da vegetação, tem árvores aqui no meio e tudo. Mas o prédio em si, a arquitetura dele, além dessa questão da tipologia e tal, eu acho que eu gosto muito quando eu transito ali pelos corredores né, pelas circulações, e eu vejo né, aquele teto abobadado, eu acho que isso é um elemento muito marcante, né, é até palco de algumas imagens, algumas fotos que vira e mexe a gente bate, né. Não só eu, os alunos, todo mundo e a gente vê aí repercutir também. É... outros elementos arquitetônicos? Hã, acho que também essa... meio que essa cena, que eu particularmente na minha posição aqui onde eu tô, né, às vezes quando as janelas estão abertas ali né, essa coisa da... dessa esquadria, que ela é diferente de uma tipologia de uma esquadria mais contemporânea, né, com arco abatido ali, aquela coisa né, e o **gradil**. E também essa imagem que tenho lá de fora daqui do prédio, né, e que a janela meio que emoldura isso. Então eu acho que são elementos que marcam muito assim, pra mim. Percebes que tem sempre um vínculo muito afetivo né? (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023)

Hum... os ladrilhos lá embaixo, que tem umas decorações que lembram o azulejo. É... os **gradis**, todos os gradis eu gosto. E... o **pátio**, que tem as árvores e tudo mais (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

Hum... os elementos... Assim, a monumentalidade do prédio já é lindo né. Mas eu gosto muito do **pátio** dele, eu acho o pátio um espaço diferente assim, bonito, calmo (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Olha, eu adoro o corrimão dessa escada né, e o jardim. Pra mim foi uma grande surpresa esse **jardim** é... que tem aqui dentro. Acho que foram as coisas que mais me chamaram atenção. O prédio em si, é... chama muita atenção né, mas são esses dois detalhes que me chamaram mais atenção. O entalhamento dos detalhes do corrimão é belíssimo (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

Eu acho que o **pátio**, ali debaixo. Eu acho ele... que é bem diferente, né. Geralmente... eu sempre estudei em escola que era muito fechada, que não tinha espaços abertos. E eu acho que esse é o maior diferencial que eu sinto.

Ele tem árvore e tem grama, e é muito diferente do que eu tô acostumada (Kathelle Santana, aluna, 01/12/2023)



Figura 2: Gradis e pátio interno. Foto: Ana Paula Claudino, 2024

Melissa Oliveira e Victória Pinheiro (2023) evidenciam que os bens culturais operam na evocação de lembranças por meio do reconhecimento de objetos e fatos armazenados na memória. Como observado, os elementos arquitetônicos do Mercedários UFPA também são evocadores de memórias afetivas entre alguns dos usuários, que os associam com outros locais familiares revestidos desses mesmos materiais. Outros relatos também mostram que essas lembranças são construídas a partir de um contato antigo com outros edifícios históricos:

Olha, na verdade, é mais ou menos como que um sonho realizado. Que eu sempre transitei assim, quando saía da escola, né, e passava perto do Bibi Costa, que foi objeto de estudo do meu TCC. Então eu sempre me interessei muito. Uma das minhas avós morava numa casa aqui no comércio, né. E... apesar de ser uma casa é... raio que o parta, ela tem vários detalhes assim né, piso de madeira, alguns lustres, alguns gradis também, que são históricos, né. De períodos logicamente distintos daqui do prédio dos Mercedários, mas, é...é muito, é muito bom a gente ter a vivência nesses espaços com as técnicas construtivas antigas. Então é bem legal (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

Olha, a experiência ela é... tem vários significados. Porque dos meus pais eles trabalhavam, eles são funcionários da Câmara. Eles trabalhavam no Antônio Lemos, então eu já tenho essa memória de edifícios antigos, pé direito duplo. É, todas essas características dos edifícios antigos já enraizada desde pequeno.

E aí acaba que isso retorna comigo trabalhando em um edifício antigo. Então isso traz algumas memórias de infância também. Da escadaria lá do Antônio Lemos, pé direito duplo, é... alguns detalhes de esquadria, enfim. Então é bem prazeroso, e acaba que como tem essa relação profissional, é... é bem produtivo no sentido de dar exemplos dentro do ambiente de trabalho. Então nesse sentido é... é isso que eu consigo responder (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Olha, é... pra mim é incrível, né, porque eu tenho uma relação muito forte desde muito tempo, né, com edifícios históricos, né, de uma maneira geral. Então enveredei por esse... tenho esse gosto pelo patrimônio desde a graduação. Na verdade, antes de entrar na graduação eu já me encantava com os prédios antigos. E... é... não só trabalhar com isso, né, pra mim é muito bom, eu fico muito feliz, né, eu me realizo. Como trabalhar em um prédio histórico, né, pra mim é ainda melhor, né, então... (...) Eu não sei se eu tenho toda essa questão também afetiva de um pouco em função desse valor simbólico, até emocional desse envolvimento que eu tenho com o patrimônio, né (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Também foi constatado, entre outros frequentadores do Mercedários UFPA, que o prédio atua como um provocador de outras memórias de vínculo prático afetivo a partir de experiências vividas fora do espaço, como o fato do local ser um ponto do percurso do evento religioso e cultural do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. A aluna Luciana Ramoa, 50 anos, mora há 27 anos no bairro da Cidade Velha, e contou sobre seu apego afetivo com o lugar relacionado ao Círio:

Maravilhoso, principalmente nesse prédio aqui, que tem muita história assim... tem muito apego afetivo na verdade né. Principalmente ligado ao **Círio**, que era um local que a gente vem, que a gente vem caminhando e tu vem prestando atenção, uma história e uma infância toda, 50 anos de percurso e tu vê a modificação do tempo daquele prédio, e... por anos, por décadas na verdade, tu achar que aquilo não tinha utilidade. E que tu achava que um dia que tu ia passar e que tu não ia encontrar mais ali. E saber que tem utilidade e está sendo muito bem usado (...). Porque... eu não lembro muito bem em que época foi esse incêndio né, mas eu tenho uma leve intuição que foi num domingo do Círio esse incêndio, eu não sei se eu confundo esse incêndio aqui, com o incêndio que teve aqui no outro prédio aqui aonde funciona a Cuia preta, entendeu? Eu não tenho lembrança da data, mas eu me lembro que teve um Círio que eu tava com o meu avô, e quando a gente passou teve um grande incêndio, um grande incêndio (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

(...)Aqui, como eu te falei né, os Mercedários pra mim tem muita lembrança do **Círio** com o meu avô, entendeu. Do caminhar, do passar daqui. Até porque tem um fato muito interessante, que quando a gente vinha no Círio, quando a gente passava daqui, logo mais aqui na frente tinha o prédio do Liberal, que funcionava o Liberal, que é esse prédio abandonado aqui na esquina. Então tocava a sirene, tinha uma sirene imensa que tocava, que ela ecoava na cidade toda, no bairro todo da Cidade Velha. Então na vinda da igreja, de lá da Sé pra cá, quando a gente ouvia a sirene, a gente sabia que logo depois vinham os fogos, quando os fogos eram é... ficavam aqui na Praça do Estivadores, né. E a gente sabia que já ia começar a curva, que era o momento de sufoco. E na

volta da Trasladação, é... quando a gente escutava a sirene, como eu moro perto da Igreja da Sé, quando a gente escutava a sirene do Liberal, a gente saía de casa, porque a gente sabia que ela tava próximo do Mercedários e que não demorara muito, ela chegaria na igreja. Então a gente já caminhava pra igreja, pra se posicionar numa boa posição pra receber a imagem (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

O depoimento de Natássia Ferreira também traz recordações do local relacionado ao Círio de Nazaré. Segundo ela:

(...)Ele é um prédio em que é caminho do **Círio**, então sempre que eu vou em algum tipo de exposição, alguma coisa assim que fala sobre o Círio, eu acho maravilhoso, eu sempre procuro aonde tem informação sobre a passagem do Círio perto do prédio. Então é uma coisa que eu adoro (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023).

Edivany da Costa disse que antes de vir trabalhar no local achava que o prédio estava sem funcionamento, apenas notava o lugar quando havia o Círio.

Antes de tu vires trabalhar aqui tu sabias alguma coisa sobre esse prédio?

Nada. Só quando tinha o **Círio** que eu via. Mas eu ficava... eu via uma pessoa no portão, só que eu não sabia que funcionava aqui alguma coisa (...) (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023).

O reconhecimento do Mercedários UFPA como um lugar marcante da paisagem em que a procissão do Círio de Nazaré percorre, demonstra que a ambiência da rua em que ele está inserido, um dos caminhos da romaria, também contribui para a evocação das memórias vivenciadas pelos entrevistados. Como assinala Oliveira e Pinheiro (2023), as experiências estão ligadas ao contexto sócio-físico e cultural dessas pessoas em relação ao lugar. A procissão parte da Igreja da Sé e transita toda extensão da Avenida Boulevard Castilhos França até dobrar na esquina da Avenida Presidente Vargas, assim todos os complexos culturais, turísticos e históricos dessa avenida figuram como paisagem desta romaria.

Perguntei aos alunos e professores o que eles poderiam compartilhar a respeito da importância histórico construtiva do prédio, e a grande maioria dos relatos mencionaram a Revolta da Cabanagem (citada por todos os alunos entrevistados) e o incêndio ocorrido em 1978.

A gente estuda sobre a história, né, dos Mercedários, do mosteiro dos Mercedários, da igreja dos Mercedários. A história que houve também envolvendo a história cabana né, o que ocorreu dentro do prédio no período, que nós sabemos que um trecho da história também tem envolvimento nesse prédio através da batalha que houve dentro do prédio, das mortes que houveram dentro do prédio também no período da **Cabanagem**. Então tudo isso é... assim a gente acaba tendo contato com essa história do que aconteceu

dentro do prédio, nas redondezas né, que é ... faz parte dos nossos estudos também (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Hum... eu sei que ele foi um prédio criado por uma ordem religiosa das Mercês e... ele é do século XVII. E depois da expulsão desses religiosos daqui da cidade de Belém, ele acabou e... o prédio adotando algumas funções é públicas, até se tornar o que é hoje, que é um polo da UFPA. Mas antes disso ele teve muitos usos assim que corroboraram pra importância histórica dele, como ele ter sido palco de uma... de um conflito da **Cabanagem** e... o próprio **incêndio** também foi algo muito marcante né, na história dele, lá na década de 70. E... esse prédio ele tem muitos valores assim, que contribuem para a importância na cidade, como o valor histórico dele, por tudo que ele já passou. É, o valor artístico, porque o Mercedários é um exemplar único. E... acho que é isso (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Da história, eu não consigo gravar muito a história dos Mercedários. A única coisa que... tipo fica marcado mesmo é o fato dos **incêndios** que ocorreram aqui, e porque já foi palco também da... da... **Cabanagem**. São só esses pontos que eu consigo gravar (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

Bom, acho que dentre o que mais me marca é sobre aqui ter sido palco do movimento da **Cabanagem**. Acho que é um dos principais, a principal situação histórica que ocorreu aqui que me marca mais. Por ter sido palco dessa, dessa... desse movimento, enfim. E aí, por exemplo, fazendo uma ponte com o que a gente trabalhou na arqueologia, né, do que a gente é... pode vir a complementar a mais na história, sobre até mesmo esses acontecimentos, quem sabe enfim, ou, sei lá, com relação, por exemplo, aos canhões né, que foram descobertos quando a gente veio pra cá e tal. E a faculdade fez questão de deixar aquilo ali em evidência, pra que quando a gente chegasse né, no prédio e... e não sei exatamente se eles fazem parte dessa situação histórica, mas a gente, não sei, eu faço essa analogia né, eu acho que o que mais me marca é a Cabanagem (Katharine da Silva, aluna, 01/12/2023)

Algo que me marcou muito, foi o fato de que aqui foi um dos palcos da **Cabanagem**. (...) Aqueles canhões no jardim são daqui, da época da Cabanagem (...) É... eu não conhecia isso, eu conheci no primeiro semestre. É...tipo eu sabia que ele foi... Ah não, na verdade eu tenho um melhor. Quando a gente tava estudando aqui sobre o Mercedários, a gente primeiro descobriu que esse prédio não foi a primeira construção deles. É... essa é a construção mais recente entre aspas. É... quando os Mercedários vieram pra cá, eles primeiro construíram uma casinha de taipa. Era uma igreja de taipa, aí depois eles construíram... de taipa de... de taipa trançada mesmo, e depois eles construíram uma de taipa de pilão que durou quase duzentos anos, ela ficou erguida. E depois, só depois, eles construíram essa de alvenaria. Eu acho que essa é bem mais divertida que o dos cabanos, porque tu pensa: Nossa, eles poderiam ter... isso daqui já tem muitos anos, e tem. Só que não tanto quanto tu imagina que é, que tenha (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Olha, eu acho que... o que mais me marcou, além do fato dele ter sido um refúgio pra época da **Cabanagem** né, eu acho que foi o **incêndio**. (...) Foi uma coisa assim absurda o incêndio que teve, só que eu não tenho certeza se foi nesse prédio aqui, ou se foi o de lá. Entendeu? Ali onde funciona o Mercado de Carne, onde tem a Cuia preta, a Cuia verde, né. Eu não lembro. Casa Laura... Então... E aí quando eu vejo essa maquete aqui do incêndio, me

remete muito essa lembrança, lá atrás. Então, eu, às vezes, eu confundo os dois fatos. No fundo não, na verdade eu não tenho certeza se foi aqui ou se foi lá, porque eu não lembro. Ainda não procurei pesquisar a data desse incêndio, mas eu acho que foi o incêndio sim. Essa maquete do incêndio é bem impactante (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

Acho que o que mais me pegou assim, quando, logo quando eu vi, é... a relação que tem com a **Cabanagem**, né. Eu não fazia ideia da participação que esse prédio tinha é... dentro da nossa história. Porque a gente pega assim, essa parte, a Cabanagem e etc, no ensino médio. Mas eu não sabia que tinha ocorrido aqui. É... outras coisas como o **incêndio** que teve aqui, né. Que muitas coisas daqui foram levadas, porque... tentando salvar numa medida assim, muito, muito preocupados, eles acabaram deixando expostas e foram levadas. É... tudo isso. Tudo isso, assim, foi uma grande surpresa pra mim porque eu não fazia ideia, né, eu não tinha conhecimento (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Eu acho que a característica dele que mais me marca são os canhões que tem nos pátios, porque... lembra muito... eu associo eles com a **Cabanagem**, né. Não consigo afirmar assim, que tenha relação certa. Mas... eu vejo que pra mim isso me lembra muito... como nem tudo aconteceu há tanto tempo atrás assim. Porque quando a gente pensa nessas coisas, a gente imagina que, nossa, há muito tempo e que não sei quê. Mas quando tu vê, existem resquícios que a gente consegue observar no nosso dia a dia. Tanto que eu vejo eles todos os dias, e eu sempre lembro toda vez que passo por eles (Kathelle Santana, 01/12/2023)

Bem, a questão da construção em si, é... eu já não me lembro quantas é... quando foi que ele foi construído, foi mil setecentos e alguma coisa, mas eu não tenho essa informação assim fechada na minha cabeça. O que eu sei é que, voltando a questão do fogo, a estrutura do convento, principalmente a parte de lá, da Gaspar Viana, foi bastante consumida por um **incêndio** né, na década de 80. Então daí que a gente tem, claro, a perda de vários elementos é... da própria concepção do prédio, uma delas é a pintura né, são as pinturas parietais que tinha. É... a perda dos forros também, em madeira. E a perda do piso. Então esse piso que a gente tem hoje em dia, apesar dele ser muito bonito, não é original, né, ele foi substituído, então, é... que já é diferente da situação que a gente tem da igreja. A igreja, ela não foi atingida, então ela tem uma riqueza muito maior de materiais históricos, né. É ... que mais? A questão da própria cobertura, a cobertura também já sofreu né, por causa desse incêndio que... enfim, foi de grandes proporções. É... ela também foi bastante é... não digo descaracterizada, mas as peças originais foram praticamente todas consumidas. Então a gente inclusive consegue perceber que o piso de lá, às vezes, é um pouquinho... era né, quando a gente... antes da gente começar a fazer o projeto aqui. A gente conseguia perceber que tinha uma certa instabilidade, né (...) (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

De acordo com Michael Pollak (1992) a memória é um fenômeno construído, é seletiva, nem tudo fica gravado, registrado. Fortemente estruturados do ponto de vista político, existem datas e acontecimentos que são selecionados para serem gravados na memória de um povo, ou seja, há um trabalho de enquadramento da memória. Gonçalves (2007:142) ressalta que “os discursos do patrimônio se articulam enquanto narrativas, nas quais se relata a história de uma

determinada coletividade, seus heróis, os acontecimentos que marcaram essa história, os lugares e os objetos que “testemunharam” esses acontecimentos”.

A memória cabana ligada ao histórico do prédio, acionada por todos os alunos, demonstra ser esse um fato marcante, essa lembrança também está associada materialmente aos canhões expostos no claustro, que foram encontrados durante obras que ocorreram na edificação. O incêndio provavelmente foi lembrado devido ao contato diário que os usuários têm com uma exposição presente no primeiro andar, intitulada “Olhares e conexões: o acervo do LACORE”, com peças do acervo do laboratório, resultados de atividades acadêmicas dos estudantes, além de fotografias e uma maquete que mostra o estado em que ficou o edifício pós incêndio (Figura 3).



Figura 3: Exposição “Olhares e Conexões: o acervo do LACORE”. Foto: Ana Paula Claudino, 2024

Em 07 de janeiro de 2022, em comemoração a 187 anos da Cabanagem no Pará, a FUMBEL realizou uma projeção de vídeo *mapping* (Figura 4) com imagens históricas do movimento cabano na fachada posterior da Igreja das Mercês, voltada para a Avenida Boulevard Castilhos França. O público assistiu do anfiteatro da área externa da Estação das Docas. Esse evento reforça a materialidade do Complexo Mercedários relacionada à memória cabana, consoante com Pierre Nora (1993:13) “são momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhes são devolvidos”.



Figura 4: Vídeo *mapping* em alusão à memória da Cabanagem, projetado na fachada posterior da Igreja das Mercês. Foto: Ana Paula Claudino, 2022.

A relação entre memória e patrimônio na Amazônia relacionada a experiências fantásticas como parte da dimensão cotidiana nos sítios arqueológicos e na paisagem urbana de Belém, também são fontes que nos levam a reflexão da relação dos entrevistados com o Mercedários UFPA. As ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no sítio histórico de Joanes, Ilha do Marajó, e do Engenho do Murutucu, em Belém, constituem-se como paisagens sensíveis percebidas pelos moradores das redondezas devido a presenças de seres visagentos que permeiam esses locais (Silveira e Bezerra 2012; Bezerra 2017; Santos 2019).

As experiências sensíveis com o sobrenatural, também são comuns nas relações das pessoas com edificações antigas e ruas de Belém (Silveira e Soares 2012; Silveira e Rocha 2013), conforme Silveira e Soares (2012:158) “a arquitetura colonial cria um contraste em relação ao restante da cidade produzindo a impressão de ancestralidade bastante propícia à evocação das imagens do fantasmagórico”. Nesse contexto, as edificações coloniais existentes nos bairros de formação inicial da cidade, como Cidade Velha e Campina, são locais propícios para a representação desses fantasmas. “A memória do lugar pulsa como dimensão das paisagens fantásticas com elementos fantasmagóricos, materializando-se nas visagens, constituindo paisagens fantásticas” (Silveira e Rocha 2013:175).

Os discursos fabulatórios da presença de visagens associadas à pessoas escravizadas, objetos que se movem, portas que abrem, torneiras que são acionadas sozinhas, luzes que piscam, ou mesmo de ruídos no forro ou no piso foram citados pelos interlocutores que vivenciam o Mercedários UFPA. É curioso notar que na maioria dos relatos, os entrevistados não presenciaram o fato, mas sim alguém lhes contou, ouviram falar. Para saber a respeito desse assunto fiz a seguinte pergunta aos interlocutores: “Você tem histórias assustadoras para contar? Já viu alguma visagem por aqui?”. Os relatos foram os seguintes:

Olha, ver, ver eu não vi. Mas... eu conheço. Eu tipo, eu já vi algumas de outros. A gente até tira graça aqui, que a gente fala que visagem é figurinha repetida da nossa profissão. A gente trabalha com casarão histórico. Aqui eu não vi nenhuma, mas eu já... e também tenho muita curiosidade sobre isso, eu já perguntei. É... mas eu lembro de uma história dos guardas falando que é muito costumeiro eles virem fazer ronda aqui pra cima, e as tábuas daqui; elas fazem barulho quando tu pisa, madeira. E tipo é muito comum eles andarem e quando eles pararem, eles escutam passos andando pra cá e não tem ninguém, eles estão sozinhos. As meninas do Centro acadêmico falam que quando dá 18 horas, as luzes começam a piscar. Isso eu já vi. 18 horas as luzes começam a ficar piscando, é muito doido. Mas me disseram que já viram é... escravos nas janelas, essas coisas. Gente, aqui já teve muita coisa. Volto a bater no ponto que aqui foi cenário de luta cabana. Já morreu nêgo aqui, já morreu escravos aqui. Já morreu muita coisa aqui, então tipo, tem muita visagem (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Não, nenhuma, mas já ouvi relatos. E... eu não sei, a gente sempre desconfia né, porque eu sempre falo, eu brinco aqui que eu quero ver, mas... nunca vi né. Mas a gente ouve relatos aí dos funcionários. **Qual foi um relato que você já ouviu?** Ah! Que... tinha um balde né, um SG¹⁶ contou que tinha um balde de... de água, de limpeza né. E... parece que esse balde andou, não tava mais lá onde ele tinha deixado... ou então, a pia que do nada liga a torneira, entendeu? Essas coisas, que a gente sempre ouve por aqui (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023).

Não, apesar de todo mundo sempre vir me contar histórias de visagens, é... eu não tenho nenhuma assim. A única coisa mais próxima foi... logo quando eu comecei. Assim, faziam poucos, pouquinhos meses mesmo, ainda era tipo semanas. Eu acho que eu não tinha nem completado uns dois meses. Eu trabalho aqui desde 2019, desde junho de 2019. Então, acho que nem tinha completado ainda três meses de trabalho, e aí... o prédio ainda não... a gente, eu ainda não trabalhava na sala atual que eu trabalho hoje. E... no lado que eu trabalhava, era já final de tarde e já não tinha mesmo muita gente no prédio, e... acho que tava só eu e mais uma pessoa. E aí a porta tava aberta, a gente não tinha ar-condicionado na época, então as janelas estavam sempre abertas, e aí eu tive a impressão... eu tava fechando as janelas e eu tive a impressão de um vulto passando, e logo depois a porta bateu. Aí eu fui abrir a porta, olhei e não tinha nada, então... também deixei pra lá. Mas é a única coisa que eu tenho assim, de resto... só história dos outros (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023).

Olha, eu não vi nada. Mas, mas os... os vigilantes, né, os seguranças daqui falam muito que quando o prédio tá sozinho, sem aluno, e só tem eles, eles falam muito que eles escutam passos aqui no segundo andar. Que... alguma torneira, principalmente daqui de cima né, que é... só passa assim na frente e ela liga automaticamente. Que ligam sozinhas e não tem ninguém lá dentro. Essas coisas. Mas, mas deu ver, ainda por enquanto, ainda não aconteceu (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023).

Não vi, mas ouvi nas redes sociais, né, alguns comentários recentemente, sobre uma postagem que surgiu. Que falaram que existem, algumas pessoas já ouviram, mas que alguém falou pra mim não, ou que eu ouvi diretamente,

¹⁶ Agente de limpeza, serviço geral

não. **E quais são essas histórias que tu já viste nas redes sociais?** Ah, disseram que... depois das seis horas as pessoas escutam vozes ou barulho em outras salas. E no banheiro feminino dizem que em uma das cabines, sempre escutam alguma coisa. Mas eu nunca cheguei a presenciar nada (Kathelle Santana, aluna, 01/12/2023).

É, isso as pessoas falam muito. Eu já tive algumas experiências assim de... prédios antigos sempre tem essas histórias, né. E já aconteceram alguns fatos, assim é... de máquinas, de ligar, essas coisas. Naquela outra parte lá, aqui ainda não. Onde pegou fogo. Ali nós vimos muitas coisas, não só eu, mas a equipe. Mas... tudo bem né (Mário Nunes, carpinteiro, 30/11/2023).

Relatos né, relatos de trabalhadores. Tanto vigilantes quanto pessoal de empresa terceirizada né, que vem fazer obra. No forro, relataram algumas coisas, mas, é... isso aí faz parte. Mas eu nunca vi nada não, e quero continuar assim (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023).

Não, não vi nada disso [risos]. E eu vou te dizer que eu já passei por alguns prédios históricos e eu nunca vi nada em nenhum lugar hahaha. **Que histórias você já ouviu as pessoas contarem daqui?** Olha, eu não sei nenhuma específico, né, mas os alunos, né, que falam, que às vezes passam o dia todo aí, e quando chega noite ouvem ruídos né, alguns sons estranhos. É... tem as histórias engraçadas também né, que ah, na verdade eram os gatinhos daqui, tu sabes, né, que é cheio de gatinhos, né. E aí tem toda essa relação também com eles. Mas não sei uma história específica assim, e eu mesma não vivenciei nada (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Narrativas sobre o fantasmagórico em que aparecem personagens fantasmáticas femininas foram abordadas por Silveira e Soares (2012) em pesquisa realizada em dois pontos de táxi localizados na Avenida Presidente Vargas, em Belém. Nas falas dos taxistas é comum aparecer a “imagem sombria da mulher fantasma” (Silveira e Soares 2012:157), e entre elas aparecem freiras. Em Belém do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir (2004), a personagem Libânia aponta para o Colégio do Carmo e diz lá ser um local de muito encantamento, que uma freira aparecia na janela. No Mercedários UFPA a presença de espectros femininos que perambulam pelo interior do prédio também é recorrente entre os interlocutores, a mais citada é uma “freira”, seguida da “mulher do banheiro”, e ainda uma “moça de vestido vermelho”.

Não, graças a Deus não. A gente só escuta, que acho que vai ser unânime né, a resposta. Que é a história da **freira** (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023).

Não, assim, eu tenho uma história, que ela é um pouco curiosa. É... ano passado, foi na época que a gente tava preparando material pras oficinas do Restauro Pará, tava eu e a Lorena Santos, acho que tu não conheces a Lorena Santos, que ela tá, tá fazendo mestrado e também é aluna da graduação em Conservação e Restauro. A gente tava na sala, onde normalmente os meninos do mestrado ficam né, e alguns pibics também, que é essa aqui da frente. A gente tava assim, era 21:30/22h da noite, estávamos só eu e ela lá na sala, o

Alexandre tava aqui nessa sala, esperando o nosso lanche. E a gente começou a conversar sobre música, não sei o que, e eu coloquei uma música que eu costumava ouvir na época da faculdade, que é tipo... como é o nome da... é... Satanic mantra, porque enfim, eu não sei, a gente tava conversando e alguma coisa a gente desviou né, pra assuntos assim. A gente, aí eu coloquei pra ela ouvir, que é muito bacana. Mas do nada a porta abriu [risos] e assim, essa porta daqui, às vezes, se ela não tiver completamente é... encostada, ela abre mesmo né, com a circulação de vento e tudo mais. Só que ela abriu e ao mesmo tempo ela fechou. Tipo abriu um pouquinho e aí depois fechou. Aí a gente parou de ouvir né, o mantra satânico [risos], ficamos um pouco tensas ali, mas enfim... Tem a história da **freira**, que eu não sei se alguém vai te contar a história da freira. Tem o espírito da freira que ele fica rondando por aqui, e vários vigilantes já viram. Eles relatam várias coisas da freira, a respeito da freira, né, que anda com as chaves do prédio e tudo mais. Nunca vi a freira. Mas nesse dia que a porta abriu e fechou, a gente acha que talvez tenha sido ela [risos] mas assim de resto, nunca vi nada (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

Não, nunca vi. Já só me assustei, mas foi com um vigilante, que pegou na minha costa e eu tava distraído, e já era de noite. **Que histórias você já ouviu a respeito disso?** Ah, falam que... enxergam vultos, ou então que tem a **freira**, aí são coisas assim que sinceramente... eu não acredito. Até que eu vivencie, desconheço (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Ah! Tem uma história de uma tal de uma **freira** né, que aparece por aqui e... eu acho que essa é a mais marcante assim tipo dessa presença desse espírito de uma freira, que as vezes as pessoas sensíveis sentem a presença de um espírito, alguma coisa assim. E esses eventos de porta batendo ou barulho de gente andando, vai ver não tem ninguém. Isso eu já escutei (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023).

Não, não. Ainda bem que não. Olha, eu ouvi falar de um segurança, disque viu uma **mulher aí no banheiro**. Lenda né, eu acho, se é conto mesmo. Mas foi a única coisa aqui do prédio, desse tempo que eu tô aqui, foi isso (Ian Ferreira, técnico de tecnologia da informação, 30/11/2023).

Não, mas eu ouço a galera falando. Mas eu nunca presenciei. **E qual é a história que tu já ouviste o pessoal falar?** É... barulho de **porta abrindo sozinha**. A gente também acha que tem alguém que fica lá no banheiro. Porque sempre tem uma porta trancada lá. A gente diz que é o **fantasma do banheiro**. E eu acho que é... só foram esses os barulhos (Taís Viana, aluna, 01/12/2023).

Então, tem uma situação do banheiro feminino, que é o banheiro 2, que o... aquela trincazinha da porta, ela vive fechada né, e diferente dos outros, das outras portas dos outros banheiros, quando a gente é... quando a gente fecha ela, ou quando a gente abre, não vira esse... essa trincazinha. E quando a gente abre, ela insiste em fechar. Aí a gente tem uma brincadeira interna né, que fala que esse banheiro pode tá sempre ocupado por alguém, alguma visagem, algum espírito, alguma freira, alguma coisa desse sentido. Tem essa situação desse banheiro, tem a situação também de uma vez a gente tá estudando lá em... das vezes que a gente estudou lá embaixo, no hall do auditório maior, no térreo, e que não tinha ninguém, era seis horas da tarde, a gente foi fazer um contraturno pra terminar uma disciplina, uma disciplina prática, e aí... tava sei

lá, tinha cinco pessoas acompanhadas de uma professora. Nós estávamos a caminho da porta e a porta estava aberta, porta de vidro, que é uma porta pesada, e enfim, quando a gente tava se aproximando a porta simplesmente fechou sozinha. E quando a gente abre essa porta, ela tem tipo uma... no piso ela dá uma arrastada e ela fica fixa ali na porta né, ela trava. Ela simplesmente fechou, impossível aquilo ter sido vento, impossível aquilo ter sido vento. Toda aquela força e agente não sentiu se fosse vento. Então teve essa outra situação também que deixou a gente... que que tá acontecendo? (Katharine da Silva, aluna, 01/12/2023).

Olha, ver, ver nunca vi. Mas já ouvi, alguns passos lá em cima né. Que no final de semana, como fica só a gente, a gente faz a ronda, no prédio todo. Aí, um dia desses, numa dessas rondas, eu ouvi alguns passos lá em cima. Foi só dessa vez mesmo. Mas tem outros relatos, de outros funcionários que já viram, já ouviram também muitos barulhos né, vozes, passos. **Que história daqui que tu mais ouves?** Na verdade já ouvi duas histórias: de um rapaz que viu uma **moça de vestido vermelho** passando assim, aí ele veio ver não era ninguém. E muita história também sobre as **freiras**. Que elas fazem visagem. Mas tipo assim, nunca vi né, só ouço falar (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023).

As narrativas da presença fantasmal das freiras estão ligadas às memórias criadas pelos interlocutores em relação a época conventual. Embora apenas indivíduos do sexo masculino tenham sido internos do convento, isso remete a imagens de um período que não viveram, mas que se relaciona à função pretérita da edificação enquanto instituição religiosa. Ao relatar as histórias fantásticas, os respondentes evocam dinâmicas de tempos passados de vivenciar o lugar que se misturam com a contemporaneidade, indicando as transformações de uso do prédio, “as entidades fantásticas que animam o mundo imaginal vibram junto a um conjunto arquitetônico colonial no espaço amazônico, como referência às paisagens de poder do período colonial português” (Silveira e Bezerra 2012:120).

Quando perguntado aos usuários se consideram o Mercedários importante para a cidade de Belém, a maioria levantou os aspectos históricos da edificação e sua contribuição relevante na história de Belém como motivos de sua importância:

Sim, acredito sim. É... ele... ele é um **prédio histórico**, né, ele tem uma relação é... religiosa, até porque ele é um prédio que comportava um convento. Ele é um prédio que **fica num bairro antigo, né, de ocupação antiga**. É... um bairro que ainda é muito movimentado, ainda é um centro comercial na cidade. E também é rota do Círio de Nazaré, né, uma das manifestações religiosas mais importantes do país, enfim (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023)

Eu acho. Eu acredito né, porque conta a **história né, a história da cidade, a história do povo, né, aqui de Belém**. Desde lá do início e vai construindo ainda mais, né. Que hoje é a história de muitos alunos, né. Tá iniciando aqui. Então é bem importante mesmo. Assim como todo o Centro Histórico, né.

Acho que é a nossa história (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

Sim, muito importante. Porque ele é... **já faz parte né, da história de... do ano de mil oitocentos e pouco né**, muita coisa já aconteceu aqui e muita coisa ainda dá pra ser feita aqui né. Questão tipo de eventos e tudo, o espaço. Então eu acho que dá pra fazer bastante coisa aqui. Inclusive eu acho que vai participar né, da COP que vai ter, eu acho que é importante. Não sei se vão abrir ao público, e se abrir né, com certeza o público vai ser beneficiado com isso (Ian Ferreira, técnico em tecnologia da informação, 30/11/2023)

Ah, com certeza, né. E com a vinda, principalmente da UFPA pra aqui, é bem estratégico né, que é um local, que é icônico, é simbólico e facilita aí dela estar aqui, justamente na **parte histórica né**. E aí, é... eu acho que é interessante, né. Pra Belém também, né, o foco a partir daqui, pras mudanças aí que estão ocorrendo e vão continuar ocorrendo aqui na **parte histórica de Belém** (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023)

Acredito. Pela **história né**, por tudo que já aconteceu aqui. Todo o movimento que já teve, até hoje né, com a reforma, com o curso que tá tendo também. Acho bem interessante (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Sim, claro. Por tudo isso que eu te falei. Principalmente por ele ser o palco dessa é... por ele ser o local relativo à instalação desse polo de conhecimento, né, de... é... hã..., mas eu acho que o Mercedários hoje é importante pelo uso que ele tem hoje, né. É... por ele ser esse palco de tantas coisas pra tanta gente, né. E a minha história, a minha narrativa pessoal né, que é cheia de valor sentimental, afetivo né, como eu te relatei, é uma delas. Então eu acho que ele é importante por conta de todas essas construções de narrativas né, individuais. E para a sociedade, né, como um polo aí difusor de conhecimento né, de estudos, de pesquisa, né. É... então... e que geram frutos aí pra sociedade, especificamente pro patrimônio construído né, e **identificação mesmo da cidade**. Então quando você passa na frente, você identifica... assim, a gente tem a visão da cidade daqui e tem a visão sei lá, do rio, né. Então... lá vou eu com as minhas coisas afetivas. Eu me lembro do TCC da Marina eu acho, que ela aplicou uns mapas mentais no Complexo do Ver -o- Peso, e eu me lembro que eu desenhei no mapa mental, é... na época eu remava, então eu desenhei a cidade vista do rio. Então assim, eu acho que... é... e começava a partir daqui né. Então é... **o Mercedários ele também é a cara de Belém** (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Importantíssimo (...)pra justamente agora com esse restauro, pra mostrar pra sociedade que a universidade federal tem condições sim de manter esse prédio, e que ele é de grande **importância não só pra questão histórica mesmo do prédio**, mas também por conta de ser uma universidade pública né, e todo mundo poder ter acesso a esse lugar. E essa é a grande importância (Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Sim, muito. É... primeiro porque ele é um exemplar material de um determinado período é... **histórico**, então ele conta, ele ajuda a contar parte da **história de Belém pras pessoas né**. Então somos continuidade dessa história, então ele... e um exemplar da história que pertence a gente (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Com certeza, absoluta. Como eu comentei é... aqui é um **palco de cenários históricos e de muitos acontecimentos históricos**. É, as escavações que tiveram aqui tiraram muitas coisas, balas, revólveres, canhões, é... e...por exemplo, o forte que tem aqui na frente, não sei se todo mundo sabe disso, mas se não sabem, existe o baluarte de São Pedro Nolasco, que é aquela construçãozinha velha que tem... talvez tu saiba disso, é... que é aquele... não é uma construção. São os restos, do lado do... do... da Estação das Docas. É... ela foi construída basicamente pra proteger os Mercedários, então, tipo é muito doido pensar que é... teve mais complexos que..., teve mais construções criadas pra defender ele, pra estar por perto dele. E... saber de tudo que ele passou e da importância dele, e dele ser um prédio tão antigo daqui, é... e demonstrar tudo tudo que passou, toda a **história de Belém**, é muito doido (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Sim, pela imponência do próprio prédio né, e... **também pela história que ele... que ele tem. Tanto a história é... vamos dizer, a história em si mesmo de vários fatos que ocorreram sobre a ocupação**, sobre as pessoas que trouxeram, que construíram né, os Mercedários. E... também eu acho que hoje ele faz parte da história da vida de muita gente como a minha, entendeu (...)(Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023).

Com certeza. **Tanto pelo impacto histórico que teve né, na história de Belém**, quanto pela estrutura, porque é um monumento, né. Agora, logicamente ele não tá num estado tão legal é... no caso exposto assim, do lado de fora. Mas acredito que após a restauração vai ter uma coisa muito imponente. Tu não vai conseguir, por exemplo, olhar pra Estação das Docas e não ver o Mercedários. Que é uma coisa muito extensiva. É... a igreja também, acredito que quando passar esse processo, vai ter muito mais visibilidade (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Acredito, porque ele contribui **muito pra história, né, de Belém**. E é um patrimônio histórico que ainda tá erguido, sabe. E que ele tem condições de se manter, estruturado por muito tempo, e conservado, né (Kathelle Santana, 01/12/2023)

Para Nora (1993:9) “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos (...) é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (...) é afetiva e mágica, ela se alimenta de lembranças vagas, particulares ou simbólicas (...) se enraíza no concreto, no espaço, na imagem, no objeto”. Nesse sentido, nascem os “lugares de memória”, como a necessidade de se criar uma memória arquivística, ou seja, a materialização da memória, que se apoia em suportes exteriores, referências tangíveis de sua existência, como o vestígio material, o registro concreto, o visível da imagem.

Assim, podemos caracterizar o Mercedários UFPA como um “lugar de memória”, pois além de lugar arquitetural monumental de destaque na formação urbana e histórica da cidade, se encontra revestido de uma aura simbólica que funciona como um gatilho despertador de lembranças recentes ou mais remotas, afetivas e significativas (Oliveira e Pinheiro 2023). Essa memória afetiva adquirida entre os usuários da edificação está ligada às experiências

individuais e coletivas que podem ser acionadas a qualquer momento do cotidiano, diante do contato diário com o espaço e os elementos que o constituem.

Para a maioria dos respondentes, o prédio é bem utilizado e conservado, principalmente a partir do momento que a universidade passa a ocupar o espaço. Mas consideram que o estado de conservação das áreas internas, seja bem melhor que o da parte externa, pois a fachada ainda se encontra bastante deteriorada, devido as obras não estarem totalmente concluídas.

Sim, eu acho. Tá sendo bem utilizado né, porque tá formando, é um espaço que tá sendo utilizado pra formar novos profissionais, para que seja né, novos profissionais na área de conservação e restauro (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

Bem utilizado e conservado né, porque tá desempenhando agora as atividades da faculdade, né, de graduação e pós. E tá bem conservado porque já tá sendo desenvolvida as obras né. Não tava antes né, porque tava pendente de obras e agora tá sendo feita as obras e tá sendo mais conservado ainda (Ian Ferreira, técnico em tecnologia da informação, 30/11/2023)

Com certeza. A gente tá é, justamente com a vinda da UFPA pra aqui né, passou, estava um tempo sem ocupação né, foi, já teve vários órgãos que funcionaram aqui, mas durante um tempo tava sem ocupação. E aí, claro, que um prédio que não é, que não está sendo ocupado, ele acaba né, com o tempo, sem tanta manutenção quanto deveria, tendo problema. **Mas com a gente aqui desde 2018 tá proporcionando essa manutenção, essas reformas. E aí ele tem se mantido bem** (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023)

Sim. É bem utilizado. Todo o espaço praticamente é usado né. Tanto lá em cima quanto aqui embaixo. E ele é bem preservado por todo mundo. Por todos os funcionários e até mesmo pelos alunos também né, que fazem o curso aqui. É isso (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Sim, ele é bem utilizado, eu acho que agora mais do que nunca, que eu tenho acesso ao projeto né, e tudo mais, eu acho que...é um projeto que ele é muito bem pensado né, **no sentido do aproveitamento de todos os seus espaços.** É... há...funcionalmente falando né, enfim, a coisa toda, e que tem uma destinação muito importante (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

(..)Porque o prédio dos Mercedários ele não só é a universidade de conservação e restauro, mas também da pós-graduação né, e também do PPGPatri né, que é a pós-graduação, mas também é o prédio atual do LACORE, que é o Laboratório de Conservação e Restauro da UFPA, que ficava no campus Guamá, e que agora também funciona aqui nesse prédio. E assim... então... muitas coisas ainda vão acontecer. Existe um projeto pra ter cinema nesse prédio né, temos aí bastante espaço então... uma parte da escola de música vai vim pra esse prédio também né... Então várias coisas vão acontecer(...)(Manoel da Silva, aluno, 17/11/2023).

Sim, sim. Agora o prédio depois dos usos que ele teve né públicos e tal, ele é sede de uma universidade e foi adaptado pra receber o curso de

conservação e restauro. E acredito que ele foi muito bem é... projetado pra... não projetado, mas adequado pra receber esse curso. Atualmente ele tá em processo de restauração, então sim, faltam algumas adaptações que assim ajudam a preservar mais né, a conservação dele, mas... pro que era antes, acho que sim, que ele tá bem conservado e vai estar mais futuramente quando a obra tiver concluída (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Acho, é... nossa... ah, primeiro eu poderia começar com o fato de que toda essa parte daqui de cima pegou fogo. Tu consegue ver ali no... na nossa... exposição. Pegou fogo, então, tipo, tu olha ao redor e tu nem imagina né. Fizeram um excelente trabalho aqui. É... **a gente tem o LACORE, que é o Laboratório de Conservação e Restauro, eles tão a frente do... é o laboratório de pesquisa.** Eles estão a frente do restauro do Mercedários (...)(Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

(...)eu acho que... que **ele é bem utilizado com essas atividades de ensino, pesquisa e extensão também.** Tem essa perspectiva de outras atividades culturais aqui dentro, e de formação também, e... pesquisa e extensão de outras áreas, que não só a Conservação e Restauração (...) Então eu acho que o Complexo dos Mercedários, ele também acaba expandindo esse entorno imediato. E essa visão melhor, até essa percepção de que talvez algumas pessoas tenham, desse buraco, como eu tinha, acabe é... melhorando e entendendo o que é o Complexo dos Mercedários e as atividades que vão acontecer aqui (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Sim, eu acho. Eu acho que ele tá sendo bem utilizado, né. Em princípio a gente acreditava que era um espaço que não acabava mais. Mas conforme as atividades vão se desenvolvendo né, **as atividades da graduação, da pós, e a própria atividade do Laboratório de Restauração e Reabilitação (...)** Apesar de já ter sido aprovada a verba do BNDES, que foi um processo de batalha muito grande, né, desde 2021 a gente vai trabalhando pra conseguir o recurso pra fazer essa **pintura mais exterior**, que é o que chama atenção da sociedade. Quem tá de fora acha, ah não, o prédio tá todo pixado né, a pintura não tá novinha, então não tá sendo utilizado. Mas não é bem por aí, porque quando você entra, você vê, todas as alterações que já foram feitas, né. Então, claro que é um trabalho que não é tão rápido, quanto normalmente as obras acontecem né. A obra de restauro ela é mais demorada. É... mas, a conservação e o restauro estão sendo executados, né (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

Internamente sim, agora. **Só externamente né, que ele tá um pouco acabado.** Mas com essa reforma acredito que vai ficar perfeito. Ele já bonito, né? E com esse restauro aí, com certeza vai ficar bem melhor. Mas internamente sim, acredito que sim (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023)

Com certeza. **Talvez não exteriormente**, como eu já citei antes. Porque, querendo ou não, é... o público externo, a gente não tem o controle, né? Então a noite a gente não tem esse controle. **Então aqui se você ver externamente, tu vê as pichações, vê alguns lugares que tem fratura no prédio...** Mas tudo isso, acredito que se tomarem algumas medidas, talvez diminua. Mas na parte de dentro, com certeza (...) (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Acho. Porque a gente ainda consegue é... ter os... não sei se eu posso falar remanescentes das decorações né, das decorações arquitetônicas. Hã... **mas**

ainda é bem deteriorado acho que na parte externa (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

De acordo com Erving Goffman (2001) toda instituição tem tendências de fechamento, as instituições totais são caracterizadas pela barreira à relação social com o mundo externo, incluídas no esquema físico da edificação, por meio de portas fechadas, paredes altas e etc. Como alguns exemplos dessas instituições temos, abadias, mosteiros e conventos, entre outros. Esses estabelecimentos são destinados a refúgios do mundo, servindo também como locais de instruções para os religiosos.

Enquanto convento, a edificação dos Mercedários passou um longo período com essa destinação. Em outro momento, quando de outros usos, permaneceu um tempo subutilizado e fechado. Atualmente, ainda em obras, seu acesso é restrito aos funcionários e alunos. Conversando com os interlocutores foi apontado que isso acontece muito pela questão da segurança, que ainda não tem um suporte capaz de receber um grande público, e por conta de o prédio ainda passar por obras. Mas com o fim do processo de restauro permitirá se constituir como um espaço mais aberto à população.

Os respondentes apontaram algumas sugestões para melhorar o acesso e utilização do espaço para o público em geral, entre elas visitas guiadas e uma parceria com o projeto Circular, que já promoveu algumas visitas e evento no espaço. Em setembro de 2018 ocorreu no polo Mercedários UFPA o I Fórum Circular: Patrimônio, Cidadania e Sustentabilidade, primeiro evento ocorrido após a ocupação do espaço pela universidade. O projeto Circular Campina Cidade Velha foi criado em 2013, por iniciativa da sociedade civil, como um circuito cultural para estimular o processo de valorização dos bairros do Centro Histórico de Belém, incentivando a melhor apropriação e utilização das edificações localizadas nessa área.

(...)Como é um prédio muito grande, né, é... eu acho que tem que ter um controle do acesso né. Ainda mais pela área que hoje, ainda, ele tá inserido. E a gente pode dizer que a gente ainda tem várias demandas importantes com relação a segurança, né, então é preciso ter esse acesso controlado. Então hoje eu concordo com a maneira como ocorre essa certa limitação de acesso, em função de questões principalmente de segurança. É um processo né, e eu acho que a gente tá com um bom caminhar ao longo desse processo e...é... enfim, o curso foi, foi implementado e logo em seguida veio pandemia, então foram vários entraves né, que se apresentaram aí ao longo do caminho também. E eu acho que... de uma maneira muito efetiva né, vem sendo tomadas assim as providências, sendo feitas as implementações necessárias pra tudo ocorrer da melhor forma possível (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

A gente tem aqui no Mercedários, no convento, principalmente... Se a gente for olhar pela igreja, a igreja ela tem um acesso de certa forma público, então o acesso... e ela é muito frequentada. E é até uma percepção que com o tempo a gente vai adquirindo, de que ela é... apesar de estar no estado que está, e precisar de uma restauração, ela é muito frequentada, tem muitas missas, tem muitas atividades, círculos de palestras, essas atividades beneficentes e tudo mais. Isso do lado da igreja. Aqui no Complexo Mercedários em relação ao convento, é... acaba sendo uso mais restrito nesse momento, porque tá passando por obras, mas tem essa perspectiva de atividades culturais, de restaurante, de museu, é... de também apresentações musicais. Então a gente teve uma experiência de um é... de um **circular** que aconteceu aqui, e tava tocando música e as pessoas de fora criavam essa curiosidade de adentrar pra vivenciar o espaço e entender o que tava acontecendo ali. Então a gente acredita que essas atividades vão aproximar a sociedade pra dentro do complexo, as pessoas vão começar a se identificar e isso vai favorecer é... a melhor percepção também daqui do Complexo do Mercedários (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

(...)Eu acho que poderia sim ser mais utilizado pela população em geral, quem tem curiosidade de entrar, de visitar. Mas eu entendo que atualmente existe essa... esse monitoramento com a segurança e por isso nem qualquer pessoa pode acessar o prédio. E eu acho que também não só isso, mas pelo fato dele também tá em restauro né. E aí um dos motivos das pessoas não poderem acessar seriam esses. Teria que planejar um controle melhor de segurança no prédio pra poder deixar 24h... 24h não né, dentro do horário comercial aberto ou com o horário de funcionamento dos demais prédios históricos do centro histórico, tipo museu e tal, enfim. E... eu acredito que é isso, não sei, futuramente deve haver algum, alguma coisa no plano do prédio né, que vise esse, essa abertura maior pra sociedade. Mas eu acho que atualmente o acesso, as pessoas não poderem ter esse livre acesso, eu acho que seria esse... o fato dessas pessoas mais externas não poderem acessar (...)Pois é, como o prédio tá em restauro e... eu acho que o ideal mesmo seria terminar esse processo de restauro do prédio pra poder dar esse acesso às pessoas, mas eu acho que uma forma, não sei se já funciona, acho que de vez em quando, por exemplo, aquele projeto do **Circular**, eles têm alguma programação aqui no prédio. Então eu acho que talvez se, o prédio, se o Mercedários tivesse mais incluído no Circular que acontece com frequência né, eu acho que seria uma boa, não só na programação tipo do Michel Pinho, que ele dirige e tal e faz aquele circuito histórico de palestras e tal, de conversas. Mas eu acho que se ele tivesse na programação do Circular, pelo menos no domingo, toda vez que tivesse, seria legal tá aberto assim, sem necessariamente essas mediações, sabe (Katharine da Silva, aluna, 01/12/2023)

Olha, acredito que quando ele for restaurado tem alguns projetos né, que... quando teve a assinatura do termo, que tão pensando em colocar aqui. E eu acho que esses projetos que eles falaram, eu acho que isso atende o público, entendeu? O público é... dessas redondezas. Até o pessoal que quer visitar, porque aqui a gente já recebe muitas pessoas que querem olhar o prédio. Só que por conta da... do prédio não tá totalmente reformado, e sempre tem alguma obra ali, aí... tem que agendar, com antecedência né. Mas já tem o projeto do **Circular**, que de vez em quando tá aqui dentro, né. E vem as pessoas que querem visitar, conhecer a história do prédio, tem essa oportunidade. Mas sugestão assim, eu acredito que... por enquanto, nenhuma (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023)

Olha, eu acho assim que... tem que ser mais divulgado. E o acesso ao museu tem que ser mais amplo. Eu entendo a necessidade de conservar, de não ter... todo mundo ter acesso aqui, eu entendo isso. Mas eu acho também que a gente tem que pensar uma maneira, eu não sei te dizer qual, mas que a população possa conhecer isso aqui. Porque muita gente não conserva por não saber o que funciona aqui, nada aqui dentro, entendeu. Então, olha, a gente tem o **Circular**, é... o Circular ele já conseguiu é... acesso algumas vezes. Mas, por exemplo, as pessoas não entram aqui, pelo menos que eu saiba né, não sei se eu tô falando alguma bobagem, até a parte do museu, entendeu? É... por exemplo, eu trabalho, sou instrutora do Arraial do Pavulagem, aqui no... dia de junho, bem aqui na Boulevard Castilhos França, nesse espaço novo, onde eu estudo. Então... eu falo muito pras minhas crianças, que eu trabalho com crianças de 7 a 13 anos. Que aqui funciona, que aqui tem um museu, que aqui tem um espaço. Então eu morro de vontade de trazer elas pra conhecer aqui, e esse acesso não é tão facilitado, entendeu. Então eu acho assim que... porque eu tenho a seguinte teoria, né, que pra ser preservado, pra ti conservar, tu tens que conhecer. E isso tem que começar com a base, com as crianças, entendeu.(...) Então eu acho que a gente tem que começar a abrir pra escolas, eu acho que é um primeiro passo, entendeu. É... visitas monitoradas pra escolas, escolas é... fundamentais mesmo, de ensino fundamental, entendeu. Trazer as crianças pra conhecer esse espaço, pra conhecer...(...) E eu acho que uma das maneiras é a visita monitorada a esses espaços, como já acontece no José Liberto, como já acontece aqui no Forte do Castelo, né. Por que não estender pra cá? (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023)

Eu acho que... é, muitas das coisas que, que tem, é... por exemplo, o Circular, algumas medidas já tão sendo tomadas, né. Porque, por exemplo, teve o último **Circular** que teve, teve a explicação do que é os Mercedários. Já teve visita esse ano aqui dentro. Então acredito que, eu acho que, se tivessem mais visitas ou então se explicassem mais sobre os Mercedários, tanto pras pessoas que passam lá fora... Porque tipo tem isso na igreja, mas não tem sobre o convento. Quando tu vai ali na entrada da igreja, eles tem lá os panfletos explicando da igreja, mas não tem nada sobre o que funciona aqui. A faculdade de conservação e restauro... pouquíssimo conhecido também, em relação ao Guamá. Pouquíssimas pessoas conhecem o curso que funciona aqui dentro. E... a história também, tanto eu... porque eu... Por exemplo, eu não fazia ideia, do que era aqui. Apenas olhava o prédio e falava ok (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

Que é, no caso, é... a obra que tá acontecendo, né. Que é exatamente pra isso, pra que no futuro, a gente possa tá recebendo mais visitas. E assim, como eu, outras pessoas que não sabem, né, porque muitos ainda não sabem realmente. Que quando eu falo que eu trabalho aqui, o pessoal fala: Nossa! Tu trabalha lá, mas tá abandonado. Aí o que eu costumo responder: é que a obra né, o restauro tá acontecendo ainda pela parte de dentro, a parte de fora, externa, vai ser a última, né. Aí por isso que a pessoa ainda não sabe, né, que não tem ainda uma placa lá da UFPA. Mas... eu acho que tá sendo... estamos trabalhando pra chegar nesse momento, de que possa vim trazer a comunidade, né, um pouco mais pra esse espaço (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

Acesso... olha, se pudesse ter mais eventos né, livre a população, seria bom. Eu acho que...eu vejo poucos. Eu sei que tem alguns, mas eu vejo pouco. Assim questão de divulgação, eu acho que eles não divulgam muito. Tanto que outras pessoas não conhecem, a maioria das pessoas que eu falo que: ah, trabalho em lugar tal. Ah, não sabe nem onde é que é. Não tem muitos

informativos que esse prédio aqui é da UFPA, e que tem essa atividade da UFPA aqui. Aí se fosse divulgado mais, acho que seria melhor também (Ian Ferreira, técnico em tecnologia da informação, 30/11/2023)

Pra melhor assim né... Porque como a UFPA é uma universidade pública né, então todo mundo pensa que quem pode chegar pode entrar né. Aí no caso tem toda essa restrição de autorização. Mas seria bom assim, ser aberto ao público. Seria uma novidade, eu acho, pra população daqui, ao redor né. Seria uma boa. Acho que primeiramente tinha que aumentar a segurança, né? Do prédio. E... e entrar em algum acordo com a direção, pra que essas pessoas tenham acesso, né. Porque muita gente chega aí, quer entrar, quer bater foto, e não pode, por conta dessa restrição que é feita pela direção. É isso (André Sousa, agente de portaria, 30/11/2023)

Ele funcione melhor quando é... tiver sido feita né, a pintura exterior e a programação visual também esteja instalada né, indicando que aqui é Mercedários UFPA, pra que as pessoas saibam que realmente o prédio, ele tá em funcionamento. O acesso vai ser mais, digamos assim, mais facilitado, né. Enfim, também, com a questão café, que tem a proposta de fazer um café lá embaixo. Então isso vai, vai de fato facilitar esse acesso (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

Hum... eu acho que essas melhorias elas já estão previstas né, em projeto assim, quando concluir a restauração. Nesse sentido o Mercedários ele é muito fechado né, pro público. E tem diversas pessoas que falam comigo assim, tipo ah, como é que faz pra visitar? Porque tem interesse em conhecer o complexo, nunca entrou aqui e... enfim, o prédio em si ele gera essa curiosidade né. Como é que é dentro, e aí tem esse limitante que é não poder entrar aqui por, eu acredito, que o prédio estar em obras. Talvez esse seja um empecilho né, pessoas entrarem aqui e tudo mais. É... mas eu acho que poderiam ter visitas periódicas produzidas a partir... não sei, talvez da universidade mesmo, do curso, pras pessoas conhecerem. Por que eu acredito que as pessoas vindo visitar, até... pessoas que trabalham aqui perto possam conhecer, dê até mais importância, digamos assim, e gere um cuidado a mais. Porque, por exemplo, a gente tem um problema pela redondeza né, de vandalismo e etc. Acho que se essas pessoas conseguissem adentrar o prédio é... e conhecerem a importância, vê o que que é gerado aqui dentro, as vezes as pessoas nem sabem que aqui funciona um curso, então acho que as pessoas tendo conhecimento, talvez atualmente ajudasse também pra preservação, pra uma melhor conservação do prédio (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

É a questão das visitas, que poderiam acontecer pro público. E... acho que o próprio curso né, tipo os alunos poderiam é... promover. E acho que é isso (Taís Viana, aluna, 01/12/2023)

Por meio das entrevistas foi possível juntar as perspectivas individuais com as histórias mais amplas do edifício. O estudo arqueológico de edifícios numa perspectiva da agência não humana pode ser estendido para as distribuições espaciais e temporais dos mesmos, examinando como as biografias humanas estão ligadas a eles (Hicks e Horning 2006). O edifício Mercedários se perpetua por séculos, testemunhando transformações materiais, reflexo das mudanças ideológicas, econômicas e de trocas de poder que derivaram em variações de seu

uso, sem modificar muito a estrutura como um todo que, ainda permanece monumental, tal como a maioria das construções religiosas do período em que foi implantado.

Quando histórias da vida arqueológica de edifícios são escritas, são revelados conjuntos versáteis “continuamente dispersos geograficamente ao longo do tempo por meio de agências humanas e não humanas combinadas” (Hicks e Horning 2006: 291). Ir além da recuperação desses contextos passados de significado e do conhecimento dos contextos sociais contemporâneos, para “o estudo de pessoas e coisas em fluxo: mudando fisicamente por meio da ação humana, ou fragmentando-se no tempo e no espaço” (Hicks e Horning 2006: 290).

Inevitavelmente, o afeto que as pessoas estabelecem com o espaço tem relação com o passado histórico/arquitetônico/arqueológico que conhecem do lugar. Os respondentes discorreram sobre suas lembranças, aspectos saudosos e laços afetivos que o espaço lhes desperta, além de suas relações entre memória e patrimônio “considerando o papel das narrativas fantásticas na construção das paisagens memoriais e nas formas de materialização e de fruição do passado colonial” (Silveira e Bezerra 2012:120). Por meio das narrativas é possível perceber que as histórias evocam experiências que fazem o passado vibrar no presente” (Silveira e Rocha, 2013:180).

Em novembro de 2023, a Igreja das Mercês promoveu dois encontros com professores e alunos da FACORE para um almoço (Figura 5), a maioria dos entrevistados participaram e relataram que se tratou de um encontro de aproximação entre os integrantes da igreja e da universidade, em que foram apresentados os projetos que a igreja está desenvolvendo com as pessoas do entorno. Também foi uma oportunidade de conhecer o espaço do templo e a relação de conexão com prédio da universidade.

(...)com essa vinda da universidade pra cá e como envolve também a igreja, a igreja tem uma dinâmica é... que tá bem enraizada e vem se mostrando cada vez mais preocupada com o entorno, eu acho que... E a igreja também vem fazendo algumas atividades, além daquelas que ela já desenvolve, como as missas, é... também tem algumas missões que eles querem fazer, no final do ano, principalmente, distribuir alimentação pros moradores de rua, conversar com eles, entender o que que eles passam (...)Olha, eu acho que é muito importante essa aproximação, até porque a gente tem essas visões de que a igreja, obviamente, ela é católica, e o estado, ele é laico. Então a gente tem também a universidade, que tem essa... esse posicionamento de ser diversa, de respeitar todas as vertentes. E essa participação lá, ela foi bem fraterna e não envolveu diretamente essa questão de religião. Então eu acho que a igreja, o padre, principalmente, que nos recebeu, ele teve esse cuidado e respeitou muito a... o ponto de vista de todos que estavam ali, até porque ele entende e compreende como é a dinâmica da universidade.(...) Então independente da religião eu acho que isso é um ponto positivo, e mostra que não é só a questão

do espaço em si, também envolve o entorno imediato e dá essa resposta pra sociedade como um todo (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

Ah, eu acho que é uma proposta muito boa da igreja né. E assim, é também de interesse da universidade manter essa boa relação. Por que? Porque o convento, ele não tá desatrelado da igreja, né. A proposta, o prédio ele foi construído pra atender algumas necessidades da igreja. E apesar de ter mudado de funcionalidade agora, não significa que eles vão ficar de fora, né(...)E... e existe também uma proposta dele, principalmente do padre, de fazer um trabalho. Ele já faz um trabalho com alguns usuários, né, de drogas, daqui dessa parte da Gaspar Viana(...)Então eu acho que isso, pra você trabalhar não somente o restauro do prédio em si, a retomada, né, dessas atividades, o acesso da população aqui. Mas eu acho que trabalhar também essas pessoas que são menos favorecidas, e que estão no entorno imediato. Isso eu acho que é muito importante. Manter esse diálogo é... bem próximo com essas pessoas que tão aqui no entorno, né. Então eu acho que nesse sentido isso é muito bacana. Essa... estreitar esses laços, né (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

(...)a gente teve a oportunidade de conhecer. Eu não conhecia igreja. Eu, assim, dentro mesmo né. E... eu gostei muito(...) (Edivany Costa, secretária, 30/11/2023)

(...)criar laços, né. É uma forma da gente entrar no espaço. Porque até eu, só tinha... eu só conhecia, eu já tinha entrado na igreja, mas só conhecia mesmo a parte da igreja(...) (Natássia Ferreira, técnica administrativa, 30/11/2023)

(...)Eu gostei, eu achei interessante porque é... a gente trabalha aqui e a gente não sabia, eu, particularmente, não sabia o que tinha é... por exemplo aqui do lado da nossa copa. É uma parte já da igreja. E aí a gente é... uma moça lá, esqueci o nome dela, uma irmã lá falou pra gente que eram quartos, os dormitórios do padre né, do pessoal(...) (Kleyci Madeira, assistente administrativa, 30/11/2023)

Foi bom, foi legal, porque é uma interação né, é um contato com eles aí. A partir daí a gente vai trabalhar o projeto, vai ser em comum né, da igreja e aqui (...) (Marcus Rocha, administrador, 30/11/2023)

(...)até porque o projeto de restauração não vai cobrir só o convento, vai cobrir a igreja também. Então acredito que com essas mudanças é... a gente acabe ficando mais próximo. Então, foi muito bom. Eu gostei muito (Sara Miranda, aluna, 01/12/2023)

(...)Então eu acho muito legal de ver essa relação se estabelecendo né, e sendo cultivada mesmo, né, mantida, porque eu acho que é importante. Independente de agora existir um novo uso pra cá, né, mas ele precisa se conectar, né, não só com o anterior, mas com todos os vínculos né, que se tinha ali com o próprio edifício, né, então é importante isso também (Mayra Martins, tecnóloga em Conservação e Restauro, 01/12/2023).

Foi interessante porque a gente... apesar de escutar essa movimentação na igreja, eu pelo menos, nunca tinha tido contato com as pessoas que vivem lá (...) (Iana Briaca, aluna, 30/11/2023)

Sim, foi um almoço né, que eles fizeram. Foi bem legal, foi bem diferente. É... teve também uma palestra sobre a Cabanagem, mas eu não pude estar presente. Mas eu acho que o almoço foi muito legal, é... enfim do padre, dos integrantes da igreja né, terem essa curiosidade de saber quem é a gente e a gente saber quem são eles, estabelecer esse contato, eu acho muito importante. Até mesmo porque às vezes a gente faz trabalhos lá de prospecção pictórica, a gente já fez de GPR com a arqueologia. E aí eu acho legal tipo ambas as partes que convivem no espaço se conhecer, sabe(...) (Katharine da Silva, aluna, 01/12/2023)

(...)inclusive eu achei muito engraçado um momento que... nós temos a dinâmica de não fazer barulho aqui, a gente normalmente costuma é... ficar em silêncio, ficar tudo, sabe, bem tranquilo, porque a gente entende que como eles são muito próximos da gente, às vezes a gente escuta as missas deles, da mesma forma que eles escutam o barulho que a gente tá fazendo. Então, por respeito, a gente tenta manter um ambiente mais tranquilo. E... na reunião eu descobri que eles fazem o mesmo. E chegou em um momento em que o... eu até falei, às vezes não dá nem pra parecer que vocês tão aí, aí ele falou; Nossa, tu jura? Porque as vezes eu já perguntei pro padre se realmente tinha alunos aí, porque vocês não fazem barulho, não fazem nada. Aí foi um momento muito descontraído, foi muito bom (Kelvin Mendes, aluno, 01/12/2023).

Há perspectivas de integração física entre os espaços do antigo convento e da igreja, mas ainda estão sendo avaliadas a viabilidade de execução desse projeto.

Tem, tem uma proposta, mas ela ainda não foi... eu acho que ainda não foi avaliada. Porque, por exemplo, se acontecer algum tipo de celebração na igreja, tipo batizado, casamento, então existe uma previsão de fazer uma ligação né, é... pelo local onde hoje é a sacristia, pra chegar até aqui no convento e, enfim, fazer uma recepçãozinha. Igual como tem o salão lá na Sé, né, pra celebrações de pequeno porte, digamos assim. Funciona muito bem. Então existe essa previsão né. Agora... eu não sei te dizer se de fato vai ser implantada como tá na proposta ou se ela vai sofrer algum tipo de ajuste, né. Enfim, e é essa a proposta (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023)

A gente tem é... no projeto, a gente tem essa perspectiva de refazer né, essa integração. Porque tinha a igreja, a igreja tinha uma ligação com o convento, e a gente pensa ainda como fazer essa ligação física mesmo, restabelecer essa ligação física. De modo que tenha um portão pro lado da igreja, e um portão pro lado do convento. De modo que ambos estejam de acordo em fazer essa ligação de espaços pra que... em alguns momentos. Então a gente até pensa, mas tudo fica ainda em perspectivas futuras, de fazer algum trajeto de visitação da igreja mesmo, de repente até com cobrança de uma taxa mais simbólica né, de visitação, pra conhecer as torres, conhecer o coro, conhecer o transepto, enfim... A igreja e de repente finalizar esse percurso por aqui, mas quem tá tomando conta disso é a Flávia, que tá fazendo esse projeto que envolve também a questão museal. Então a gente pensa em reintegrar, fazer essa reintegração do acesso físico mesmo, e eu acho que isso vai ser muito bom. E de certa forma a gente tem os quartos de lá da igreja, dos apartamentos, eles são voltados pro nosso pátio, então a gente acaba tendo... então a parte de cima voltada, quando a gente tá saindo da escada, de frente pra lá, lá é tudo dormitório dos missionários, do padre. Então até quando a gente foi pro almoço lá, ele brincou que às vezes ele tá indo dormir e a gente ainda tá

trabalhando, que as luzes tão acesas. Então de certa forma a gente tem essa ligação, então a gente até tenta manter é... os horários de missa, se tá tendo obra, a gente pede pra dar uma segurada, até pra não atrapalhar. Então tem esse respeito mútuo que a gente pretende manter sempre essa boa convivência com a igreja e vice-versa (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).



Figura 5: Almoço de integração entre membros da Igreja das Mercês e do Mercedários UFPA. Fonte: Instagram @mercesbelem

Historicamente, o Mercedários UFPA se constitui enquanto espaço sagrado e relacionado com a educação em Belém, outrora conduzido pelos padres mercedários no âmbito de uma instituição religiosa e atualmente por professores de uma universidade. Tanto naquele tempo quanto hoje, com o ensino voltado para o campo cultural artístico, que parece ser sua vocação, pelo caráter histórico arquitetônico da edificação e sua inserção no centro histórico que possibilitam uma imersão ainda mais eficaz para a realização dos projetos que vem a ser implementados.

(...) Olha, até porque quando ele foi feito, **ele foi feito com a intenção de ser uma escola, né. E aí é como se ele voltasse a sua origem né, uma faculdade aqui dentro...** (...) (Luciana Ramoa, aluna, 01/12/2023)

2. OS MERCEDÁRIOS E O BAIRRO DA CAMPINA: UM PERCURSO HISTÓRICO

2.1 – A Ordem de Nossa Senhora das Mercês e a educação em Belém

Vicente Salles (1980) relata que os elementos fundamentais da conquista do território de Belém foram a posição geográfica, a marca da religião e a estratificação social. No controle da catequese indígena, as ordens religiosas instituíram atividades culturais em arte, música, teatro e linguagem como instrumento pedagógico e recreativo para o ensino da fé e do trabalho. Thais Silva e Maria de França (2020) apontam que a educação era responsabilidade das ordens religiosas, que a conduziam, na Amazônia, seguindo os moldes europeus de ensino advindos da Idade Média, com formas de ensinar baseadas em técnicas próprias da educação formal. Entre as ordens que se destacaram no campo da educação na Amazônia, a de Nossa Senhora das Mercês teve importante papel.

Maria de Lourdes Sobral (1986) e Vanessa Teixeira (2017) contam que a Ordem de Nossa Senhora das Mercês, é uma ordem religiosa e militar de origem espanhola fundada em 1218. De acordo com Teixeira (2017), neste período, os mouros ocupavam parte da Península Ibérica e obrigavam os cristãos a se tornarem seus cativos. A liberdade só seria concedida aos cristãos que se convertessem à fé islâmica. E essa relação duradoura e conflituosa entre cristãos e mulçumanos está intrinsecamente ligada ao histórico de Nossa Senhora das Mercês, que é considerada mediadora dos fiéis escravizados.

Por meio dos investimentos de São Pedro Nolasco e São Raimundo da Penaforte, junto ao rei de Aragão D. Jaime I, foi fundada a Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos. De acordo com os relatos da ordem, a Virgem teria aparecido em sonho para os três homens em uma mesma noite fazendo o mesmo pedido de intercessão pelos cristãos cativos. Assim, eles formaram a Ordem com votos de castidade, obediência e pobreza, além da finalidade militar com o objetivo de libertar os cativos (Teixeira 2017).

Seus conventos, em toda a América Espanhola, procediam da província de Andaluzia, na Espanha (Sobral 1986). A devoção disseminou-se por toda a Europa, sobretudo por meio das associações leigas que se formaram ao longo do século XIII, inspiradas pelo surgimento das ordens mendicantes. A difusão em Portugal se manifestou na devoção de ordens e confrarias, geralmente relacionadas ao ideal de limpeza de sangue (Teixeira 2017).

Na América portuguesa, a primeira fundação mercedária se instalou no Brasil, em 1640, na cidade de Belém. Os padres Pedro de La Rua Cirne e João da Mercê, foram os responsáveis pela implantação da igreja e convento dos Mercedários (Sobral 1986; Meira Filho 2015; Ferraz

2000) chegando à Belém em 12 de dezembro de 1639, se instalam na colônia (Baena 1969; Barata 1973) vindo junto com Pedro Teixeira no regresso da expedição que este comandou até Quito (Ferraz 2000).

Pedro Teixeira enviou requerimento ao bispo de Quito, Frei Pedro de Oviedo e ao Padre Provincial dos Mercedários, Frei Francisco Muñoz Baena solicitando destes que lhe fornecesse sacerdotes para que pudessem servir na sua cruzada evangelizadora na capital, com a promessa de lhes fornecer um convento, terras para cultivo de todos os gêneros e gado para sustento da fundação. Os padres trouxeram de Quito os ornamentos sagrados, cruzes de prata, imagens e outros objetos de culto (Ferraz 2000).

Em Belém, a restrição a entrada dos puros de sangue se manteve como ocorria em Portugal e o culto ganhou destaque pelo seu caráter assistencialista. No litoral brasileiro, a Ordem esteve intimamente ligada à devoção de militares e cativos. Na região das Minas Setecentistas, a devoção alcançou a predileção dos crioulos, os negros nascidos nos domínios portugueses da América, na condição de escravizados ou forros. Os cativos se filiaram pela intercessão de sua libertação, e os libertos em agradecimento a graça concedida. Assim, a devoção que teve origem na libertação de cristãos brancos sob o domínio dos mouros, foi apropriada em um novo contexto, pois apesar de convertidos ao catolicismo, os africanos e seus descendentes permaneciam em cativeiro (Teixeira 2017).

Em 1654 a Ordem se expandiu para o Maranhão, lá foram construídos o convento de São Luís e três anos depois, o de Alcântara. No mesmo século ocorreu a construção do convento de Gurupá, na embocadura do Amazonas (Salles 1980). No fim do século XVII, os mercedários possuíam pequenas fazendas nos arredores de Belém e na Ilha de Joannes (Marajó). Dentre as quais a fazenda de Val-de-cães, localizada nas proximidades de onde é hoje o Aeroporto Internacional de Belém. As propriedades marajoaras foram doadas aos religiosos pelo Barão da Ilha Grande de Joannes (Ferraz 2000).

Os padres Mercedários obtiveram bons resultados com suas fazendas de gado e suas lavouras na ilha grande de Joanes (Marajó), suas atividades pecuárias se tornariam uma das maiores fontes de abastecimento alimentar de Belém. De acordo com Ernesto Cruz (1973a: 88), “os frades das Mercês também fundaram a aldeia de Mangabeira em Marajó-assu, origem do município de Itaguari, antigo Ponta de Pedras”. Segundo Meira Filho (2015: 283), “a penetração do colono em terras do interior com o objetivo de criar e plantar, afastava os indígenas para lugares mais distantes facilitando a dominação e assassinato desses povos”.

No quesito da educação, em Belém, os religiosos das Mercês atuaram no ensino da doutrina cristã para os indígenas e filhos de colonos tanto no convento da capital, quanto nas vilas mais afastadas onde se estabeleceram, e tinham como ação pedagógica o uso da leitura, escrita e cantos (Silva e França 2020). Emílio Castro (1968) informa que os Mercedários transformaram o convento de Belém em um grande centro de ensino, eles dispunham de uma grande biblioteca com volumes de vários campos de conhecimento: História, Geografia, Ciências Naturais, Filosofia, Teologia, Direito canônico, clássicos da literatura francesa, latina e lusitana.

Os padres das Mercês se entregaram ativamente à catequese, “nos seus conventos davam aulas de leitura, escrita e música, frequentadas gratuitamente pelos meninos locais. Abriram também cursos de latim, cantochão, gramática, filosofia racional e moral - este só para os rapazes” (Salles 1980:36).

As Ordens de Nossa Senhora das Mercês e a Companhia de Jesus foram as que mais tiveram destaque na Amazônia no cultivo da música em seus colégios e nas suas missões, contando com professores de música instrumental e vocal. A música dos padres das Mercês rivalizou, se não chegou a suplantá-la com a dos jesuítas. No convento dos Mercedários em Belém havia um notável coro, usado para as práticas religiosas em que seus motetes devotos eram cantados ao som do órgão. Tiveram também um cravo, podendo terem sido os introdutores desse instrumento na Amazônia. (Salles 1980).

A ação musical dos Mercedários não se restringia somente às ações litúrgicas e devocionais da própria ordem, eles participavam de atos de outras ordens, principalmente as do colégio jesuítico, em que participaram o coro de músicos dos padres de Nossa Senhora das Mercês, na ocasião da celebração de inauguração da Igreja do Colégio de Santo Alexandre, em Belém, no ano 1668 (Silva e França 2020).

O ensino da música sacra pelos Mercedários, também ocorria nas vilas e missões do interior do território do Grão-Pará (Silva e França 2020). Antônio Baena (1969) relata que os religiosos das Mercês, celebraram um termo para a construção de um Hospício na vila de Vigia, em contrapartida teriam a obrigação de instruir os filhos dos moradores locais. No entanto, o termo assinado naquela vila não é cumprido pelos religiosos, e esses além de abandonarem esse encargo, deixam o hospício, levando consigo as imagens do local para a capital e deixando que se deteriorasse a edificação, a rua e a cerca erguidas na construção.

Fundão os Religiosos Mercenários na Villa da Vigia um pequeno Hospício dedicado à Nossa Senhora da Conceição a pedido da Câmara e Povo na mesma

Villa para ensinar os filhos dos moradores a ler, escrever, e as quatro operações fundamentais da Aritmética, e também Gramática Latina, Filosofia, Theologia, e Solfa (Baena, 1969, p. 149).

O método usado no ensino do canto era o *solfa*, que se constitui em uma prática musical, especialmente vocal, por meio da leitura de partituras. Era uma forma de reproduzir a música através dos registros escritos da altura, duração e harmonia. O ensino do repertório musical através da grafia própria da música (*solfa*) possibilitava que os filhos de colonos e indígenas executassem de forma uniforme as músicas ensinadas, ou seja, sem improviso, da maneira exata como era feito na educação europeia (Silva e França 2020).

Também há indícios do ensino da música sacra entre os candidatos à vida religiosa e formados no convento de Belém, isso sugere ter sido a música um dos saberes ensinados no processo de formação desses religiosos na capital. A evidência documental mais relevante sobre a atividade educacional voltada para o ensino e a prática da música sacra no Grão-Pará é o livro de cantochão mercedário (Silva e França, 2020) intitulado, conforme André Gaby (2018) *Rituale/ Sacri, regalis, ac militaris ordinis/ B. V. Mariae de Mercede/ Redemptionis captivorum,/ ad usum/ Fratrum ejusdem ordinis/ in congregatione magni paraensi commorantium,/ jussu/ R. P. Praedicatoris Fr. Joannis da Veiga/ in Civitate Paraensi ejusdem Ordinis Commendatoris elaboratum, & in lucem editum*.¹⁷

Os missionários também exerceram influência na religiosidade das pessoas de origem africana que vieram como mão-de-obra escravizada, imputando-lhes o catolicismo como religião. Foi determinado pela carta régia de 1697, que deveria ser prestada assistência religiosa às pessoas escravizadas que entravam nas capitanias:

“Fui servido ordenar, que em qualquer porto que os ditos escravos fizerem alguma assistência ou demora, se aplique toda diligência mora para serem instruídos, quanto o tempo der lugar sem prejuízo da navegação, para que estando capazes se possam batizar e sem que também se exponham ao perigo de serem, ou nulamente, ou infrutuosamente batizados, e que havendo Clérigos, vai um em cada navio para os ir ensinando, na viagem...” (Salles 1980:47).

¹⁷ Tradução: Ritual da Sagrada, Real e Militar Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria das Mercês, para a Redenção dos Cativos, para o uso dos frades da mesma Ordem residentes na Congregação do Grão-Pará, por mandado do Reverendo Padre Pregador Frei João da Veiga, elaborado e editado pelo comendador da mesma Ordem na cidade paraense.

Os padres também foram os responsáveis pelas primeiras representações teatrais. “Seus oratórios festivos e auto sacramentais divertiam e educavam o povo” (Salles 1980:57). Nos Anais históricos de Bernardo Berredo (1905) há o registro que em 29 de agosto de 1677 ocorreu a representação de um auto sacramental em Belém em frente ao convento das Mercês. A comédia apresentada aconteceu nos festejos em homenagem a São Raimundo Nonato.

Os colégios e conventos do Pará contaram desde cedo com músicos, educadores e pregadores, além de artistas: pintores, escultores, entalhadores e arquitetos. Esses artistas deixaram obras de valor histórico e artístico. Os arquitetos da Ordem das Mercês que ergueram os primeiros monumentos de pedra e cal, ficando a decoração a cargo de seus pintores, douradores e entalhadores (Salles 1980).

2.2 - A expansão urbana do bairro da Campina do século XVII ao XIX: os arredores do Conjunto Mercedários.

Aldrin Figueiredo (2019) descreve que Belém tem sua construção histórica marcada como uma espécie de centro convergente da Amazônia, como paisagem cultural nortista que vai desde a cidade indígena, nunca consolidada, até a memória nostálgica da Belle Époque local. Das origens indígenas, a ideia de terra mestiça que se conformava como uma cidade portuguesa. De acordo com Eidorfe Moreira (1966) Belém seria uma cidade indígena como *urbis*, no que respeita certos aspectos de sua edificação e portuguesa como *civitas*, na sua organização social e administrativa. Inicialmente, a cidade era mais tupinambá do que portuguesa, vivia em função do trabalho braçal indígena, usufruindo da sua qualidade de pescador, caçador e canoeiro, com toda riqueza pública e privada baseada na escravização da mão-de-obra indígena.

Antes da invasão dos portugueses, em 1616, o local onde foi consolidado o primeiro núcleo urbano de Belém era chamado de Mairi pelos tupinambás. Do vernáculo nheengatu, Mairi tem o significado de “cidade” e seus habitantes são “mairiuára” e “mairipora”. Outro significado dado à Mairi é “velha”. A junção dos dois termos nos fornece o nome atual do primeiro bairro de Belém, que antes se chamava Cidade e depois passou a se denominar Cidade Velha (Figueiredo 2019).

Os indígenas residiam no primeiro núcleo urbano, na Cidade, posteriormente foram expulsos para as áreas dos futuros bairros. Assim, a cidade tupinambá foi empurrada para a periferia, enquanto o primeiro núcleo se caracterizava cada vez mais pela cidade lusitana. No século XVII temos a presença de dois bairros: o português e o indígena. A Cidade era

portuguesa e a Campina indígena, contudo, a porção indígena não poderia conviver a parte da paisagem de poder. E embora seja mais evidenciado o arruamento português como presença histórica e afirmação política, Belém não deixa de ser uma cidade indígena, apesar da cidade tupinambá acabar ficando esquecida e se enaltecendo a memória lusitana (Figueiredo 2019).

Essa memória portuguesa pode ser identificada em Meira Filho (2015), quando o autor evidencia a grande influência dos religiosos das ordens católicas perante a história de urbanização de Belém, mostrando que o traçado urbano era desenvolvido ao redor de suas casas, seus conventos, suas capelas e suas ermidas. E como indica Moreira (1966) esses empreendimentos de ampla escala e grandeza realizados pelos portugueses foram tanto no sentido construtivo quanto destrutivo, pois na qualidade de colonizador foram escravocratas e genocidas.

Sobre a cidade no mundo colonial Frantz Fanon (1968) expressa o seguinte:

o mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos, é um mundo cindido em dois, em que há a cidade do colono e a cidade do colonizado. A cidade do colono é de pedra e ferro, iluminada, asfaltada, limpa, saciada, repleta de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiros. A cidade do colonizado é a cidade indígena, a cidade negra, a Medina, onde não importa onde e nem como as pessoas nascem e morrem. É um mundo sem intervalos, onde os homens e suas casas estão uns/umas sobre os outros/as (Fanon 1968: 28-29).

Assim, a influência dos conventos e capelas das ordens católicas dispersos no território: ermida de Nossa Senhora da Graça, Capela de São João, Capela e Convento dos Carmelitas, Capela e Convento de Santo Antônio e Capela e Convento das Mercês, erguidos, respectivamente, nessa ordem contribuíram na expansão urbana de Belém configurando-se como centros irradiadores do desenvolvimento urbano no período colonial e recebendo a infraestrutura adequada nos seus arredores (Cruz 1973a; Meira Filho 2015).

O convento dos Mercedários é um “símbolo da expansão da cidade que começava a dominar os terrenos de seus arredores e estender suas vias urbanas na direção da Campina.” (Meira Filho 2015:41). Com carmelitas e capuchos nos extremos e mercedários ao centro (Figura 6), nessa época Belém possuía dois bairros: a Cidade, que englobava a parte mais antiga, de sítio mais alto, com as primeiras ruas e travessas e descida para o Piri; e a Campina, segundo bairro, situado além do igarapé para nordeste, em sítio mais baixo (Meira Filho 2015).

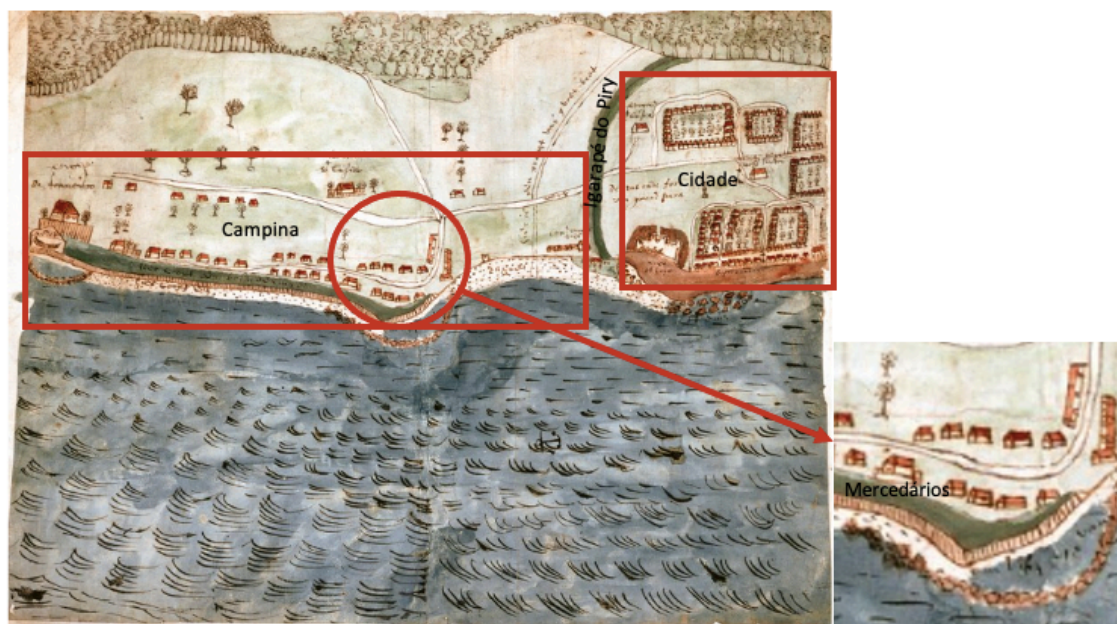


Figura 6: Planta da cidade de Belém de 1640 mostrando à direita a parte mais antiga, a “Cidade” e, à esquerda, a “Campina”. Em ampliação a primeira construção dos Mercedários. Fonte: Reis Filho, 2000. Adaptada.

Na “Chronica da Companhia de Jesus”, João Bettendorff descreve a povoação de Belém em 1660:

A parte que se chama campina se reparte pelo mesmo modo, pouco mais ou menos, em ruas direitas e travessas. A primeira vai do Colégio para o Norte, tem uma légua e meia, armazém D’el Rey, e depois, pelo meio, o convento de Nossa Senhora das Mercês, sito bem sobre o rio. A segunda tem a campina e depois, à mão esquerda, a Misericórdia, lá muito adiante e ao cabo de tudo está Santo Antônio. As ruas travessas não têm nada de consideração digno de se relatar senão a Misericórdia que pela banda do Norte tem uma...de lá ou pouco menos, a bela ermida de S. José (...). Todos até agora julgam a eleição do sítio da cidade do Pará um erro, e que muito melhor era se estivesse mais para o mar, onde há bom porto, boas terras, bons ares, melhores aguas, e abundância de peixes e mariscos; mas isto já não tem remédio, principalmente estando já edificadas as igrejas e conventos, e mais edificadas as fortalezas, e ultimamente a de Nossa Senhora das Mercês que está a vista da cidade, feita de pedra e cal, para proibir as entradas das embarcações dos inimigos (Bettendorf 2010:24-25).

Um dos companheiros de Pedro Teixeira na expedição de conquista do rio Amazonas, Maurício de Heriarte relata sobre a cidade de Belém em 1662 na “Descrição do estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas”:

Esta cidade tem até quatrocentos vizinhos moradores, que os mais deles assistem em suas granjarias e roças. Tem quatro Conventos de Religiosos, S. Antônio, Carmo, Mercês e a Companhia de Jesus, Matriz, Misericórdia, N. Senhora do Rosario, S. João, que todas sustentam seus moradores com suas esmolas (Heriarte 1874:23).

De acordo com Meira Filho (2015), a única obra importante efetivada pelos chefes da capitania ocorreria em agosto de 1665, em local fronteiro ao Convento dos Mercedários e em terrenos que pertenciam à ordem religiosa, nesse local é iniciada a construção de um novo forte (Figura 7). Os padres das Mercês exigiram que a fachada do convento tivesse uma cerca, na orla do rio, e que fosse denominado de São Pedro Nolasco (Baena 1969), para homenagear o santo fundador das Mercês dos Cativos.



Figura 7: Planta da Bateria denominado o Forte de São Pedro Nolasco (a). Pode ser observado no desenho, a ponte e a escada que produz acesso da entrada do forte ao templo mercedário. Essa foi uma exigência da Ordem ao permitir a construção em frente à Igreja e ao Convento. Em (b) Desenho do século XVIII em destaque o fortim de São Pedro Nolasco e o Convento das Mercês - trata-se de uma proposta de amuralhamento da cidade, não executada. Fonte: Meira Filho, 2015.

O processo de ocupação do bairro da Campina é intensificado a partir da instalação da igreja e convento dos Mercedários no Largo das Mercês (Figura 8) onde funcionava uma feira que comercializava gêneros desembarcados na praia, ao lado da igreja. A localização do conjunto próximo à praia e, entre o Forte do Presépio e o Convento de Santo Antônio, originou um polo de atração no novo bairro (igreja-feira), assegurando condições mais favoráveis aos novos moradores (Borges 2013). No diagnóstico preliminar de estratigrafia do solo realizado em um dos pátios (apresentado no capítulo 3), encontramos evidências materiais da localização do edifício próximo a região de praia. A última camada do solo, próximo ao poço, apresentou coloração alaranjada, característica de areia de rio.



Figura 8: Prospecto da nova Praça das Mercês, mandada fazer pelo governador e capitão general D.Francisco de Souza Coutinho. Nº1 Frontespício da Igreja dos Religiosos de Nossa Senhora das Mercês. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. Fonte: Biblioteca digital- Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/15442>>

O bairro da Campina teria em seu favor, condições topográficas (áreas secas, planas, altas, extensas etc.) que justificavam a preferência do colono por esse novo bairro. Ele oferecia maior segurança para a instalação residencial da colônia que avançava nessa direção. Os moradores procuravam as terras da Campina para se sentirem mais livres, para viver, plantar e colher. A comunidade encontrava ali, ambiente propício para instalar-se com mais conforto, com terras melhores e mais vastas para a criação e a lavoura (Meira Filho 2015). Do mesmo modo que diagnosticado, a areia de rio na camada mais profunda, também foi identificado em camadas mais superficiais solo com características decorrentes da presença humana, corroborando o que a fonte histórica relata sobre a ocupação da área.

Na segunda metade do século XVIII, o espaço urbano do atual Centro Histórico de Belém era palco de representação de tensões sociopolíticas da cidade. A zona principal do núcleo urbano era dotada de atributos simbólicos ligados ao poder, sendo os terrenos situados nessa área disputados pelos missionários e pela administração pombalina na Amazônia (Araújo 1998). Segundo Souza (2005), quando as relações sociais são criadas, reproduzidas e transformadas, o ambiente construído é utilizado como reforço às relações de poder, autoridade e desigualdade, assim como também funciona como resistência a elas. Desse modo, facilita atividades e movimentos de alguns indivíduos e dificulta os de outros.

De acordo com Meira Filho (2015), em 1750, Belém do Grão Pará não poderia ser desvinculada da obra dos missionários, eles representaram o cerne da conquista, seus conventos, ermidas, capelas, hospícios, colégios, enfim, suas construções de pedra e cal situadas por entre a mata ou na borda dos rios, marcariam no seio das terras indígenas, junto ao sangue sacrificado, as raízes da história colonial. Embora esse autor relate a opressão dos colonizadores aos tupinambás: “não havia meio termo nem melhor escolha: em qualquer tempo, a maldade, a opressão, o açoite seriam seus companheiros, como a mata, o sol, o regato em sua plena liberdade” (Meira Filho 2015:350), na fase inicial de conquista, o que prevaleceu foi o padrão cultural do nativo e não do colonizador. A experiência indígena com o meio demonstra que ele não foi apenas força de trabalho braçal, mas também integrante da paisagem urbana (Figueiredo 2019).

Em toda parte, o indígena se tornaria a mão-de-obra de mais fácil aquisição, de maior rendimento e com o custo de manutenção menos oneroso para os que pretendiam escravizá-los. Seriam o suporte econômico de enriquecimento e prosperidade das diversas Ordens fixadas na região: jesuítas, mercedários, carmelitas, capuchos de Santo Antônio e outras instituições que desde o início da colonização tinham propriedades agrícolas e criação de gado (Meira Filho 2015).

O ouvidor João Antônio da Cruz Diniz Pinheiro escreve em um de seus relatórios:

E no Pará são senhores, a Companhia, Carmo e Mercês de quase todo o que dá a grande ilha de Joannes, no districto de Marajó e ainda que lá têm curraes mais outras pessoas seculares, são todos pequenos em comparação dos regulares. Fora disto há várias fazendas de frades do Carmo e Mercês, em particular cheias de índios, a que eles chamam aldeias próprias (D’Azevedo 1901: 346).

No período Pombalino, no governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Belém apresenta levantamentos em termos técnicos, sendo elaborada uma planta da cidade em 1751. Em 1753 chegam à capital os membros da Comissão Demarcadora de Limites para demarcar as possessões das duas nações ibéricas (Portugal e Espanha) no “novo mundo”, em cumprimento ao Tratado de Madri (1750) (Meira filho 2015). É nesse período que também temos a maior entrada de pessoas escravizadas de origem africana no Pará, sendo consolidada a mão-de-obra escrava africana na Amazônia. Trazidos principalmente de Guiné e Mina, os africanos exerceram aqui o trabalho antes relegado aos indígenas nos engenhos de açúcar, nas fazendas de gado e nas cidades da província (Costa 2017).

A Comissão Demarcadora de Limites foi organizada em Lisboa e destinada à Belém, dentre os técnicos participantes estão Schwebel, Gronsfeld e o arquiteto desenhador Landi. Somente nesse tempo, a cidade teria seu primeiro levantamento geométrico traçado por Schwebel mostrando a cidade em fase de crescimento. Essa planta (Figura 6) mostra a delimitação da cidade desde o Hospício de São Boaventura dos Padres Capuchos até o Convento de Santo Antônio. Dispersos, em área ainda pouco povoada, o Largo da Pólvora e a Igreja do Rosário dos Homens Pretos. O Piri separando os dois núcleos urbanos (Cidade e Campina) com uma vala em escoamento junto ao atual Ver-o-Peso, esse pântano começa a ser ensecado apenas no século XIX, como incentivador do crescimento da cidade no bairro da Campina (Meira Filho 2015).



Figura 9: Planta Geométrica da Cidade de Belém do Grão-Pará, 1753. Autor: João André Schwebel. É a primeira planta em que a cidade aparece levantada geometricamente. Ela assinala os pontos principais de Belém na época do período Pombalino. Em ampliação o Convento dos Mercedários e o Forte das Mercês. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/17244>>

Os técnicos enviados para o cumprimento do Tratado de 1750 realizaram em Belém trabalhos de levantamentos topográficos, traçado e planejamento urbano. O primeiro desenho de Gronsfeld estuda apenas o traçado da cidade, o segundo propõe uma fortificação especial para Belém, datada de 1773. De 1755 a 1759, o governo constituído e ordenado pelo Ministério de Lisboa deu o primeiro passo para tomar as rédeas da conquista e promover a expulsão definitiva das ordens missionárias fixadas na região Norte do país (Meira Filho 2015).

Alexandre Rodrigues Ferreira descreve Belém em 1784, segundo o autor, a rua mais larga era a da Cadeia, atual Rua Conselheiro João Alfredo, no bairro da Campina, mas ela não possuía um alinhamento certo do largo do Palácio ao das Mercês. Sobre o calçamento das ruas,

o que ocorria era a falta de pedra nas proximidades do centro urbano, por esse motivo a transportavam de longe pelas canoas. Era um “tipo de pedra areienta mineralizada de ferro” (Ferreira 1784:11). Esse mesmo material era utilizado nas fundações das construções de menor porte e em outros serviços que sejam aconselhável seu uso. Único de fácil aquisição e farto nas redondezas da capital é vulgarmente chamado de pedra preta, matacão, pedra Pará etc. (Meira Filho 2015).

Na segunda metade do século XVIII, a obra de Landi toma conta da Cidade e da Campina. A monumentalidade das igrejas, do Palácio Residencial dos capitães-gerais governadores do Grão-Pará e Rio Negro, projetados pelo arquiteto, contrastam com a modéstia do casario da urbe, as ruas precárias, o pantanal dominando as artérias, a falta de higiene urbana¹⁸, as dificuldades no abastecimento de água potável à população, retratada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (Meira Filho 2015).

O primarismo arquitetônico das construções de pau-a-pique e de enchimento cobertas de palha eram a marca indígena da cidade (Moreira 1966). O casario comum da urbe é a paisagem cultural indígena, construções mais modestas erguidas em madeira e palha situadas num mangue largo e argiloso em contraste com a cidade fortificada (Figueiredo 2019). De acordo com Moreira (1966), o lusitano imitou o indígena tanto nos costumes, quanto nas construções. A cidade criada pelos portugueses imitava as técnicas construtivas indígenas, além da palhoça, a caiçara e a paliçada foram usadas para construções de defesa. “Fora da cidade tudo era encaixarado: os conventos ou hospícios religiosos, os sítios ou lugares apartados” (Moreira 1966:35).

Nesse sentido, em matéria de construção, quase tudo que Belém teve em seus começos e que permaneceu ao longo do tempo nas construções mais modestas dependeu dos requisitos naturais da arquitetura indígena, no caso, dos tupinambás (Moreira 1966). Antes das construções em alvenaria de pedra e cal, as obras das missões eram erguidas em taipa (primeira fase), taipa de mão (segunda fase) e em taipa de pilão (terceira fase). O crescimento da cidade seria subordinado à aplicação de materiais nativos para a construção de moradias, armazéns, ermidas, conventos, fortins, estacas, redutos, capelas disseminadas na cidade e na campina (Meira Filho 2015).

¹⁸ Isso pode ser refletido na introdução do vidro na capital, estando esse material relacionado com os projetos de modernização, as reformas urbanísticas e as medidas higienistas. Assunto tratado no último capítulo.

No final do século XVIII, a área urbana de Belém ainda era circunscrita pelo levantamento de Schwebel, com ruas que partiam das margens na direção do Piri. Mas em 1791, o tenente coronel Teodósio Constantino de Chermont elaborou a Planta geral da Cidade do Pará em cumprimento das ordens do capitão general governador do Grão-Pará e Rio Negro, D. Francisco de Souza Coutinho. Esta Planta representa o mais preciso levantamento da cidade efetuado no século XVIII. Chermont fazia parte da Expedição de Demarções no Rio Negro, depois dos trabalhos de outros membros da comissão de 1753 e subsequentes, ele faz seu levantamento (Figura 10) mostrando Belém, ainda limitada pelos baixios do Piri e se desenvolvendo em leque, em busca das margens das duas bacias hidrográficas que limitavam a primeira légua de seu patrimônio doado pela Coroa (Meira Filho 2015).



Figura 10: Plano Geral da Cidade do Pará em 1791. O melhor levantamento da cidade no século XVIII mostrando as quadras já consolidadas. Em verde aparecem os dois pátios internos do Convento dos Mercedários. Em rosa, a Igreja e o Fortim das Mercês. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19315>>



Figura 11: Prospectiva da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará. Feito provavelmente na virada do século XVIII para o XIX. O desenho apresenta o trecho entre o Forte do Castelo e a Igreja das Mercês. Fonte: Serviço Cartográfico do Exército, Rio de Janeiro. In: Belém do Pará. Belém: Alunorte. p. 8. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/499829258613560798/>>

O século XIX, trouxe transformações no âmbito político, social e no traçado urbanístico da capital paraense. Numerosos cientistas vieram à Amazônia em busca da exploração e estudo de nossas riquezas naturais, entre eles: Humboldt, Agassiz, Bates, Spix, Martius, H. Smith, Castelnau e Wallace. Os administradores lhe encarregaram a tarefa de remodelação da cidade para ampliação de possibilidades comerciais, industriais e artísticas (Cruz 1973b).

O retrato de Belém em 1819 é narrado pelos viajantes germânicos Johann Spix e Carl Martius:

Do lado do mar, avistam-se, perto da margem e quase no meio da fila de casas, a Praça do Comércio e a Alfândega, atrás da qual surgem as duas torres da igreja das Mercês. Mais para dentro, elevasse a cúpula da igreja de Santa Ana e, na parte norte, termina a vista com o Convento dos Capuchinhos, de Santo Antônio; na parte do extremo sul, o olhar repousa no Castelo e no Hospital Militar, a que se juntam o Seminário Episcopal e a Catedral, está com duas torres. Mais para o interior das terras destaca-se, naquele lado, o Palácio do Governo, edifício digno construído durante a administração do irmão do Marquês de Pombal. Porém, quando o recém-chegado entra na própria cidade, encontra mais do que prometia o aspecto exterior: casas sólidas, construídas, em sua maior parte, de pedras de cantaria, casas em largas ruas, que se cortam em ângulos retos, ou formam várias extensas praças. A arquitetura é singela, raro tendo as casas mais de dois pavimentos; quase sempre térreas, são mesmo construídas em menores proporções e menos decoradas do que as do Maranhão, simplesmente caiadas e em geral sem vidraça; mas o conjunto é

asseado, cômodo e dá a impressão de vida doméstica feliz (Spix e Martius 2017, v. 3, p. 26).

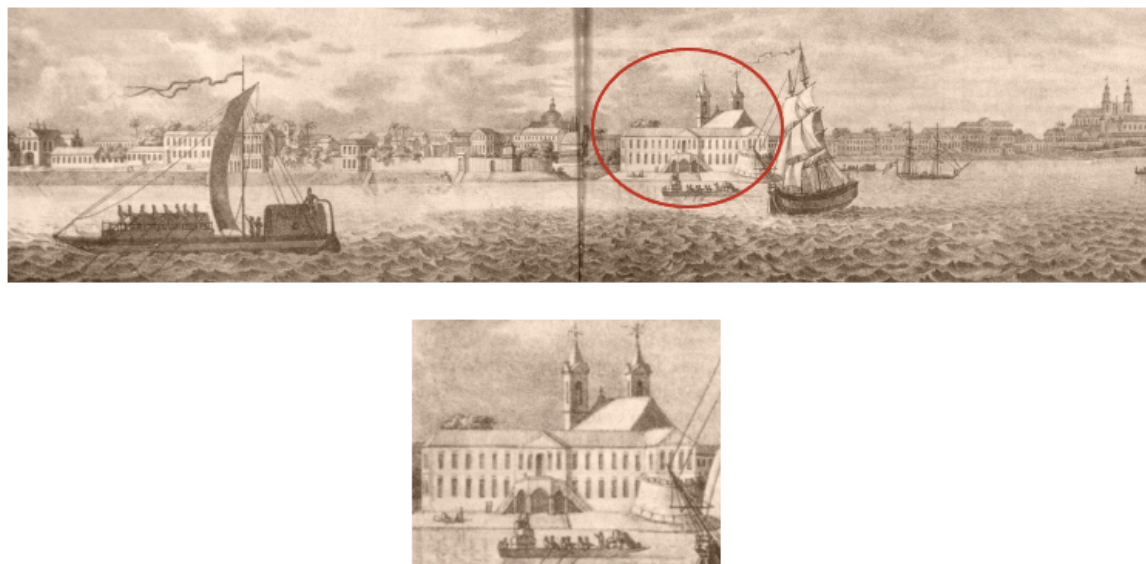


Figura 12: Desenho da cidade de Belém tomado da baía do Guajará, entre 1817 e 1819. No centro, o convento dos Mercedários e, atrás deste, as torres da Igreja das Mercês. Fonte: Spix e Martius (1938).

Em 1821 é apresentado por Antonio Ladislau Baena um largo plano de urbanização e ensecamento das áreas baixas entre os dois bairros de Belém: Cidade e Campina. Assim seria resolvido o antigo problema de drenagem das baixadas do Piri. Um levantamento estatístico da população da capital em 1822 mostra a Freguesia da Campina com 6.505 habitantes e o total de moradores da cidade com 12.471 habitantes (Meira Filho 2015). A amostra de material coletado no sítio Mercedários, apresentada no capítulo 3, tem mais sentido de estar correlacionada com essa área mais ampla da Freguesia da Campina.

Quanto à configuração urbana, Belém, até 1839 contava com 35 ruas, 31 travessas e 12 largos. Os maiores largos eram o da Pólvora, dos Quartéis, do Palácio, da Sé e o de São José. Os menores eram todos ao redor das igrejas: de Santo Antônio, de Santana, das Mercês, da Trindade, do Rosário, de São João e do Carmo (Cruz 1973b).

Nas imediações do Conjunto Mercedários foram abertas em 1842 e 1845, respectivamente, a Rua Nova do Imperador (antiga Rua da Boa Vista) e a Rua da Indústria (antiga Rua do Açougue. Nos fundos do Conjunto Mercedários e paralela à baía do Guajará, a Rua Nova do Imperador, era considerada a rua mais bela e a principal da cidade. Em 1889, com a mudança de regime, passou a ser chamada Boulevard da República. Após a Revolução de 1930 passou para o nome atual de Avenida Boulevard Castilhos França, em homenagem a um

oficial da marinha de guerra que morreu durante a Revolução de 1930 em frente ao Arsenal de Guerra, que funcionava no antigo convento (Cruz 1973b).

2.3 – Aspectos histórico construtivos e usos do edifício Mercedários

Convento dos Mercedários

Murmuração de passos
pelas naves.
Almas vazias...

Ossaturas descarnadas do silêncio,
no convento encovado em abstinências.

O desejo relincha nas alcovas.

A solidão masturba-se
entre palmas e flagelos.

Das raízes da sombra nasce a luz,
que vela os livros de penitência em genuflexórios.

Coros afásicos da carne, estrangulados
e a castidade encarcerada em salmos.

Folheando reposteiros lê-se na janela
as sílabas da aurora
nos alfabetos da noite.

(João de Jesus Paes Loureiro in: Altar em Chamas)

Os padres das Mercês que fundaram o convento em Belém, se instalaram no fim da Rua da Praia (atual 15 de novembro) no bairro da Campina (Meira Filho 2015). Do arquivo do ano de 1784¹⁹ sobre a fundação do convento, Manoel Barata (1973) apresenta o seguinte trecho:

“se fundou em os chaons das cazas q. forão de Matheos Cabral, os quaes deo os ditos Religiozos fundadores com sete vacas, donde teve a princípio o gado que possui hoje este Convento”. (...) Está situado o dito convento nos confins da Cidade, a que chamão Campina, junto ao Rio da Cidade, tendo atraz da Capella mór hum Forte que tem por título o N. de Pe. São Nolasco, tem o frontispício da Igreja contra o sueste, ficando a capella mór para o Noroeste; a fábrica desta Igreja, e fundação do dito Convento feita pelos primeiros Fundadores, e ajuda de alguns cidadãos, foi feita tal, e qual a permitirão aquelles tempos, a qual obra se conservou desde o dito anno de 1640 até aos 22 do Mês de Julho do anno de 1748, quando se deo principio á que hoje se acha feita com a Fabrica que se está vendo (...) (Barata 1973:31).

O primeiro templo erguido pelos religiosos em Belém era uma construção modesta em taipa de mão, sendo erguida no início do século XVIII, em taipa de pilão. Em julho de 1748, as primitivas instalações dos Mercedários foram renovadas, a nova igreja e convento se

¹⁹ Intitulado “Notícia da fundação deste convento de N. Senhora das Mercês desta cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará”. Manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sem nome do autor.

edificariam no local do primeiro hospício. Era a segunda obra ali construída. Essa construção, mais grandiosa e opulenta, iniciada em 1748, contava com projeto de Pedro Luzardo, mas foi suspensa, visto que até 1753, estavam erguidas apenas a parte baixa das paredes. Essa obra foi reflexo da necessidade que a ordem sentiu da construção de um templo mais opulento e grandioso condizente com a prosperidade econômica adquirida pelas rendas das fazendas de gado (Meira Filho 2015; Ferraz 2000).

Em 1753 Landi chega à Belém, e, de acordo com Ferraz (2000) ele teria sido convidado pelos padres mercedários para intervir nas obras, sendo a maior parte da construção do conjunto (igreja e convento) executado, resultado do projeto desse arquiteto. Contudo, outros autores afirmam que não há comprovações da atuação desse arquiteto no conjunto, embora características formais dos púlpitos e retábulos da Igreja das Mercês possam ser atribuídas a ele (Oliveira 1999; Derenji e Derenji 2009; Oliveira, Norat e Costa 2018).

Em iconografias datadas de 1753 (Figura 13) e 1756 (Figura 14) que retratam a presença de andaimes nas paredes do antigo convento e na cobertura da igreja, podemos inferir que o conjunto passava por obras nesse período. De acordo com Ferraz (2000) a monumental construção foi finalizada por volta de 1790.

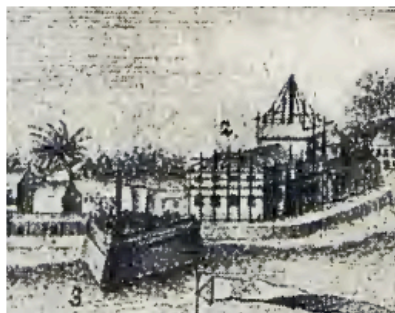


Figura 13: Prospecto do Norte da Cidade de Belém, no Grão Pará. Mostra uma visão de Belém observada do rio, em 1753, mesma época da planta de Schwebel. Tangenciando as águas correntes do rio, pode ser observado a presença de andaimes no Convento das Mercês, o que indica que o mesmo estava em obras nesse tempo. Fonte: D'Azevedo, 1901.

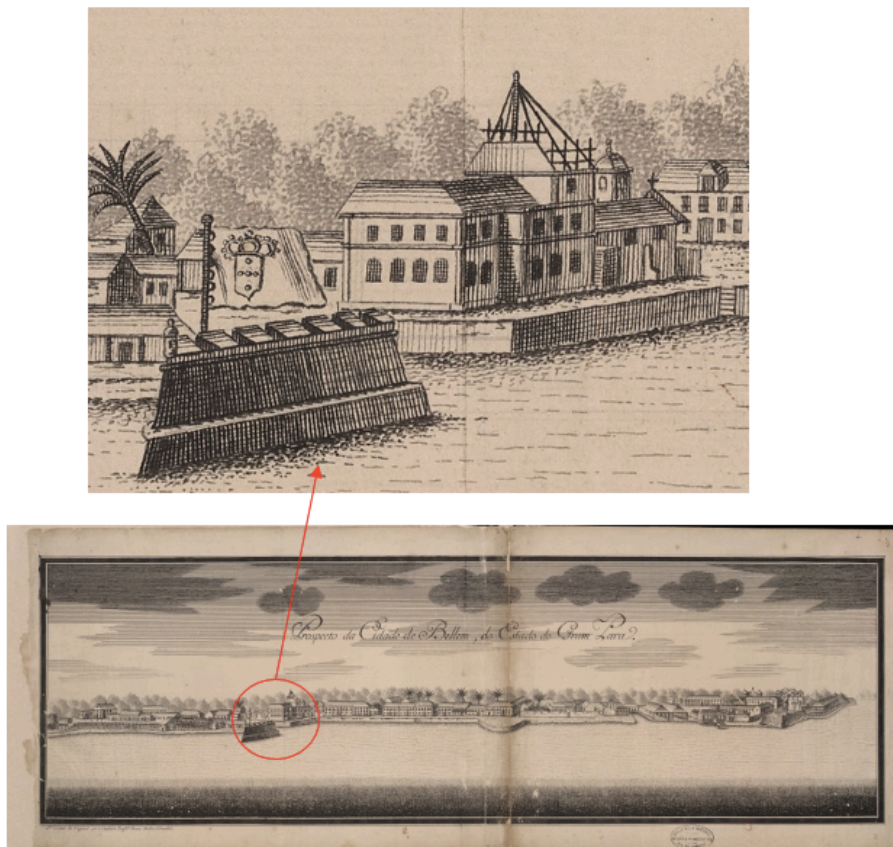


Figura 14: Prospecto da cidade de Belém do Estado do Grão-Pará, de André Schwebel, 1756. Em ampliação a cobertura da Igreja das Mercês em construção, atrás do Convento dos Mercedários. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095066/mss1095066.htm

A maioria das casas religiosas de Belém passaram por três fases distintas: a ermida de taipa de mão, construção precária e de pouca duração; a igreja de taipa de mão, melhor e mais sólida com cobertura de telha; a igreja definitiva, em alvenaria de pedra, monumental e de grande beleza. Com exceção da Igreja de Santana, as demais (Catedral, Santo Alexandre, Carmo, Mercês, São João, Rosário dos Brancos, Rosário dos Pretos) passaram por essas fases distintas, desde a criação dos conventos e capelas (Meira Filho 2015).

Em geral, a quase totalidade das construções em aldeamentos iniciais são realizadas em técnicas mais rudimentares e de rápida feitura com o que tinha mais fácil disponível quanto matéria-prima, como madeira, paliçada e taipa, até que estabelecidas cheguem a uma construção mais duradoura, especialmente a alvenaria de pedra ou mista, que exigia o aporte de extração de jazidas identificadas e com volume para obras desta ponta (Norat e Costa 2017).

No século XVIII, por questões econômicas e estabilidade financeira, ao mesmo tempo pela capacidade de adaptação dos construtores aos materiais e técnicas oriundos da região, fez-se uso dos materiais rochosos da Amazônia nas construções, com destaque para os lateríticos, como os arenitos ferruginizados e as pedras de ferro. No que tange aos aspectos construtivos do Convento dos Mercedários, as estruturas pretéritas do edifício são predominantemente em alvenaria de rochas argamassadas. Pesquisas realizadas indicam que parte das estruturas das fundações da área mais antiga, voltada para a Rua Gaspar Viana, é composta por rochas do contexto geológico amazônico, predominantemente em arenitos ferruginizados. O uso desse material se deu pela disponibilidade de ocorrência na superfície do terreno nas proximidades da praia, sendo assim de fácil acesso (Norat e Costa 2018; Oliveira, Norat e Costa 2018; Szlafsztein, Norat e Costa 2018; Norat *et al.*, 2019).

Segundo Luiz Mott (2011), o esqueleto do prédio também poderia ter sido reforçado com madeiras de lei, pelo fato destas serem abundantes na região, o que poderia viabilizar também a construção de um assoalhado no piso superior do sobrado. No térreo havia um tabuado que servia de assoalho para o segundo piso, talvez sendo sustentado por pilastras ou colunas mais fortes de tijolo, ou mesmo de pedra e cal, mas mantendo as paredes divisórias de taipa, primeiro de mão e depois de pilão. Havia dois pavimentos de tábuas, o de baixo, servindo de teto para o térreo, e o de cima, resistente para suportar o peso da mobília e das pessoas.

Sobre aspectos da vida cotidiana no convento, Mott (2011) relata um caso de sodomia ocorrido pelo Frei Lucas de Souza e um oleiro que trabalhou na primeira construção do edifício. Esse frei teria trabalhado nas obras do convento usando pedra e cal, essa informação nos leva a pensar que, pode ter sido em 1658 o início do processo construtivo com esses materiais, ou que algumas paredes fossem executadas dessa maneira, em substituição à taipa ou como anexo dessas.

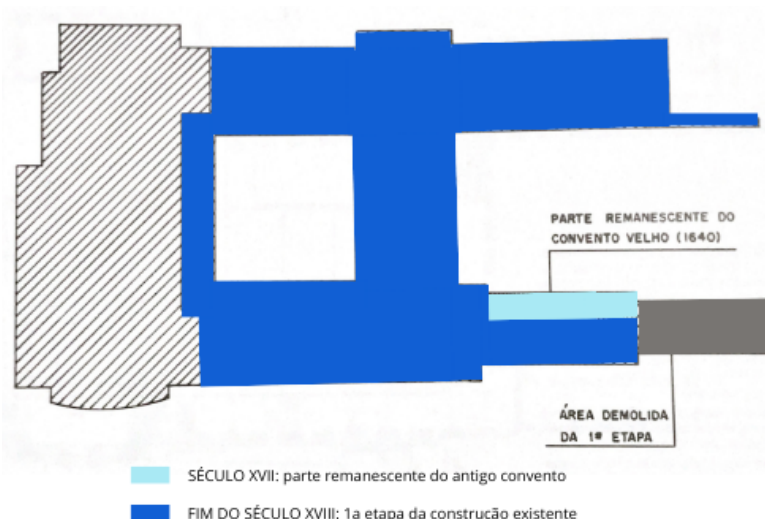


Figura 15: Evolução construtiva do convento da primitiva construção do século XVII à sua configuração no século XVIII. Fonte: Adaptado de Ferraz, 2000.

A secular construção passou da época de sua construção até hoje por várias intervenções e acréscimos, além de diferentes usos. Funcionou como convento até 1794, ano em que os Mercedários são expulsos da província (Ferraz 2000). Após a expulsão de Belém, os padres mercedários são enviados para o convento da ordem no Maranhão. Antes da partida, D. Frei Caetano Brandão havia proposto a Lisboa que os bens desses missionários, junto com o valor das côngruas de seis Canonicatos oito benefícios retirados do pessoal do Cabido fossem aproveitados para a construção de um hospital e ao início de um pavilhão para o Recolhimento das meninas órfãs e desvalidas. Esse Pavilhão estava situado na Praça Carneiro da Rocha no Arsenal de Marinha, funcionou como “Asilo do Bom Pastor”, depois passou a funcionar como hotel (Baena 1969; Meira Filho 2015).

Também vieram ordens para que a Junta da Fazenda sequestrasse as fazendas dos missionários mercedários e que comesçassem a recolher aos cofres do Governo os rendimentos de todas, sendo feita escrituração distinta (Baena 1969). Assim, a Junta Real da Fazenda tomou posse da igreja, do convento e de outros bens dos padres que contavam quase 400 pessoas escravizadas, terras e fazendas com aproximadamente 70.000 cabeças de gado e quase 10.000 cavalos (Ferraz 2000). Nesse tempo, o templo dos mercedários passou ao domínio da Irmandade Militar do Senhor Santo Cristo (Figura 16), que ocupava a igreja dos jesuítas de Santo Alexandre (Cruz 1973a).

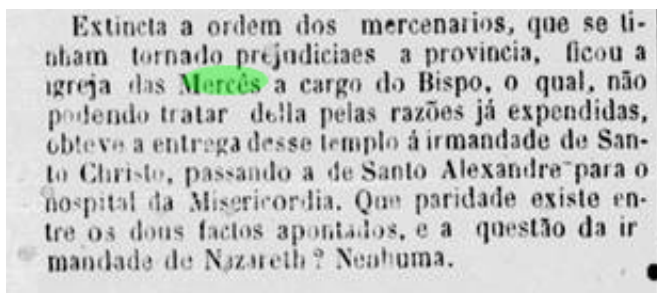


Figura 16: Trecho de jornal que anuncia a cargo de quem fica a Igreja das Mercês após a expulsão da ordem. Fonte: Jornal A Boa Nova, Ano 1878, edição 64, pág. 2 e 3.

Em 1796, o prédio foge da perspectiva religiosa, e a Alfândega²⁰ e a Casa do Parque são instalados nas dependências do antigo convento (Cruz 1973a). Naquela época não existia a atual Rua da Indústria e nem a Avenida Boulevard Castilhos França, nesta área hoje, em que esta última se situa, era banhada pelas águas da Baía do Guajará. Assim, a Alfândega estabeleceu-se na parte do edifício do lado da praia e o aquartelamento da tropa do lado da terra (Ferraz 2000).

No século XIX, ainda havia dificuldades de mão-de-obra, falta de operários especializados, então vinham de Portugal calceteiros, pedreiros, pintores, carpinteiros. Assim, as construções mais opulentas demoravam muito para serem concluídas (Cruz 1973b), como ocorreu em algumas modificações feitas no edifício. Em 1806, o novo governador determinou a ampliação da Casa do Parque até a Rua do Açougue para servir a instalação do Trem de Guerra, esta nova edificação abrangeu todo o segundo claustro incompleto do convento (Baena 1969), no entanto, não foi concluída a terceira ala desse pátio, que fecharia a quadra (Ferraz 2000).

e segundo o adoptado systema de arrumação deo-se-lhe o seguinte arrançamento. O primeiro pavimento contém os Armazens das peças de Artilheria, o Laboratório Pyrotechnico, a Ferraria com tres fragoas; uma rampa do Pátio, no qual estão os Armazens de balas, de petrechos, e de instrumentos de carregar, e de manobra de força, e dous Telheiros um dos Carpinteiros de Reparos e obra branca, e o outro de Forno com todas as suas pertencas para obras fusorias, contendo também uma Cova de serrar madeiras com serra braçal, uma pequena cisterna e almágega. O segundo pavimento contém a Armaria, Officinas de Alfaiates, Sapateiros, Serralheiros, e Armazens das muniçoens e mais efeitos militares de Infantaria, Cavallaria, e Artilheria (Baena 1969:266).

²⁰ A primeira Casa da Alfândega foi fundada em 1653 ao lado do colégio dos jesuítas. Depois é transferida para o bairro da Campina, ocupando uma das dependências do convento das Mercês até ... (Cruz, 1973a).

Essa medida proporcionaria melhor fixação dos armamentos e apetrechos de guerra e como alojamento das forças militares que se crescia na sede da província. Deste modo, as primitivas dependências religiosas passaram a funcionar de maneira diversa com uma extensão ampliada para servir à defesa da província que se via ameaçada e sem maiores possibilidades de proteção (Meira Filho 2015).

Em 1818, o governador cede parte dos sobrados do antigo convento dos Mercedários para a instalação da “Praça do Comércio”, até então funcionava no local parte do Quartel das Milícias e o Trem de Guerra com o Parque. Em 1835, o prédio foi palco da Revolta da Cabanagem. No pavimento térreo do Arsenal de Guerra, ficavam armazenados os armamentos bélicos e, no pátio um forno para derreter metais, essa área foi ocupada durante os dias de lutas do conflito (Baena 1969; Meira Filho 2015; Ferraz 2000).

Cruz (1973a) narra que, em homenagem ao dia de Santo Reis, em 6 de janeiro de 1835, estava anunciado um espetáculo de gala que ocorreria no Teatro Providência²¹ (Figura 17), localizado no Largo das Mercês, em frente à Igreja dos Mercedários. A companhia dramática apresentaria uma de suas peças de maior sucesso, no camarote de honra estavam sentados o presidente Lôbo de Souza e o comandante das armas, coronel Silva Santiago. Terminado o espetáculo, os dois desceram pela Rua dos Mercadores, em direção ao Palácio do Governo, onde residiam.



²¹ O Teatro da Providência foi construído em época anterior à Cabanagem, provavelmente por iniciativa de particulares e tornou-se a mais tradicional casa de espetáculos de Belém, até a inauguração do Teatro da Paz. Primeiro foi erguido em construção baixa e pouco confortável de madeira, depois foi melhorado passando a abrigar até companhias líricas. Teve suas atividades interrompidas durante o Movimento da Cabanagem, voltando a funcionar no final da década de 1840, a partir de então, a ele estarão ligados os principais eventos sociais e artísticos de Belém. Na década de 1850 foi parcialmente destruído por um incêndio, depois restaurado, funcionou até o final da década de 1870 (Salles, 1980; Souza, 2009).

Figura 17: Teatro Providência no Largo das Mercês embandeirado em um dia de festa. Litografia de Joseph Léon Righini, publicada em 1867. Disponível em: <<https://www.cma.ufpa.br/galeriarighini.html>>

No dia seguinte, os cabanos marcham para o Palácio do Governo, dominam os soldados da guarda e invadem o edifício, assim, o descontentamento com o governo provincial resultou na Revolta da Cabanagem em 7 de janeiro de 1835, em Belém. O comandante das armas, Coronel Silva Santiago e o presidente da província Bernardo Lobo de Souza foram assassinados, sendo aclamados como presidente: Félix Antônio Clemente Malcher e, comandante das armas: Francisco Pedro Vinagre (Cruz 1973a).

Em fevereiro de 1835, Malcher é deposto e morto por Francisco Pedro Vinagre. O novo comandante do movimento, Eduardo Angelim, realiza a segunda tomada cabana de Belém, em agosto de 1835. O Trem de Guerra é tido como alvo estratégico, este seria o local (Figura 18) onde a tomada da cidade seria decidida. O conflito durou cerca de nove dias, e na luta travada em frente à Igreja das Mercês, quando os cabanos adentraram no prédio depararam-se com uma emboscada armada no interior do edifício: os soldados estavam posicionados no andar superior com armas e munições, e atiraram matando vários cabanos (Ferraz 2000).



Figura 18: A Tomada do Trem de Guerra, de Alfredo Norfini, 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/imagens/exposicoes-historicas-e-artisticas-2015/norfini-alfredo-201ca-tomada-ao-trem-de-guerra201d-acervo-do-museu-de-arte-de-belem/view>

Após este episódio, o convento e o templo sofreram reformas e adaptações a fim de reparar os estragos resultantes dos combates (Meira Filho 2015; Ferraz 2000). Por volta de 1844 foi construída a “ala que faz frente para a Rua Gaspar Viana, em prolongamento à frente para a Praça Visconde do Rio Branco” (Ferraz 2000: 48). A partir de 1847 funcionaram no prédio a Recebedoria de Rendas Internas, Recebedoria de Rendas Provincial e o Tesouro Provincial. Em 1852 o edifício deixou de abrigar o Quartel Militar, no entanto, ainda continuou funcionando no local a sede da Alfândega. Os Correios também funcionaram no prédio, mas partir de 1856 foi transferido para a antiga sacristia da igreja (Ferraz 2000).

No final do século XIX, foi construído um galpão no terreno restante que não foi edificado pelo convento. O galpão passou a fazer parte integrante do conjunto, tendo funcionado nele um armazém da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE), pouco antes do restauro de 1985 ele foi cedido ao Ministério da Fazenda para depositar as mercadorias apreendidas pela Receita Federal (Ferraz 2000). Na figura abaixo (Figura 19) temos a localização de alguns usos após o período como convento.

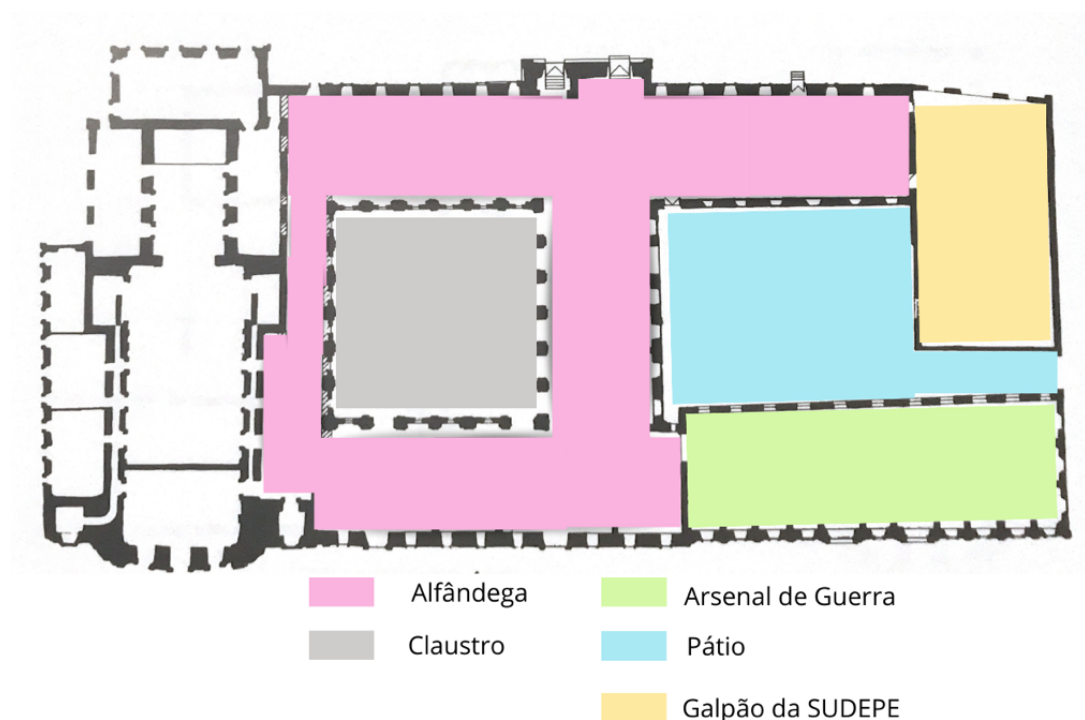


Figura 19: Planta do pavimento térreo com a localização de alguns dos usos do prédio durante o século XIX. Adaptada de Ferraz (2000).

No século XX, foram registradas várias modificações e distintas ocupações no prédio, algumas já existentes em séculos anteriores. Em 1929 foi realizada uma reforma na ala voltada para a Rua Gaspar Viana para que ele recebesse a Delegacia Fiscal, e no fim de 1939, obras de

acrécimo foram executadas nessa mesma parte, além de diversas alterações internas. Em 1978 um incêndio destruiu totalmente a cobertura do edifício (Figura 20) e deixou suas paredes comprometidas, o local mais atingido foi a parte remanescente do convento do século XVII e o acréscimo destinado ao Arsenal de Guerra. A área foi totalmente destruída, perdendo-se as divisões internas e a cobertura, para o local foi projetado um auditório e um foyer (Ferraz 2000).



Figura 20: Condições em que se encontrava o prédio pós incêndio, com a destruição total da cobertura. As edículas existentes no pátio são resultantes de sucessivas adaptações que agrediam a arquitetura do monumento. Fonte: Ferraz, 2000.

Entre 1985 e 1987, o conjunto foi restaurado pelo IPHAN para a instalação da sede da Inspetoria da Receita Federal, e gradativamente vários órgãos federais lá se estabeleceram (Ferraz 2000; Norat *et al.*, 2019). Durante as obras foram descobertos na área que dá acesso à Avenida Boulevard Castilhos França, os remanescentes de trilhos de vagonetes para o transporte das cargas alfandegárias. Outros achados foram o fosso da latrina, quando foi removido o piso existente sobre esse ambiente no pavimento térreo; um forno, conservado quase que intacto, na área da cozinha original do pavimento térreo do convento; soterradas sobre o pátio mostrado na figura 15, várias balas de canhões com diâmetro de aproximadamente 20 a 25cm e, quatro canhões, três deles com cerca de 3m e um com 2,5m de comprimento (Figura 21). As peças bélicas são remanescentes da ocupação do prédio pelo Arsenal de Guerra, que ali os deixou (Ferraz 2000).



Figura 21: Acesso à Alfândega pela Avenida Castilhos França em que aparecem os remanescentes de trilhos de vagonetes para transporte de cargas alfandegárias; Dois dos canhões até então soterrados, logo após sua descoberta; Vista do forno logo após sua descoberta escondido por parede falsa Fonte: Ferraz, 2000.

Assim, entre os diversos usos que o imóvel abrigou ao longo do tempo, temos: a Alfândega, o Arsenal de Guerra, a Casa do Parque, Correios, Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, Recebedoria Provincial, Delegacia do Imposto sobre a Renda, Delegacia do Tesouro, Posto de Defesa Sanitária Vegetal, Secretaria da Fazenda do Pará e a sede do Ministério da Fazenda (Ferraz 2000). No século XX, as áreas que abrigaram o claustro e o pátio na época conventual foram ocupadas por pequenas edículas, removidas após o restauro de 1985 (Figura 22).

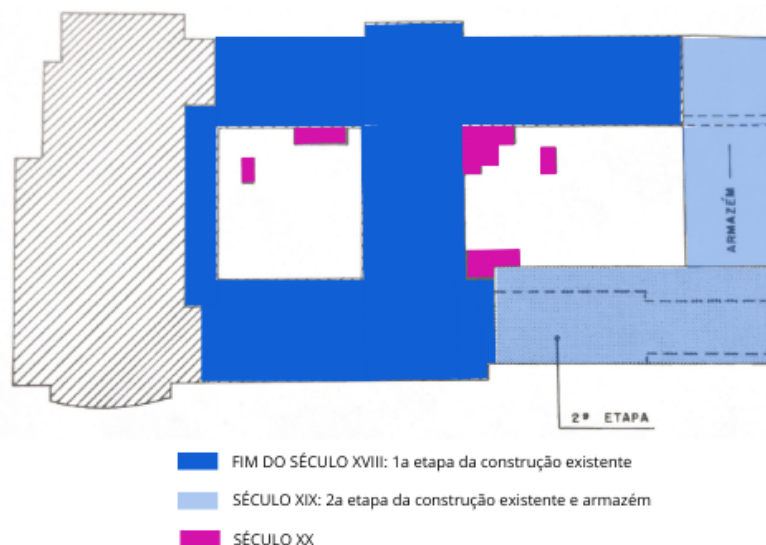


Figura 22: Planta do pavimento térreo indicando acréscimos no edifício Mercedários ao longo dos séculos.
 Fonte: Adaptada de Ferraz, 2000.

A falta de manutenção do edifício e consequentemente os problemas decorridos disso, levaram as instituições a saírem gradativamente do local. Em 2015, o espaço se encontrava subutilizado e em face de completa desocupação. Desde 2018, o prédio foi cedido para a UFPA por meio de um contrato de cessão com a SPU. No mesmo ano foi aprovada a criação da Graduação em Conservação e Restauro e do Mestrado em Ciências do Patrimônio Cultural, sendo iniciada a ocupação gradativa do espaço em janeiro de 2019 pelo LACORE/UFPA, e em março de 2019 pelos cursos de graduação e pós-graduação criados (Norat *et al.*, 2019).

Em 2023 foi anunciado financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), fruto de um edital público submetido em 2021 ao banco e aprovado em uma primeira etapa, para o restauro do Polo Mercedários UFPA e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Ainda passando por obras, o projeto para o polo contempla, além dos cursos já existentes, a proposta de implantação de reserva técnica de arqueologia, instalação de laboratórios científicos, Galeria de Arte da UFPA, Museu de Ciências do Patrimônio Cultural, uma livraria da Editora da UFPA (com foco nas áreas de preservação de bens culturais) e o programa Escola Livre de Música, sob a responsabilidade da Escola de Música da UFPA (Portal UFPA, 2023).

(...)essa perspectiva, do projeto que está por vir. Que envolve não só a graduação e a pós-graduação, que é um grande passo pra cidade, no sentido de formar mão-de-obra qualificada pra atuar no patrimônio cultural, que, muitas das vezes, precisa de mão-de-obra, e a gente... é... de certa forma agora que vem com essa graduação e pós-graduação que pode dar uma perspectiva

melhor pra essas intervenções. E... e também a gente tem previsão de várias outras atividades, como atividades culturais, atividades de música, editora da UFPA, é... e várias outras atividades, até mesmo do decorrer da obra de intervenção, como oficinas, cartilhas e por aí vai. Então eu acho que pra cidade como um todo, o Complexo dos Mercedários com a graduação e a pós-graduação vem dando uma resposta pra sociedade, vem ampliando esse olhar em relação ao patrimônio cultural. E, por outro lado, essa obra vai modificar a dinâmica desse espaço, do entorno imediato, e pode até ter a perspectiva de mudar a realidade de algumas situações bem complicadas no nosso entorno, como tráfico de drogas, é... até mesmo questões de educação, que jogam lixo na nossa esquina (...) E vá servir também de exemplo pra outras intervenções aqui na região, principalmente (Alexandre Loureiro, professor, 30/11/2023).

(...)desde que a UFPA assumiu né, o espaço. Ele também não é somente da UFPA, tem outras coisas que acontecem. Então, por exemplo, você tem a faculdade de conservação e restauro né, que é o único curso com esse perfil no norte do Brasil né, a gente tem também a pós-graduação em Ciências do Patrimônio Cultural, que é um curso que surge ao mesmo tempo que o Curso de Graduação na UFPA(...)Então é isso, só por isso ele também já demonstra a sua importância. Mas outras manifestações também acontecem aqui. Então, por exemplo, tem alguns roteiros geoturísticos que já passaram por aqui. (...) a Escola de Música da UFPA também, é... que ela vai concentrar uma parte das suas atividades aqui, né, que tem conexão direta com a igreja, que a escola tem canto gregoriano e tudo. Eles fizeram uma apresentação aqui, ficou super lotado o átrio lá embaixo, né. Algumas palestras que o... o próprio Michel Pinho já deu aqui. Se eu não me engano ele já deu umas duas palestras, aqui também, lá no átrio. É... a gente vai ter a instalação da Editora da UFPA também nesse projeto dos Mercedários. A instalação de uma galeria de arte... Tá previsto também um Museu de Ciências do Patrimônio né, então assim, é... é um espaço que ele tem um potencial muito grande pra fazer um resgate da história da própria cidade né (...) (Amanda Pinto, professora, 30/11/2023).

Najjar (2011) ao tratar de edificações monumentais históricas mostra que na atualidade passam a existir novas funções à essas construções a partir da agregação de novos valores.

“a utilização desse espaço para a instalação de museus e exposições são iniciativas que resgatam a história da edificação em toda sua pluralidade (...) uma nova roupagem (...) que atribuem inúmeras outras funções à edificação, particularmente a de atrair pessoas para receberem conhecimento sobre sua história, sua identidade cultural” (Najjar 2011:88).

Desta maneira, o Polo Mercedários UFPA, deverá se tornar um grande laboratório para a pesquisa e prática no campo do patrimônio cultural na Amazônia. Espera-se que após o restauro, depois de anos fechado e com acesso restrito durante as obras, a população possa usufruir e interagir com este espaço, tendo diferentes oportunidades de qualificação ou participando de eventos que o local possa oferecer.

3. PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO CONJUNTO DOS MERCEDÁRIOS

Situado no Centro Histórico de Belém (CHB), o Conjunto Mercedários é tombado no âmbito federal pelo IPHAN desde 1941²², constituindo-se como patrimônio material a ser preservado conforme o Decreto-Lei de nº 25 de 30/11/1937²³ e à Constituição Federal de 05/10/1988, art. 216, itens IV e V. A edificação integra o entorno da Praça Visconde do Rio Branco, bem tombado na esfera estadual por meio da SECULT, publicado no D.O.E em 01/08/1988 e sujeito à Lei nº 5629/1990²⁴, devendo o projeto se sujeitar ao Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (DPHAC) da SECULT.

Em âmbito municipal, por integrar o CHB, o Conjunto Mercedários é classificado como imóvel de interesse à preservação na categoria de Preservação Arquitetônica Integral sujeitando-se à Lei nº 8.655/2008²⁵ devendo o projeto ser submetido ao DEPH/FUMBEL e à Secretaria de Urbanismo (SEURB).

O CHB foi tombado em âmbito municipal em 1990, pela Lei Orgânica do Município de Belém e regulamentado ainda nesta esfera pela Lei do Patrimônio Histórico 7709/1994²⁶, na qual institui que o município possuirá quatro livros de tombo, dentre eles, o Livro de Tombo de Bens Arqueológicos e Antropológicos. Soma-se a isso, no caso federal, o fato do IPHAN por meio da Portaria do Ministério da Cultura (MINC) nº 54/2012, de 08/05/2012, publicada no D.O.U em 10/05/2012 – ter efetivado o tombamento do CHB e sua inscrição no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no Livro do Tombo Histórico.

Apesar do Conjunto, da praça e seu entorno já se encontrarem protegidos sob a legislação federal e estadual, observa-se na prática, somente a preocupação com a proteção da estrutura física que se encontra acima do solo. No entanto, não podemos esquecer que ele também faz parte do universo do patrimônio arqueológico, não só como um superartefato, mas trazendo à tona outros patrimônios por meio dos vestígios encontrados abaixo do solo.

O Patrimônio Arqueológico é todo produto material que faça relação ou alusão à memória humana, esteja em superfície, no subsolo ou sob às águas. Assim, serão considerados elementos do patrimônio arqueológico todos os vestígios, bens e outros indícios cuja preservação e estudo permitam traçar a história da humanidade (tempo) e sua relação com o ambiente (espaço). (...) a importância do patrimônio arqueológico revela-se de forma extensível e

²² Tombamento nº 388 -T- 44 em 03/01/1941.

²³ Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

²⁴ Trata da Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Natural e Cultural do Estado do Pará.

²⁵ Plano Diretor de Belém.

²⁶ Dispõe sobre a preservação e proteção do patrimônio histórico, artístico, ambiental e cultural do município de Belém e dá outras providências.

completa, pois a percepção de sua preservação ou contribuição é alicerçada sobre questões gerais, campo que envolve toda sociedade (Costa 2004:14).

Arkley Bandeira (2018) analisa que o principal avanço na proteção ao patrimônio arqueológico ocorreu quando foi promulgada a Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961²⁷, ela serviu como base para as normativas que se seguiram. Posteriormente, a organização do patrimônio cultural foi regida pela Constituição Brasileira de 1988, que em seu artigo 216 considera como patrimônio cultural, dentre outros, os sítios de valor histórico e arqueológico. Apenas a partir da Portaria SPHAN nº 007, de 1 de dezembro de 1988²⁸ que foram regulamentadas as permissões, autorizações e comunicação prévia para a realização de pesquisas arqueológicas já expressas na Lei nº 3924/1961.

Posteriormente, foi criada a Portaria IPHAN nº 230, de 17 de dezembro de 2002, revogada pela Instrução Normativa nº 001, de 25 de março de 2015²⁹ que estabeleceu os procedimentos administrativos a serem realizados pelo IPHAN na regulamentação das ações de arqueologia no licenciamento ambiental (Bandeira, 2018). Em 2016, o Ministério da Cultura (MINC) foi brevemente extinto pelo governo do presidente Michel Temer, sendo anexado ao Ministério da Educação. Devido à pressão de artistas e intelectuais, em poucos dias esse processo foi revertido, e o senado aprovou a medida provisória MP 728/2016 que recria o MINC.

No entanto, em 2019, o governo do Presidente Jair Bolsonaro volta a extingui-lo rebaixando-o para a Secretaria Especial da Cultura, vinculada primeiro ao Ministério da Cidadania e, posteriormente, ao Ministério do Turismo. Durante esse período, toda a diretoria do IPHAN foi destituída e outras normativas foram publicadas, mas sem a adequada consulta à comunidade arqueológica. Após quatro anos extinto, o MINC foi recriado em 2023, no governo do Presidente Lula.

Nesse contexto, e estando o sítio arqueológico dos Mercedários localizado no CHB, o escopo da pesquisa é ampliado também horizontalmente para a execução do levantamento do potencial arqueológico do espaço. Sobre os vestígios arqueológicos em área urbana, de acordo com Godoy (2004):

²⁷ Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

²⁸ Fiscalização das atividades que envolvem bens de interesse arqueológico e pré-histórico do país.

²⁹ Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental.

Apesar do uso contínuo e intenso do solo urbano por aterros, construções, demolições, restauros, reformas de estruturas arquitetônicas, entre outros, na superfície e no subsolo ainda encontramos uma quantia apreciável de patrimônio arqueológico preservada, que são testemunhos materiais de ocupações passadas (...). Esses restos materiais são vestígios arqueológicos que podem ser classificados em duas categorias: elementos móveis e elementos fixos. Os primeiros são depositados no subsolo urbano como refugos ou foram soterrados com o passar do tempo. Os segundos são estruturas que deixaram suas marcas na paisagem cultural (Godoy 2004: 2)

Uma medida eficaz para a preservação desses vestígios é a estratégia do zoneamento arqueológico, que se configura com a demarcação de zonas de diferentes níveis de potencialidade de preservação arqueológica variando entre alta, média e baixa. Essa estratégia atua como mitigadora para previsíveis perturbações nas camadas arqueológicas ocasionadas por obras no patrimônio edificado e no solo. Logo, essa medida busca resguardar regiões com alta probabilidade de apresentar camadas arqueológicas preservadas (Godoy 2004).

O zoneamento arqueológico pode ser aplicado em uma esfera macro, a nível de uma cidade, por exemplo, e de uma forma micro, pensando-se o interior de uma edificação. Nesse sentido, foi pensada a delimitação de zonas de potencial arqueológico no Conjunto Mercedários como uma medida que poderá ser útil para a escolha das áreas a sofrerem intervenções. Logo, o diagnóstico do potencial arqueológico pode contribuir para a preservação do patrimônio material que possa vir a ser encontrado, assim como das tomadas de decisões da obra de restauro, visto que quando os devidos cuidados são tomados para explorar o potencial arqueológico de um sítio em um estágio inicial evita-se a perda desses registros.

E, como bem aponta Lima (2002) as pesquisas arqueológicas são uma possibilidade de aprofundar o que não foi registrado nos documentos sobre essa localidade, visto que os relatos escritos por vezes desconsideram muitas coisas que são aparentemente pouco importantes da vida diária, mais que estão associadas a processos mais amplos ligados às práticas de consumo de uma sociedade, construindo ativamente a vida social.

3.1 – Levantamento do potencial arqueológico

3.1.1 Análise iconográfica

Para que fosse possível identificar zonas de potencial arqueológico no Conjunto Mercedários, primeiramente foi analisada a planta de 1793, desse conjunto arquitetônico (Figura 23), cujo arquivo original encontra-se no Arquivo Histórico e Ultramarino de Lisboa, a

fim de identificar, quais configurações do projeto proposto no final do século XVIII, coadunam com a atual conformação do edifício Mercedários. Confrontando com a base-cadastral atual do prédio, executada pelo LACORE, e com os registros levantados dos acréscimos e modificações sofridas ao longo do tempo, identificou-se o que efetivamente foi construído e permaneceu, o que foi alterado e o que pode estar encoberto no subsolo.

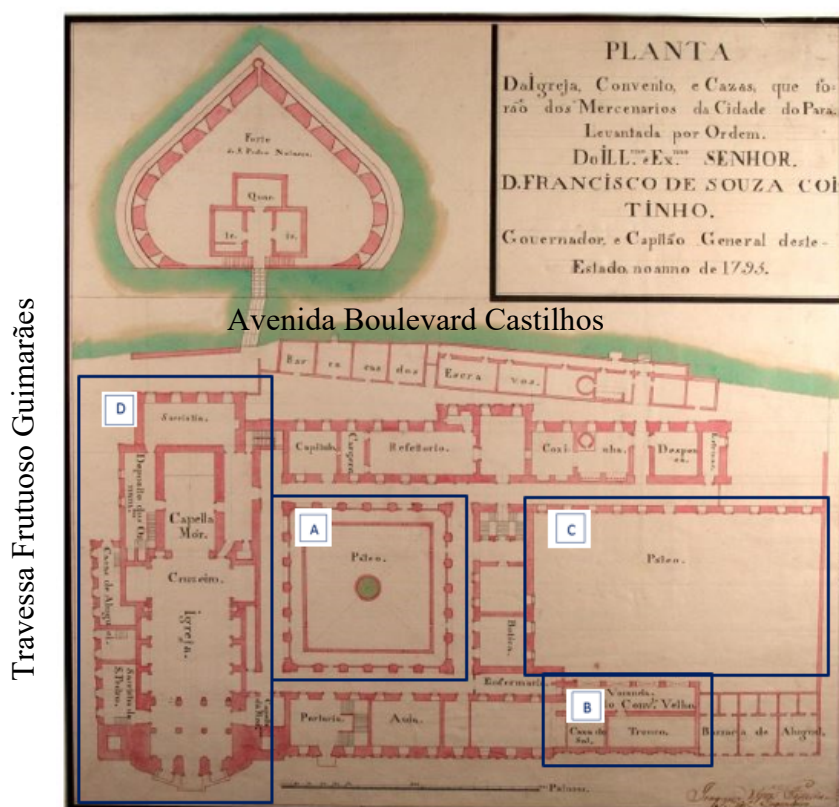


Figura 23: Planta da Igreja e Convento Mercedários de 1793 desenhada pelo Tenente-Coronel Engenheiro Joaquim José Pereira. Fonte: Adaptado de Amorim, 2011.

Na análise da referida planta é possível visualizar o desenho de uma estrutura quadricular delimitando o claustro, e outra circular no centro dele, levantando-se a possibilidade de se tratar do poço do antigo convento. Como essas composições não são visíveis na atual construção, optou-se por investigar a existência delas em camadas abaixo do piso (Figura 23-A). A área onde abrigava-se o Convento Velho, a Casa do Sal e o Tronco, destruída durante o incêndio de 1978 e transformada em foyer no restauro de 1985, permanece hoje com esse mesmo uso. Devido à destruição pelo fogo das divisões internas, impossível de reconstituição plena, e, pela possibilidade do que foi desenhado não corresponder ao que foi executado, então também decidimos averiguar se esse traçado representava de fato a configuração do convento antigamente (Figura 23- B).

Os corredores que contornam o claustro e o pátio (atualmente estacionamento do prédio) tem na atualidade arcabouço semelhante ao concebido nessa planta antiga. Mas resolvemos ir em busca da possível existência de vestígios materiais móveis no subsolo, logo, nosso foco aqui não foram os elementos fixos (Figura 23- C).

Na Igreja das Mercês, a configuração atual também se assemelha ao desenho da planta do século XVIII, mas em virtude da possibilidade da existência de material arqueológico no subsolo, da ocorrência de reformas no edifício e, visto que, enterramentos humanos em igrejas foram práticas comuns até o século XIX, decidimos averiguar o local (Figura 23- D).

Igualmente decidimos examinar a área externa do antigo convento e da igreja, nas calçadas da Avenida Boulevard Castilhos França e Travessa Frutuoso Guimarães, pois também eram comuns enterramentos na área externa aos templos, próximo a eles. Meira Filho (2015) aponta que, somente no início do século XIX foi instituído o estabelecimento de cemitérios públicos em Belém. Os enterramentos até então ocorriam nas igrejas, nos primitivos conventos, também áreas internas ou ao ar livre eram usadas para tal. Apenas quando foi instituída a Carta Régia de 14 de janeiro de 1801, que são proibidos os enterramentos dentro das igrejas de todas as capitanias da América Portuguesa.

Além da possibilidade de enterramentos, no prospecto da cidade de 1784 (Figura 24) aparece uma construção baixa nos fundos do convento, que seriam Barracas dos Escravos, conforme o desenho da planta de 1793 (Figura 23). De acordo com Ferraz (2000), essa estrutura desapareceu com as obras do cais do porto (século XIX), cedendo lugar a atual Avenida Boulevard Castilhos França. Então optou-se por averiguar a existência de vestígios dessa construção.

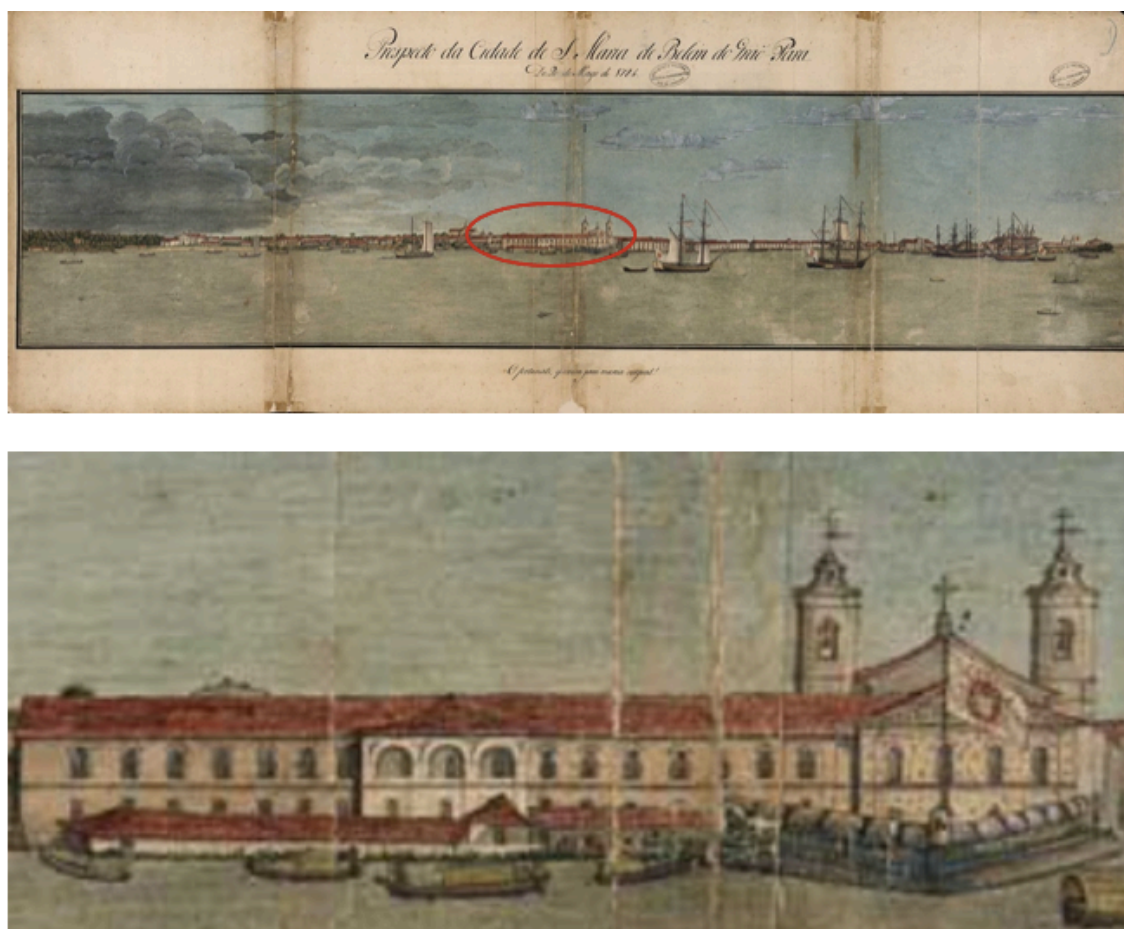


Figura 24: Prospecto da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, de 20 de maio de 1784. Ao centro, as torres da Igreja das Mercês e o Convento dos Mercedários. Fonte: Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/19323>.

3.1.2 Etapa geofísica

Nuno Bicho (2012) indica que o *Ground Penetrating Radar* ou Radar de Penetração do Solo (GPR) é uma técnica de detecção remota, não intrusiva na qual é emitida energia eletromagnética como uma forma de registrar anomalias do subsolo. Ítalo Sampaio (2022) aponta que os Métodos Eletromagnéticos (EM) utilizados pelo georadar geram o mapeamento de diferentes feições e imageamento de depósitos do subsolo. Rinaldo Marques (2010) destaca que o georadar emprega ondas de rádio em frequências elevadas de 10 a 2500 MHz. A frequência de operação escolhida, varia de acordo com cada tipo de trabalho, sendo que o objetivo é fornecer a relação mais vantajosa entre a penetração e a resolução. As frequências entre 50 e 400 MHz, são as mais comuns para estudos de mapeamentos de pequenas profundidades.

Essa prospecção de subsolo é o método mais utilizado nos levantamentos arqueológicos em sítios históricos urbanos. Ele tem como objetivo caracterizar melhor e mais precisamente,

diversos materiais e estruturas de maneira rápida e sem danos. A interpretação dos resultados deve ser feita levando-se em conta todo o conjunto de integração de dados, de modo a obter maior segurança na interpretação das áreas arqueológicas (Marques 2010). A eficiência na localização de estruturas ou mesmo níveis arqueológicos subterrâneos diminui os custos dos processos, melhorando o tipo de informação disponível antes e depois da escavação (Bicho 2012).

A utilização dessa metodologia para fins arqueológicos no ambiente urbano já foi realizada em Belém para investigar outros sítios históricos: Engenho do Murutucu por Mariana Mello (2007), Palacete Faciola por Danusa Souza (2012) e a Capela Pombo por Manuel Zeballos (2016). Mello (2007) utilizou o GPR para a indicação de vestígios materiais de ocupação e de alicerces da edificação da senzala do Engenho do Murutucu, os resultados mostraram os melhores locais para se fazer a escavação. Souza (2012) aplicou o método no Palacete Faciola a fim de averiguar a existência de sepultamentos, o equipamento evidenciou feições anômalas que poderiam estar associadas a sepultamentos, tubulações ou presença de alicerces de edificações. Zeballos (2016) ao averiguar a Capela Pombo, mapeou camadas superficiais identificando anomalias ligadas a corpos estruturais.

Dessa maneira, decidiu-se fazer uso desse método no Conjunto Mercedários, depois da análise iconográfica que identificou as áreas alvos da pesquisa. Essa abordagem metodológica foi contemplada desde o início do plano de trabalho, visando auxiliar no gerenciamento das escavações, fornecendo subsídios que auxiliassem na identificação de vestígios soterrados de estruturas das edificações, indicação da presença de infraestrutura subterrânea (drenagem, fiação elétrica) e possíveis enterramentos, de modo a propor estratégias para as obras de restauro.

O levantamento realizado para identificação das possíveis anomalias no subsolo, contou com uma equipe interdisciplinar formada por um arqueólogo: Prof. Dr. Diogo Menezes Costa, por um físico: Prof. Dr. Marcos Welby, por mim, pelas estudantes da graduação de Conservação e Restauração da UFPA, Iana Briaca, Taís Viana e Katharine da Silva, assim como também do estudante de graduação da Geofísica da UFPA, Ítalo Sampaio. Essa pesquisa de prospecção arqueológica gerou o Trabalho de Conclusão de Curso do Ítalo, intitulado “Investigação Geofísica no convento dos Mercedários utilizando o Georadar”, defendido na Faculdade de Geofísica da UFPA, em que ele faz a análise do GPR no pátio do edifício. Parte desse trabalho será usado como referência para análise proposta aqui.

De acordo com Najjar (2005), no processo de restauração de um bem imóvel tombado, é recomendado o envolvimento de uma equipe interdisciplinar, pois arquitetos, arqueólogos, historiadores, geofísicos, geólogos, dentre outros, fornecem contribuições significativas cada um com objetivos e metodologias próprias. Desse modo, durante o período de 23/07/2020 a 25/08/2020 a equipe realizou a prospecção do subsolo com uso do aparelho GPR nas áreas objetos de estudo (Figura 25).



Figura 25: Prospecções com GPR no edifício Mercedários: claustro (A); corredores (B); foyer (C); estacionamento (antigo pátio) (D); calçamento externo (E); e na nave da Igreja das Mercês (F). Fotos: Iana Briaca, Katharine da Silva e Ana Paula Gonçalves (2020).

A etapa geofísica foi aplicada no Conjunto Mercedários cobrindo uma área total de 2500, 73 m² (Figura 26).

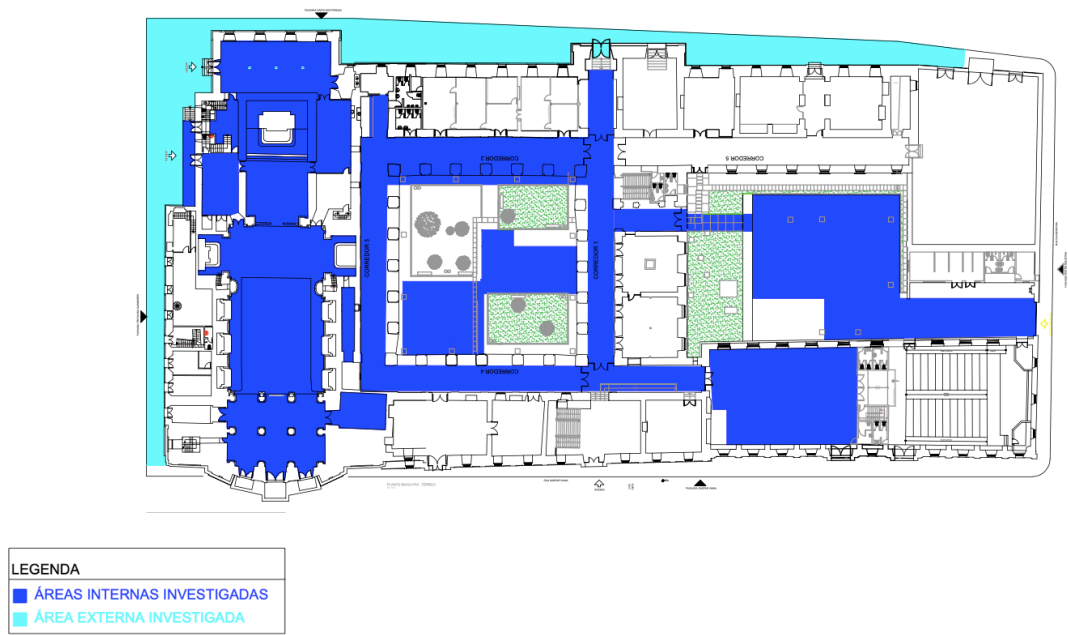


Figura 26: Área coberta pela etapa geofísica no Conjunto Mercedários. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.

Para a aquisição de dados foram dispostas linhas nas áreas estabelecidas para investigação, desenhadas na base cadastral atual. A figura 27 evidencia, as aquisições GPR nas áreas estudadas, em vermelho estão os caminhos percorridos pelo aparelho e em azul as anomalias detectadas.

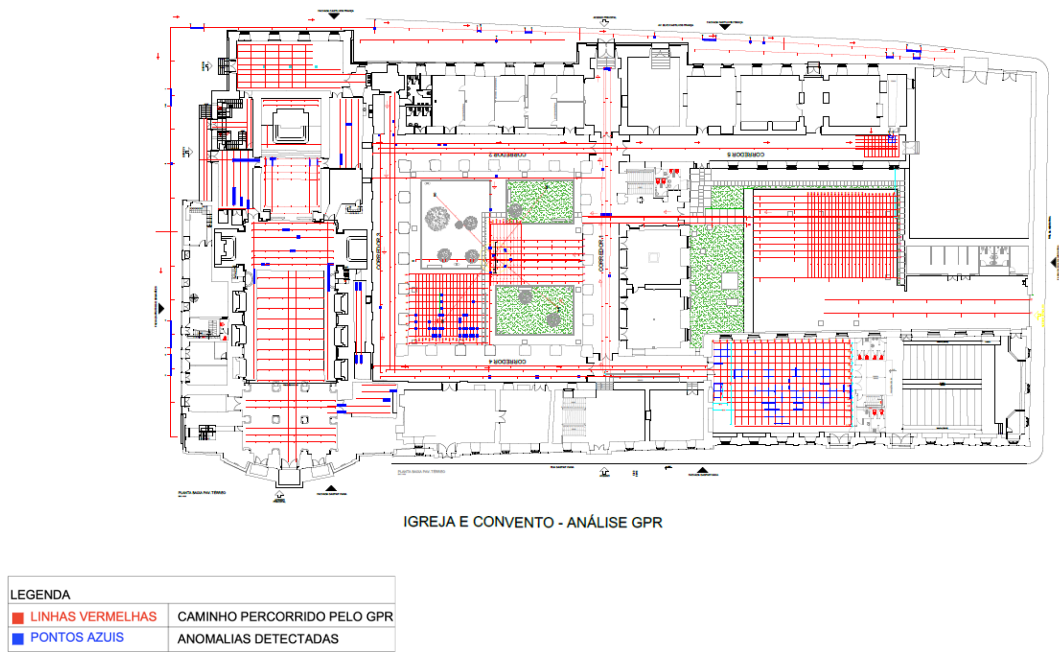


Figura 27: Aquisições de GPR. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.

O modo de operação do GPR utilizado nessa investigação foi o de Perfis com Afastamento Constante ou Common Offset, nessa técnica pode ser utilizada uma antena mono estática ou um par de antenas bi estáticas separadas por uma distância fixa (Sampaio, 2022). O equipamento utilizado foi o modelo SIR-3000 da empresa *Geophysical Survey Systems, Inc* (GSSI) com antena de 400 MHz bi estática blindada. A análise também foi efetuada com uma antena de 200 MHz. Foram utilizadas antenas de frequências diferentes com o objetivo de detectar anomalias profundas (200 MHz) e anomalias mais rasas (400Hz). No entanto, o uso da antena de 200MHz não mostrou uma resolução adequada.

No Conjunto Mercedários foram realizados 130 perfis, destes, os mais relevantes ao trabalho são os que foram realizados na área do claustro, a fim de identificar o possível poço existente, logo o levantamento geofísico buscou confirmar ou descartar a presença dessa estrutura. Os perfis realizados na área do claustro foram concentrados em duas áreas identificadas como área 1 e área 2 (Figura 28) (Sampaio 2022).

Em Sampaio (2022) não foi usado o norte geográfico como referência das direções percorridas pelo GPR, no entanto, optei aqui em utilizar a referência geográfica, pois seria de mais fácil compreensão ao verificar a localização do edifício no Google maps.

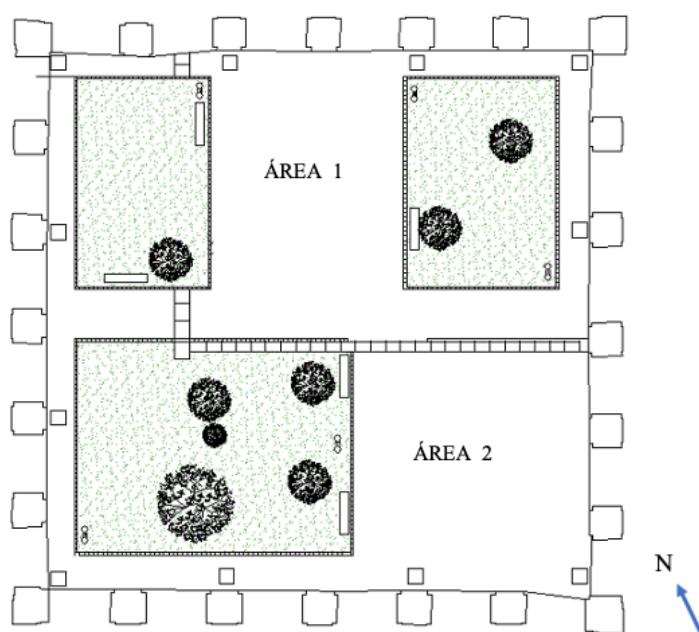


Figura 28: Áreas investigadas pelo GPR no claustro. Fonte: Adaptado de Base Cadastral LACORE, Sampaio, 2022.

Na área 1 foram realizadas 7 linhas no sentido N/S, sendo que cada linha tem 13,5m de comprimento e todas elas estão separadas a 1m. Ainda nessa área, no sentido O/L, foram

realizados 10 perfis de 9m de comprimento e espaçados a 0,5m cada. Na área 2 foram feitas 11 linhas no sentido S/N, cada uma medindo 11,5m de comprimento, separadas a 1m cada. No sentido L/O, há 19 linhas com 9m de comprimento cada e espaçadas em 0,5m. Cruzando o claustro inteiro, com interseção no centro do poço, foram feitas duas linhas de 24 m cada.

Nas aquisições do GPR foram verificadas anomalias, tanto na área 1 quanto na área 2 do claustro (Figura 29). Na área do possível poço, em determinada porção constatou-se uma concentração considerável de anomalias, algumas próximas a estrutura que aparece delimitando o claustro na planta antiga e outras distantes dessa conformação, podendo corresponder a vestígios móveis no subsolo.

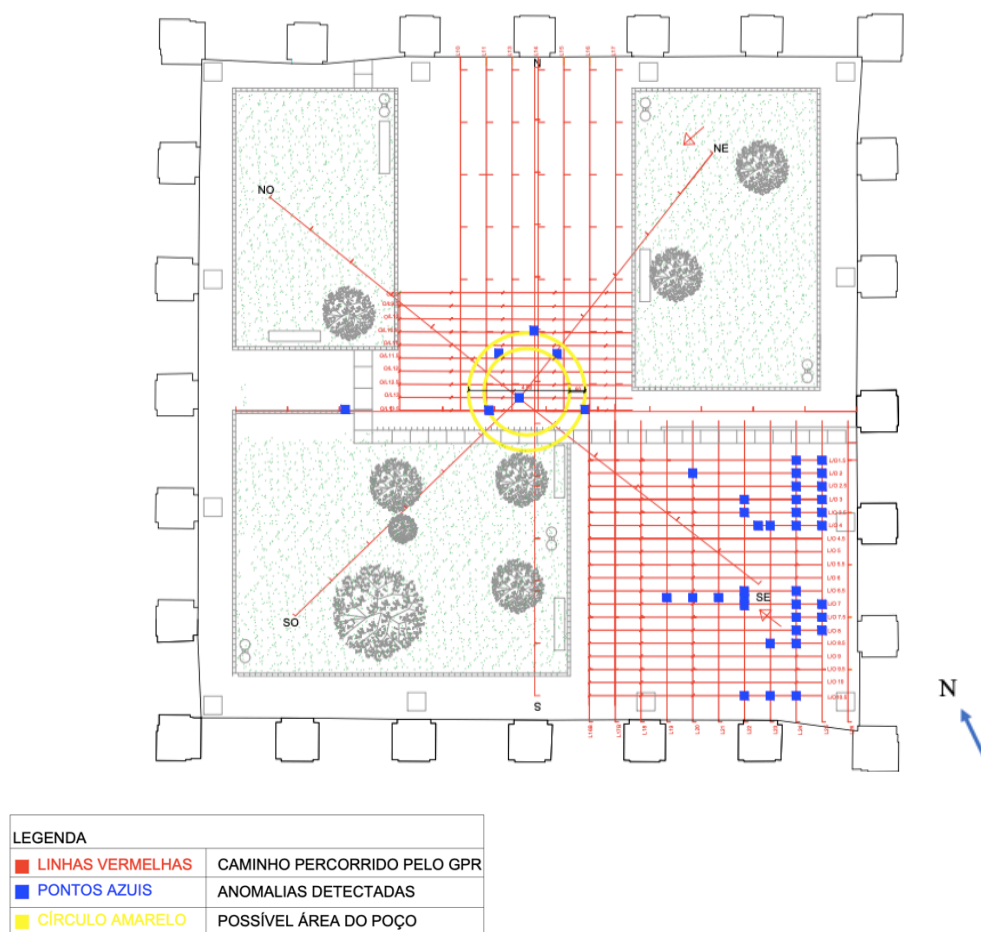


Figura 29: Aplicação do GPR no pátio. Desenhos: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.

De todas as linhas feitas na área 1, destacam-se as linhas O/L (Figura 30-A), mais precisamente as linhas 11; 11,5; 12; 12,5; 13 e 13,5, pois estas foram realizadas onde provavelmente se encontra o antigo poço presente na planta de 1793 (Figura 30-B). Todas as linhas têm 9m e estão separadas a uma distância de 50 centímetros cada (Sampaio 2022).

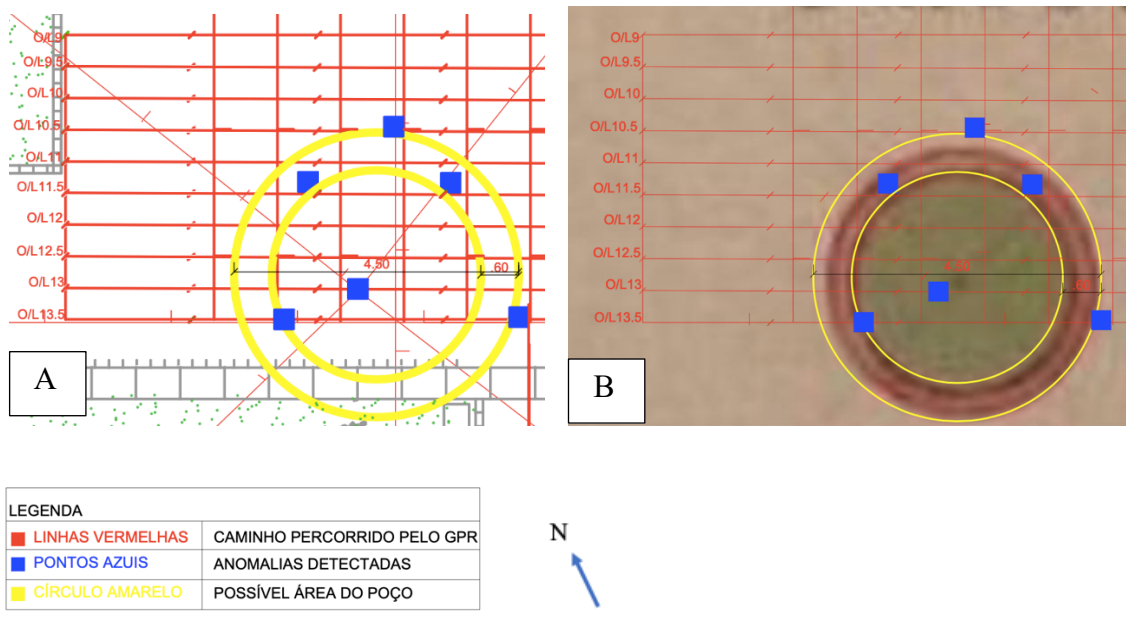


Figura 30: Linhas O/L realizadas com aparelho GPR na área 1. Desenhos: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020, (B) Adaptado de Amorim, 2011.



Figura 31: Fotografia da área 1 do claustro. Fonte: Ana Paula Claudino, 2023

Após a aquisição de dados, são gerados radargramas que apresentam a resposta da propagação das ondas eletromagnéticas em cada ponto do terreno em que foi realizada a aquisição. Os contrastes elétricos dos materiais presentes no terreno, são proporcionais às

amplitudes dos seus traços formados a partir da propagação das ondas, e ao serem colocados lado a lado, o conjunto de traços formam uma imagem da subsuperfície (Sampaio 2022).

Na linha 11,5 (Figura 32) é possível observar padrões hiperbólicos que indicam a presença de objetos pontuais no ambiente. É possível perceber uma anomalia bem expressiva no metro 6, podendo estar associada com a borda do poço (Sampaio 2022).

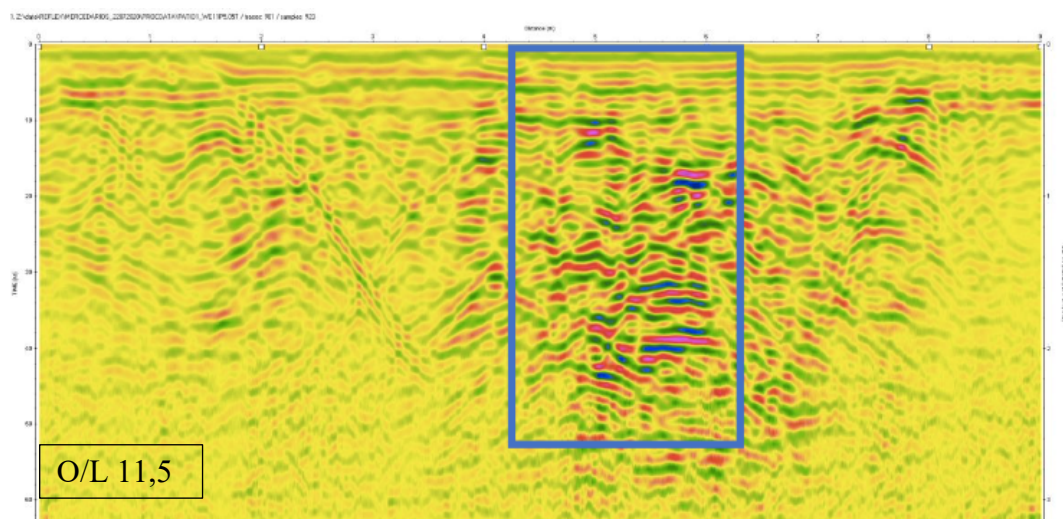


Figura 32: Linha 11,5 com anomalia em destaque, indicando um objeto pontual. Fonte: Sampaio, 2022.

Na linha 12 (Figura 33), é possível observar a presença de duas anomalias, que são de menor intensidade que a apresentada na linha 11,5. As duas estão afastadas aproximadamente a 2,1m; sendo uma no metro 4,7 e a outra no metro 6,8, aproximadamente. Na linha 12,5 (Figura 34) é possível ver que essas duas anomalias se afastam mais um pouco, o que poderia indicar uma abertura de diâmetro de alguma estrutura circular. Ambas estão distantes em aproximadamente 2,9 metros. A primeira, a esquerda da imagem, está no metro 4,30 e a da direita, no metro 7,20; aproximadamente (Sampaio 2022).

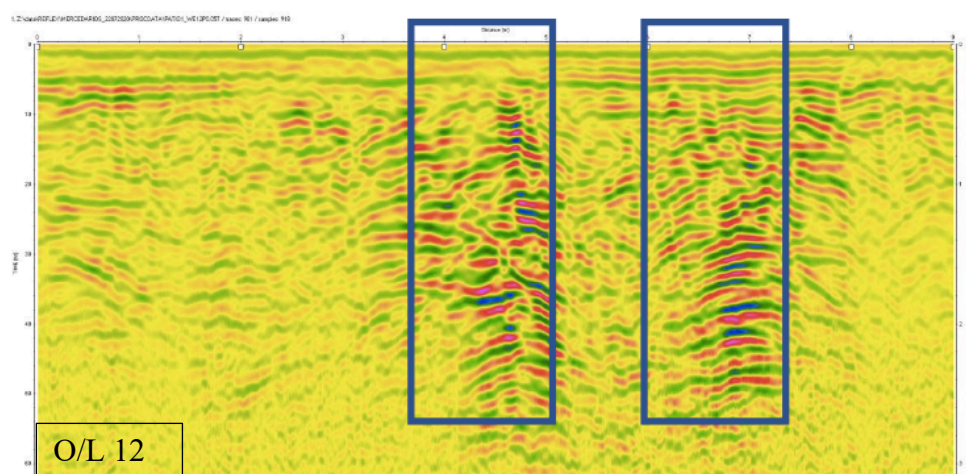


Figura 33: Linha 12 com as duas anomalias destacadas e de menor intensidade que a vista anteriormente. Fonte: Sampaio, 2022.

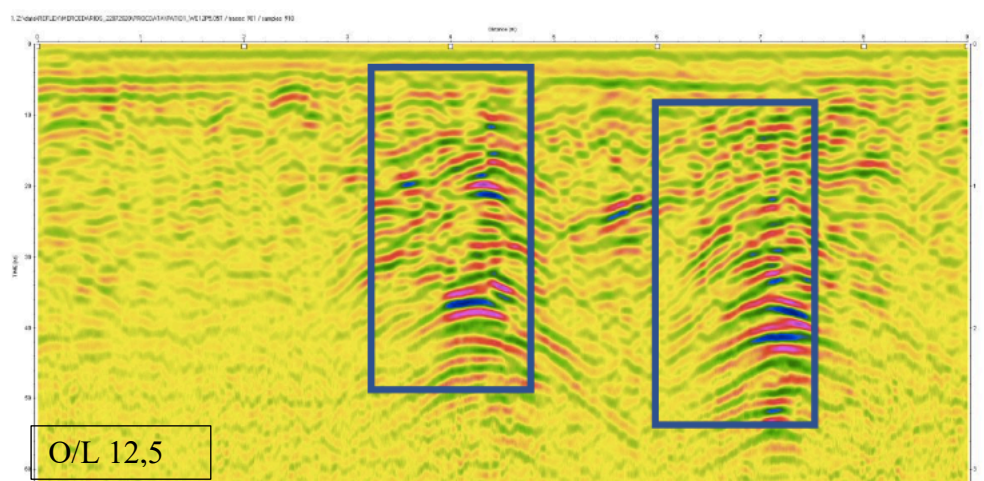


Figura 34: Linha 12,5 com anomalias mais espaçadas. Fonte: Sampaio, 2022.

Nas linhas 13 (Figura 35) e 13,5 (Figura 36), há uma aproximação entre essas duas anomalias, o que pode indicar que o aparelho passou pela segunda metade da estrutura circular e que seu diâmetro está diminuindo. O fato de estarem primeiro se afastando e em seguida se aproximando indica uma estrutura semelhante a um círculo (Sampaio 2022). Nestas linhas foram identificadas anomalias correspondentes às bordas e centro do poço. As imagens destas áreas emitidas pelos radargramas permitem a visualização em 2D de hipérboles entre 12 cm e 60 cm de profundidade. A anomalia que corresponde aproximadamente ao centro do poço aparece a partir de 26 cm abaixo do piso.

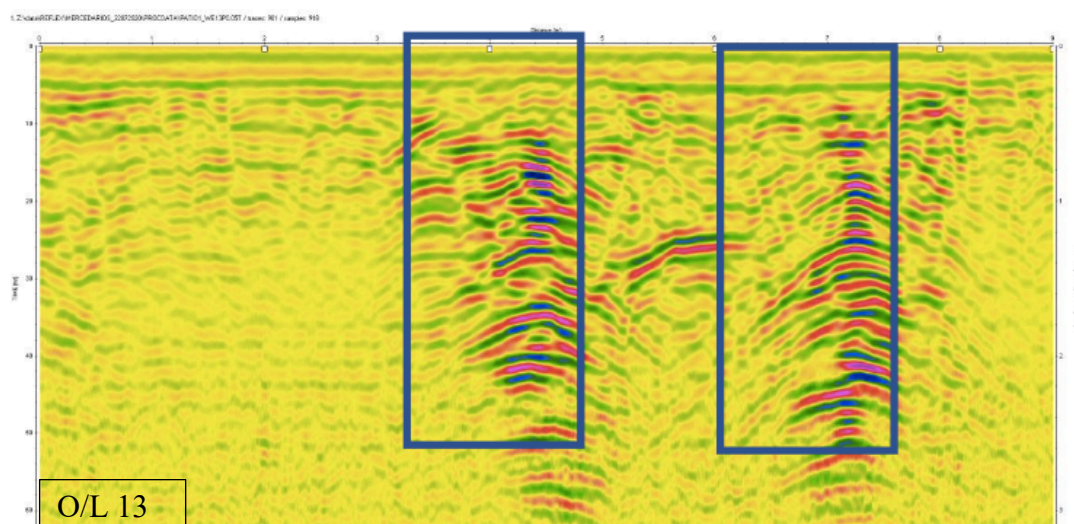


Figura 35: Linha 13 com anomalias em aproximação, com uma distância de aproximadamente 2,8 metros. Primeira a esquerda no metro 4,4 e a segunda a 7,2. Fonte: Sampaio, 2022.

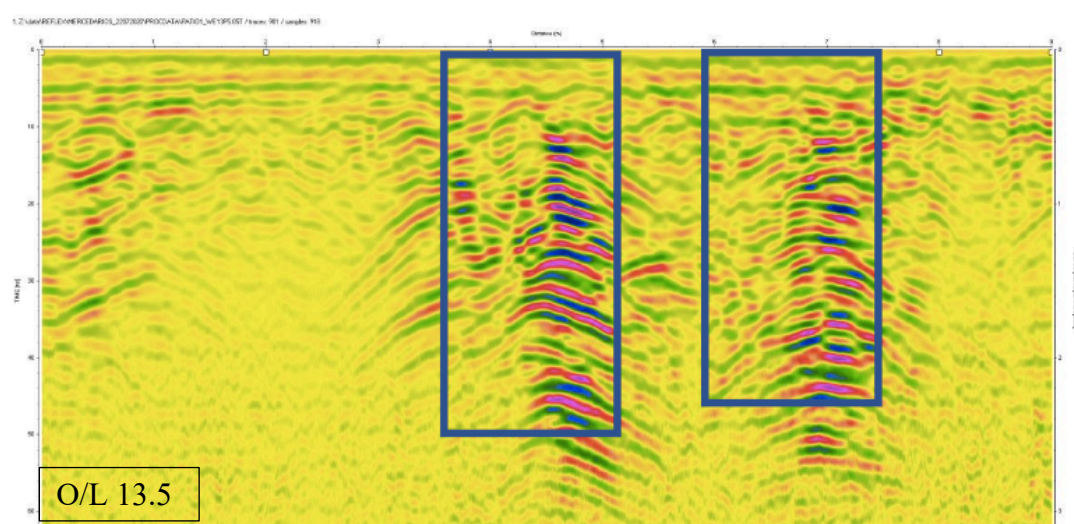


Figura 36: Linha de 13,5 com anomalias mais aproximadas, agora com uma distância de 2,4 metros. A esquerda à 4,6 e a segunda à 7. Fonte: Sampaio, 2022.

A área 2 (Figura 37-A; Figura 37), apresentou anomalias que podem indicar novas estruturas e artefatos que são desconhecidas e futuramente guiar novas escavações (Sampaio 2022). Na planta do século XVIII (Figura 37-B; Figura 37) aparece nessa área um desenho semelhante a uma mureta, como não há registro escrito do que seria, a investigação geofísica auxiliaria na identificação. Na área 2 foram feitas linhas no sentido L/O, num total de 19 linhas com 9m de comprimento cada e espaçadas em 0,5m.

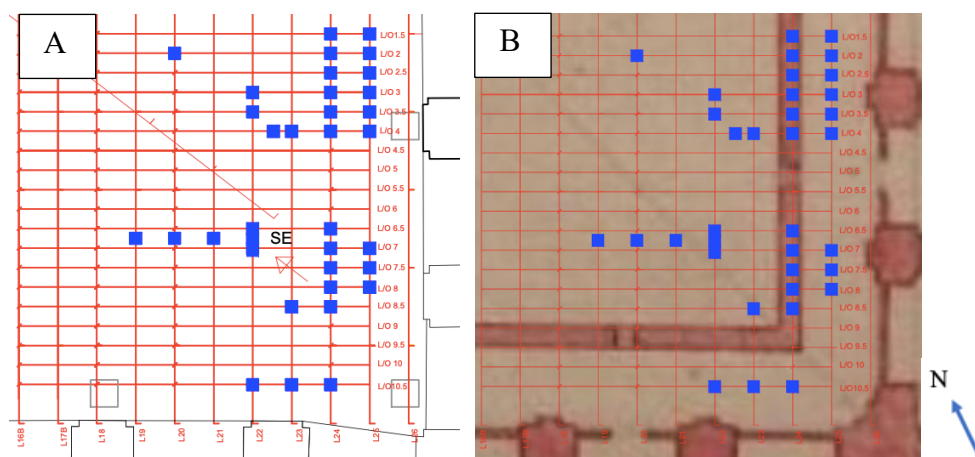


Figura 37: Linhas L/O realizadas com aparelho GPR na área 2. Desenhos: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020; (B) Adaptado de Amorim, 2011.



Figura 38: Fotografia da área 2 do claustro. Fonte: Ana Paula Claudino, 2023.

Algumas linhas (1,5; 2; 2,5; 3; 6 e 6,5) desta área, apresentam uma anomalia em comum no começo do perfil, provavelmente associada com a estrutura do próprio edifício, correspondendo aos pilares de sustentação. No radargrama da linha 1,5 (Figura 39) é possível perceber ao final do perfil (por volta de 8,50m) uma anomalia hiperbólica que indica a presença de algum objeto pontual naquele local. Esse padrão hiperbólico se repete nas demais linhas daquela área, com exceção das linhas 9; 9,5; 10 e 10,5. As repetições variam de intensidade (Sampaio 2022).

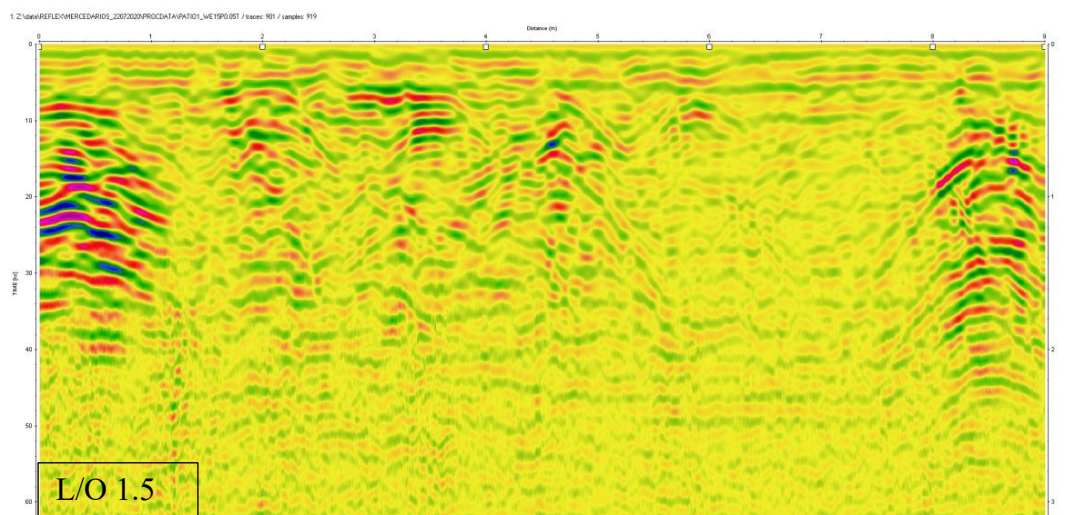


Figura 39: Linha 1,5 com uma anomalia no fim do perfil, indicando a presença de algum objeto além de pequenas anomalias no decorrer do perfil. Fonte: Sampaio, 2022.

A linha 2 (Figura 40) apresenta uma anomalia intensa no metro 4, que vai diminuindo de intensidade na linha 2,5 (Figura 41). É possível perceber que no topo dessa anomalia, ela tem um formato de um vale, geralmente esse formato é associado a cavidades preenchidas por húmus (Sampaio 2022).

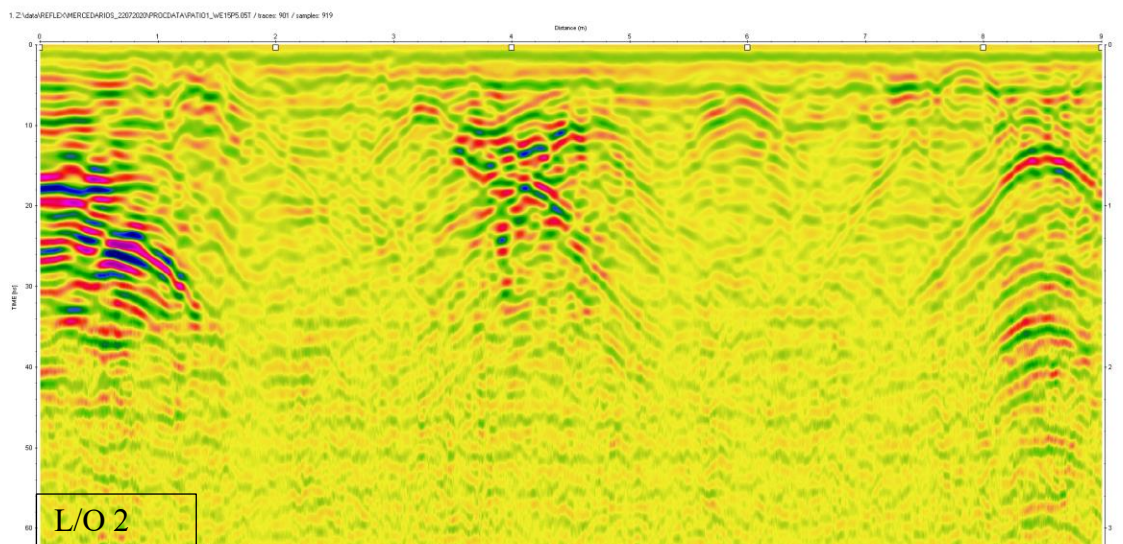


Figura 40: Linha 2 com uma região anômala bem expressiva no metro 4. Ainda é possível visualizar a anomalia da linha 1,5 neste perfil. Fonte: Sampaio, 2022.

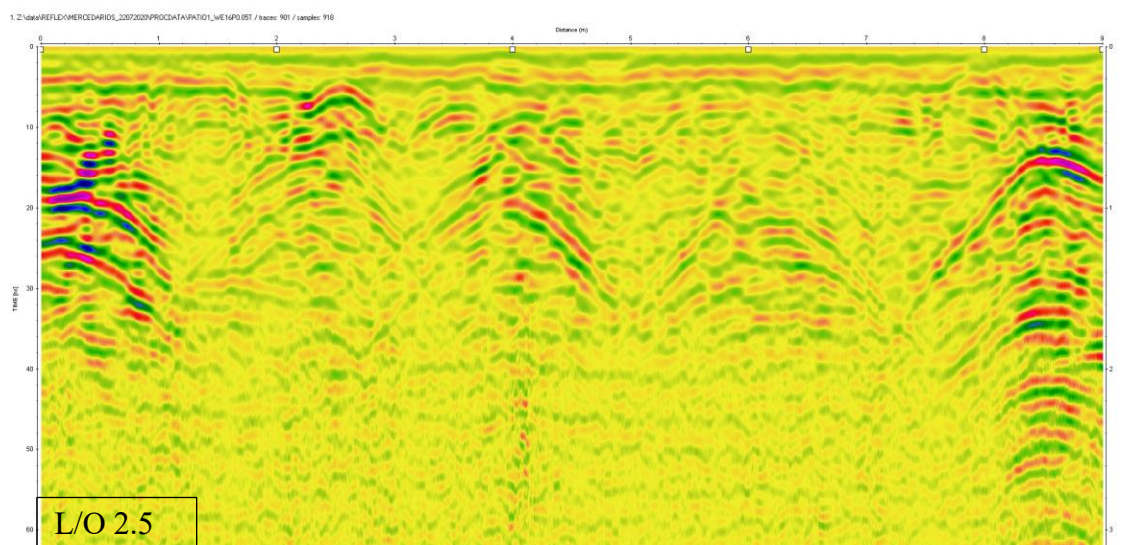


Figura 41: Linha 2,5 ainda é presente a anomalia no fim do perfil. A zona anômala no metro 4 diminui de intensidade. Fonte: Sampaio, 2022.

A partir das seções que foram produzidas pelo aparelho GPR, foi possível identificar várias anomalias de interesse no ambiente do claustro do edifício Mercedários. As anomalias do tipo hiperbólico identificadas nos radargramas obtidos (tanto na área 1, quanto na área 2), podem indicar a presença de objetos pontuais na subsuperfície, sendo que tais objetos podem estar associados a atividade humana (Sampaio, 2022). Procurou-se priorizar a averiguação das anomalias na área do poço, pois era importante obter dados para direcionar as escavações. Como estávamos em período não chuvoso, começar pela área externa era prioridade e, devido à grande quantidade de anomalias detectadas no claustro, esse local mostrou-se adequado para o início da escavação.

Outro local contemplado pela investigação geofísica foi o foyer (Figura 42-A). Na planta do século XVIII, o recinto aparecia com paredes internas que o subdividiam em três compartimentos: o convento velho, a casa do sal e o tronco (Figura 42 -B). Nessa área foram feitas 12 linhas no sentido S/N com espaçamento de 1 m entre elas, e 21 linhas no sentido O/L também com espaçamento de 1 m entre cada, formando uma malha quadriculada. O GPR detectou anomalias que coincidem ou estão próximas do desenho das paredes que outrora subdividiam o lugar, indicando vestígios das fundações dessas divisórias internas.

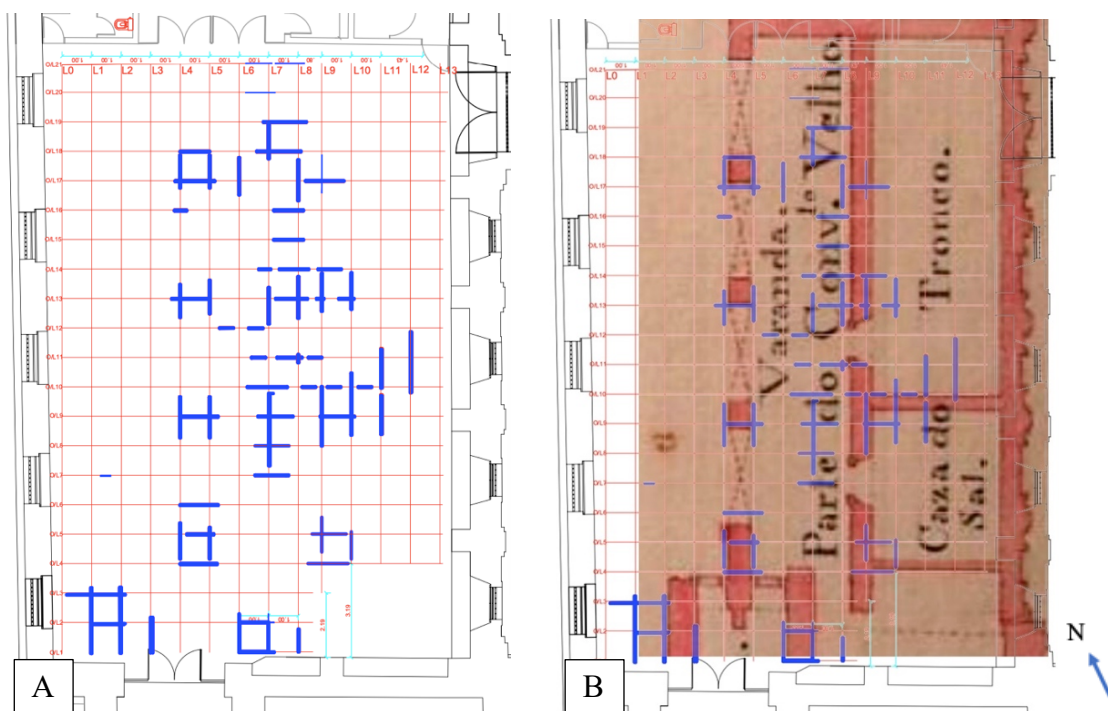


Figura 42: Anomalias no foyer e sobreposição na planta de 1793. Desenho: (A) Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2023; (B) Foto de Amorim, 2011, modificado por Marco Tuma, 2023.

No radargrama gerado do *foyer* na linha O/L 13 (Figura 43) há uma anomalia ao longo de toda distância percorrida a uma profundidade próxima da superfície. Também nota-se duas expressivas zonas anômalas, a primeira entre 4 até 5,5 metros e a segunda entre 5,5 até 10 metros, a uma profundidade de aproximadamente 80 cm. A primeira indica provavelmente um dos pilares que delimitavam a varanda parte do convento velho e, a segunda, parte da parede que separa este da área do tronco. A partir do metro 10,5 até o metro 12 em torno de 1,20m de profundidade temos algum objeto contínuo.

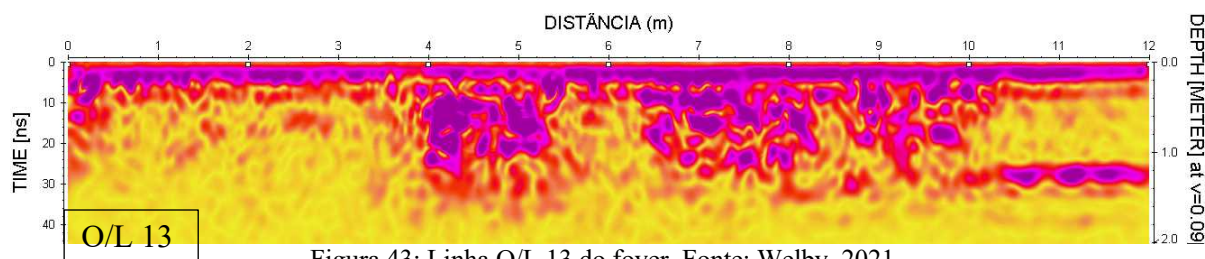


Figura 43: Linha O/L 13 do foyer. Fonte: Welby, 2021.

Na aquisição de dados no estacionamento (Figura 44), foram realizadas 13 linhas no sentido N/S e 26 linhas no sentido O/L com 0,5m de espaçamento cada, nesse espaço não foram detectadas anomalias pelo sinal do GPR. Ao longo do corredor 5 (Figura 44), foi feita uma linha no sentido S/N, e ao final desse corredor foram realizadas 5 linhas no mesmo sentido, espaçadas

a 0,5m cada, além de 11 linhas no sentido O/L de mesmo espaçamento. No corredor 6 (Figura 44), próximo a um banheiro localizado abaixo da escada, foram feitas duas linhas no sentido N/S, neste local o GPR apontou anomalias. Posteriormente, durante o acompanhamento das obras, foi localizado um piso em tijoleira nessa área.

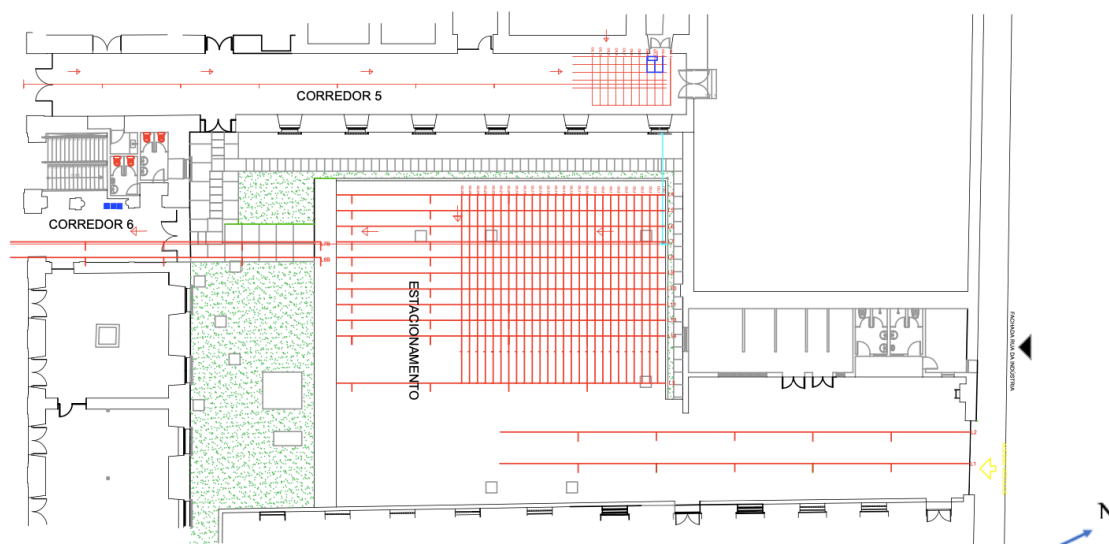


Figura 44: Percurso do GPR no estacionamento e nos corredores 5 e 6. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.

No radargrama gerado do corredor 6 (Figura 45), aparece uma região anômala entre o metro 9 até o metro 19. Nessas extremidades, a anomalia percorre uma profundidade de até aproximadamente 80cm.

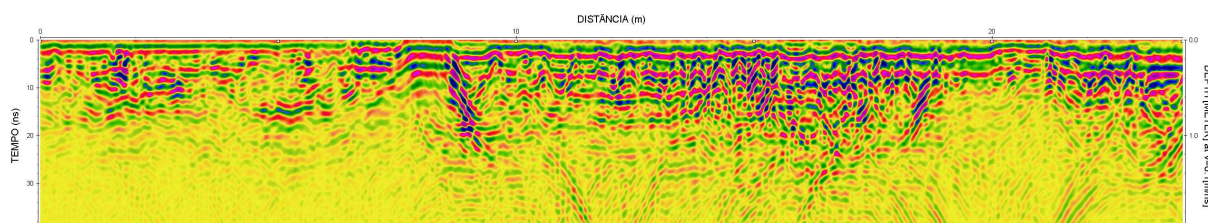


Figura 45: Radargrama corredor 6. Fonte: Welby, 2021.

Embora no início da pesquisa não fosse um local prioritário para investigação, optou-se por realizar as aquisições de GPR no final do corredor 5 (Figura 46-A), porque este local estava próximo da parte identificada como latrina do prédio na planta de 1793 (Figura 46- B). Por ser uma área de refugio, havia a possibilidade da antena, detectar a presença de vestígio arqueológico ou que antigamente a latrina tivesse um prolongamento sob o corredor. No entanto, a anomalia detectada pelo GPR, não permitiu chegar à essa conclusão. No final desse corredor foram detectadas anomalias nas linhas S/N 1, S/N 2 e S/N 3 próximo a abertura do fosso.

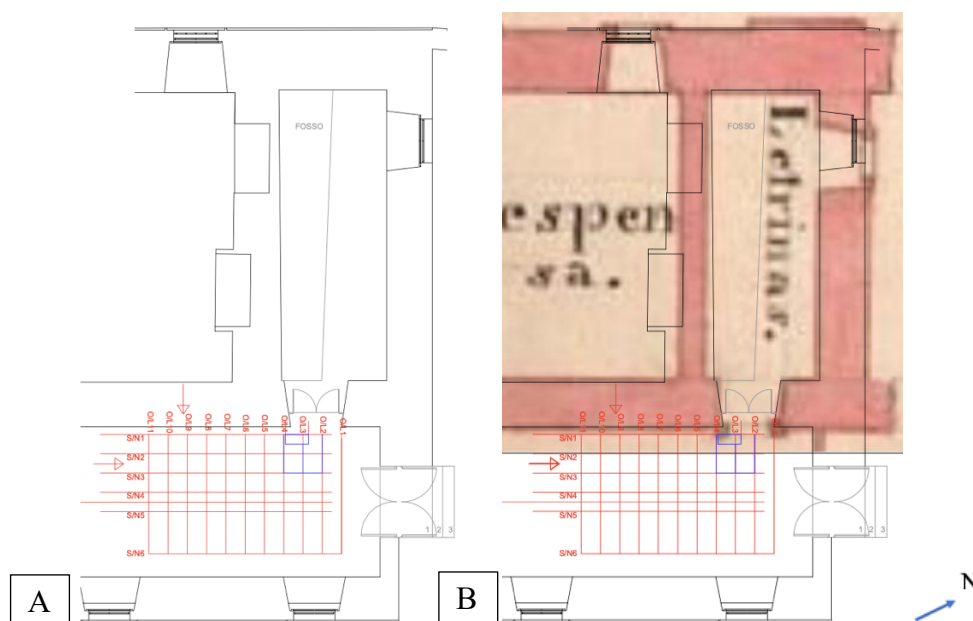


Figura 46: Detecções de GPR próximo da antiga latrina. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020. Adaptado de Amorim, 2011.

De acordo com Ferraz (2000), o fosso da latrina fora descoberto durante as obras de restauro de 1985, quando foi identificado, um canal que vinha como um túnel de pequena dimensão desde o claustro coletando as águas pluviais e dejetos, que por meio de uma conexão com um túnel de pedra, desaguava na Baía do Guajará. Pode-se deduzir que, a partir da abertura da Rua Nova do Imperador, a rede foi estendida até a nova margem da baía.

No radargrama da linha S/N 2 (Figura 47) ao longo de toda a extensão tem-se uma anomalia constante até 40 cm de profundidade. Também aparece uma anomalia transversal no metro 1 até o metro 1,5 com uma profundidade que vai de 40 cm até 80cm, e uma zona anômala expressiva no metro 5 que atinge até aproximadamente 1,20m de profundidade.

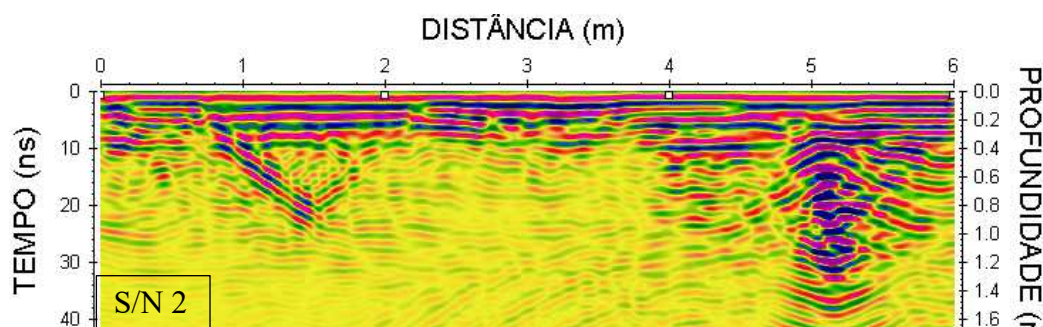


Figura 47: Linha S/N 2 do final do corredor 5. Fonte: Welby, 2021.

Além dos locais citados anteriormente, o GPR foi aplicado nos quatro corredores ao redor do claustro, sendo que nos corredores 2 e 4 as linhas foram feitas no sentido S/N, no

corredor 1 no sentido L/O e no corredor 3 no sentido O/L, assim como também foi aplicado nas calçadas localizadas na parte e externa do edifício, na Avenida Boulevard Castilhos França e na Travessa Frutuoso Guimarães. Nessas localidades apareceram pequenas alterações, provavelmente oriundas de fiação elétrica, caixas de passagem e tubulações.

A partir das detecções levantadas, foram propostas delimitações de zonas com dois diferentes níveis potenciais arqueológicos. As áreas que apresentaram maior quantidade de anomalias e se mostraram mais compatíveis com as hipóteses do que poderia haver no local, de acordo com a planta do século XVIII, foram determinadas como zonas de alto potencial arqueológico. Nos locais que apresentaram anomalias pontuais ou mesmo ausência dessas perturbações, a classificação foi de baixo potencial arqueológico.

Deste modo, a investigação geofísica realizada possibilitou o delineamento de anomalias possivelmente associadas a vestígios arqueológicos, predominantemente, em três áreas no edifício Mercedários: no claustro (áreas 1 e 2); e no *foyer* (área 3) (Figura 48). As áreas do estacionamento, corredores internos do pavimento térreo, próximo à latrina e calçadas foram consideradas de baixo potencial arqueológico, pois as anomalias detectadas pela antena de GPR, provavelmente não são referentes aos vestígios arqueológicos. Desta forma, as zonas de mais alto potencial arqueológico passaram a ser alvo de exploração mais profunda com intervenções subsuperficiais.



Figura 48: Áreas propostas para intervenção arqueológica. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Gonçalves, 2020.

3.2 – Diagnóstico da área do poço

Segundo Sandra Amenomori (1999) e Dirse Kern (2009), o reconhecimento inicial de uma escavação arqueológica é a sua estratigrafia, onde aparece o perfil de solo. O solo é a matriz de deposição que fornece informações a respeito da idade, paisagem e do meio ambiente onde houve ocupações humanas e dos processos que formam o registro arqueológico. Amenomori (1999) destaca que o solo alterado por atividades humanas é dividido em dois tipos: solos antropogênicos (alterados intencionalmente) e solos antrópicos (alterados sem intenção).

Para identificar e diferenciar os tipos de solos em campo, de maneira a reconhecer alguns parâmetros para sua leitura e registro, existem atributos básicos: alguns deles são a cor e a textura (Amenomori 1999; Kern 2009). “As cores são definidas pelos minerais que formam o sedimento e/ou solo associados ao grau de intemperismo e outros processos climáticos que sofreram, além da alteração antrópica”. A textura refere-se à composição granulométrica do solo (Amenomori 1999:44).

As cores amarela e marrom indicam condições úmidas de formação, pois são cores de solos de minerais hidratados. O húmus e o hidróxido de ferro contribuem para dar a tonalidade marrom na argila, silte, areia e rocha. A cor vermelha indica um grau de desidratação do ferro, sugerindo condições climáticas sazonalmente mais secas, essa cor está associada aos minerais de ferro lipolítico, típico de solo de floresta tropical, onde a umidade é constante. Quanto às classes texturais, o solo é dividido em areia, silte e argila, sendo que cada uma dessas categorias apresenta subvariações. Um dos parâmetros para análise da textura do solo é a sua consistência, que varia conforme os teores de umidade, sendo divididas em: seco, úmido e molhado (Amenomori 1999).

A natureza do terreno do bairro da Campina, foi relatada por alguns autores, tanto em fontes de cunho histórico, quanto em pesquisas no campo da geologia. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1784:11) relatou predominância de terreno de areia na Campina, diferentemente do da Cidade, que era pantanoso. A característica de terra amarela e arenosa do bairro da Campina, é também citada por (Cruz 1973b) e por Meira Filho (2015:447) quando cita a “natureza mole dos terrenos atingidos pelo lago do Piri”.

Cauê Oliveira, Roseane Norat e Marcondes da Costa (2018) apontam que, o convento dos Mercedários estava situado em uma área de praia, nas proximidades de uma orla com falésia de base formada por blocos isolados que podem ser de crostas lateríticas ferruginosas. Esses blocos parecem ter sido empregados como diques, ou seja, uma medida de contenção da erosão

das marés da Baía do Guajará, pela característica de instabilidade dos terrenos nesta localidade. Quando houve a necessidade de ampliar a área em frente ao convento, as falésias foram aterradas e o local passou gradativamente a assumir a condição de passeio e porto.

Nesse sentido, com o objetivo de correlacionar as unidades estratigráficas do sítio Mercedários, com a estratigrafia regional adjacente a ele, foi realizada nos dias 27, 28 e 29 de outubro de 2020, a escavação arqueológica (Figura 49) na área de possível localização do poço do edifício, correspondente a (área 1) dentre as três zonas de maior potencial arqueológico. Nessa ocasião, foram ofertadas vagas voluntárias de treinamento para alunos de instituições superiores de ensino participarem da escavação arqueológica, no entanto, as atividades foram suspensas devido à intensidade da Pandemia da Covid-19.

Logo, o diagnóstico desta área, tratou-se de um estudo preliminar que não foi aprofundado com escavação arqueológica. Às zonas 2 e 3, também determinadas com alto potencial arqueológico, foi definido que fossem analisadas em pesquisas futuras ou aproveitando a ocasião de possíveis obras que possam vir a acontecer nessas áreas.



Figura 49: Primeiro dia das atividades de escavação. Foto: Katharine Miná, 2020.

Assim, na possível localização do poço, foram identificadas as características do solo nas partes interna e externa a ele, com a abertura de quatro quadrículas de 1m x 1m: L13, M13, N13 e O13. A primeira quadrícula (L13) não foi analisada, pois estava mais distante do local alvo. As demais quadrículas (M13, N13 e O13), foram subdivididas em quatro partes cada, para

escavação com profundidade rasa no nível de 10cm a 20cm. Todas as quadrículas foram analisadas concomitantemente (Figuras 50 e 51). As características do solo até a profundidade de 20cm, em toda porção norte das quadrículas, mas predominantemente na M13, são de areia úmida de granulação fina, na cor bege claro. Na porção sul da O13 e N13 aflora uma coloração marrom escura, com topo a 20 cm de profundidade composta por areia fina, *locus* de cerâmica construtiva, blocos de argila e muitas raízes.



Figura 50: Escavação das quadrículas com alunas voluntárias. Foto: Diogo Costa, 2020.



Figura 51: Quadrículas M13, N13 e O13, respectivamente. Foto: Ana Paula Claudino, 2020.

Também foi realizada uma análise sucinta da granulometria, textura e cores do sedimento para a subdivisão das camadas estratigráficas (Figura 52) nas quadrículas N13 e O13, pois estas estabeleciam a área interna e externa ao poço respectivamente. Na porção interna (N13), atingindo até 90 cm de profundidade, foram identificadas três camadas distintas: na primeira foi identificado o contrapiso logo após o piso, constituindo-se como solo de assentamento; a segunda camada apresenta coloração marrom e indícios de ocupação humana;

a terceira camada, abaixo de 90cm é bastante avermelhada e estéril, não apresentando vestígios de atividade humana, apenas restos naturais.

Na área externa, apareceram cinco camadas até a profundidade de 1,20 m. A camada mais superficial, também evidencia o contrapiso, tal qual o da área interna. A segunda camada apresenta solo na coloração marrom, indicando vestígio de atividade humana. Na terceira camada o solo é avermelhado e estéril, logo acreditamos que essa área esteja situada fora do poço. A quarta camada demonstra o solo na cor marrom escuro com sinais de ocupações humanas. E a última e quinta camada, o solo na cor laranja, constitui características de areia de rio, apontando evidências da localização do edifício próximo a região de praia.

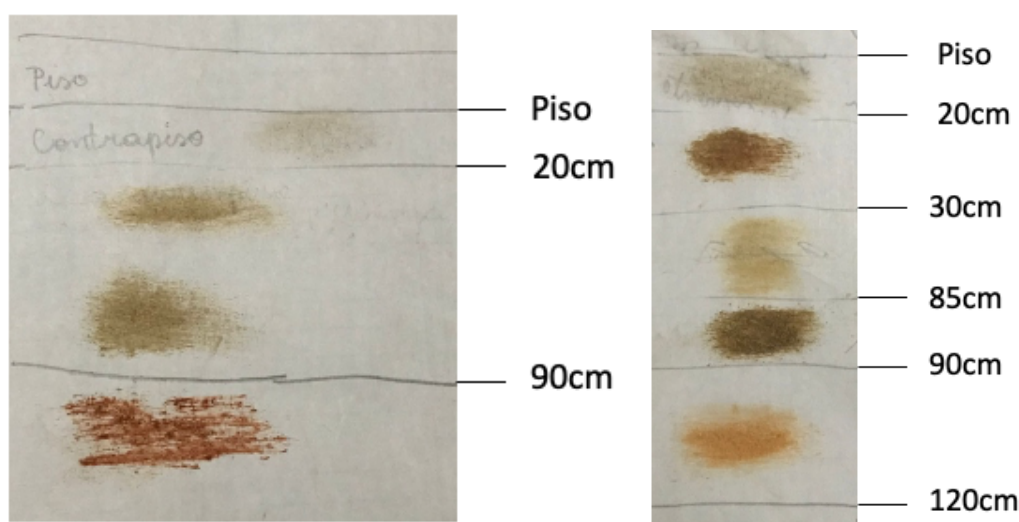


Figura 52: Amostras da estratigrafia do solo coletada durante o diagnóstico, correspondendo às áreas interna e externa ao poço, respectivamente. Foto: Ana Paula Claudino, 2020.

3.3 - Monitoria das obras

“O toque de alvorada acordava o seu Virgílio para a Alfândega”
(Dalcídio Jurandir, em Belém do Grão-Pará)

A partir do dia 18 de setembro de 2020, foi iniciado o acompanhamento arqueológico das obras de reforma das instalações elétricas e de refrigeração do edifício Mercedários, para que se garantisse o salvamento da cultura material que pudesse vir a ser encontrada. Esse processo foi acompanhado pela equipe formada pelo professor Diogo Costa, responsável pela etapa arqueológica, eu, discente do doutorado em Antropologia da UFPA e quatro discentes do curso de graduação em Conservação e Restauro da UFPA, Iana Briaca, Taís Viana, Katharine da Silva e Juliana dos Santos.

Funcionários da empresa que presta os serviços de reforma do prédio, abriram canaletas no estacionamento e em algumas áreas na parte interna do pavimento térreo, defronte ao banheiro localizado abaixo da escada (Figura 53). Durante o mês de setembro, foi retirado apenas um colchão superficial de areia das canaletas abertas no estacionamento. Não foi evidenciado nesse local, nenhum material arqueológico durante esse mês.

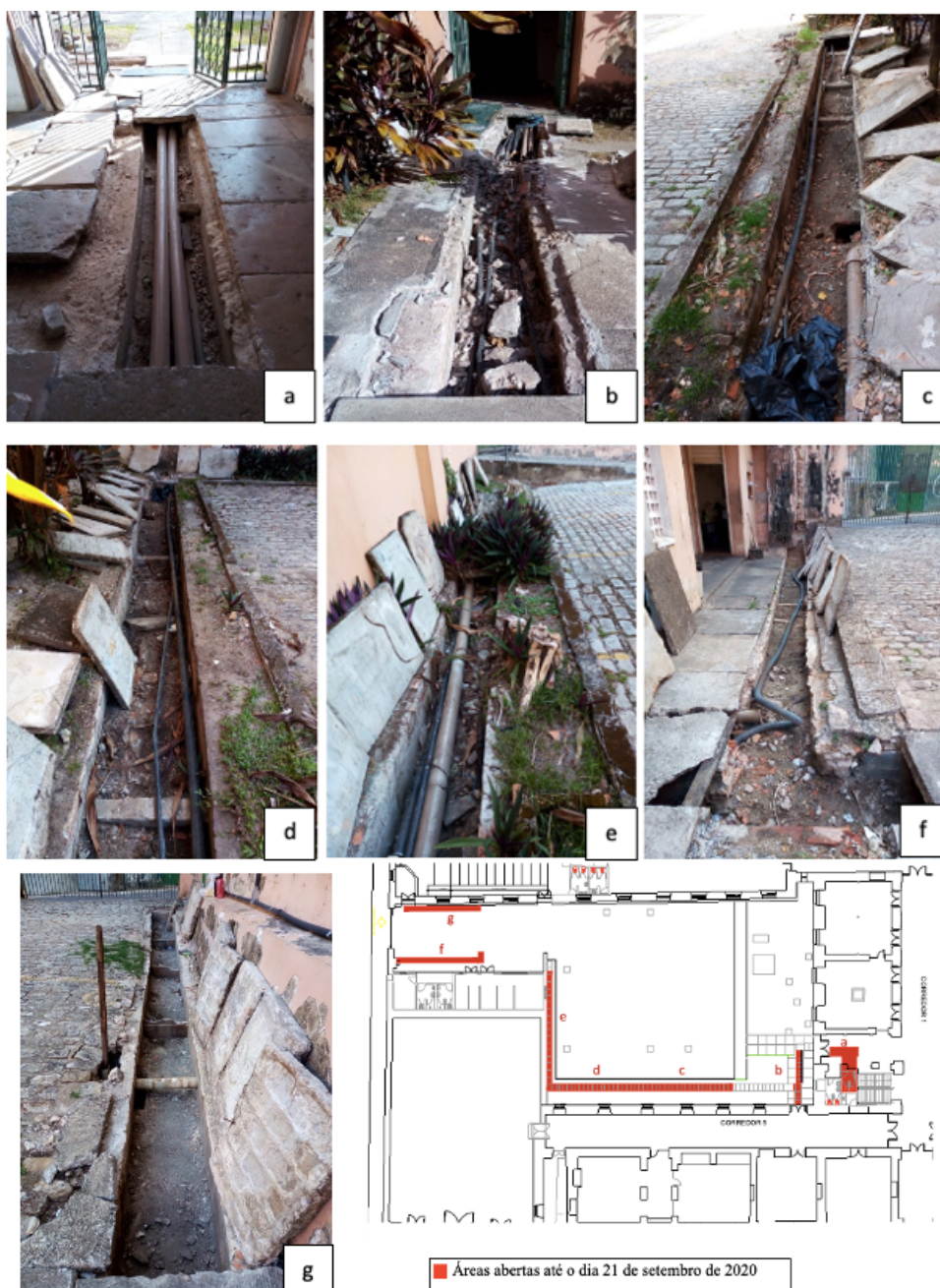


Figura 53: Fotos e planta de localização das áreas abertas no estacionamento (b, c, d, e, f, g) e área interna (a).
Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.

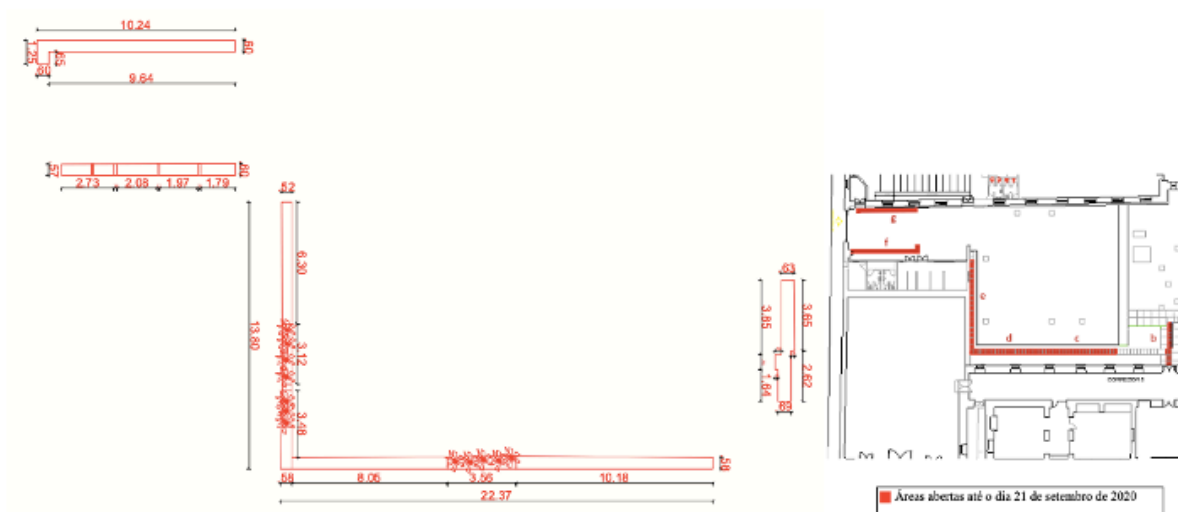


Figura 54: Dimensões das canaletas abertas no estacionamento, em destaque vermelho na planta. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.



Figura 55: Escavação de uma trincheira para as obras de fiação elétrica

Na parte interna do edifício, em um corredor entre o estacionamento e o claustro, está situado um banheiro, próximo de uma escada. Nesta área, foi realizada uma obra da qual foram retiradas algumas pedras de lioz existentes na superfície, evidenciado um piso de tijoleira (Figura 56) possivelmente do piso original do prédio característico da ocupação do imóvel no século XVII, visto que as pedras de lioz foram importadas para recobrir o piso durante a ampliação do convento no século XVIII.

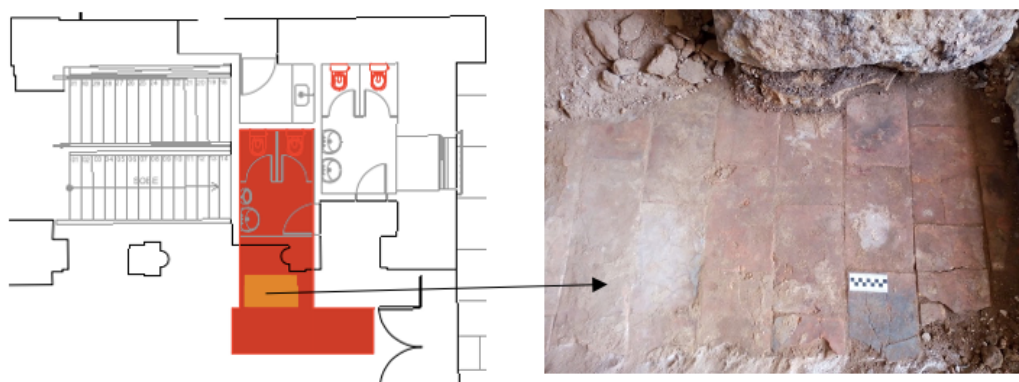


Figura 56: Localização em amarelo do piso de tijoleira encontrado abaixo da pedra de lioz. Desenho: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2020.

No dia 22 de setembro, os trabalhadores seguiram retirando as pedras de lioz do piso do corredor ao lado da escada da entrada principal. Foram retirados no total 3 pedras, sendo duas delas unidas por uma camada espessa de argamassa. No total foram 22 tijoleiras evidenciadas, entre material inteiro e fragmentado. Cada tijoleira inteira medindo aproximadamente 31cm de comprimento, 21cm de largura e 2,8cm de espessura. Aproximadamente 8 tijoleiras ficaram acopladas pela argamassa a uma das pedras de lioz (Figuras 57 e 58). Por conta desse achado, as obras ficaram interrompidas nessa área durante o mês de outubro, até que a equipe de restauro decidisse qual destinação seria dada para esse remanescente.



Figura 57: Piso em tijoleira evidenciado durante a obra. Fotos: Juliana da Mata.



Figura 58: Tijoleiras acopladas na pedra de lioz e tijoleira inteira. Fotos: Juliana da Mata.

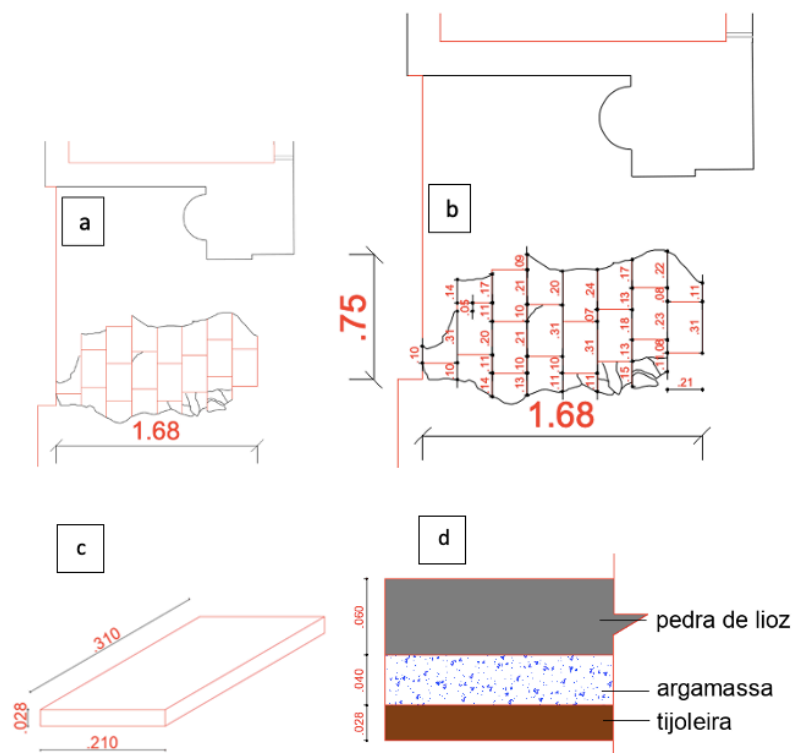


Figura 59: Desenho do piso de tijoleira evidenciado em planta (a) com suas dimensões (b); Perspectiva esquemática de um bloco de tijoleira com as dimensões (c) e detalhe em corte da camada de pisos (d). Desenhos: Ana Paula Claudino, 2020.

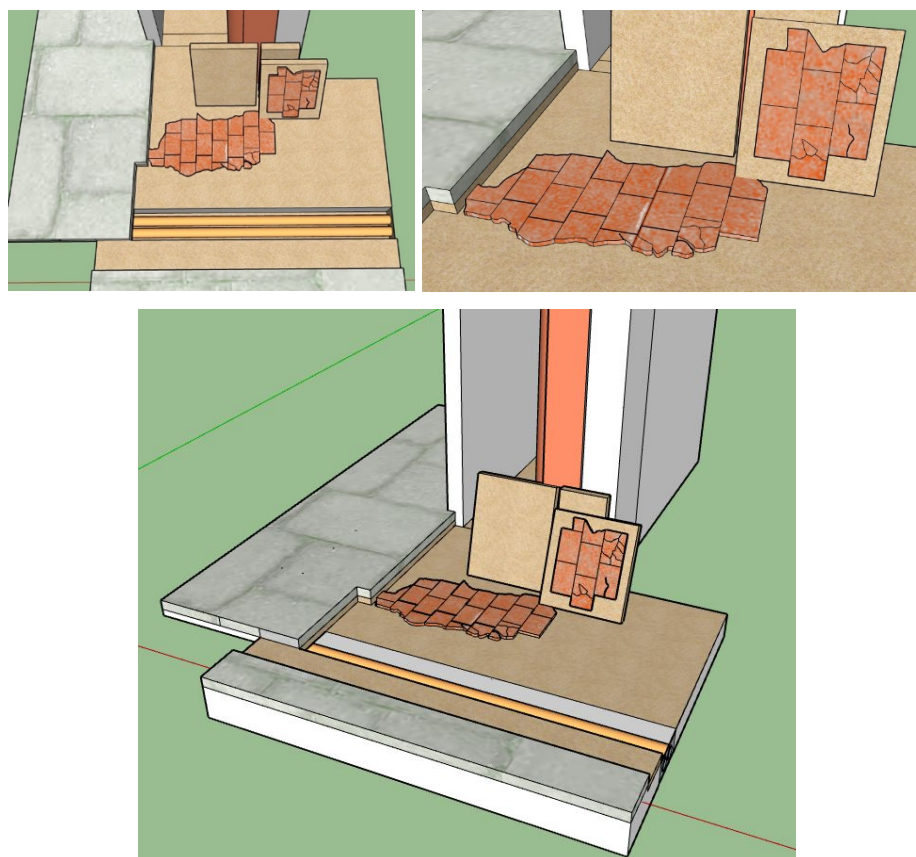


Figura 60: Representação tridimensional da localização do piso de tijoleira. Desenhos: Ana Paula Claudino, 2020.

Devido ao agravamento da pandemia, as atividades foram interrompidas por alguns dias, sendo retomado o acompanhamento arqueológico no mês de novembro. A equipe de restauro decidiu por fechar a área em que foi evidenciado o piso em tijoleira sob as pedras de lioz, pois este melhor se coaduna com a atual configuração do prédio. Além do que, como esse é um local de acesso de entrada, não seria propício para exposição do material remanescente.

Durante os meses de novembro e dezembro de 2020 e até o início de janeiro de 2021 seguimos no acompanhamento arqueológico recolhendo os materiais que foram aparecendo durante a abertura das canaletas do estacionamento, pelos operários da obra. As atividades de acompanhamento iniciaram no dia 18 de novembro, nesse mesmo dia e nos dias 19 e 20 de novembro foi realizado, além do monitoramento das obras no estacionamento, a obtenção das medidas de comprimento, largura e profundidade das valas abertas e as características do solo, de modo a registrar a mudança de coloração do mesmo, obtendo a estratigrafia em cada uma dessas áreas.

Subdividimos a extensão das canaletas abertas em 16 áreas (Figura 61) para melhor controle durante o acompanhamento e retirada do material, visto que a profundidade variava de uma área para outra.

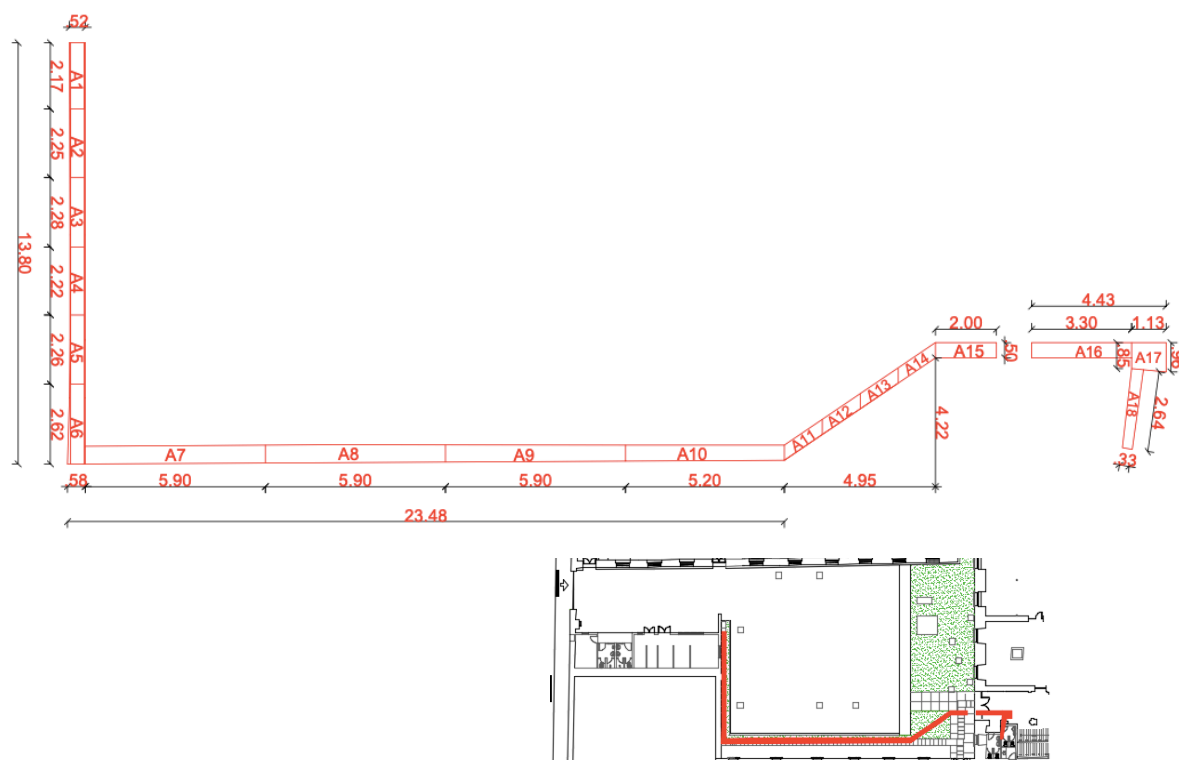


Figura 61: Canaletas abertas no estacionamento e na entrada do térreo nos meses de novembro e dezembro de 2020, destaque em vermelho na planta do estacionamento. Desenhos: Base Cadastral LACORE, modificado por Ana Paula Claudino, 2021.

Nas porções que compreendem as áreas de 1 a 15, no estacionamento, a profundidade escavada chegou a 80 cm em algumas áreas. Nelas apareceram fragmentos de materiais em vidro, louça, metal, grés, além de conchas e ossos de animais. As áreas 16, 17 e 18, já no interior do prédio, foram abertas superficialmente e nelas não apareceu material. Dentre os vestígios encontrados durante o acompanhamento foram descartados plásticos e outras frações não identificáveis, além da maioria de fragmentos de materiais construtivos. No entanto, alguns destes fragmentos, como pedaços de telha, ladrilho e azulejo foram coletados.

Na área identificada como A4, em uma das canaletas abertas no estacionamento, foram encontradas quatro garrafas inteiras de vidro (Figura 62), além de fragmentos deste material.



Figura 62: Garrafas de vidro encontradas na área A4 do estacionamento a profundidade de 47 cm. Foto: Diogo Costa, 2020.



Figura 63: Moeda e fragmentos de louça encontrados no estacionamento. Foto: Katharine Miná e Ana Paula Claudino, 2020.

O material recolhido foi fotografado e etiquetado com algumas informações: data, área, sítio, profundidade e a quantidade de material. As peças de metal foram envolvidas, primeiramente em plástico filme e depois armazenadas em sacolas plásticas. Os ossos, pela necessidade de perder a umidade, antes de serem armazenados ficaram 24h secando e só então

foram envolvidos em gaze e guardados. Os demais materiais, como louça, vidro e grés foram armazenados diretamente em sacolas plásticas (Figura 64).

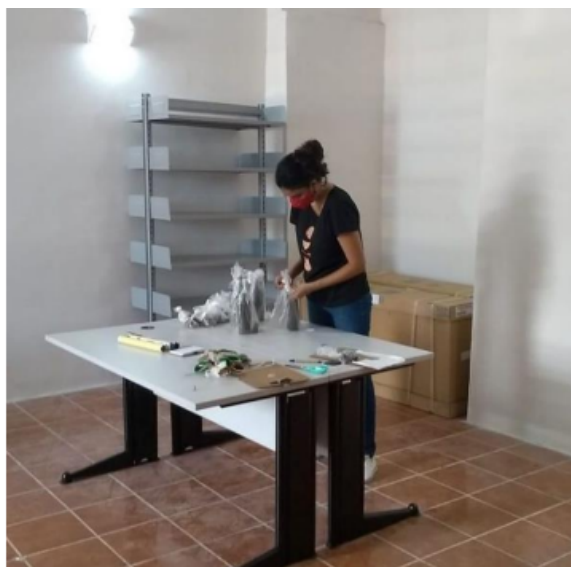


Figura 64: Acondicionamento dos materiais. Foto: Digo Costa, 2020.

As atividades na obra relacionadas ao acompanhamento arqueológico ocorreram até o dia 8 de janeiro de 2021. Ao todo foram coletados 1543 vestígios arqueológicos, identificados como: 518 fragmentos de louça, 387 fragmentos de vidro, 386 fragmentos de metal, 9 fragmentos de cerâmica, 162 fragmentos de osso, 73 fragmentos de concha e 8 fragmentos de ladrilhos. Em seguida, as peças foram submetidas à limpeza e numeração, pois esse procedimento seria fundamental para a posterior análise.



Figura 65: Alguns dos materiais encontrados

A partir do dia 3 de março, as atividades de laboratório e acompanhamento arqueológico foram interrompidas devido ao agravamento da pandemia da Covid-19, quando a UFPA passou a adotar o bandeiramento³⁰ vermelho, no qual as atividades presenciais deviam permanecer suspensas. A partir do dia 23 de abril, a universidade adotou o bandeiramento laranja (menos restrito), no entanto, segundo a vigência dessa bandeira ainda estavam suspensas aulas práticas e de campo.

Dado o impedimento da realização de atividades em campo por conta do risco de infecção, a partir do dia 11 de março, iniciamos aulas on-line sobre treinamento para análise de materiais históricos em louça, vidro e metal. A partir do dia 13 de maio, a universidade passou para bandeira amarela, assim retornamos as atividades de laboratório no dia 17 de maio, em escala reduzida, com uma pessoa por turno, continuando a higienização das peças.

Os fragmentos foram numerados do dia 19 de maio a 10 de junho. Para a numeração (Figura 66), foram adotadas canetas pretas de ponta fina nas louças, grés e vidros transparentes ou brancos leitosos. Nos vidros escuros foi utilizada tinta nanquim branca, depois as peças foram pinceladas com base de esmalte para fixação, em caso de erro na numeração, a correção era feita com a remoção com algodão e acetona.



Figura 66: Etapa de numeração do material. Fotos: Jaiane Lima e Katharine Miná, 2021.

³⁰Na Resolução n. 1.513, de 21 de dezembro de 2020 a UFPA estabeleceu normas e procedimentos para o trabalho acadêmico e administrativo remoto e/ou presencial durante o período de emergência em saúde pública causada pelo novo Coronavírus. Para cada campus da UFPA, o GT da UFPA sobre o novo Coronavírus definiu periodicamente, uma das seguintes condições (“bandeiras”) relativas às condições para a realização de atividades: Bandeira Vermelha (risco alto – lockdown); Bandeira laranja (risco médio); Bandeira Amarela (risco intermediário); Bandeira Verde (risco baixo; Bandeira Azul (período pós-pandêmico). Cito constantemente as mudanças de bandeira, pois isto impactou consideravelmente no desenvolvimento da pesquisa, sendo que no período mais crítico, quando não estavam ocorrendo atividades no laboratório, eu fui infectada pelo vírus.

Em agosto de 2021, com o bandeiramento verde, retornamos as atividades com a etapa de remontagem e análise do material até dezembro deste ano. Após a limpeza e numeração houve especial atenção à possibilidade de remontagem dos fragmentos para em seguida proceder à análise. Os materiais selecionados para análise na reserva técnica dos Mercedários foram a louça e o vidro, devido a maior representatividade em quantidade de peças. Os metais foram analisados na dissertação de mestrado de Jaiane Silva, intitulada “Metais arqueológicos na Amazônia: estudo tecnológico de pregos e cravos do Mercedários UFPA”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPATRI/UFPA).

Nesse sentido, um ponto importante desse projeto foi a prática da arqueologia histórica pelas alunas da Faculdade de Conservação e Restauro da UFPA, tanto em campo quanto em laboratório, ação fundamental para o treinamento de alunos nessa área. Além da recuperação e análise de fragmentos da cultura material é também significativo entender a edificação enquanto agindo sobre as pessoas que convivem nesse ambiente na contemporaneidade.

3.4 - Resultados das análises de materiais

As fichas de análise da louça e do vidro seguiram os roteiros de Costa (2010a; 2010b), considerando os atributos constitutivos dos fragmentos: tipologias e características específicas.

3.4.1 Louça

De acordo com Paulo Zanettini (1986), as louças são produtos manufaturados de cerâmica compostos de substâncias minerais sujeitas a uma ou mais queimas. A matéria-prima empregada na sua fabricação é composta basicamente de materiais plásticos (caulim e argilas) e não plásticos (feldspato e quartzo), no entanto, outros componentes podem ser acrescentados para conferir maior resistência a choques térmicos ou mesmo na preparação do esmalte, por exemplo. De um modo geral, as louças podem ser divididas em dois grandes grupos: produtos porosos/absorventes, que incluem louças de barro, faiança simples e faiança fina; e produtos não porosos, como grés cerâmico e a porcelana dura.

As faianças simples são produzidas com argila de grande plasticidade, com baixa temperatura de cozimento e recobertas de esmalte opaco, que se destaca da base como se fosse uma pele. As faianças finas apresentam pasta dura e opaca, são compactas, em tom esbranquiçado (Zanettini 1986). O grés é formado de uma pasta compacta de grão fino, cozido em temperaturas elevadas e totalmente vitrificado, pode variar do bege claro ao marrom, passando por várias tonalidades, existindo também um tom avermelhado ou até mesmo preto, além de cinza variando entre o claro e o escuro (Mendonça e Beltrão 1996).



Figura 67: Etapa de análise da louça. Foto: Iana Briaca, 2021

As louças foram os vestígios mais encontrados durante o acompanhamento arqueológico. Os fragmentos foram analisados com base nas seguintes propriedades: forma das peças, composição da pasta, esmalte de cobertura, técnicas decorativas, presença ou ausência de selos e marcas de uso. Sobre a forma foram identificados: 223 fragmentos de pratos, 70 de pires, 59 de xícara, 59 de malga, 29 de tigela, 24 de vaso, 14 de caneca, 10 de bacia, 6 de garrafa, 5 de jarra, 5 de travessa, 3 de pote, 2 alça, 2 fragmentos de tinteiro e 1 de púcaro. Portanto, a maioria dos fragmentos identificados está ligado a função de serviço de mesa.

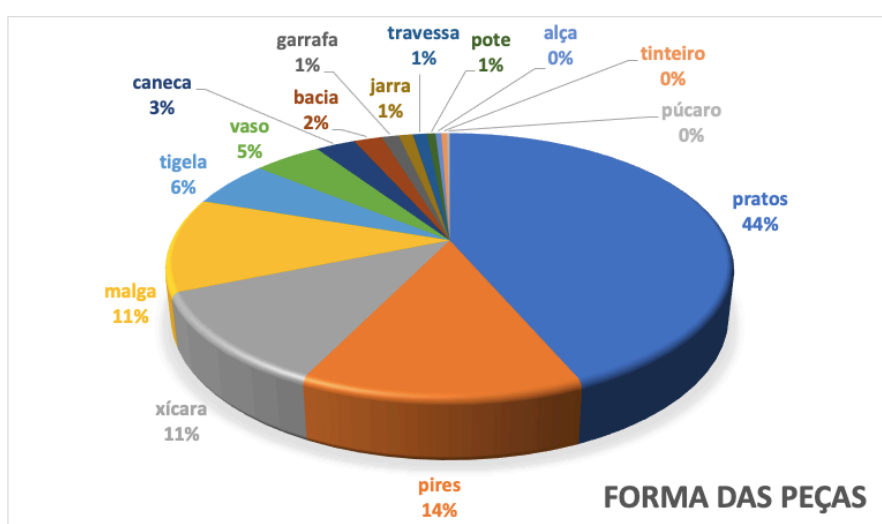


Figura 68: Gráfico dos fragmentos das formas das peças da louça. Elaborado pela autora, 2024.

Quanto ao tipo de pasta, mais de 60% da amostra é de faiança fina, correspondendo a 347 fragmentos. Há 132 em faiança simples, 23 em grés branco e 16 de grés comum, não ocorrendo fragmentos de porcelana na amostra.

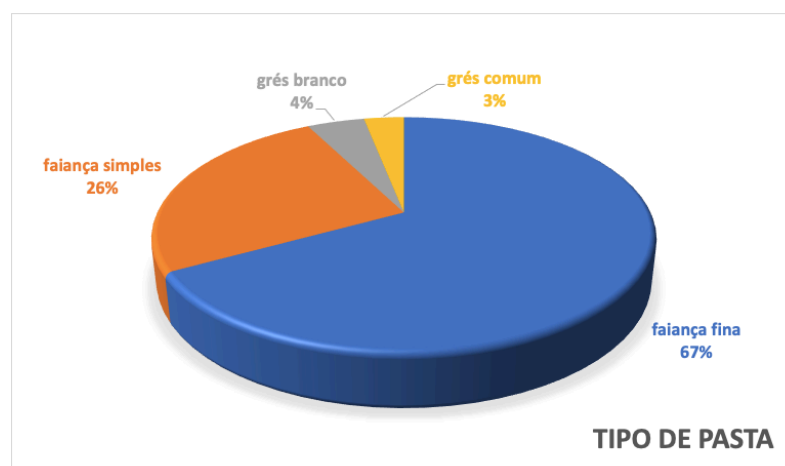


Figura 69: Gráfico dos fragmentos dos tipos de pasta da louça. Elaborado pela autora, 2024.

O esmalte utilizado para recobrir as peças em sua maioria é do tipo azul (*pearlware*), com 289 fragmentos identificados. Também foram catalogados 126 com esmalte branco opaco, 61 verde (*creamware*), 20 com esmalte colorido e 12 incolor (*whiteware*).

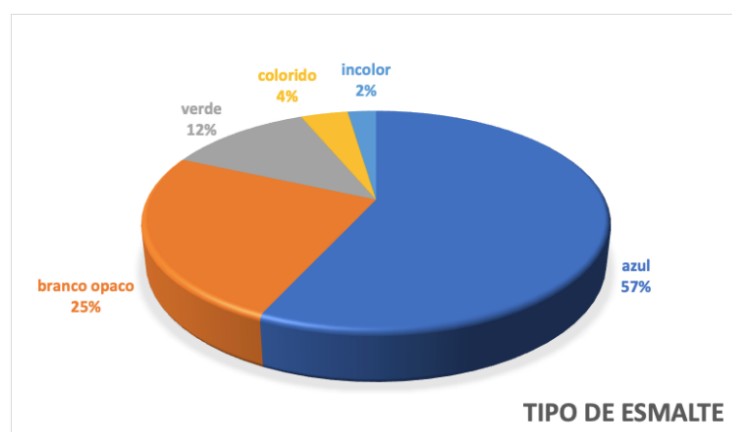


Figura 70: Gráfico da percentagem dos tipos de esmalte da louça. Elaborado pela autora, 2024.

Os elementos decorativos são fundamentais para o estabelecimento de tipologias e cronologias nas louças (Zanettini 1986). As técnicas de decoração empregadas nas peças variaram bastante, sendo predominante as pintadas à mão com 196 fragmentos, 53 com impresso-transferido (*transfer printing*), 30 com superfície modificada, 8 com impresso-transferido sobre superfície modificada, 6 com pintado à mão, superfície modificada e impressão, 4 com a combinação de superfície modificada e pintado à mão, 3 com decalco e superfície modificada, 2 com decoração em decalco e 1 fragmento com decoração em pintado à mão e impressão.

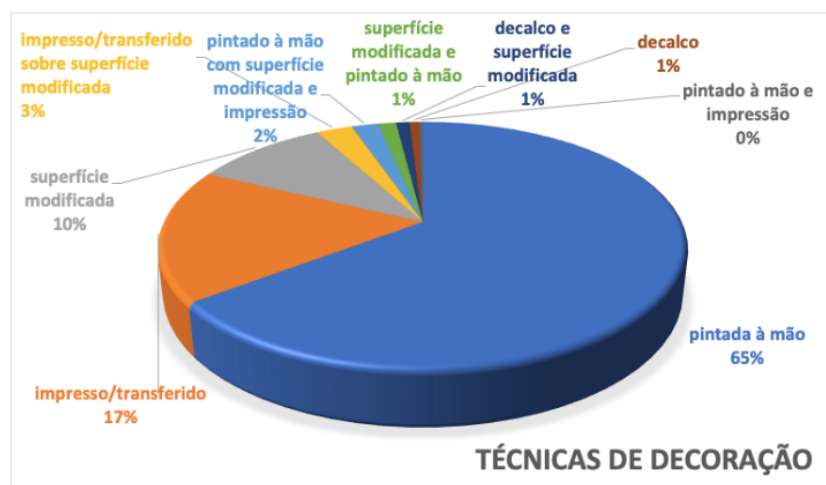


Figura 71: Gráfico da percentagem dos tipos de técnicas de decoração da louça. Elaborado pela autora, 2024.

Deste modo, “os símbolos apresentam-se como excelentes marcadores temporais, tendo em vista que através deles é possível verificar tanto a origem do país onde o fragmento foi produzido quanto, em alguns casos, a fábrica de sua produção” (Gomes 2023b:73). Apenas dois dos fragmentos encontrados apresentavam selos de fabricantes, um deles com indicação temporal do século XVIII, no outro não foi possível identificar a temporalidade. Um dos selos apresenta quatro pontos em formato de cruz e que podem ser atribuídos a produtores de faiança germânica, tanto ao fabricante FRIEDBURG no período de 1788; como ao fabricante DIRMSTEIN, durante o período de 1778 a 1788 (Costa 2022).

Por fim, quanto as marcas de uso ou descarte foram identificadas: 49 fragmentos com desgaste interno, 35 com desgaste na borda, 10 com desgaste na base, 5 com desgaste na base e interno, 2 com marcas de tinta interna, 1 com marcas de tinta interna e desgaste interno e 1 com desgaste na borda e base.

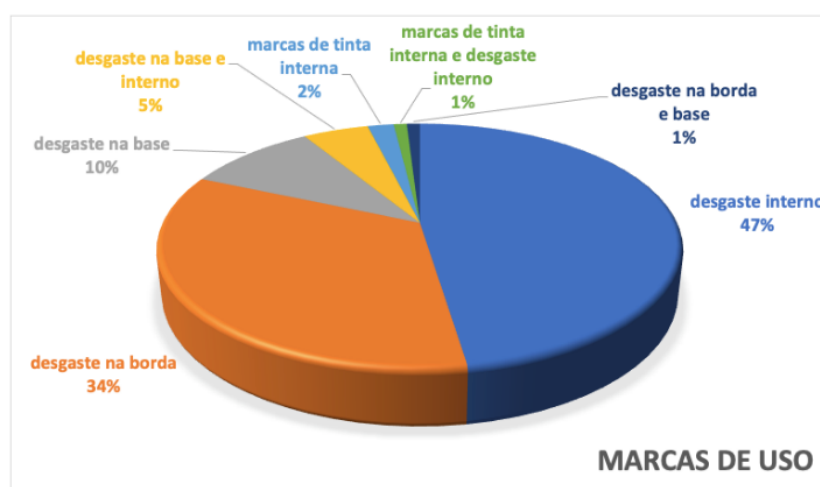


Figura 72: Gráfico da percentagem dos tipos de marcas de uso da louça. Elaborado pela autora, 2024.

3.4.2 Vidro

O vidro é um material inorgânico formado pelo processo de fusão, sendo resfriado a uma condição rígida, sem cristalizar. Possui em sua composição elementos vitrificantes, fundentes e estabilizantes. A sílica atua como vitrificante na forma de areia; A soda e o potássio em forma de sulfato ou carbonato participam como fundentes; A cal, em forma de carbonato, é a responsável pela resistência maior aos ataques de água. “A fusão do vidro ocorre entre os 1400-1600°C aproximadamente. Após a fusão dos ingredientes, a massa é submetida ao resfriamento e quando chega aos 900°C adquire uma condição maleável, permitindo sua manipulação.” (Zanettini e Camargo 2017:14-15). O vidro foi o segundo vestígio material mais encontrado durante o acompanhamento das obras. Para a análise desse material foram observadas as seguintes propriedades: identificação de partes da peça, cor, tipos de forma, a provável função, o tipo de molde, o fechamento, gravação e ocorrência de marcas.



Figura 73: Etapa de análise do vidro. Foto: Iana Briaca, 2021

No quesito partes das peças foram identificados: 178 fragmentos de corpo, 41 de bases, 20 de ombros, 16 decantadores, 7 de pescoços, 7 de lábios e bicos, 5 garrafas inteiras e 4 fragmentos de bocas.

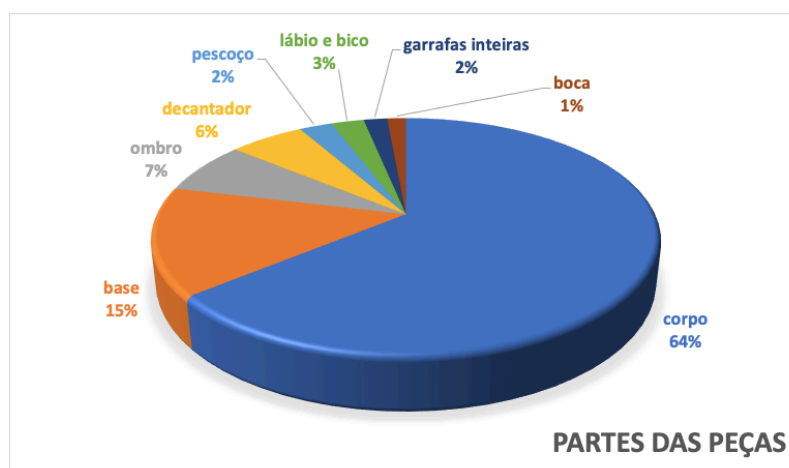


Figura 74: Gráfico percentual das partes das peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.

Sobre as cores foram identificados o total de: 145 incolores, 123 fragmentos na coloração verde oliva, 87 em verde água, 12 em verde escuro, 10 em âmbar, 4 em azul, 4 em branco leite, 2 em verde bandeira e 1 fragmento com a coloração vermelha.

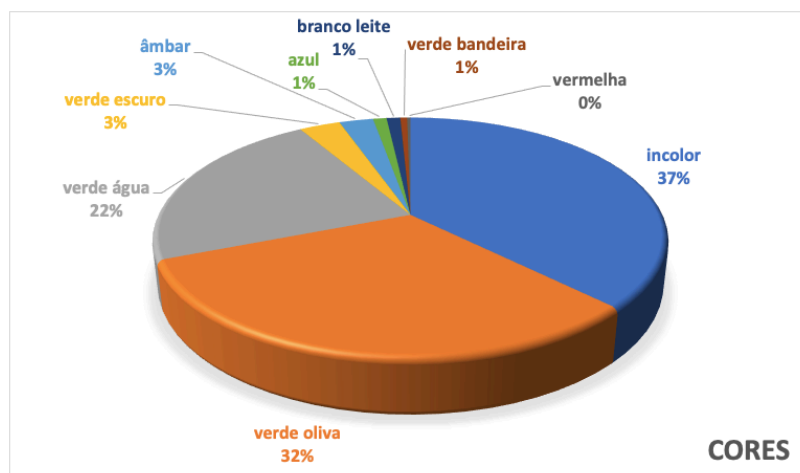


Figura 75: Gráfico percentual das cores identificadas nas peças de vidro. Elaborado pela autora, 2024.

Quanto as formas das peças foram classificadas em: 148 fragmentos de garrafa cilíndrica, 99 fragmentos planos, 60 de garrafas quadradas, 31 de frascos cilíndricos, 29 fragmentos de copo ou taça, 2 de garrafas globulares, 1 tinteiro, 1 frasco oval, 1 frasco retangular e 1 fragmento de ampola.

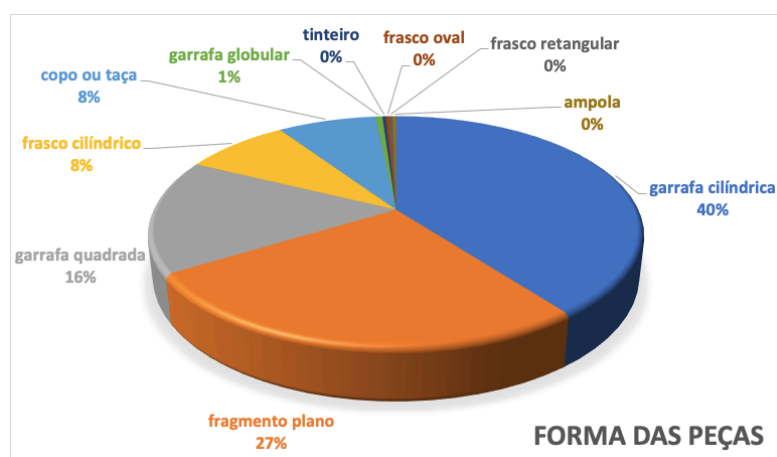


Figura 76: Gráfico percentual da forma das peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.

Sobre a função dos contenedores em vidro podemos identificar: 135 fragmentos de contenedores para bebida fermentadas, 62 fragmentos de contenedores para refresco ou água gaseificada, 33 de frascos medicinais, 29 fragmentos de serviço de mesa e 15 para bebida destilada.



Figura 77: Gráfico percentual da função dos contenedores nas peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.

Quanto aos tipos de molde utilizados na fabricação das peças foram identificados: 171 fragmentos com uso de molde do século XIX, 31 fabricados com molde ótico ou pressão, 23 em molde do tipo mergulhado, 21 em 3 partes com base em copo, 8 fragmentos produzidos em máquina semiautomática, 7 em 3 partes com ombro móvel, 6 em máquina automática provavelmente sistema Owens, 4 com 3 partes em base móvel, 4 em soprado livre e 2 torneados.

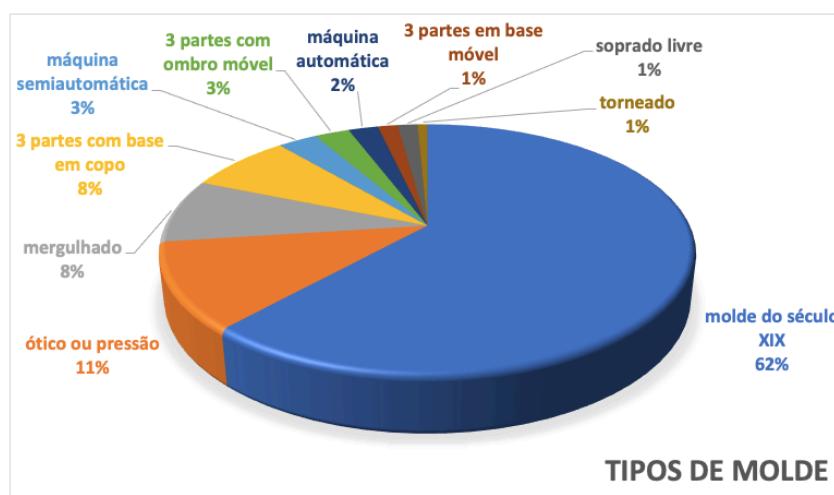


Figura 78: Gráfico percentual dos tipos de molde nas peças do vidro. Elaborado pela autora, 2024.

Sobre os tipos de fechamentos forma identificados na amostra: 5 fragmentos com fechamento do tipo rolha interna (a), 4 com tampa de rosca (b) e 1 com fechamento do tipo hutchinson (c), conforme modelos apresentados na figura 79. Nas bebidas carbonatadas (refrigerante, água mineral e cerveja) era provavelmente obrigatório algum dispositivo de retenção de cortiça para neutralizar a pressão interna do produto. O fechamento em tampa de rosca externa é um dos mais comuns do século XX. A rolha Hutchinson foi patenteada em

1879 para o armazenamento principalmente de refrigerantes, tornando rapidamente obsoletas as garrafas com tampa de cortiça para o armazenamento desse conteúdo (*Society for historical archaeology*).

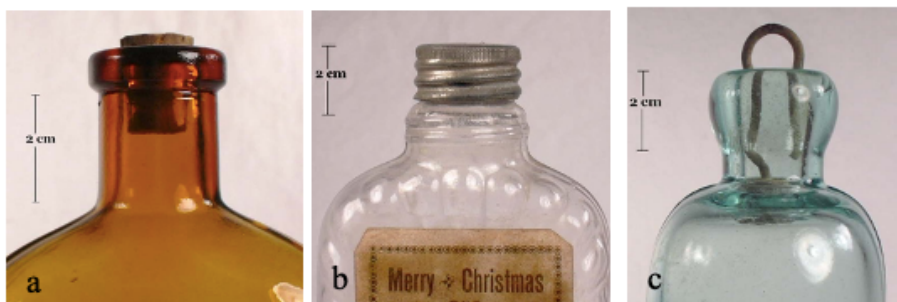


Figura 79: Exemplos de fechamento de garrafas. Fonte: <https://sha.org/bottle/closures.htm>

Quanto às gravações das marcas de fabricantes foram encontradas: 9 fragmentos com gravação de molde na base e 2 fragmentos com gravação de molde no corpo. E finalmente sobre as marcas foi identificado 1 fragmento com marcas de ventilação, 1 fragmento de pescoço e ombro que parece ser um suporte de instrumento com aparente marcas de lascamento em uma das extremidades, e 1 fragmento de corpo que também apresenta lascamentos e marcas de uso na borda.

Essa coleção apresentada, compõe os vestígios arqueológicos coletados na primeira etapa de monitoramento das atividades do Projeto executivo de restauração e reabilitação da igreja e convento de Nossa Senhora das Mercês, e oferece uma significativa amostra do patrimônio arqueológico ainda encoberto na área em questão, assim como o potencial da coleção a ser utilizada como base dados para ações de ensino, pesquisa e extensão (Costa 2022).

3.5 – A arqueologia e as práticas de consumo na Belém do final do século XIX e início do XX

O patrimônio compreendido enquanto propriedade de um determinado grupo no espaço e no tempo, torna-se objeto de desejo. Formulada a concepção de patrimônio, o conhecimento histórico foi acessado por meio deste envolvendo uma multiplicidade de elementos associados entre situações políticas, valores econômicos e atitudes pessoais, transformando o patrimônio em valor, em capital (Costa 2004).

Arjun Appadurai (2008) sobre o valor como uma não propriedade inerente aos objetos, mas sim um julgamento dos sujeitos sobre eles. O significado das coisas está em suas formas, seus usos, suas trajetórias. As coisas são a substância da cultura material que unem arqueólogos e antropólogos culturais de várias linhas. Quando elas adquirem a qualidade de objeto de valor,

ocupam o centro da antropologia econômica. Conforme Mary Douglas (2006), o valor de cada coisa depende de como ela se associa aos outros objetos que lhe complementam. Assim, uma perspectiva antropológica, compreende todo o lugar em que os objetos são usados depois de comprados. Se um objeto está apto para ser consumido, então ele é capaz de circular como marcador de conjuntos particulares de papéis sociais.

Nesse sentido, o estudo do consumo tem grande importância para a economia e para antropologia, porque pode contribuir para o alcance da totalidade dos fenômenos sociais. Sendo o consumidor inerentemente um animal social, os objetos que ele almeja possuir não são para si mesmos, mas para dividir e distribuir dentro e fora da família. Assim, se estabelece padrões de consumo por pressões e expectativas de outras pessoas, tendo pouca relação com os desejos e necessidades individuais (Douglas 2007).

O espaço e os objetos participam ativamente de um processo de comunicação, não apenas por serem consumidos, mas porque esse consumo implica um domínio prático ou explícito de um código de significados sociais no qual a cultura material assume sua configuração e atua (Purser 1992 *apud* Souza 2005). É corriqueiro nas práticas etnográficas supor que, todas as posses materiais são carregadas de significação social, assim a parte principal da análise cultural, concentra-se no uso dessas posses como comunicadores (Douglas 2006), a autora ainda ressalta que:

Dentro do tempo e do espaço disponíveis, o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade, seja na cidade ou no campo, nas férias ou em casa. As afirmações que ele faz depende da espécie de universo que habita (Douglas 2006:113).

É útil e interessante para a cultura material, analisar as coisas sob a perspectiva das mercadorias, pois estas são coisas com um potencial social particular, que se distinguem de produtos, objetos, bens, artefatos e outros apenas em alguns aspectos. A área relacionada à história, às grandes coleções de arte e à arqueologia no mundo ocidental constituem uma mistura complexa de pilhagem, venda e herança, associada ao gosto ocidental pelas coisas do passado e dos outros. Logo, as mercadorias têm um papel cultural que não pode ser dissociado de questões tecnológicas, produtivas e comerciais (Appadurai 2008).

Estudos mais recentes têm mostrado a importância de não se generalizar por meio de uma história única, os efeitos do consumo no mundo, evidenciando a emergência de outras racionalidades, potencializando a produção de narrativas alternativas às forças homogeneizadoras dos efeitos das commodities de maneira global. Assim, em contextos

específicos, é possível enriquecer o ponto de vista histórico, patrimonial, social e político, trazendo pontos de vista alternativos e novos enfoques que permitam a recuperação da memória de grupos marginalizados que não foram documentados em fontes escritas (Souza 2015).

A distribuição desigual de bens e os acessos não pode identificar a globalização apenas de modo universalizante e homogeneizador. Ela pode, então, ser vista de maneira heterogeneizante, uma vez que tem consequências diversas em nível local, pois as mensagens culturais globais são recebidas e interpretadas de modo diferentes nas várias localidades. Embora ações locais não devam ser separadas de contextos mais amplos, de processos de mudança social em larga escala, a adoção de bens que vem fora, não se traduz no abandono das tradições locais e esses bens que chegam são ressignificados e reapropriados em contextos distintos da produção original (Souza 2015).

Como “o consumo dos objetos, as redes de produção, circulação, aquisição, uso (reuso) e descarte”, são realizadas em nível local, o método oferecido pela arqueologia contextual permite analisar longos períodos de tempo e investigar fases de transição da história cultural por meio das permanências e mudanças (Souza 2015). Para Francisco Gomes (2020), a profundidade cronológica, que é oferecida pela análise arqueológica, permite ilustrar o caráter histórico e situado das práticas de consumo, de modo que se possa identificar aquilo que faz parte de algo mais geral e o que é parte da lógica de aprovisionamento de uma comunidade e como se dá seu processo sociocultural de consumo.

No âmbito da investigação arqueológica, as leituras sobre consumo abordaram o assunto analisando suas dimensões socioculturais, interpretando as práticas de consumo como estratégias de emulação social e, nos contextos coloniais, emulação cultural. No entanto, este modelo apresenta uma visão limitada, incapaz de explicar a inovação e inventividade, além do que, evidenciam apenas os mecanismos de diferenciação desenvolvidos pelas classes dominantes. Essa visão “de cima para baixo” das práticas de consumo e dos elementos da cultura material da elite, a colocam na vanguarda da história e como representante de uma certa ideia de progresso (Gomes 2020).

uma aferição das estratégias de consumo a partir do registro arqueológico a partir de quatro escalas fundamentais de análise combinadas: 1) o contexto específico de consumo; 2) as associações dos objetos consumidos entre si e com outros elementos da cultura material; 3) a representatividade intra e inter-sítio dos objetos consumidos e 4) a distribuição espacial geral dos objetos consumidos numa dada área de estudo (Gomes 2020:231).

Isso pode ser explorado na cultura material, à medida que ela atua como símbolo de mudança, transformações e tensões entre os atores sociais e o meio material. A introdução de novos materiais em um lugar em determinados períodos, faz parte de um processo transformativo, relacionado a valores e comportamentos modernos e operando mudanças nas esferas cotidianas, sendo também passíveis de compreensão de uma mudança social na cidade (Silva 2014).

Diante dos resultados mostrados nas análises dos materiais, entre as louças, a maioria dos fragmentos da amostra constituem-se de faiança fina com esmalte azul (*pearlware*). De acordo com (Tochetto *et al.*, 2001) essa pasta foi a mais popular entre as louças domésticas do Brasil no século XIX, importada principalmente da Inglaterra a partir da abertura dos portos em 1808; e o esmalte azul foi o mais comumente utilizado na primeira metade do século XIX.

Dentre as técnicas de decoração, a maioria das peças foram identificadas como pintada à mão sobre superfície não modificada, com aplicação da decoração de forma manual com recurso de pincel, esponja ou carimbo. As técnicas específicas dentre as pintadas mão são: pintadas à mão livre (*peasant style e sprig style*); banhada (*dipped*); carimbada (*cut sponge*); *Spatter*; *Sponge*; faixas e frisos; *Shell Edged*, a maioria desses estilos foi usado até o século XX (Tochetto *et al.*, 2001).



Figura 80: Alguns fragmentos de grés e louça coletados

Quanto ao vidro, a maioria da amostra conjectura uso desses materiais relativos ao final do século XIX e início do XX, como a maioria do tipo de molde usado na fabricação das peças. A função predominante relacionada a bebidas fermentadas e a forma cilíndrica, refletem o uso do vidro para o armazenamento de vinho e cerveja. De acordo com Silva (2014), as garrafas

para vinho eram produzidas até aproximadamente 1870 em formato cilíndrico, predominantemente na cor verde, em tonalidades variando do verde oliva ao verde escuro. O predomínio tom verde oliva pode ter ocorrido pela facilidade em se obter essa coloração, visto essa tonalidade ser a cor natural da pasta de vidro, essa cor também protege a bebida contra a ação dos raios ultravioletas.

A cerveja passou a ser engarrafada em larga escala a partir de 1870, com a maioria das garrafas produzidas em formato cilíndrico, e até os anos 1930, nas cores verde-água, azul e predominantemente marrom escuro (âmbar) (Silva 2014). Além da prevalência dos itens voltados ao consumo de bebidas alcoólicas, a frequência do vidro, de acordo com sua forma e função, tem como segundo maior ocorrência, as bebidas não alcoólicas como refresco e água gaseificada.

Amanda Seabra e Amanda Pina (2023) salientam que, em relação às cores, as três mais predominantes nas amostras foram: incolor, verde oliva e verde água. A coloração verde água e a transparente, não estão ligadas a um tipo de bebida ou produto específico que a comportasse, com garrafas na coloração verde água e vidros transparentes (a partir de 1875), armazenando os mais diversos tipos de produtos líquidos, contudo eram comumente usadas em bebidas do tipo refresco e água, combinando com os principais usos identificados na amostra.

A cor verde água passou a ser comum nas garrafas fabricadas nos Estados Unidos entre 1800 a 1920, embora o seu uso na Europa tenha ocorrido mais cedo, por volta de 1760. Praticamente qualquer categoria de garrafas poderia ser produzida em verde água, embora fossem mais comuns para armazenar medicamentos, refrigerante/água gaseificada, tinta e postes de frutas. As garrafas verde água tornaram-se incomuns após a década de 1920, quando o vidro incolor substituiu em grande parte essa coloração, uma exceção são as garrafas de refrigerante. Os tons verde água sobreviveram em garrafas de refrigerante, muito depois da década de 1920. A cor incolor deve-se a aplicação de arsênico na pasta. De um modo geral, as garrafas de vidro incolores tornaram-se frequentes a partir de 1870, e bastante comuns após o uso generalizado de máquinas automáticas de engarrafamento, aproximadamente por volta de 1910 (*Society for Historical Archaeology*).



Figura 81: Fragmentos de alguns materiais vítreos coletados

Conforme o exposto, é possível traçar algumas inferências a respeito dos costumes de consumo de Belém no século XIX, com base em anúncios de almanaques do período, correlacionando com fragmentos materiais mais encontrados. Em consultas em almanaques do Pará entre 1868 e 1879 foram identificados anúncios que citavam armazéns de louça e vidro; fábrica de destilação, de cerveja, de licores, etc.; e em farmácias e drogarias e lojas de perfumarias (Figuras 82 e 83). Ainda que não reflitam a pluralidade dos diversos grupos sociais existentes na cidade, nos fornecem informações a respeito dos ideais de modernidade incorporados pela elite nos seus padrões de consumo, como, por exemplo, o uso do vidro como armazenamento de bebidas, remédios e perfumaria.

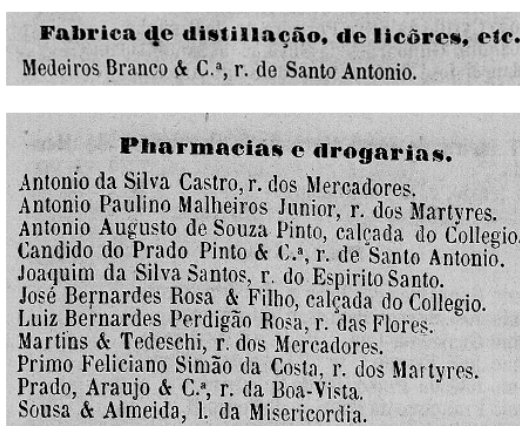


Figura 82: Anúncios voltados aos comércios de bebida e medicinal. Fonte: Almanak : Administrativo, Mercantil e Industrial (PA) - Ano: 1868. Edição: 01; págs. 258 e 263.

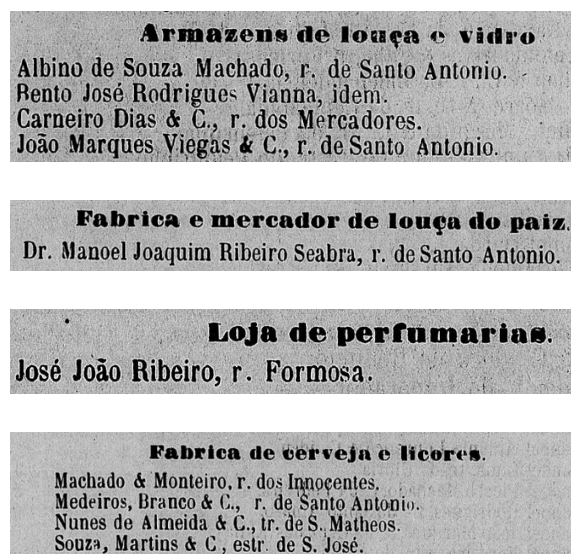


Figura 83: Anúncios voltados aos comércios de louça, vidro, perfumarias e bebidas. Fonte: Almanak: Administrativo, Mercantil e Industrial (PA) - Ano: 1871. Edição: 01; págs. 111, 134, 116 e 132.

A compreensão das particularidades locais é fundamental para explicar o processo de apropriação dos bens de consumo, pois as práticas podem ser resultado dessas apropriações sob a ingerência dos discursos dominantes, assim como produtoras de representações que diferenciavam as pessoas da influência europeia (Silva 2014). Dessa forma, o uso desses materiais reflete o período da Belle Époque em Belém, marcado por mudanças nas esferas econômicas, sociais e culturais, em que eram importados produtos entre louças, bebidas, artigos, roupas, artigos de cama e mesa, entre outros.

Contudo, podemos ter um cenário diferenciado quando é analisado o processo de reutilização desses materiais, como o realizado por Seabra e Pina (2023) ao analisarem garrafas de vidro encontradas no Solar da Beira, que foram reutilizadas para o armazenamento de cascas e sementes, provavelmente para uso de bebidas artesanais e medicamentos naturais. Assim são apresentados novos hábitos da população belenense, revelando práticas de consumo de pessoas que não possuíam condições financeiras para adquirir produtos importados, criando meios próprios para reaproveitar esses produtos.

Diante do que foi coletado no sítio Mercedários, é possível perceber uma correlação com a cultura material evidenciada em outras pesquisas realizadas no CHB, conforme os relatórios técnicos publicados. Também podemos afirmar que os vestígios arqueológicos encontrados não estão diretamente ligados ao uso específico do edifício. Pois a área em que o prédio se encontra foi aterrada no decorrer da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, portanto, os fragmentos coletados estão relacionados ao contexto mais amplo da cidade. Embora tratar-se de uma amostragem de aterro coletado superficialmente, trazido de

outras partes da cidade, é possível que se identifique por meio dessa pequena escala, objetos cotidianos de práticas rotineiras com potencial de interpretação acerca dos padrões de consumo, de descarte e de higiene de Belém desse período.

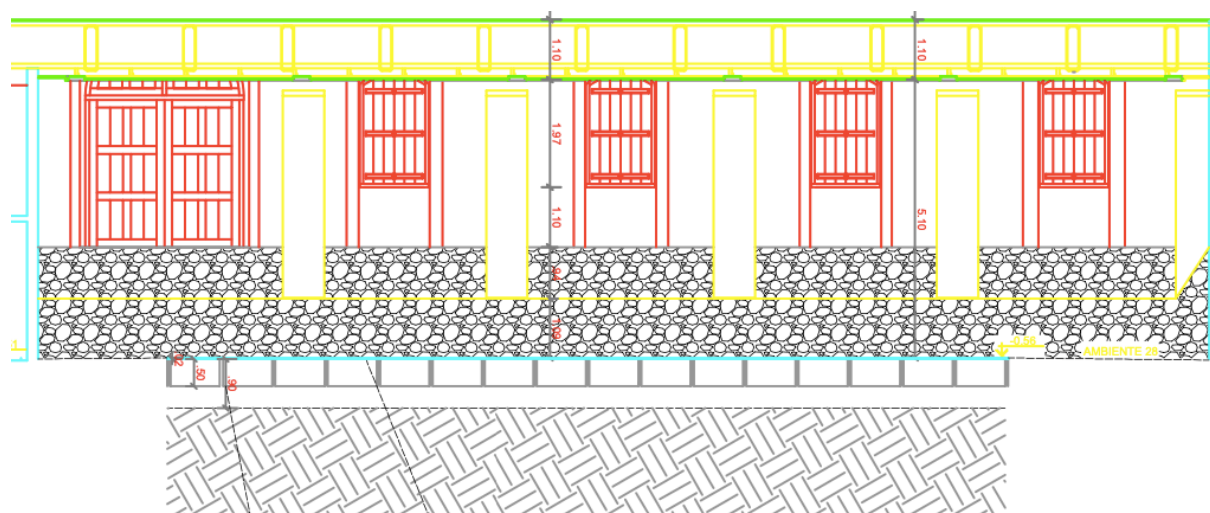
CONCLUSÕES

A proposta de investigação arqueológica para o edifício Mercedários oportunizou compreender como as relações das pessoas com o prédio são estabelecidas na contemporaneidade. O edifício por meio do seu poder de agência é capaz de contar histórias imbricadas no cotidiano das pessoas que usufruem do espaço, sendo esse lugar entendido como lugar de memória tanto de relações afetivas individuais, quanto de memórias coletivas dos aspectos históricos da edificação e da própria história urbana de Belém.

Inserido na paisagem do Centro Histórico de Belém, sofreu constantes mudanças urbanísticas ao longo dos séculos, os diferentes usos desse imóvel estabeleceram mudanças do modo pelo qual ele é compreendido pelo público. Por meio da pesquisa de campo, podemos perceber que ele é identificado pelas pessoas principalmente pelo uso enquanto Alfândega, e que apesar de poucos terem o conhecimento de que fora também um convento, ainda assim, ele é visto como parte da igreja, uma extensão do templo. No entanto, apesar de se constituir como uma estrutura de grandes proporções, ele não é “notado”. Isto ocorre, sobretudo, pelo aspecto deteriorado de sua fachada que ocasiona a percepção, pela maioria das pessoas que não conhecem o lugar, de que se trata de um local abandonado.

As pesquisas arqueológicas realizadas no interior da edificação associadas aos dados produzidos pelos levantamentos históricos e arquitetônicos propiciaram fornecer subsídios para destaque de estruturas e objetos encobertos. Diante das evidências das estruturas do convento velho identificadas no levantamento por georadar no atual *foyer*, é aconselhável aprofundar os estudos nesse local com escavações controladas, visto que não foram esgotadas as possibilidades de conhecimento sobre o bem.

Assim, se propõe para área que seja realizada uma escavação com profundidade a priori de 90 cm, visto que o georadar detectou anomalias das possíveis estruturas do antigo convento a 80 cm do solo, e que os vestígios arqueológicos sejam expostos ao público por meio de um piso de vidro apoiado em estrutura metálica (Figura 84). Lembrando que a confirmação dessa decisão está condicionada a uma avaliação da equipe de restauração. A evidenciação desses remanescentes, pode ser realizada de modo integral ou parcial, mostrando a totalidade das estruturas antigas ou uma área menor, que cubra parte delas. Esse aproveitamento poderá culminar em um museu-sítio arqueológico, com exposição sobre as pesquisas arqueológicas por meio de extroversão dos resultados para o público, contando com um projeto museográfico com sinalização e comunicação visual.



PISO EM VIDRO 20 mm APOIADO EM ESTRUTURA METÁLICA

ESCAVAÇÃO DO PISO: PROF. DE 90 cm
PERMITINDO A VISUALIZAÇÃO DAS FUNDAÇÕES DO CONVENTO VELHO

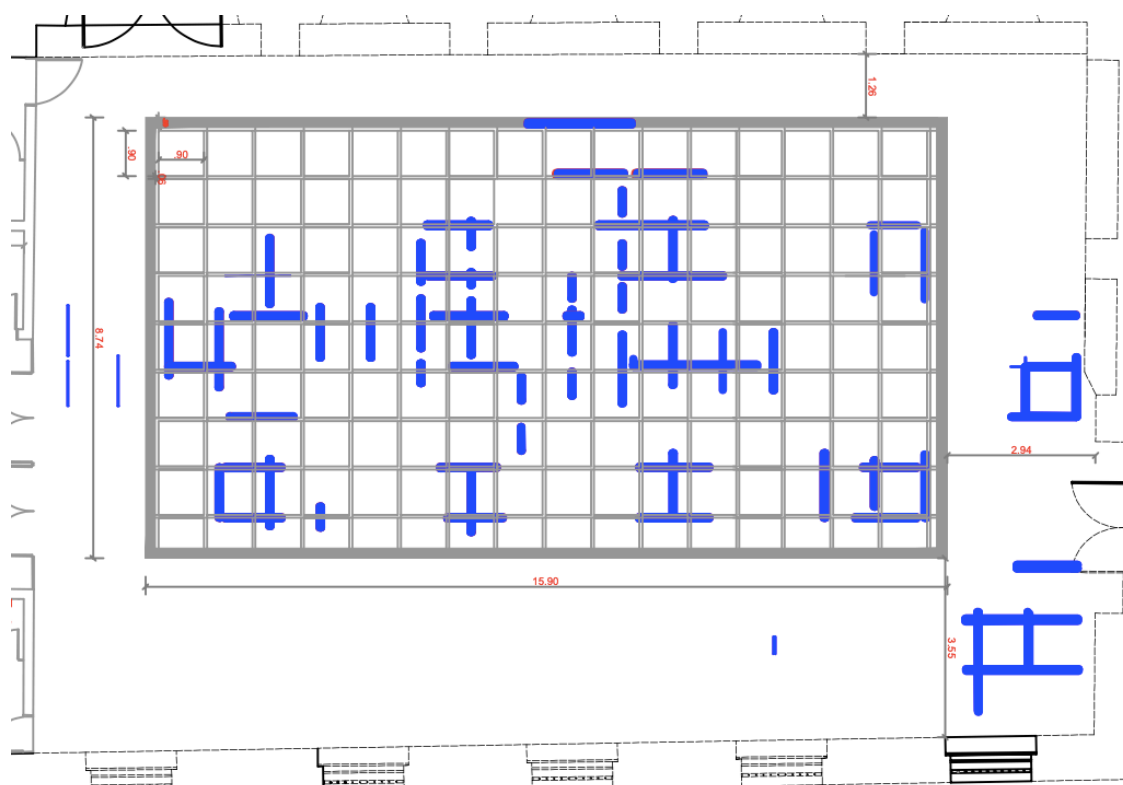


Figura 84: Corte e Planta-baixa do atual foyer com proposta expositiva das estruturas remanescentes do Convento Velho. Fonte: Base Cadastral LACORE, adaptado por Ana Paula Claudino, 2024.

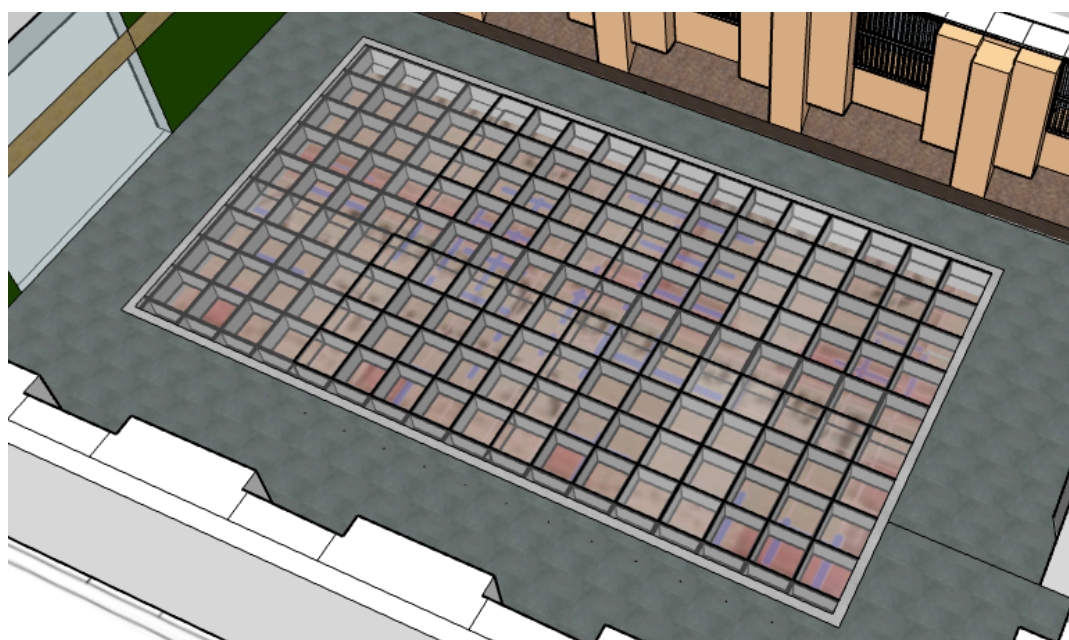
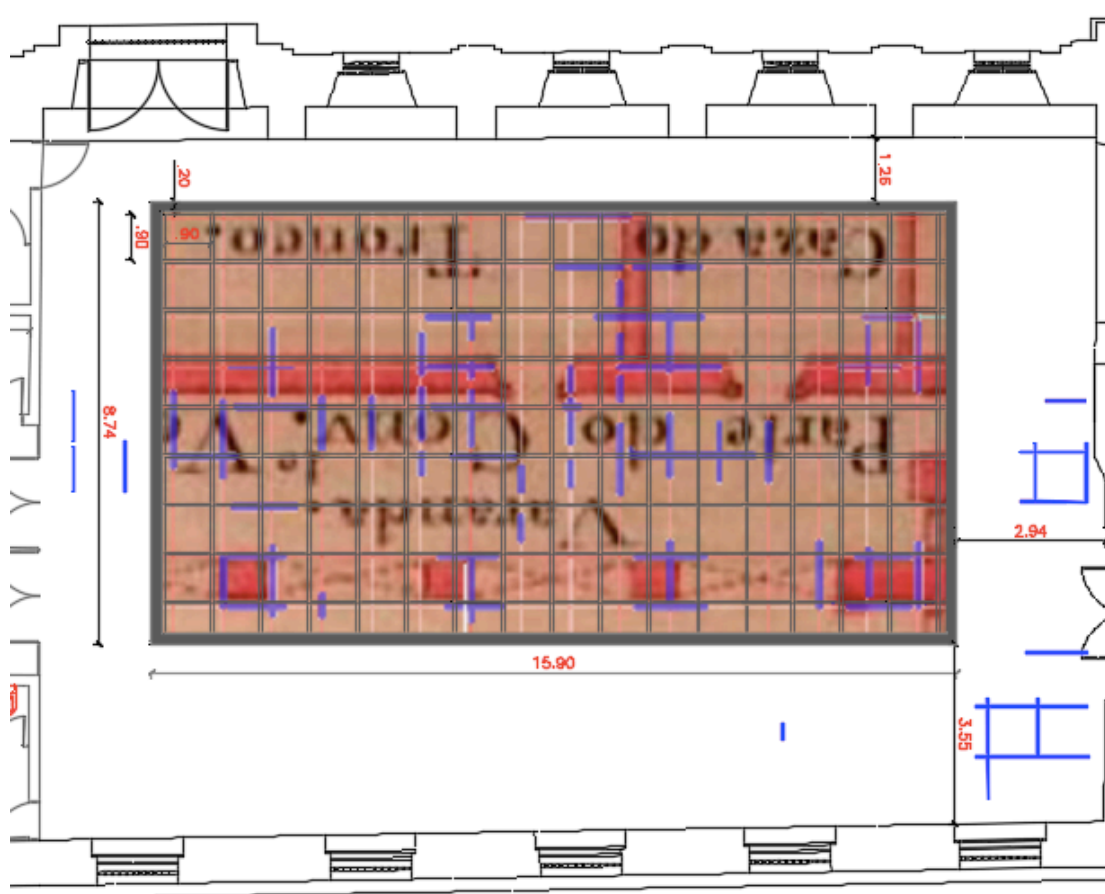


Figura 85: Proposta de como ficariam evidenciadas as ruínas em planta e em perspectiva. Adaptado de Base Cadastral LACORE e Planta-baixa de 1793.

Por meio das entrevistas realizadas ficou notório que o reconhecimento desse patrimônio pelas pessoas é dado pelos seus aspectos históricos e arquitetônicos, pois os registros arqueológicos não estão evidenciados ao público, salvo poucas pessoas que relataram sobre os

canhões encontrados no último restauro. Nesse sentido, a potencialidade do papel da arqueologia nesse projeto, busca aproximar os conhecimentos do público para essa área, ampliando a perspectiva de reconhecimento do bem.

É importante destacar que, o levantamento por meio do georadar também colaborou com outros estudos que estão sendo realizados nesse ano de 2024, após serem abertas novas áreas do piso durante as obras. No decorrer do acompanhamento das obras, realizado durante essa pesquisa, embora tenha ocorrido uma análise subsuperficial de aspectos estratigráficos do solo, sem uma escavação mais profunda, e que o material coletado não seja condizente com o contexto específico desse sítio em particular, contribuiu no sentido de identificação da correlação com a cultura material do contexto mais amplo da cidade, sobre aspectos de consumo da capital em tempos pretéritos.

Administrativamente, como o acesso ao Mercedários UFPA ainda é restrito, devido às obras, ainda assim seria interessante que houvesse visitas guiadas e agendadas durante a semana e/ou aos finais de semana, que poderiam ser conduzidas pelos próprios alunos para que o público conhecesse o espaço. De modo geral, esse trabalho reafirma relevância do diálogo entre arqueologia e antropologia para a realização de pesquisas no contexto amazônico, conforme (Silveira e Bezerra 2012) proporcionando a apreensão de conhecimento que vai além do que se encontra nas fontes documentais escritas, mas contando histórias de pessoas comuns e seu cotidiano nesse espaço carregado de valores culturais, artísticos, simbólicos e turístico da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte das figuras:

Almanak: Administrativo, Mercantil e Industrial (PA), ed.1, p.258 e 263, 1868.

Almanak: Administrativo, Mercantil e Industrial (PA), ed.1, p.111, 134, 116 e 132, 1871.

Amorim, M. A. de F. B. 2011. *A missão franciscana no estado do Grão-Pará e Maranhão (1622 -1750) agentes, estrutura e dinâmica*. Doutorado em História, Universidade de Lisboa.

Biblioteca Digital Luso Brasileira. Disponível em:< <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/>>

Bottle Finishes & Closures, in *Society for historical archaeology*. Disponível em:
<<https://sha.org/bottle/closures.htm>>

D'Azevedo, J. L. 1901. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. 319p.

Ferraz, E. 2000. *Convento dos Mercedários de Belém do Pará*. 2. Belo Horizonte: Editora Com Arte. 216p.

Jornal A Boa Nova, ed. 64, p. 2 e 3, 1878.

Meira Filho, A. 2015. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará: fundação e história, 1616-1823*. Belém: Organização Márcio Meira: M2P Arquitetura e Engenharia.580p.

Norfini, A. “A tomada ao Trem de Guerra”. Acervo do Museu de Arte de Belém. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/imagens/exposicoes-historicas-e-artisticas-2015/norfini-alfredo-201ca-tomada-ao-trem-de-guerra201d-acervo-do-museu-de-arte-de-belem/view>>

Panorama do Pará em doze vistas - J.L Righini, in *Centro de memória da Amazônia*, UFPA. Disponível em:< <https://www.cma.ufpa.br/galeriarighini.html>>

Reis Filho, N. G. 2000. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. v. 1, 1.ed. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial. 414p.

Schwebel, J. A. 1756. *Collecçam dos prospectos das aldeas, e lugares mais notaveis que se acham em o mapa que tiraram os engenheiros de expediçam principiando da cidade do Pará the a aldea de Mariua no Rio-Negro*. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1095066/mss1095066.htm>

Silva, I. A. da. Prospectiva da cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará. 1 desenho. Levantado com câmara obscura do navio n. 24. Serviço Cartográfico do Exército, Rio de Janeiro. In: Belém do Pará. Belém: Alunorte. p. 8. Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/pin/499829258613560798/>>

Spix, J. B. von e Martius, K. F. P. von. 1938. *Atlas da viagem pelo Brasil*, v.3, Trad. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Fontes textuais:

Airoza, M. S. 2016. *Sítio arqueológico, turismo e comunidade local: reflexões a partir do olhar dos moradores da vila de Joanes – Ilha do Marajó/Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Amenomori, S. N. 1999. *Potencial analítico de sedimentos e solos aplicado à arqueologia*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Angelo, H. B. P. 2013. A arqueologia histórica no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Revista de Arqueologia Pública*, Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP, v. 7, (8):119 -134.

Appadurai, A. 2008. Introdução: mercadorias e política de valor, in *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*, pp. 15-88. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

Araujo, R. M. 1998. *As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Porto.

Arruda, E. S. 2003. *Porto de Belém do Pará: origens, concessão e contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Azulai, L. C. de O. 2018. *Percepções sobre cultura material e sítio histórico urbano na cidade de Belém-PA: o caso do Museu da UFPA e sua coleção de arqueologia urbana*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Baena, A. L. M. 1969. *Compêndio das eras da província do Pará*. Belém: UFPA. 398p.

Bandeira, A. M. 2018. Políticas públicas culturais e a proteção do patrimônio arqueológico no Brasil: perspectiva histórica. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, v. 22, 259-284.

Barata, M. 1973. *Formação Histórica do Pará*. Belém: UFPA. 376p.

Barreto, M. V. 2010. *Abordando o passado: uma introdução à arqueologia*. Belém: Paka-Tatu. 306p.

Bernard, H. R. 2006. Interviewing: Unstructured and Semistructured, in *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*, pp. 210-250. Walnut Creek: Altamira Press.

Berredo, B. P. de. 1905. *Annaes históricos*, 3.ed., v. 2. Florença: Typographia Barbéra. 321p.

Bettendorf, J. F. 2010. *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. 1. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 803p.

Bezerra, M. 2011. “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 6, (1): 57-70.

_____. 2017. O Pegador de Peixe: os pescadores, as camboas e a arqueologia na Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Amazônia, Brasil, in *Teto e Afeto: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia/ Marcia Bezerra -1ª ed.* Belém: Pa, GK Noronha.

- Borges, T. C. R. 2013. *Do Largo das Mercês à Praça Visconde do Rio Branco: um estudo de gestão do patrimônio histórico em Belém do Pará (1940-2011)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Bicho, N. F. 2012. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Edições 70. 552p.
- Castro, E. S. 1968. A ordem das Mercês no Brasil (1639- 1965), in *Mercedários no Brasil ontem e hoje*, pp.15-37. Rio de Janeiro; Editor Borsoi.
- Castro, B. A. C; Magalhães, B. 2020. Lugares de memória: narrativas, itinerário e patrimônio cultural. *Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, v. 3, (6): 121-134.
- Choay, F. 2006. *A Alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Ed. UNESP. 288p.
- Costa, D. M. 2004. Arqueologia Patrimonial: o pensar do construir. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré História e Antropologia*, v. 2, 333-360.
- _____.2010(a). Roteiro para análise de artefatos de vidro.
- _____.2010 (b). Roteiro para análise de louças.
- _____.2014. O urbano e a arqueologia: uma fronteira transdisciplinar. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, (2): 46-71.
- _____.2017. Arqueologia Histórica na Amazônia: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, v. 30, (1): 154-174.
- _____.2020. *Projeto de Levantamento e Prospeção Arqueológica na Igreja e Convento dos Mercedários*, Belém/Pa, Processo IPHAN n. 01492.000 252/2020-69. Belém: IPHAN.
- _____.2022. Relatório do monitoramento arqueológico no projeto executivo de restauração e reabilitação da igreja e convento de nossa senhora das mercês – 2020 a 2021, Relatório Parcial do Diagnóstico de Potencial Arqueológico, in *Projeto Executivo de Restauração e Reabilitação da Igreja e Convento de Nossa Senhora das Mercês*.
- _____.2023. Arqueologia Urbana em Belém do Pará: o estudo de um antroma terrestre entre águas amazônicas. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 18, (00).
- Costa, S. C. 2019. *Porto, água e vida: Paisagem, sensorialidade e Transformações de uma Zona Portuária Amazônica (Cidade Velha, Belém, Pará)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Cruz, E. 1973(a). *História do Pará*, v. 1, Belém: Universidade Federal do Pará.380p.
- _____.1973(b). *História do Pará*, v. 2, Belém: Universidade Federal do Pará.848p.
- D’Azevedo, J. L. 1901. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização. Bosquejo historico com varios documentos ineditos*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 319p.
- Derenji, J.; Derenji, J. 2009. *Igrejas, palácios e palacetes de Belém*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 228p.
- Douglas, M. 2006. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 296p.

_____. 2007. O mundo dos bens, vinte anos depois. *Horizontes Antropológicos*, v. 13, (28):17-32.

Eberhard, J. P. 2009. *Brain Ladscape: the coexistence of neuroscience and architecture*. San Diego: Oxford University press. 280p.

Fanon, F. 1968. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 275p.

Fernandes, G. C. B. 2014. “Um buraco no meio da praça”: múltiplas percepções sobre um sítio arqueológico em contexto urbano amazônico – o caso de Belém, Pará. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

_____. 2022. *Arqueologia contemporânea e suas possibilidades: o caso da Capela Pombo em Belém-Pa*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Ferraz, E. 2000. *Convento dos Mercedários de Belém do Pará*. 2. Belo Horizonte: Editora Com Arte, 216p.

Ferreira, A. R. 1784. *Miscelânea histórica para servir de explicação ao prospecto da cidade do Pará*, 52p.

Figueiredo, A. M. de. 2019. Mairi dos tupinambá e Belém dos portugueses: encontro e confronto de memórias, in Sarges, Maria de Nazaré (Org.); Figueiredo, Aldrin Moura de (Org.); Amorim, Maria Adelina (Org.). *O imenso Portugal: estudos luso-amazônicos*. 1. Ed, v. 1, Belém: UFPA; Cátedra João Lúcio de Azevedo, 397p.

Figueiredo, C. A. R. 2022. *A ação do PAC 2 Cidades Históricas e a governança municipal na Amazônia: o caso da Praça do Carmo em Belém, PA*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Fraga, R. G. 2017. As Lixeiras Domésticas do Solar Lopo Gonçalves e a Cultura Material do Século XX. *Revista Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 8, (2): 245-268.

Frúgoli Jr, H. 2005. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, v. 48, (1): 133-165.

Gaby, A. A. 2018. Documentos para a história da prática musical dos Mercedários no convento da natalidade do Grão-Pará, in *Arqueologia musical amazônica*. 1 ed. Organizado por Líliam Barros e Rafael Severiano, pp. 39-58. Belém: Pakatatu.

Gaskell, G. 2015. Entrevistas individuais e grupais, in *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Organizado por Martin W. Bauer e George Gaskell, pp. 64-89. Petrópolis: Vozes.

Gell, A. 1998. *Art and Agency: an anthropological theory*. New York: Oxford, Clarendon Press. 271p.

_____. 1992. The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology, in *Anthropology, Art and Aesthetics*. Editado por J. Coote e A. Shelton. pp. 232-254. New York: Oxford, Clarendon Press.

Godoy, R de. 2004. A legislação urbanística enquanto ferramenta para a gestão do patrimônio arqueológico – o estudo de caso para a cidade de Goiás/GO. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré História e Antropologia*. v. 2, (1) Ed. UCG.

_____. 2012. *Assessing Heritage Values: Public Archeology in Brasília*. 1. ed. Germany: LAP LAMBERT academic publishing. 242p.

Goffman, E. 2001. *Manicômios, Prisões e Conventos*. 7 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 312p.

Gomes, F. B. 2020. Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural. *Arqueologia e História. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, v.70, (13): 225-235.

Gomes, N. 2023(a). *O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na Campina, Centro Histórico de Belém – pessoas, paisagem e cultura material*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

_____. 2023(b). The Material Culture of the Urban Site Sesc Ver-O-Peso, in Belém, at the Amazon: Possibilities of Analyses. *Global Journal of human-social science: D History, Archaeology & Anthropology*, v. 23, (5): 64-81.

Gonçalves, J. R. S. 2005. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, (23): 15-36.

_____. 2007. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso, in *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Organizado por J. R. S. Gonçalves, pp. 139-158. *Coleção Museu, Memória e Cidadania*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN.

_____. 2015. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos Históricos*, v. 28, (55): 211-228.

Gosden, C; Marshall, Y. 1999. The Cultural Biography of Objects. *World Archaeology*, 31 (2):169-178.

Gosden, C. 2005. What do objects want? *Journal of Archaeological Method and Theory*, 12(3): 193-211.

Harding, A. 2016. Introduction. Biography of things. *Distant Worlds Journal (DWJ)* 1: Continuities and Changes of Meaning, pp. 5-10.

Heriarte, M. de. 1874. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Vienna D'Austria. 84p.

Hicks, D.; Horning, A. 2006. Historical archaeology and buildings, in *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Editado por Dan Hicks e Mary C. Beaudry, pp. 273-292. Reino Unido: Cambridge University Press.

Holtorf, C. 2017. Por que preservar? *Revista de Arqueologia*, v. 30, (2): 193-207.

Ingold, T. 2007. Materials Against Materiality. *Archaeological Dialogues*, (14):1-16.

_____. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, (37): 25-44.

Jurandir, D. 2004. Belém do Grão-Pará. 2. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 548p.

Kern, D. C. 2009. Análise e interpretação dos solos e, ou, sedimentos nas pesquisas arqueológicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento (8): 21-35.

Lima, T. A. 2002. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. 28, (2): 7-23.

_____. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum*, v. 6, (1): 11-23.

Lopes, R. C. dos S. 2013. *O melhor sítio da terra: Colégio e Igreja dos jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará – um estudo sobre a arqueologia da arquitetura*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Lopes, P. R. D. C.; Fonseca Júnior, A. D. F. J.; Mendes, K. L. M. 2022. *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade, Belém/Pará*. Belém: Secult-PA. Relatório de Escavação.

Magnani, J. G. C. 2018. Patrimônio cultural urbano, “de perto e de dentro”: uma aproximação etnográfica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (37): 307-329.

Marques, F L. T. 1999. *Relatório Preliminar Proposta de Ampliação de prospecção Arqueológica na área do cais de Belém, Pará*.

_____. 2005. Prospecção arqueológica no Palácio Episcopal de Belém, in *Feliz Lusitânia/Museu de Arte Sacra*, v. 3, pp. 101 -119, Belém, Secult.

_____. 2006. Investigação arqueológica na Feliz Lusitânia, in *Feliz Lusitânia/Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champagnat*, v.4, pp.147-187, Belém, Secult.

Marques, R. 2010. O método geofísico (GPR) e a Arqueologia, in *Arqueologia no Pelourinho*. Organizado por Rosana Najjar, pp. 116-126. Brasília: Iphan/Programa Monumenta.

Meira Filho, A. 2015. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará: fundação e história, 1616-1823*. Belém: Organização Márcio Meira: M2P Arquitetura e Engenharia. 580p.

Mello, M. da S. e. 2007. *Geofísica aplicada à arqueologia: investigação do sítio histórico Engenho Murutucu, em Belém, Pará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geofísica, Universidade Federal do Pará, Belém.

Mendonça, H. N.; B, M. da C.M. 1996. Considerações sobre o grès no sítio histórico-arqueológico Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (6): 141-154.

Meneses, U. B. de. 2006. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcances na preservação do patrimônio ambiental urbano, in *Patrimônio*:

atualizando o debate. Organizado por Victor H. Mori, Marise C. Souza, Rossano L. Bastos e Haroldo Gallo, pp. 33-76. São Paulo: Iphan.

Miller, D. 2013. Teorias das Coisas, in *Trecos, Troços e Coisas*, pp. 66-118. Rio de Janeiro: Zahar.

Moreira, E. 1966. *Belém e sua expressão geográfica*. Belém, 244p.

Mott, L. 2011. Ventura e desventuras de um mercedário sodomita em Belém do Pará pós-filipino. *Revista Politeia: História e Sociedade*, v. 11, (1): 81-103.

Motta, G. M.; Norat, R. da C.; Costa, M. L. da. 2020. Diagnóstico de argamassas do baluarte Nossa Senhora das Mercês, in *Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil*, Rio de Janeiro.

Najjar, R. 2005. *Arqueologia Histórica: manual*. Brasília: IPHAN.83p.

_____. 2011. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Humanas*, v. 6, 71-91.

Nora, P. 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v.10, 7-28.

Norat, R. da C. C.; Costa, M. Lima. 2017. As Fortificações da Amazônia: desafios e perspectivas para sua preservação, in *Anais do Simpósio Científico do ICOMOS Brasil*. Belo Horizonte: Instituto Metodista Izabela Hendrix.

_____. 2018. As fortificações da Amazônia: novas fronteiras e desafios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v.1, 125 – 143.

Norat, R. da C. C.; Szlafsztein, A.; Oliveira, C.; Motta, G.; Silva, L.; Costa, M. 2019. Reconhecimento e valorização do patrimônio militar: diagnóstico, caracterização e iconografia na era digital do Baluarte Nossa Senhora das Mercês ou Forte São Pedro Nolasco em Belém/PA, in *3º Simpósio científico do ICOMOS Brasil*. Belo Horizonte: Centro de atividades didáticas UFMG.

Oliveira, C.; Norat, R. da C. C.; Costa, M. L. da. 2018. O baluarte e o convento de Nossa Senhora das Mercês em Belém do Pará: implantação urbana e construção, in *Boletim do Museu de Geociências da Amazônia*, (2).

Oliveira, M. R. da S.; Pinheiro, V. C. S. 2023. Lugar de memória e percepção afetiva patrimonial: sítio histórico da Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. *Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades*, v. 6, (11): 1-20.

Oliveira, M. A. 1999. Landi no contexto da arquitetura luso-brasileira da segunda metade do século XVIII, in *Amazônia felsinea: Antônio Landi: itinerário artístico e científico de um arquiteto bolonhês na amazônia do século XVIII*. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, pp. 223-246. Lisboa: IPHAN.

Pallasmaa, J. 2017. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili. 125p.

Peñalosa, R.; Alcántara, S.; Jankilevich, C.; Veras, L.; Cázares, M. T. O. 2018. Carta del Paisaje de las Américas, in *Seminario de Cultura Mexicana*. Cidade do México.

- Pereira, D. 2019. “O roubo das urnas”: a relação do patrimônio arqueológico salvaguardado e os coletivos humanos. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré História e Antropologia*, v.17, (1): 39-52.
- Pollak, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, (10): 200-212.
- Ribeiro, M. dos. 2013. Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade. *Etnográfica*, v.17, (2): 341-368.
- Said, E. 1990. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras. 370p.
- Salles, V. 1980. *A música e o tempo no Grão Pará*. Coleção cultura paraense série Theodoro Braga. Belém: Conselho estadual de cultura. 424p.
- Sampaio, J. Í. B. 2022. *Investigação geofísica no convento dos Mercedários utilizando o georadar*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Geofísica, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Santos, S. F. dos. 2019. *Memórias e esquecimentos na “Fazenda Velha”: O sítio arqueológico-histórico Engenho do Murutucu*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Seabra, A. C. de S.; Pina, A. D. de V. 2023. A (re)utilização das garrafas de vidro do edifício histórico Solar da Beira em Belém-Pa. *Revista de Arqueologia Pública*, v.18, (00): 1-24.
- Seabra, A. C. de S. 2020(a). *Projeto de acompanhamento arqueológico e arqueologia pública nas obras de reforma e restauro do Solar da Beira*, Processo IPHAN n. 01492.000319/2019-21. Belém: IPHAN. Relatório Final.
- _____. 2020(b). *Projeto arqueológico para as obras de requalificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina*, Processo IPHAN n. 01492.000147/2019-96. Belém: IPHAN. Relatório Parcial.
- Silva, A. B. C. da. 2019. *Programa de acompanhamento arqueológico Belém Porto Futuro*. Inside Consultoria Científica Ltda, Processo IPHAN n. 01492.000016/2018-28. Belém: IPHAN. Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Relatório Laboratorial.
- Silva, R. C. da. 2014. *Nem tudo que reluz é vidro: mudanças sociais e introdução de artefatos vítreos na Salvador oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.
- Silva, T. C. A. da; França, M. A. de. 2020. A Ordem de Nossa Senhora das Mercês e os pontos de história e memória do ensino da música sacra no Grão-Pará (século XVII-XVIII). *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, (15): 84-98.
- Silveira, F. L. A. da; Rocha, Manoel C. M. G. da. 2013. O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, v. 8, (1): 169-182.
- Silveira, F. L. A. da; Soares, P. P. de M. 2012. As paisagens fantásticas numa cidade amazônica sob o olhar dos taxistas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, (80): 153-167.

Silveira, F. L. A. da; Bezerra, M. 2012. Paisagens fantásticas na Amazônia: entre as ruínas, as coisas e as memórias na Vila de Joanes, Ilha do Marajó, in *Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônios e memórias*. Organizado por Raymundo H. Maués e Maria Eunice Maciel, pp. 119-149. Belém: L & A Editora.

Sobral, M. de L. 1986. *As Missões Religiosas e o Barroco no Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará.

Souza, A. C. de. 2005. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré História e Antropologia*, v.3, (2): 291-300.

Souza, C. D. de; Dias, C. K. Barcellos. 2022. Arqueologia e antropologia da agência: fundamentos da agência nos estudos de cultura material. *Revista de Arqueologia*, v. 35, (2): 208-226.

Souza, D. M. de. 2012. *GPR aplicado à arqueologia nas áreas do porto da Cargill (Santarém/Pa) e no Palacete Faciola (Belém/Pa)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geofísica. Universidade Federal do Pará, Belém.

Souza, R. de A. e. 2014. Arqueologia na metrópole paulistana. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré História e Antropologia*, v.12, (1): 23-44.

_____. 2015. Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob ótica arqueológica. *Vestígios, Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v.9, (2): 35-62.

Souza, R. S. de. 2009. *Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma. Belém do Grão-Pará (1869-1890)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Spix, J. B. von e Martius, K. F. P. von. 2017. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*, v. 3. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 484p.

Symansky, L. C. P. 1997. *Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o Solar Lopo Gonçalves*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. 2007. Grupos domésticos, comportamento de consumo e louças: o caso do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de História Regional*, v. 2, (2):81-119.

Szlafsztein, A. C.; Norat, R. da C. C.; Costa, M. L. 2018. O Forte São Pedro Nolasco ou Baluarte Nossa Senhora das Mercês em Belém do Pará: uma história em blocos de rochas. *BOMGEAM- Boletim do Museu de Geociências da Amazônia*, v. 5, (2).

Teixeira, V. C. 2017. Fé e cultura barroca sob o manto mercedário: devoção, religiosidade e vivências a partir da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana (1749-1822). *Saeculum- Revista de História*, (37):19-38.

Tessaro, P. A. B. 2014. A garrafa que deixou de ser: arqueologia com a cidade e musealização. *Revista de Arqueologia*, v. 26, (2): 201-216.

Tocchetto, F.B.; Symanski, L.; Ozório, S.; Oliveira, A. de; Cappelletti, Â. 2001. *A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: Unidade Editorial, Secretaria Municipal de Cultura. 168p.

Tocchetto, F. B. 2004. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Tese de Doutorado. Programa de Pós- Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Zanettini, P. E. 1986. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia*, UFPR (5): 117-130.

Zanettini, P. E.; Camargo, P. F. B. 2017. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? Guia arqueológico de classificação e análise*. São Cristóvão: Editora UFS. 113p.

Zarankin, A. 1999. Casa tomada: Sistema, poder y vivienda doméstica, in *Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueología latinoamericana contemporânea*. Editado por A. Zarankin e F. Acuto, pp.239-272. Buenos Aires: Ed. del Tridente.

Zeballos, M. A. J. E. 2016. *High resolution GPR applied to the “Capela Pombo”*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geofísica, Universidade Federal do Pará, Belém.

ANEXOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM 2020

- **Alunas:**

- 1) Como é para você estudar em uma edificação histórica?
- 2) Você sente alguma diferença entre estudar em um prédio histórico de outro comum? Se sim, qual (is) a (s) diferença (s)?
- 3) Quais as sensações que o Mercedários te transmite quando estás nesse espaço?
- 4) Como tem sido pra ti participar de uma pesquisa arqueológica no Mercedários? (aspectos que queira destacar. Podem ser coisas positivas e negativas)
- 5) Você já conhecia o prédio do Mercedários antes de entrar no curso?

- **Operários:**

- 1) Como é para você estudar em uma edificação histórica?
- 2) Você sente alguma diferença entre estudar em um prédio histórico de outro comum? Se sim, qual (is) a (s) diferença (s)?
- 3) Quais as sensações que o Mercedários te transmite quando estás nesse espaço?
- 4) Você já conhecia o prédio do Mercedários antes de entrar no curso?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM 2023

- **Pessoas que trabalham no entorno**

- 1) Qual o seu nome e a sua idade?
- 2) Onde você nasceu?
- 3) Onde você mora? Quanto tempo você vive/viveu lá? Há quanto tempo você trabalha aqui?
- 4) Dos prédios existentes dessa rua, tem algum lhe chama mais atenção? Por quê? Você sabe o que funcionou nele no passado e o que funciona hoje?
- 5) Você já entrou ou tem vontade de entrar nesse local? Se sim, quando e por que motivo?
- 6) Há algo mais que você gostaria de me dizer?

- **Transeuntes das proximidades**

- 1) Qual o seu nome e a sua idade?
- 2) Onde você nasceu?

3)Onde você mora? Quanto tempo você vive/viveu lá? Você costuma passar por essa rua no seu dia-a-dia?

4)Você sabe do que se trata esse prédio?

5)Você sabe o que funcionou nele no passado e o que funciona hoje?

6)Você já visitou ou tem vontade de entrar nesse local? Se sim, quando e por que motivo?

7)Há algo mais que você gostaria de me dizer?

- **Professores**

1) Qual o seu nome e a sua idade?

2) Onde você nasceu?

3) Onde você mora? Quanto tempo você vive/viveu lá?

4) Como é pra você a experiência de trabalhar em um edifício histórico?

5) Você sente diferença entre trabalhar em um edifício histórico de outro prédio? Por quê?

6) Quais as sensações que o Mercedários lhe transmite quando você está nesse espaço?

7) Quais são os elementos arquitetônicos que chamam sua atenção no prédio?

8) Qual o impacto que esse prédio tem no seu dia-a-dia?

9) Você conhece a história do Complexo dos Mercedários? Se sim, pode compartilhar algumas informações sobre sua construção e importância histórica?

10) E histórias assustadoras? Já viu alguma visagem por aqui?

11) Você acredita que o Complexo dos Mercedários é um espaço importante para a cidade de Belém? Por quê?

12) Você acha que o Complexo dos Mercedários é bem utilizado e conservado? Por quê?

13) Você tem alguma sugestão para melhorar o acesso e a utilização do Complexo dos Mercedários?

14) A Igreja das Mercês tem aproximado a relação com professores e alunos da Facore, como foi pra você a experiência de participar desses encontros?

- **Alunos**

- 1) Qual o seu nome e a sua idade?
- 2) Onde você nasceu?
- 3) Onde você mora? Quanto tempo você vive/viveu lá?
- 4) Você já havia visitado o Complexo dos Mercedários antes de ser aluno da Facore? Se sim, quando e por que motivo?
- 5) Como é pra você a experiência de estudar em um edifício histórico?
- 6) Você sente diferença entre estudar em um edifício histórico de outro prédio? Por quê?
- 7) Quais as sensações que o Mercedários lhe transmite quando você está nesse espaço?
- 8) Quais são os elementos arquitetônicos que chamam sua atenção no prédio?
- 9) Qual o impacto que esse prédio tem no seu dia-a-dia?
- 10) Você conhece a história do Complexo dos Mercedários? Se sim, pode compartilhar algumas informações sobre sua construção e importância histórica?
- 11) E histórias assustadoras? Já viu alguma visagem por aqui?
- 12) Você acredita que o Complexo dos Mercedários é um espaço importante para a cidade de Belém? Por quê?
- 13) Você acha que o Complexo dos Mercedários é bem utilizado e conservado? Por quê?
- 14) Você tem alguma sugestão para melhorar o acesso e a utilização do Complexo dos Mercedários?
- 15) A Igreja das Mercês tem aproximado a relação com professores e alunos da Facore. Você participou de algum desses encontros? Se sim, como foi pra você a experiência de participar desses encontros?

- **Funcionários**

- 1) Qual o seu nome e a sua idade?
- 2) Onde você nasceu?
- 3) Onde você mora? Quanto tempo você vive/viveu lá?
- 4) Como é pra você a experiência de trabalhar em um edifício histórico?
- 5) Você sente diferença entre trabalhar em um edifício histórico de outro prédio? Por quê?

- 6) Quais as sensações que o Mercedários lhe transmite quando você está nesse espaço?
- 7) Quais são os elementos arquitetônicos que chamam sua atenção no prédio?
- 8) Você tem histórias assustadoras pra contar sobre o Complexo Mercedários? Já viu alguma visagem por aqui?
- 9) Você acredita que o Complexo dos Mercedários é um espaço importante para a cidade de Belém? Por quê?
- 10) Você acha que o Complexo dos Mercedários é bem utilizado e conservado? Por quê?
- 11) Você tem alguma sugestão para melhorar o acesso e a utilização do Complexo dos Mercedários?

Termo de autorização para o uso/estudo/divulgação das entrevistas realizadas pelo Projeto de doutorado intitulado “O Conjunto dos Mercedários no Centro histórico de Belém: arqueologia urbana no bairro da Campina”

Pesquisadora: Ana Paula Claudino Gonçalves

Contatos:

- Telefone (XX) XXXXXXXXXX;
- E-mail: anapaulaclaudino7@gmail.com

Nome da(o) entrevistada(o):

Autorização do uso integral ou parcial do áudio da entrevista gravada:

Sim () Não () Com restrições () _____

Data da entrevista: (____/____/____)

Assinatura:

Resumo do Projeto de Pesquisa:

A pesquisa discorre sobre o Conjunto dos Mercedários e a expansão da cidade de Belém do ponto de vista da arqueologia urbana nos centros históricos. Por meio de levantamentos em fontes documentais escritas e iconográficas que retratavam Belém do século XVII ao XIX são correlacionados aspectos históricos e arquitetônicos da construção, demonstrando o crescimento da área urbana no seu entorno. Para além do que podemos encontrar nessas fontes, realizou-se a investigação arqueológica, iniciada pela metodologia geofísica e seguida pelo acompanhamento das obras que ocorriam no espaço, sendo evidenciado, nesse processo, os vestígios da cultura material escondida no subsolo do edifício, gerando novas possibilidades de estudo para a história da cidade e seus habitantes. Nas entrevistas com alguns frequentadores do edifício são abordados aspectos do cotidiano da relação desse superartefato com as pessoas na contemporaneidade. Essa análise é feita com a utilização de dados qualitativos oriundos de entrevistas orais. Pretende-se inserir esse trabalho nas discussões que envolvem as relações sociais e os sítios arqueológicos, no contexto amazônico pensando a edificação como parte de uma paisagem histórica e colonial.